UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FLÁVIA MENESES DUARTE

Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres

FLÁVIA MENESES DUARTE

Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres

Versão original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientadora: Prof^a. Associada Lívia Mathias Simão

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Duarte, Flávia Meneses

Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres / Flávia Meneses Duarte; orientadora Lívia Mathias Simão. -- São Paulo, 2018. 200 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Cicatriz. 2. Violência Doméstica. 3. Alteridade. 4. Temporalidade. 5. Construtivismo Semiótico-Cultural. I. Simão, Lívia Mathias, orient. II. Título.

Nome: DUARTE, Flávia Meneses.

Título: Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra mulheres

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Banca Examinadora

Aprovado em:		
Prof. Dr		
	Assinatura:	
Prof. Dr		
	Assinatura:	
Prof. Dr		
	Assinatura:	
Prof. Dr		
	Assinatura:	
Prof. Dr		
	Assinatura:	
Prof. Dr		
Instituição:	Assinatura:	

Dedico este trabalho a todas as mulheres que se rebelaram contra o destino biológico que lhes fora imposto e, também, àquelas que ainda irão se rebelar.

AGRADECIMENTOS

À Professora Lívia Mathias Simão que recebeu a mim e às minhas ideias tão embrionárias com interesse genuíno. Que ciente da minha trajetória acadêmica até então e do árduo caminho que eu teria de percorrer ao adentrar em outra área de conhecimento, depositou sua confiança em mim. Agradeço a oportunidade de ter sido sua orientanda, as valiosas críticas e sugestões que contribuíram não apenas para o meu desenvolvimento profissional, mas, sobretudo pessoal. Foram cafezinhos, almoços, jantares e muitos outros eventos especiais ao longo desses quatro anos. Muito obrigada por tudo, Professora! E assim foi, entre erros e acertos, o ciclo de intensa aprendizagem no Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento - LIVCC.

Aos queridos Juliano Sampaio, Hernán Sanchéz, David Florsheim, Ricardo Bulcão, Paula Franciulli, pela companhia sempre agradável.

Aos Professores Danilo Guimarães e Nilson Doria, sempre dispostos a compartilhar conhecimento; que entre uma conversa e outra cooperaram de maneira muito especial para a minha formação enquanto pesquisadora e futura docente em Psicologia.

Vivian Volkmer, Larissa Laskovski e Carolina Vivanco: dizer "muito obrigada" a essas pessoas é muito pouco. Elas me receberam de braços e livros abertos. Muito mais que colegas, parceiras que contribuíram e acompanharam o desenvolvimento do que seria o primeiro esboço dessa tese.

Ao Kleber Nigro, pelos diálogos enriquecedores sobre as Alteridades Canibais.

À Sirlene Miranda, parceira desde os tempos do mestrado que se tornou uma amiga para toda a vida.

Agradecimento essencial à Branca Paperetti, coordenadora da Eliane de Grammont e toda a sua equipe. Branca acolheu o projeto desta pesquisa e abriu as portas da instituição para que eu pudesse conhecer um pouco a realidade e a rotina de um serviço tão importante para as mulheres em situação de violência doméstica. Além disso, sua participação foi fundamental na mediação e contato com as mulheres que viriam a ser as participantes da pesquisa.

Às mulheres a quem entrevistei; elas aceitaram compartilhar comigo um pouco das suas histórias pessoais, apesar da dor que sabiam que iriam sentir ao tocar em um assunto tão delicado e embaraçoso. A melhor forma que encontrei para retribuir tamanha confiança foi abraçando a causa da violência de gênero, me dedicando à luta por um mundo menos desigual e mais respeitoso às mulheres.

À Márcia Gerbelli, pelos ouvidos, ombros e colo. Porque a gente precisa. Obrigada, Doutora!

A todos os amigos e familiares que sempre torceram por mim e me consolaram em momentos difíceis.

Aos professores que participaram da minha formação como Psicóloga. Em especial àquelas mulheres que instigaram em mim o gosto pelo fazer ciência: Ana Cristina Sundfeld, Judith Cristina G. Nogueira, Eliana Isabel de M. Hamasaki, Cristina Moreira Fonseca.

À CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado.

Acabei com tudo Escapei com vida Tive as roupas e os sonhos rasgados na minha saída

Mas saí ferido Sufocando meu gemido Fui o alvo perfeito Muitas vezes no peito atingido

(...)

Animal ferido Por instinto decidido Os meus rastros desfiz Tentativa infeliz de esquecer

Eu sei que flores existiram Mas que não resistiram A vendavais constantes

Eu sei que as cicatrizes falam Mas as palavras calam O que eu não me esqueci

Não vou mudar Esse caso não tem solução Sou fera ferida No corpo, na alma e no coração

Fera Ferida, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, 1982

RESUMO

Duarte, F. M. (2018). Para além do que se vê: cicatrizes da violência doméstica contra as mulheres. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Determinadas cicatrizes são inextricavelmente ligadas a experiências de vida dolorosas; também marcam a pessoa, mas em um âmbito que excede o físico. Mulheres que sobreviveram à violência doméstica normalmente passam a conviver com repercussões de longo prazo em decorrência das agressões, e a cicatriz é uma delas. A natureza desse tipo de cicatriz denuncia ao mundo um acontecimento pessoal, doloroso e humilhante, do qual normalmente não se quer falar; assim, evita-se exibi-las de forma a não fomentar a curiosidade alheia e a rememoração da violência sofrida diante da indagação proveniente das relações eu-outro (mundo). A cicatriz é, nesse sentido, a memória corporificada de uma agressão. Convém salientar que o significado das cicatrizes nesta pesquisa não foi compreendido, exclusivamente, à marca visível na pele, mas se estendendo a demais eventos rememorados pelas entrevistadas em suas narrativas. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa consistiu em investigar como o passado, gravado na pele em forma de cicatrizes, afeta a perspectiva de vida de mulheres que passaram por situação de violência doméstica, especialmente, no que diz respeito à forma como a mulher passa a conceber a futuridade; e quais as repercussões físicas e psicológicas que um corpo marcado por cicatrizes traz a mulher, sobretudo, o papel das relações eu-outro (mundo) sobre o processo de significação que se dá em torno das cicatrizes. A metodologia utilizada foi de base qualitativa e idiográfica, por meio de análise e interpretação de estudos de caso. A coleta de dados se deu através de entrevistas narrativas. A análise e a interpretação das narrativas foram embasadas nos pressupostos da perspectiva construtivista semiótico-cultural em Psicologia, balizadas pelas noções filosóficas de temporalidade e alteridade. No âmbito da temporalidade, os resultados indicaram, como esperado, que a experiência de violência doméstica não se encerra quando o último golpe é deferido na mulher: ela sente a extensão das agressões do passado ao conviver com os inúmeros prejuízos vivenciados no presente, que acabam por influenciar, de forma existencialmente negativa, a sua perspectiva de futuro. As entrevistadas mais jovens agem na direção das metas, que envolvem, primordialmente, a garantia da própria segurança material, física e psicológica, bem como a dos seus dependentes, apesar das tensões frente ao desconhecido. As entrevistadas mais maduras percebem-se limitadas ou mesmo impossibilitadas à realização das metas, que abarcam o desejo por um novo relacionamento amoroso. Isso porque, no âmbito da alteridade, todas as entrevistadas apresentaram uma tendência a generalizar todos os homens com base naquele que as agrediu. Além disso, as relações eu-mundo são prejudicadas, de forma geral, na medida em que a figura do outro é a de alguém em quem não se pode confiar. Destaca-se também que a situação da pesquisa pode gerar acolhimento à mulher e à sua narrativa, muitas vezes velada por receio de crítica ou vergonha, pois, na medida em que o pesquisador se coloca como um "outro" que inspira confiança, abre possibilidades para que a mulher ressignifique a experiência de violência e abra caminho para uma eventual superação.

Palavras-chave: cicatriz, violência doméstica, alteridade, temporalidade, Construtivismo Semiótico-Cultural.

ABSTRACT

Duarte, F. M. (2018). Beyond what is seen: scars of domestic violence against women. (Doctorate Thesis). Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

Certain scars are inextricably linked to painful life experiences; it also mark the person, but in a way that exceeds physical limits. Women who have survived domestic violence usually has to deal with long-term repercussions because of the aggression – and the scar is just one of them. The nature of this type of scar reveals to the world a personal, painful and humiliating event, of which one does not normally want to speak about; women avoid showing them to inhibit others curiosity and the remembrance of the violence suffered due to the inquiry coming from the other-world relations. The scar is, in a way, the embodied memory of an aggression. It should be noted that the meaning of the scars in this research was not understood exclusively by visible marks on the skin, but leading to other events brought by the interviewees in their narratives. The purpose of the research was to investigate how the past, marked as scars in the skin, affects life perspectives in a woman who lived domestic violence experiences, especially, regarding the way women conceive futurity; and what are the physical and psychological repercussions that a body marked by scars has on a woman's life, above all, the role of I-other relations (world) on the process of meaning that occurs considering the scars. We used a qualitative and idiographic methodology, by analysis and interpretation of case studies, The data were composed by narrative interviews. The analysis and interpretation of the narratives were based on the theories of the semiotic-cultural constructivist perspective in Psychology, defined by the philosophical notions of temporality and otherness. In the scope of temporality, the results indicate, as expected, that the aggressions do not end with the last assault suffered by the woman, who feels the consequences of those past aggressions by living with the innumerable losses experienced in the present that end up influencing, in an existentially negative way, her perspective on the future. Younger interviewees are moving towards their goals, which primarily include ensuring their own material, physical and psychological security, as well as of their dependents, despite tensions with the unknown. More mature interviewees perceive themselves limited or even disabled to achieve the goals, which involve the desire of a new relationship. This is because, in the context of alterity, all interviewees showed a tendency to generalize all men based on the one who attacked them. Besides, I-world relations are generally impaired, since the figure of the other is the one not be trusted. It is also worth noting that the research situation can generate a welcome to the woman and her narrative, often veiled by fear of criticism or shame, because, as long as the researcher behaves as a reliable other, it can enable the woman to re-signify the experience and open the way for an eventual overcoming.

Keywords: scar, domestic violence, alterity, temporality, Semiotic-Cultural Constructivism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	19
2.1	CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA	19
2.2	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER	27
2.3	OBJETIVOS DA PESQUISA	30
3	MÉTODOS	32
3.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO IDIOGRÁFICO	32
3.2	LOCAL	33
3.3	A ENTRADA NO CAMPO	33
3.4	PARTICIPANTES	34
3.5	PROCEDIMENTO DE ACESSO ÀS NARRATIVAS	35
3.6	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS	36
3.7	REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE	
	CONHECIMENTO DECORRENTE DOS DIÁLOGOS OCORRIDOS	
	NAS RELAÇÕES PESQUISADOR-PARTICIPANTE	39
4	RESULTADOS E ANÁLISES INTERPRETATIVAS	46
4.1	ANÁLISE INDIVIDUAL DOS CASOS	46
4.1.1	A história das cicatrizes de Aurora	48
4.1.1.2	Análise interpretativa das narrativas de Aurora	49
4.1.2	A história das cicatrizes de Celeste	57
4.1.2.1	Análise interpretativa das narrativas de Celeste	59
4.1.3	A história das cicatrizes de Rosa	69
4.1.3.1	Análise interpretativa das narrativas de Rosa	70
4.1.4	A história das cicatrizes de Vitória	79
4.1.4.1	Análise interpretativa das narrativas de Vitória	82
4.2	SÍNTESE DA ANÁLISE INTERPRETATIVA SOBRE AS	
	NARRATIVAS DAS PARTICIPANTES	86
4.2.1	Cicatrizes e temporalidade	87
4.2.2	Cicatrizes permeando as relações eu-outro (mundo)	94
5	DISCUSSÃO	99
5.1	TEMPORALIDADE E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:	

	SINGULARIDADE OU REPETIÇÃO DA EXPERIÊNCIA?	99
5.2	ALTERIDADE E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER	108
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXO: Parecer Consubstanciado do CEP	127
	APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	130
	APÊNDICE B: Roteiro Temático da Entrevista Narrativa	131
	APÊNDICE C: Entrevista com Aurora (1/2)	132
	APÊNDICE D: Entrevista com Aurora (2/2)	139
	APÊNDICE E: Entrevista com Celeste	145
	APÊNDICE F: Entrevista com Rosa	169
	APÊNDICE G: Entrevista com Vitória	180

1 INTRODUÇÃO

O exercício da psicologia clínica ao longo dos últimos dez anos tem sido uma tarefa instigante e ao mesmo tempo complexa. Digo isso porque o outro – aquele que busca os serviços que um psicoterapeuta oferece – apresenta-se como um constante enigma que demanda esforços do psicoterapeuta na tentativa de decifrá-lo. Por mais que essa busca seja entendida como abertura ao outro, um convite que o cliente faz ao psicoterapeuta para que este possa conhecê-lo (a si e a seu mundo) – o que denota uma relação com a alteridade – o acesso ao outro, em sua completude, é impossível: será sempre uma tentativa.

Isso porque não é possível deduzir, por similaridade ao eu, o que o outro pensa, deseja ou sente. Há no outro algo que sempre escapará ao eu, que o torna imprevisível apesar de sua aparente previsibilidade; o outro, então, permanece um segredo (Boesch, 2007a; Delamarre, 1996, citado por Simão, 2010). Dessa forma, engana-se o psicólogo que, em sua onipotência ingênua, acredita na apreensão fácil do outro, da possibilidade do eu em conhecê-lo em sua totalidade, seja na pesquisa ou na prática profissional (Simão, 2010). Em contrapartida, não podemos nos esquecer do processo de contra investigação inerente a certos tipos de relação eu-outro, incluída aí a relação psicoterapeuta-cliente: o psicoterapeuta é também um mistério sob a perspectiva do seu cliente.

Talvez tenha sido o gosto pelo "mistério do outro" que tenha me conduzido até aqui, a resultar no desenvolvimento da presente pesquisa. Se a psicologia me capturou no âmbito profissional (o que não deixa de ser pessoal), o universo da fotografia tem sido para mim uma paixão paralela, uma espécie de *hobby*. Sontag (1981) explica o fascínio pela fotografia pelas múltiplas significações que suscita. "A grande lição da imagem fotográfica está em poder afirmar: ali está a *superfície*. Agora pense – ou melhor, sinta, intua – no que possa estar do outro lado dela [grifos meus]" (p.22). Nesse sentido, a fotografia é permeada por um mistério acerca de determinada ocasião da qual apenas se pode deduzir algo com base no que se vê; assim como o outro, a fotografia também nos reserva algo impossível de acessar em sua integralidade.

Tentando encontrar alguma semelhança entre o psicólogo em sua prática profissional ou de pesquisa e a experiência de um espectador frente a uma imagem, penso que há, diante desses dois personagens, algo que em parte se mostra, que é explicito; mas há também algo a ser investigado e desvelado. Normalmente, nos atentamos à imagem que passamos de nós mesmos em nossas relações eu-outro (mundo): a respeito da aparência física, o corpo humano é uma espécie de cartão vivo de visitas, fonte de constante preocupação, uma vez que a aparência coloca a pessoa à mercê do olhar avaliativo do outro (Le Breton, 2006).

Entretanto, essa preocupação não se restringe à imagem física; ela se estende à imagem do nosso eu, de maneira geral; de quem realmente somos, para além do que demonstramos ser. Ao perceber que seremos retratados em uma fotografia, tentamos encontrar o melhor ângulo que favoreça a nossa imagem; é comum pedirmos um breve instante para verificar se a aparência está em ordem e então liberamos o "clique". Diante de certas ocasiões sociais, nos trajamos desta ou daquela maneira, selecionamos o vocabulário ideal e assuntos pertinentes diante de determinada audiência. Nos preparamos para que o outro guarde nossa melhor impressão. A verdade é que estamos sempre tentando parecer melhor do que percebemos ser. Nesse sentido, Le Breton (2009) aponta que, especialmente nas sociedades ocidentais, o indivíduo deseja oferecer ao outro uma imagem positiva de si mesmo e isso parece estar relacionado ao receio de sentir vergonha frente ao julgamento alheio, real ou potencial.

Foi devido ao meu interesse pessoal sobre fotografias que cheguei aos seguintes trabalhos fotográficos: o *TheNu Project*¹e o *The Scar Project*². Ambos os trabalhos vão na contramão do que expus anteriormente acerca da aparência física e da preocupação com a autoimagem: mulheres, em sua grande maioria, revelavam os próprios corpos. Despidas de suas vestes e cobertas de coragem, tornaram público o que tinham de mais privado.

Ao percorrer as diversas imagens, percebi que as fotografias que mais exerciam fascínio sobre mim eram justamente as que apontavam um contraste entre beleza e o avesso do que é culturalmente considerado belo. Estava à mostra naquelas imagens justamente o que normalmente se esconde – marcas, cicatrizes, imperfeições. Logo, a beleza retratada nas fotos consistia em mostrar-se como se é, na realidade. Observar toda aquela verdade nua, literalmente falando, me impactou grandemente porque, de alguma maneira, na posição de psicoterapeuta, eu também observo pessoas que se desnudam, simbolicamente, e que me dão permissão para olhar para aspectos bastante íntimos das próprias existências, muitas vezes jamais demonstrados ou relatados a ninguém. E participar desta experiência é, sem dúvida, ter algum acesso ao que é de mais belo no outro, a sua verdade.

Mas a minha saga fotográfica não parava aí. Dentre tais fotografias, uma em especial me deixou bem intrigada. Era o corpo de uma mulher marcado por cicatrizes; seu rosto não estava à mostra, diferente da maioria das mulheres retratadas. Imediatamente pensei: qual

²Cf.: http://www.thescarproject.org.

¹Cf.: http://www.thenuproject.com.

seria a história daquela imagem, daquela pessoa? O que aquelas marcas tinham para contar? O que estava "por trás" daquelas cicatrizes? Não imaginava que, naquela ocasião, se engendrava uma pergunta-problema que viria a culminar numa tese de doutorado sobre cicatrizes e seus significados.

Nas palavras de Lebrun (1983), "a maior parte do tempo, uma imagem nos interessa porque indica alguma coisa que não está na imagem: pelo que nos deixa adivinhar, ou pelo que *continua a ocultar* [grifos meus]" (p. 28).

O oculto, o que está sob a superfície, remeteu à pele enquanto superfície do eu, fronteira última entre eu e o outro (mundo); ao mundo subjetivo e particular que o eu esconde, mas não totalmente: a pele deixa escapar pistas acerca da história de quem a habita. Desse modo, para além de ser o órgão do tato, a pele é também um órgão de comunicação: expressa, provoca, denuncia.

Nesse sentido, o que oculta uma cicatriz? O que ela deixa escapar? Pressupõe-se nessa pesquisa que determinadas cicatrizes estão inextricavelmente ligadas a acontecimentos que também marcam a pessoa, mas em um âmbito que excede o físico. De acordo com Ernst Boesch (2007b) e sua Teoria da Ação Simbólica (1991), a realidade é vivida sempre em duas dimensões: factual e metafórica. Isto significa que uma mesma experiência é vivenciada por alguém como um fato *per se*, mas também simbolicamente, devido ao significado particular que o indivíduo atribui a esta experiência.

Considerando a tese de Boesch (2007b), no que diz respeito à cicatriz, sua dimensão factual refere-se ao resultado final de um processo de regeneração celular dos tecidos da pele após terem sido lesionados; sua dimensão metafórica toca aos significados pessoais e culturais que giram em torno daquela cicatriz, do que ela simboliza tanto para a pessoa que a tem gravada sobre a própria pele como para aquele que a enxerga no corpo do outro.

Ao atribuirmos significado a uma cicatriz, intrinsecamente adicionamos valor a ela; essa valoração se dá com base em distinções que os nossos sistemas de percepção e ação produzem. Isso quer dizer que cada interpretação que fazemos acerca da realidade é sempre carregada de valor, a começar do valor inerente à própria distinção. Ademais, o fato de tais interpretações serem valorativas conduz à evocação de possibilidades de ação (Valsiner, 2012).

Nessa direção, cicatrizes decorrentes de eventos de vida considerados como infortúnios podem vir a ser valoradas positivamente, de acordo com o significado que a pessoa atribui àquela experiência. Marcas que simbolizam o "renascimento" após um grave acidente ou aquelas que representam a vitória sobre uma doença podem consistir em signos de

superação frente às adversidades da vida. Nesses casos, o aspecto estético da cicatriz geralmente torna-se irrelevante frente ao que ela representa para a pessoa.

Em contrapartida, há também as cicatrizes que resultam de acontecimentos planejados ou desejados pela pessoa: por exemplo, aquelas que são oriundas de intervenções cirúrgicas a fim de conquistar a aparência física idealizada ou aquelas que simbolizam a chegada de um filho esperado. Nesse sentido, temos a dialogia entre *desejado-indesejado*: a cicatriz torna-se um resultado experiencialmente positivo, na medida em que o objetivo ou o sonho daquela pessoa foi realizado, apesar da marca gravada sobre a pele.

Entretanto, há cicatrizes de gênese involuntária, que nos adverte quanto aos limites do nosso potencial de ação³. São cicatrizes que trazem em si mesmas memórias de acontecimentos de vida que, em sua adversidade, são difíceis de serem valoradas positivamente frente aos danos, muitas vezes permanentes, que se instauram na vida da pessoa após tais acontecimentos.

Nesse sentido, tais cicatrizes remetem a experiências de vida dolorosas, que promovem lembranças de momentos difíceis; logo, não marcam somente o corpo, mas a vida da pessoa, de forma geral. Isso porque, em termos de corporeidade humana,

(...) o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural (Le Breton, 2006, p. 8).

Pessoas que sobreviveram à violência frequentemente consideram este tipo de experiência um evento traumático, entendido como aquele em que a pessoa sente-se totalmente desamparada frente a uma força que é percebida como ameaçadora à vida (Brison, 1999). Nesse sentido, para além das sequelas físicas causadas pela violência (a cicatriz é um exemplo), eventos traumáticos estão permeados por memórias traumáticas: lembranças incontroláveis, invasivas – *flashbacks* de um acontecimento que parece ter vida própria, independentemente da vontade ou consciência da pessoa (Brison, 1999; Culbertson, 1995).

A fim de delimitar o escopo sobre o qual a presente pesquisa se faz, as cicatrizes de interesse à nossa reflexão são aquelas oriundas da violência doméstica contra a mulher. O intuito de debruçar-me, especificamente, sobre o processo de significação em torno de tais

_

³Potencial de ação "pode ser definido como sendo a medida do sentimento de confiança em alcançar nossos padrões pessoais em qualquer situação" (Boesch, 1991, p. 35). Refere-se à motivação que impulsiona, regula ou controla o agir; indica o grau de capacidade que avaliamos ter ao buscar alcançar os objetivos almejados. Quando o potencial de ação é positivo, significa que as ações específicas daquela pessoa em determinada direção estão associadas ao sentimento de sucesso, competência e/ou satisfação.

cicatrizes se deu, ainda na fase inicial da pesquisa, quando tive acesso a uma reportagem⁴ divulgando um projeto piloto no Estado de São Paulo, que oferecia cirurgia plástica reparadora gratuitamente a mulheres que passaram por situação de violência doméstica, através da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP). A reportagem fazia alusão à questão de a cicatriz ser mais que uma preocupação estética, na medida em que leva a um constante retorno à memória do ataque.

As narrativas de algumas mulheres que já passaram pelo procedimento são relatadas na reportagem, a qual descreve parte das experiências pessoais envolvendo violência e cicatriz, bem como alguns dos efeitos apontados após a reparação cirúrgica. Constrangimento social, preconceito (especialmente de ordem sexista), dor física permanente, dor psíquica intrínseca às persistentes lembranças, preocupação estética e crenças negativas a respeito de relacionamentos íntimos, são alguns dos desdobramentos descritos pelas mulheres. Em relação aos resultados da cirurgia reparadora, as mulheres descreveram terem conseguido a amenização do aspecto estético da cicatriz, que abarca tanto a possibilidade de resgatar a autoestima – aspecto importante para a reconstrução da vaidade e autoimagem feminina – bem como a possibilidade da cicatriz passar despercebida pelo outro, o que, segundo as entrevistadas, ajuda a atenuar também as más recordações.

Nesse sentido, a relação existente entre o olhar do outro sobre as cicatrizes e as lembranças indesejadas em torno dos acontecimentos que geraram as lesões, que consequentemente resultaram nessas marcas, são fonte de constantes tensões intra e intersubjetivas para a mulher que foi agredida. A natureza desse tipo de cicatriz é permeada por significados pessoais e culturais, normalmente de ordem pejorativa, em que a vítima é usualmente julgada como responsável pela violência sofrida tão duramente quanto — ou até mais — que o homem agressor. Nos discursos de culpabilização das mulheres, elas são consideradas passivas e aquiescentes diante de toda a sorte de agressões que vivenciaram. Dessa forma, calam o sofrimento pelo receio da crítica e vergonha (Ravazzola, 1997). De acordo com Zuwick (2001, p. 89), "a vergonha de que deveria ser portador aquele que a agrediu volta-se a contra a mulher e a silencia, tornando-a parte da rede que sustenta a dominação".

Desse modo, atenuar a aparência física da cicatriz, para as mulheres entrevistadas, parece ter sido uma forma de diminuir as chances de serem percebidas pelo outro

_

⁴ Disponível em:

http://www.dw.de/projeto-oferece-cirurgia-pl%C3%A1stica-gratuita-para-mulheres-v%C3%ADtimas-deviol%C3%AAncia/a-17566575.

Publicado em 14 de abril de 2014. Autoria: Marina Estarque.

principalmente, ou até exclusivamente, em virtude das cicatrizes gravadas sobre o corpo; de serem foco de atenção por uma ocasião sobre a qual não se sente orgulho, mas embaraço e vergonha. Além disso, elas narraram melhorias na qualidade de vida como um todo, em decorrência da correção ou minimização dos prejuízos físicos decorrentes das agressões. Essas foram algumas das conquistas relatadas por essas mulheres, que relatam a possibilidade de acreditar em um recomeço.

Outro motivo para eleger tais mulheres como participantes desta pesquisa se deu porque a violência doméstica constitui-se em um problema não apenas em nível nacional, como também em nível mundial. O número de pesquisas e publicações internacionais a respeito do tema reflete a dimensão do problema em diversas culturas. Em um estudo bibliométrico realizado por Bhona, Lourenço e Brum (2011), dos 551 artigos publicados sobre violência doméstica entre 2006 e outubro de 2009, mais da metade (51,25%) relatava violência doméstica exclusivamente contra a mulher.

No Brasil, trata-se de uma questão de saúde pública relevante, tamanha a repercussão dessa violência sobre a saúde da mulher. As repercussões físicas incluem o aparecimento de doenças crônicas, traumatismos e deficiências. Do ponto de vista psicológico, o aspecto traumático da violência afeta o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e afetivo. Sentimentos de insegurança, medo, impotência, tristeza, ansiedade, fragilização das relações sociais em consequência do isolamento, além do abuso de álcool e drogas, são comuns em relatos de mulheres que passaram por essa situação (Conselho Federal de Psicologia, 2012), configurando-se um desafio para os gestores do Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2001; 2011).

Frente aos dados preocupantes em torno do fenômeno da violência doméstica contra a mulher e das cicatrizes que lhe são resultantes, entendidas como signos representativos das repercussões físicas e psicológicas inerentes às agressões e que, portanto, afetam a saúde e qualidade de vida da mulher, demanda um olhar da psicologia sobre o assunto, que se dará, nesta pesquisa, sob a perspectiva teórico-metodológica e ética da psicologia semiótico-construtivista (Simão, 2003, 2010, 2015a).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA

A presente pesquisa é embasada pelos princípios teórico-metodológicos e éticos do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia (Simão, 2003, 2010, 2015a), perspectiva que se desenvolveu inicialmente com as proposições de teóricos como William James (1842-1910), George Herbert Mead (1863-1931), Heinz Werner (1890-1964), James Mark Baldwin (1861-1934), Kurt Lewin (1890-1947), Lev Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980), Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pierre Janet (1859-1947) e, adicionalmente, algumas ideias centrais do filósofo Henri Bergson (1859-1910). Entre as abordagens contemporâneas que mais representam esta abordagem encontram-se os trabalhos de Ernst Boesch (1916-2014) e Jaan Valsiner. Contemporaneamente, vem articulando, ainda, questões filosóficas relativas à alteridade e temporalidade através do diálogo hermenêutico (Hans Gadamer, 1900-2002) entre filosofias e a psicologia semiótico-cultural (Simão, 2015a).

Sob o prisma do Construtivismo Semiótico-Cultural, as relações intersubjetivas desempenham papel essencial sobre os processos individuais de desenvolvimento humano graças à mediação social simbólica aí envolvida; a busca por compreendê-las "toca a problemática da relação do sujeito com o seu mundo, onde estão presentes os 'seus outros'" (Simão, 2010, p.88). Nesse sentido,

(...) As interações comunicativas eu-outro são compreendidas como oportunidades para os processos de significação, na medida em que ocorre uma multiplicidade de reconstruções reflexivas das mensagens. Nesse processo, cada pessoa transforma ativamente as expressões do outro, na tentativa de integrá-las em sua base cognitivo-afetiva, a qual também pode ser transformada nesse mesmo processo (Simão, 2015a, p. 65, tradução minha).

A vertente "cultural" da psicologia semiótico-construtivista em questão toma por base o conceito de cultura em Ernst Boesch (1991, p. 29). Segundo o autor, "cultura é um campo de ação⁵, cujos conteúdos variam desde objetos feitos e usados por seres humanos até instituições, ideias e mitos". Em sua perspectiva, ao mesmo tempo em que a cultura induz e controla a ação, a cultura é também transformada pela ação; da mesma forma que a cultura oferece possibilidades, ela estipula limites para a ação. Nesse sentido, cultura é tanto um processo como uma estrutura (cf. Boesch, 1991, pp. 29-38); é um campo bidirecional que

.

⁵ "Campo de ação" em Boesch (1991) aproxima-se ao "espaço de vida" em Kurt Lewin. Aproxima-se, mas não é o mesmo, porque Boesch encontra duas razões para não utilizar o conceito lewiniano. Primeiramente, porque para Lewin, pessoa e ambiente psicológicos estão separados conceitualmente, enquanto que para Boesch, a ação só é possível porque existe alguém que age; logo, são indissociáveis. E a outra razão é que em Lewin, aquilo que o indivíduo não conhece também não existe em seu campo de ação, enquanto que para Boesch, o indivíduo nem sempre está consciente das possibilidades que a cultura lhe oferece (cf. Simão, 1989, p. 54).

regula a ação do sujeito, tanto em termos da execução física das ações – regras sociais –, quanto através de significados pessoais (Simão, 2010; Valsiner, 2012).

Com base na Teoria da Ação Simbólica (1991), em Boesch "cultura" e "ação" não são pensáveis isoladamente uma da outra; ambas as noções são ligadas indissociavelmente e tal ligação se dá pela subjetividade da ação (Simão, 1998, p. 58). Isto quer dizer que, ao agir, experimentamos o mundo de forma subjetiva, peculiar a cada um de nós; transformamos o ambiente físico e objetivo em ambiente percebido, pensado e sentido, através do significado particular que atribuímos a cada experiência de vida, vida essa que acontece inserida em uma cultura, composta por outros indivíduos que também interpretam, continuamente, as próprias realidades e a dos outros (Boesch, 1991, 2007b; Simão, 1998).

Para dar conta de explicar a relação entre significados privados e significados coletivos na experiência pessoal, Boesch propõe os conceitos de *mito* e *fantasma* (Simão, 2010). Mitos tomam a forma de história e são de origem coletiva; entretanto, tornam-se componentes subjetivos da realidade do indivíduo. Um mito é um sistema de explicação e justificação acerca da realidade, em que nenhuma prova racional a esse respeito pode ser fornecida; é um padrão superordenado de explicação e motivação que regula a ação social (cf. Boesch, 1991, p. 124). Fantasmas são as contrapartidas pessoais que o indivíduo faz, no interior do seu *self*, a respeito dos sistemas gerais das regras culturais, conforme aponta Valsiner (2012) desde Boesch (1991). Desse modo, fantasmas são elaborações pessoais a respeito dos mitos, que são de ordem coletiva. Mitos e fantasmas equivalem ao que Valsiner (1989) entende por cultura coletiva e pessoal, respectivamente.

Para Boesch (1991, p. 43) "ação é uma atividade dirigida por uma meta realizada dentro de um ambiente específico, utilizando certo número de técnicas instrumentais que permitem ao ator preencher a lacuna entre a intenção inicial e a realização concreta da meta". A ação é composta por quatro constituintes básicas: a intenção, que corresponde à *formação da meta*; o procedimento, ao qual chama também de *ação instrumental*; o alcance da meta (*meta consumada*) e, por fim, a *incorporação da situação*. A ação é também constituída por fases, temporalmente falando: inicial, processual e terminal.

Segundo Boesch (1991), em todos os momentos da vida nós nos encontramos inseridos em um complexo de condições erguidas durante o passado – e que dizem respeito a nossa história de vida –, ou fornecidas pelo ambiente. Para que sejamos capazes de agir, devemos fazer seleções dentro deste complexo para então organizá-lo ou transformá-lo, tendo em vista os objetivos almejados.

Desse modo, a fase inicial da ação requer que o indivíduo estabeleça relações entre as suas condições internas e externas para agir, uma combinação entre a experiência de vida que possui e o que o ambiente lhe dispõe; caso não haja condições externas disponíveis, o indivíduo pode vir a criá-las. Uma vez percebendo-se com condições internas e externas na direção da ação, o indivíduo ainda carece de uma excitação para agir, o que Boesch (1991) chama de *intenção*. Ou seja, se o indivíduo não estiver motivado a agir, apesar da disponibilidade de condições, ele não o fará; o que seria uma ação futura permanecerá no âmbito dos planos e ideias.

Nesse sentido, o potencial motivacional de uma meta é de ordem subjetivo-afetiva (Boesch, 1991; Simão, 1998). Portanto, podemos sumarizar que a fase inicial da ação gira em torno dos desejos, ideias, planos e expectativas em torno de uma meta e que a ação não transforma apenas o seu entorno, mas também o indivíduo que age e, nesse mesmo processo, aprende sobre si mesmo e sobre o mundo.

A fase processual da ação refere-se às regulações que o indivíduo faz entre meios e fins da ação (Simão, 1998). Boesch (1991, p. 58) remonta a *regulações*⁶ em Pierre Janet, no sentido de "ações secundárias" (micro-ações às quais constituem a "ação primária", isto é, a ação desejada) que tem por função corrigir possíveis desvios de uma ação e de seu curso antecipado. Nos termos de Boesch, seria equivalente a dizer que o indivíduo age no sentido de diminuir a discrepância existente entre os valores reais e visados⁷.

Valor real e valor visado, respectivamente, dizem respeito à realidade percebida e às expectativas imaginadas pelo indivíduo acerca de determinada situação; entre os valores sempre haverá uma discrepância. Para elucidar a divergência entre tais valores, o autor dá o exemplo de um oleiro, que, antes de produzir um vaso, tem em mente a imagem do vaso por ele idealizada. A ação do oleiro no processo de sua produção consiste em esforçar-se constantemente na busca por minimizar as divergências entre ambos os valores. Apesar disso, o vaso pronto (real) nunca corresponderá exatamente ao vaso imaginado (cf. Boesch, 1991, pp. 103-104).

A fase terminal da ação diz respeito ao momento em que o indivíduo cessa a ação; entretanto, finalizar uma ação depende, primeiramente, de um ato de avaliação quanto ao objetivo em questão: ou quando se acredita que o objetivo foi alcançado ou, pelo contrário, quando se desiste de atingi-lo, seja pelo indivíduo perceber-se incapaz ou por falta de

-

⁶Conforme Boesch (1991, p. 58), em sentido Janesiano, "regulações consistem em aumentos ou diminuições da energia (emocional) colocada em uma ação".

Do original em inglês: is-value and should-value.

disposição. "O relevante é que, em qualquer desses casos, essa decisão baseia-se tanto em fatores racionais quanto emocionais, sincreticamente combinados, a que Boesch chama apelo" (Simão, 1989. p. 62).

Na Teoria da Ação Simbólica (1991) além dos conceitos nucleares de *cultura* e *ação* (ação que é indissociável de um sujeito) há também a noção de *objeto* que, por sua vez, não é pensável separadamente da ação. Apesar da inseparabilidade entre *ação* e *objeto*, no âmbito experiencial da pessoa essa distinção é bastante clara: a ação corresponde à percepção que temos de nós mesmos, isto é, do nosso mundo interno, ao passo que *objeto* refere-se à percepção que temos daquilo que faz parte do mundo exterior. Podemos então acrescentar que, da mesma forma que ação e sujeito não se separam, tal como ação e objeto, logo, sujeito e objeto também são inseparáveis (Simão, 2002).

Como citado anteriormente, para Boesch (2007b) as experiências são sempre vivenciadas em duas dimensões: factual e metafórica. Na relação sujeito-objeto não é diferente. A concepção de sujeito em Boesch é a de "um sujeito simbolizador, que dota os objetos de significado ao agir sobre eles" (Simão, 2002, p. 90). Portanto, um objeto é constituído por materiais específicos, com fins específicos; esta dimensão objetivo-racional do objeto é compartilhada socialmente, ao passo que a dimensão subjetivo-funcional diz respeito ao que o objeto representa para o sujeito, a qual nem sempre é socialmente compartilhada.

Através do exemplo do *souvenir*, Boesch (1991) aponta-nos a importância de um objeto e seu significado para a estruturação da identidade do sujeito: o objeto faz a mediação entre passado e presente, bem como entre eu e o outro. Isto quer dizer que ligar o passado ao presente estabelece um sentido de continuidade e consistência do eu em relação às próprias experiências. Nesse sentido, como aponta Simão (2002, p. 92) "(...) o *souvenir* que é dado a alguém representa a ligação de uma pessoa à outra, na medida em que uma traz seu passado prazeroso e o oferece à outra. O objeto simbólico, portanto, também modela as relações sociais".

Sobre a relação do sujeito com o próprio corpo, podemos pensá-la equivalente à relação sujeito-objeto; o corpo enquanto objeto material apresenta uma dimensão objetivo-racional, que toca à aparência física desse corpo que é acessada e compartilhada socialmente. Entretanto, o interior deste corpo é também composto por matéria, mas que em condições naturais não está acessível aos nossos olhos; apesar dessa face interior do corpo, ainda estamos nos referindo a sua dimensão objetivo-racional. No que se refere à dimensão subjetivo-funcional do corpo, aí reside o eu e seu mundo interior. Dessa perspectiva,

estaríamos propondo uma dicotomia entre o eu e o corpo, em termos de dentro e fora, interno e externo?

Boesch (1991, p. 312) refletiu a questão da corporeidade humana em termos da relação eu-corpo, chamando-nos a atenção pela forma com a qual usamos ambos os termos, isto é, "eu" e "corpo", que aparentemente não são utilizados como sinônimos, como se estivéssemos tratando de coisas apartadas uma da outra. O que o autor pretende mostrar é mais que uma distinção meramente semântica: algumas vezes, vivenciamos uma dicotomia eu-corpo, apesar de ser o corpo o executor das ações do eu; segundo ele, não se trata de uma dualidade mente-corpo, mas, sim, de uma qualidade da nossa realidade subjetiva.

Nessa direção, Boesch (1991) fornece exemplos de como acreditamos ter um corpo subserviente à mente. Desde crianças, somos ensinados a controlar as funções corporais como se o corpo fosse dissociado do eu. Até que somos "traídos", ainda pequenos, pelas calças molhadas ou ainda quando ruborizamos diante de uma situação em que não é possível esconder nosso constrangimento. Diz ele: "(...) Podemos discordar do nosso corpo, até mesmo odiá-lo, tentar transformá-lo, disfarçar, melhorá-lo; mas mesmo quem ama seu corpo ainda mantém uma distinção entre o eu e a sua *carapaça* [grifos originais]" (p. 312).

"Quando *nosso corpo* nos obedece, ele é um instrumento de ação; caso isso não aconteça, ele pode ser experimentado como um obstáculo, limitação ou barreira⁸" (p. 313) [grifos originais]. Isto é, podemos vivenciar uma relação eu-corpo harmoniosa (ocasião em que os valores visados foram contemplados) ou, pelo contrário, vivenciar uma relação de antagonismo eu-corpo, indicando um desacordo que tanto pode existir entre o eu e a autoimagem como entre o eu e o seu funcionamento (ou os dois, simultaneamente), em que os sentimentos de descontentamento, irritação e contrariedade, por exemplo, são acentuados.

A respeito do corpo experienciado pelo eu como limitação, Coelho Júnior (n.d, p.4) afirma que "a doença, o fracasso, a dor e o sofrimento nos revelam uma outra dimensão do corpo, nos lembram que além de termos um corpo, somos um corpo".

Boesch (1991, p. 314) chama de "experiências de pico" aquelas que promovem no eu a impressão de um funcionamento corporal ótimo; entretanto, conforme o autor, os sentimentos relacionados a tais experiências – emoção, euforia, triunfo – colocam o sujeito em vulnerabilidade, uma vez que a percepção de que tudo corre em perfeito estado pode

-

⁸Conforme Boesch (1991), ao agir o indivíduo se depara com *barreiras* ou *fronteiras*, que não apenas limitam a sua liberdade de escolha, mas requerem dele regulações sobre as próprias ações para que possa defrontá-las. Nesse sentido, "uma *barreira* é uma área difícil de sobrepassar, podendo haver, para tanto, a necessidade de que seja interposta uma ação específica; contudo, uma vez cruzada a barreira, a ação pode continuar mais ou menos como antes. Uma *fronteira*, em contraste, marca a separação entre duas áreas de comportamento que requerem adaptações específicas, a cada uma, na forma e direção da ação do indivíduo (p. 113).

contribuir para que passem despercebidas pistas que sugerem que algo pode "dar errado", até que o corpo nos trai, indicando-nos o quanto estamos propensos a ferimentos, doenças e limitações. Sobre a experiência de vulnerabilidade, Boesch (1991) complementa que:

(...) cada corte, arranhão, ou contusão confirmarão e demonstrarão a nossa exposição a ameaças externas; cada febre, dor de cabeça ou náusea também nos faz conscientizar de uma vulnerabilidade que aparenta vir de dentro. O corpo, então, representa uma espécie de zona de crepúsculo, pertencente ao eu e, ao mesmo tempo, também distinto dele. De qualquer modo, a vulnerabilidade pode ser experienciada por nós mesmos ou observando o que acontece aos outros (pp. 314-315, tradução minha).

Com base em Boesch (1991), cicatrizes decorrentes da violência doméstica são consideradas nesta pesquisa como objetos que apontam para uma relação de antagonismo eucorpo, na medida em que tais marcas passaram a residir no corpo da mulher sem autorização, como se o próprio corpo a ela não mais pertencesse. A imagem corporal real e atual é a imagem de um corpo modificado forçosamente em função das lesões causadas pelas agressões e, frequentemente, das intervenções necessárias visando a correção ou mesmo a minimização dos prejuízos. Essa imagem, então, é comparada e distinguida negativamente com a imagem corporal que se tinha anteriormente à violência, divergência sentida pela mulher como inquietante (Simão, 2003, 2016).

A respeito da autoimagem, Boesch (1991, p. 317) discorre acerca do que ele chama de "comportamento espelho" e sua origem. Refere-se ao comportamento de olhar a própria imagem refletida, comportamento esse que nos acompanha ao longo da vida e tem seu início ainda na infância, fase em que a criança explora a própria curiosidade acerca de seu corpo, bem como as suas tendências exibicionistas. Isso explicaria, em parte, a atração das crianças (e também dos adultos) pelo espelho. Para o autor, o espelho é um instrumento de autoescrutínio, que para além da aparência externa, toca à nossa *essência* interna [grifos originais].

Segundo Boesch (2007a, p. 6), é mais provável que sejam as mulheres (em comparação aos homens) que passam mais tempo em frente ao espelho, a fim de criar uma imagem baseada no que pensam ser a imagem socialmente desejada, ocasião em que a discrepância entre o *self* privado e o *self* social pode acontecer. Nessa situação, a taxonomia de aparências que a pessoa tem de si mesma se choca com a sua experiência interior, fazendo a pessoa vivenciar um sentimento de desconforto ou mesmo perplexidade – "esta realmente sou eu!?" – indicando que a imagem diante do espelho aparenta ser diferente de como a pessoa se imagina ou gostaria de ser. Dessa forma, o estranhamento sentido diz respeito ao eu

que se vê como outro (não-eu), na medida em que aquela imagem não converge à percepção ou ao desejo de imagem que o eu tem ou gostaria de ter sobre si mesmo.

Entretanto, não é apenas o espelho que revela ao eu a sua imagem (desejada ou não). Há outro tipo de espelho digno de atenção. Esse espelho ao qual me refiro é vivo, tem vontade própria, se locomove, olha, questiona, persegue, enobrece, aprova e desaprova, mesmo que não seja consultado. Muito mais difícil de escapar, dita regras, modismos e um padrão de beleza imposto culturalmente. Esse espelho é de origem social, encarnado na figura do outro, que se coloca como o espelho do eu. Conforme Le Breton

Em condições comuns da vida social, as etiquetas acerca de uso do corpo regem as interações: circunscrevem as ameaças suscetíveis de surgir do que não se conhece, dão origem a referências que asseguram o desenvolvimento da troca. Diluído assim no ritual, o corpo deve passar desapercebido, fundir-se nos códigos e cada ator deve poder encontrar no outro, como num espelho, as próprias atitudes e a imagem que não o surpreende, nem o atemoriza (2006, p. 74, grifos meus).

Nesse sentido, o corpo, ou melhor, a imagem ideal de corpo é aquela que não foge do esperado, culturalmente falando; o desvio de certo padrão (no sentido de prejuízo) acerca da imagem de alguém é o que chama a atenção, uma vez que não é mais possível identificar-se com o outro. Assim, "o espelho do outro é incapaz de explicar o próprio espelho" (Le Breton, 2006, p. 75).

Assim, o estranhamento vivenciado pelo eu diante da existência do outro nos alerta quanto à necessidade de compreensão das relações eu-outro (mundo), tendo em vista a noção de alteridade. Sob a perspectiva do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, alteridade é entendida como

(...) a disponibilidade de alguém para o envolvimento com o diferente de si mesmo (outra pessoa), o que caracteriza a relação com a alteridade. Contudo, esse envolvimento é sempre um processo repleto de tensões, não apenas por causa das diferenças usuais que eu e outro percebem um ao outro, mas principalmente pela impossibilidade de conceber e acessar, em sua totalidade, "o outro diferente" naquela relação (Simão, 2007a, p. 12, grifos originais).

A noção filosófica de alteridade é cara à perspectiva em questão (e para a presente tese) por conta da nebulosidade que é inerente ao outro e que, portanto, provoca o eu no intuito de compreender a natureza daquilo que não é transparente para ele; e é da busca pela compreensão do desconhecido que novos significados podem emergir como fruto das interações comunicativas eu-outro (mundo) (Simão, 2010).

Entretanto, convém lembrar que nem toda relação eu-outro se constitui numa relação com a alteridade; nem sempre há disposição do eu para tomar o outro como fronteira (Boesch, 1991). O diálogo com o diferente de si pode ser algo não desejável, chegando a ser evitado ou

mesmo negado. Essa resistência ao divergente do eu encerra qualquer possibilidade de compreensão a respeito do outro, especialmente se há algo no outro que ameace o eu.

A relação da mulher com as próprias cicatrizes pode ser entendida em termos de uma relação com a alteridade; isto quer dizer que a ação de deixá-las à mostra (no sentido de não se preocupar em encobri-las – e não pela impossibilidade de fazê-lo), é de certa maneira abrirse à possibilidade de ser interrogada pelo outro a respeito das cicatrizes e às circunstâncias que lhes deram origem; por outro lado, o ato de escondê-las, tornando-as inacessíveis ao outro, é mais que um encerramento ao questionamento alheio: é um ato de precaução que visa não incitar qualquer forma de indagação, seja ela explícita ou não.

Dessa forma, atenuar a aparência das cicatrizes se apresenta como uma alternativa à preocupação constante que a mulher sente quanto a protegê-las (e proteger-se) das mensagens comunicativas que o outro pode lhe dirigir a esse respeito. Levando em consideração o relato das mulheres que buscaram amenizar, via procedimento cirúrgico, o aspecto estético das cicatrizes adquiridas em virtude da violência doméstica (conforme aponta a reportagem citada anteriormente) o que se busca, essencialmente, é a chance de passar despercebida pelo outro, de não mais ser "a mulher da cicatriz" (pois ela sabe, em seu íntimo, que isso equivale a dizer "a mulher que foi agredida pelo marido").

Nesse sentido, é esperado que a atenuação da aparência da cicatriz minimize as chances da mulher relembrar, via inquirição do outro, um acontecimento de vida que ela luta para esquecer. Entretanto, apesar da transformação da cicatriz em uma marca mais discreta (ou mesmo do desejo de transformá-la), ainda resta à mulher lidar com o olhar que tem sobre si mesma, que toca a relação do eu com o próprio corpo (eu-eu). Isso quer dizer que, apesar de mais amena, a mulher sabe que a cicatriz permanece lá, como uma espécie de lembrete indesejado da violência gravado sobre o próprio corpo, independentemente de olhar ou não a sua cicatriz.

Nesse contexto, a cicatriz é um signo que representa uma constelação de acontecimentos para a mulher; não se limita ao resultado de uma agressão qualquer, mas de tentativas de assassinato em que o autor da violência é alguém com quem se teve um relacionamento amoroso; logo, há uma complexa história de vida por trás de, aparentemente, uma simples cicatriz. Pessoas que sobreviveram a acontecimentos traumáticos costumam relatar que não são os mesmos que eram antes de vivenciar tais eventos; o relato de sentir falta de si mesmo, não do eu atual, mas daquele eu que parece ter deixado de existir em algum momento da vida é bastante comum (Brison, 1999). Esses tipos de eventos de vida são de alta significância pessoal e convergem com o que Zittoun (2007) chama de *ruptura*: uma espécie

de catástrofe sobre o eu que interrompe o fluxo normal de atividades e planos de uma pessoa, levando-a a vivenciar a descontinuidade do sentido de si mesmo.

Da perspectiva da pessoa, uma ruptura é sentida quando suas representações e compreensões de uma parte do mundo não são mais adequadas para apreender e organizar o dado da própria experiência. As rupturas podem, assim, despertar emoções e prolongamentos inconscientes - cada ruptura, mesmo a mais feliz, ainda supõe uma perda e luto (Zittoun, 2007, p. 190).

De maneira análoga, podemos pensar que a ruptura da pele mediante a violência divide, simbolicamente, o percurso de vida de uma pessoa em termos de antes e depois da violência. Uma vez cicatrizado o ferimento, instaura-se um marco, ou melhor, uma marca que parece prolongar a experiência pessoal de violência, contaminando a perspectiva de futuro que a pessoa tem a respeito da própria vida com os resquícios de um passado indesejável.

Nesse sentido, a questão da temporalidade é de suma importância para a compreensão das experiências que estão vinculadas às cicatrizes de violência doméstica. As cicatrizes não são apenas representações do passado no presente e do aqui-e-agora. Elas dizem muito acerca da futuridade, de como planos e expectativas são criados ou desfeitos em torno do que a cicatriz representa.

Segundo Boesch (1991), passado e futuro estão ligados intimamente, sob a forma de antecipações que o sujeito faz do que está por vir e das recordações de experiências. As atividades de recordação e antecipação estão implicadas na dimensão passado-futuro que, por sua vez, abarcam as dimensões existenciais de "ser" e "tornar-se", respectivamente. Dessa forma, compreende-se que o que acreditamos ou esperamos que seja o futuro tem suas raízes nas experiências ocorridas no passado e que estão no presente sob a forma de lembranças. As expectativas acerca do futuro estão atreladas à história de vida daquela pessoa, de como ela atribui sentido às suas experiências atinentes às relações eu-mundo.

2.2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

As violências diversas têm configurado um dos grandes problemas da saúde pública no Brasil, de magnitude e transcendência relevantes, que provocam forte impacto na morbidade e mortalidade da população (Brasil, 2002). Neste sentido, foi criada a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência, na qual 'violência' foi considerada "um fenômeno de conceituação complexa, polissêmica e controversa" (Brasil, 2002, p. 7). No ano de 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) traz pela primeira vez o conceito de violência em seu primeiro relatório mundial sobre violência e saúde. Foi definida como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade (Brasil, 2011, p. 9).

De acordo com o Ministério da Saúde, os homens sofrem mais violência que culminam em óbito. Entretanto, a violência contra a criança, adolescente, mulher e idoso, apesar de não resultarem necessariamente em óbito, trazem repercussões importantes no perfil de morbidade, devido ao impacto sobre a saúde (Brasil, 2002).

No que tange à violência contra a mulher, trata-se de um fato tão antigo quanto a humanidade; o que é muito recente são os esforços no sentido de superar essa violência, especialmente pela judicialização do problema, que consiste na

(...) criminalização da violência contra as mulheres, não só pela letra das normas ou leis, mas também, e fundamentalmente, pela consolidação de estruturas específicas, mediante as quais o aparelho policial e/ou jurídico pode ser mobilizado para proteger as vítimas e/ou punir os agressores (Waiselfisz, 2015, p. 7).

Nesse sentido, foi sancionada recentemente a Lei 13.104/2015, conhecida como a Lei do Feminicídio, inserindo esse tipo de crime no rol dos crimes hediondos e com agravantes quando sua ocorrência se dá em situações específicas de vulnerabilidade (e.g., gravidez, menor de idade, idosa, na presença dos pais ou filhos da vítima) (Brasil, 2015). Segundo essa lei, toma-se por feminicídio a agressão que "envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino" (Waiselfisz, 2015, p. 7).

Tanto a violência contra a mulher quanto o feminicídio, que é a forma fatal da violência contra a mulher, são termos que não têm aceitação universal, por isso existem e coexistem formas diversas para se referir a um mesmo fenômeno (Waiselfisz, 2015). Devido aos propósitos da presente pesquisa, que se volta às mulheres sobreviventes da violência e suas cicatrizes, me restringirei a dissertar acerca do primeiro fenômeno, apresentando a maneira com que a violência contra a mulher tem sido designada até então e como está sendo considerada nesta tese.

Violência intrafamiliar, na metade do século XX; violência contra a mulher, na década de 70; violência doméstica, nos anos 80 e, nos anos 90, passa a ser tratada como violência de gênero, a partir de estudos que se debruçam sobre relações de poder, em que a mulher é submetida e subjugada, independentemente de qualquer que seja sua faixa etária (Brasil, 2011).

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) em seu artigo 5º define violência doméstica e familiar contra a mulher como "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" (Brasil, 2012, p. 18). Tais formas de violência podem ocorrer concomitante ou isoladamente.

A violência física diz respeito a qualquer ação que atente contra a integridade ou a saúde corporal da mulher. São exemplos de violência física: tapas, socos, puxões de cabelo, chutes, tentativas de estrangulamento, entre outros. A violência sexual refere-se a qualquer conduta que obrigue a mulher a assistir, manter ou participar de relação sexual não desejada. Impedimento do uso de método contraceptivo, aborto ou prostituição forçados, bem como matrimônio obrigatório, também são formas de violência sexual.

A violência psicológica está relacionada a qualquer conduta nociva à saúde psicológica e à autodeterminação da mulher. Humilhação, práticas vexatórias, insultos, ameaças, perseguição, chantagem são alguns dos exemplos. A violência patrimonial refere-se a qualquer ação que configure quebra, venda, subtração ou destruição de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, dinheiro, entre outros. A violência moral abarca as condutas de caluniar, difamar, injuriar a mulher, culminando em prejuízos a sua dignidade e reputação (Brasil, 2012).

É importante destacar que a violência doméstica é caracterizada como aquela que é praticada dentro do espaço de convívio permanente com outras pessoas, tendo elas ou não laços consanguíneos. Estão incluídas aí as relações íntimas de afeto, hétero ou homoafetivas, em que o(a) agressor(a) convive ou conviveu com o(a) companheiro(a), independentemente de ter havido coabitação (Brasil, 2012).

Para os fins do presente estudo, optei por utilizar a expressão "violência doméstica contra a mulher", ao invés de apenas "violência doméstica" (ou intrafamiliar) ou ainda "violência contra a mulher". Isso porque "violência doméstica", na América do Norte, designa exclusivamente a violência praticada pelo homem contra a mulher, ao passo que no Brasil não implica necessariamente que seja voltada à mulher (enquanto gênero feminino e papel social de esposa), mas se estende a outros membros do contexto das relações familiares (Bhonaet al., 2011); de forma semelhante, "violência contra a mulher" (ou de gênero) não se limita ao caráter passional, que é justamente a conotação que a violência assume nesta tese. Nesse sentido, vale ressaltar que a violência doméstica contra a mulher aqui será restrita às relações heterossexuais de vinculação íntimo-afetivas, sem laços consanguíneos.

Números da violência

O Mapa da Violência contra Mulheres (Waiselfisz, 2012, 2015) baseou-se nos dados do SIM – Sistema de Informações de Mortalidade, divulgados pelo Ministério da Saúde. Esses dados ilustram a gravidade do problema em território nacional: entre os anos de 1980 a 2013, 106.093 mulheres foram assassinadas no Brasil; o que representa um aumento no número de mortes de 252%.

De 2003 a 2013, foi constatado que, ao passo que o número de homicídios de mulheres brancas caiu nesse período (queda de 9,8%), o número de homicídios contra mulheres negras aumentou drasticamente: 54,2%.

As armas de fogo são o principal instrumento utilizado nos homicídios femininos, com 48,8%, seguido de objeto cortante e penetrante, com 25,3%; objeto contundente, 8%; estrangulamento e sufocação, 6,1% e outros com 11,8%. É importante salientar que, com exceção das armas de fogo, os demais meios de homicídios envolvem um contato direto com a vítima, por isso, são mais expressivos quando se trata de violência contra a mulher, que é um indicativo de violência passional. Em relação ao local onde a mulher foi morta, 27,1% dos homicídios ocorreram na residência onde a vítima morava, contra 10,1% na população masculina, o que aponta para o caráter "doméstico" da violência contra a mulher. Quando a violência não é letal, a residência continua sendo o local privilegiado para sua ocorrência, desta vez para ambos os sexos: ainda assim o número é significativamente superior para o sexo feminino: 71,9% contra 50,4% do sexo masculino.

O parceiro ou ex-parceiro foi o autor de 42,5% do total de agressões contra a mulher. Entretanto, na faixa dos 20 aos 49 anos, esse número sobe para 65%.

Sobre a taxa de homicídios femininos em 83 países do mundo, o Brasil ocupa o 5º lugar, ficando atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Federação Russa, de acordo com os dados da OMS – Organização Mundial da Saúde.

2.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

A proposição inicial que norteia esta pesquisa é a de que cicatrizes decorrentes de violência doméstica estão associadas a experiências de vida dolorosas, tanto no sentido físico quanto psicológico; tais experiências são entendidas, nesse contexto, como eventos traumáticos (cf. Brison, 1999). A natureza desse tipo de cicatriz denuncia ao mundo um acontecimento pessoal doloroso e humilhante, do qual normalmente não se quer falar; desse modo, evita-se exibi-las de forma a não fomentar a curiosidade alheia e a rememoração da violência sofrida diante da indagação, nem sempre explícita, provenientes das relações eu-

outro (mundo). A cicatriz é, nesse sentido, a memória corporificada de uma agressão. Conviver com as cicatrizes da violência é, de certa forma, conviver com um passado permanente. E se a percepção temporal nesses casos for alterada (Brockmeier, 2015) um passado vivenciado de maneira estendida afetará também a vivência do presente e, naturalmente, a forma como a mulher conceberá a futuridade.

Nessa direção, convém salientar que o significado das cicatrizes nessa pesquisa não será compreendido, exclusivamente, à marca visível na pele, em si mesma, mas se estendendo, forçosamente, a demais eventos relacionados pelas entrevistadas em suas narrativas.

Nesse sentido, a presente pesquisa visa investigar:

a) Como o passado, gravado na pele em forma de cicatrizes, afeta a perspectiva de vida de mulheres que passaram por situação de violência doméstica, especialmente, no que diz respeito à forma como a mulher passa a conceber a futuridade.

Nesse objetivo, está implicado o interesse em pesquisar:

b) As repercussões físicas e psicológicas que um corpo marcado por cicatrizes traz à mulher, sobretudo, o papel das relações eu-outro (mundo) sobre o processo de significação que se dá em torno das cicatrizes.

3 MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa e idiográfica, e se propôs a investigar como o passado, gravado na pele em forma de cicatrizes, afeta a perspectiva de vida de mulheres que passaram por situação de violência doméstica. Recebeu aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEP - IPUSP) em 8 de junho de 2015, conforme parecer1.097.159 (ANEXO).

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO IDIOGRÁFICO

Os métodos idiográfico e nomotético têm sido amplamente difundidos, erroneamente, como metodologias opostas e mutuamente excludentes, distanciando-se da proposta original de seu criador, o filósofo alemão Wilhelm Windelband (Lamiell, 1998; Salvatore & Valsiner, 2010).

No século XIX, Windelband criticava a divisão entre as ciências do espírito e as ciências da natureza – uma diferenciação baseada no objeto de estudo – e os limites que tal dicotomia apresentava. Para ele, a Psicologia seria o desmentido dessa possibilidade, uma vez que a natureza dos fenômenos sobre os quais se dedica a investigar impede de se adequar exclusivamente a esta ou àquela categoria (Simão, 2011). Naquele contexto, a Psicologia se tratava de uma disciplina que, por um lado, fazia referência à percepção de fenômenos internos ao indivíduo no sentido de uma ciência da mente e, por outro, se baseava no método das ciências naturais, voltada ao mundo externo objetivo (Wu, 2010).

Em 1894, Windelband cunhou os termos nomotético e idiográfico, sendo o primeiro deles aplicado às ciências que buscam o conhecimento universal, constituindo-se em ciências da lei. Já as ciências idiográficas se caracterizam pela busca do conhecimento particular de entes individuais, denominadas também ciências de eventos (Wu, 2010). Windelband enfatiza que a distinção entre tais ciências se faz com base no recorte metodológico escolhido pelo pesquisador e não em relação ao conhecimento que ele busca ou produz; não são mutuamente excludentes, mas complementares (Simão, 2011).

Dessa forma, a classificação que Windelband dá às ciências é metodológica, na medida em que os mesmos sujeitos podem ser objetos de estudo de investigação nomotética ou idiográfica; nomotético e idiográfico são, portanto, adjetivos que qualificam a natureza do

conhecimento buscado pelo pesquisador e não do nível analítico possível ou qualidade do objeto (Lamiell, 1998; Simão, 2011).

Em relação a presente pesquisa, a investigação recai sobre cicatrizes de violência doméstica e seus sentidos; e sentido é idiográfico por natureza (Salvatore & Valsiner, 2008), o que justifica a escolha desta perspectiva metodológica. Estudos contemporâneos acerca da ciência idiográfica buscam a generalização do conhecimento a partir do fenômeno de interesse em sua singularidade; posteriormente, essa generalização será aplicada a casos individuais novos e sempre únicos. Em outras palavras, coloca-se em prática a ideia filosófica de que existe o geral no particular; e é do particular que podemos chegar a generalizações que não requerem o uso de amostras populacionais (Salvatore & Valsiner, 2008, 2010; Valsiner, 2012).

Nesse sentido, ao investigar como o fato de ter um corpo marcado por cicatrizes da violência doméstica afeta a perspectiva de vida de cada mulher que passou por esta situação, objetiva-se chegar a alguma generalização que esteja relacionada a assuntos que permeiam o problema de pesquisa, tais como: temporalidade, memória, processos de ruptura e transição nas trajetórias de vida, alteridade.

3.2 LOCAL

O local escolhido para a coleta de dados da pesquisa foi a Casa Eliane de Grammont⁹, instituição governamental vinculada à Secretaria de Participação e Parceria do Município de São Paulo, localizada na Zona Sul da capital. Presta atendimento à mulher que já passou ou ainda passa por situação de violência, dentro de uma proposta multidisciplinar que tem em vista a administração do cotidiano e a superação da situação de violência.

A opção pelo local se deu por se tratar de uma referência no atendimento integral às mulheres em casos de violência doméstica e sexual, sendo, inclusive, o primeiro serviço municipal do Brasil a oferecer este tipo de atendimento, completando 25 anos de existência no ano de 2015.

3.3 A ENTRADA NO CAMPO

Realizei a primeira visita à Casa Eliane de Grammont no dia 3 de março de 2015. Ao me dirigir à sala de espera, me deparei com um grande pôster: uma fotografia com um rosto

⁹ Eliane de Grammont foi uma cantora paulista, morta pelo ex-marido, o cantor Lindomar Castilho. Eliane se apresentava numa casa de shows em São Paulo quando foi atingida por cinco tiros, em março de 1981. Maiores detalhes sobre o caso, cf. Eluf, L. N. (2007). *A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres, de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves*. São Paulo: Saraiva, 3ª ed.

de mulher, em preto e branco. Se alguém me perguntasse naquele momento o que eu via na imagem, eu teria respondido: "Vida. Eu vejo muita vida nessa fotografia". Mais uma vez eu me peguei seduzida pelo enigma da fotografia e pelos significados que ela pode suscitar, de forma semelhante à inquietação inicial que senti ao ver as fotografias que retratavam os corpos de mulheres marcados por cicatrizes, inquietação essa que resultou no desenvolvimento da presente pesquisa, como descrito na seção Introdução.

Ironicamente, a imagem cheia de vida era de uma mulher que havia sido morta há 34 anos, na ocasião da minha visita. Era a própria Eliane. O passado estava ali, cristalizado no presente em forma de retrato. Esta experiência "introdutória" com a realidade da violência doméstica me fez vivenciar um misto de diversas sensações e pensamentos, realmente uma experiência inquietante¹⁰, nos termos de Simão (2003, 2016); penso, hoje, que não poderia ter sido diferente, afinal, para além da minha posição de pesquisadora e psicóloga, sou mulher. Uma mulher que começava a encarar uma triste realidade que era conhecida apenas através dos diversos meios de comunicação e das alarmantes estatísticas. Sim, esta realidade existe e eu estava cada vez mais próxima de entrar naquele universo, no papel de pesquisadora. Iniciava, assim, o meu preparo para o futuro contato com mulheres que passaram por situação semelhante à de Eliane; entretanto, diferente dela, essas mulheres sobreviveram à violência e podiam narrar as próprias histórias.

Entre março e junho de 2015, frequentei a Casa, fazendo parte das reuniões de equipe de trabalho no intuito de conhecer melhor a rotina da instituição, os dados da violência doméstica contra a mulher, especialmente na cidade de São Paulo e o perfil das mulheres atendidas ali. Eram convidados também representantes da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, bem como representantes de outras instituições que trabalham no combate à violência contra a mulher. Nesse sentido, eu fui passando, aos poucos, por uma espécie de ambientação (tanto em relação à apreensão do conhecimento referente ao tema, quanto do ponto de vista psicológico) para que eu estivesse pronta a conduzir as entrevistas.

Era fim de julho quando realizei a primeira entrevista.

3.4 PARTICIPANTES

A seleção das participantes foi orientada em função do problema a ser investigado: cicatrizes que marcam o corpo de mulheres que passaram por situação de violência doméstica. Desta forma, foram convidadas a participar deste estudo mulheres que atendessem aos

¹⁰O conceito de *Experiência Inquietante* será explorado mais adiante, na página 41.

seguintes critérios de inclusão: 1) possuir cicatrizes em qualquer parte do corpo, por decorrência da violência doméstica; 2) não ter mais relacionamento íntimo-afetivo com o agressor; 3) estar vinculada aos serviços prestados pela Casa Eliane de Grammont, apesar de não sofrerem agressão na atualidade.

Pressupunha-se que a ocasião da entrevista seria uma situação emocionalmente dolorosa e delicada, por isso, optou-se para que o acesso às participantes fosse mediado pela Coordenadora e Psicóloga da Casa que conhecia minuciosamente os casos atendidos e, por esta razão, possuía um vínculo de confiança com essas mulheres, construído ao longo do tempo. Diante do aceite da mulher em participar da pesquisa, era agendada a entrevista.

O número de participantes, sob uma perspectiva idiográfica, dificilmente é estabelecido *a priori*, uma vez que a qualidade das informações obtidas em cada entrevista influencia diretamente nesta decisão (Duarte, 2002). Neste sentido, o critério balizador quanto ao número de pessoas a serem entrevistadas é identificado pela plausibilidade do conteúdo obtido nas entrevistas iniciais, suficiência informativa nas respostas dos participantes em face aos objetivos da pesquisa e, também, pela possibilidade potencial das informações de gerarem coerência na interpretação dos dados em virtude da questão de pesquisa e dos objetivos (Laskovski, 2012).

A apresentação e caracterização das participantes estão discriminadas na seção Resultados e Análises Interpretativas, mais adiante.

3.5 PROCEDIMENTO DE ACESSO ÀS NARRATIVAS

As entrevistas foram realizadas individualmente na Casa Eliane de Grammont, em uma das salas de atendimento às mulheres, no período compreendido entre julho e setembro de 2015.

Na ocasião da entrevista, cada participante foi informada acerca da justificativa, objetivos, procedimentos da pesquisa e dos possíveis riscos e benefícios esperados, através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A). Foi esclarecido também o caráter voluntário da participação, enfatizando a liberdade de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Foi garantido o livre acesso às informações coletadas e quaisquer esclarecimentos solicitados, bem como o sigilo, a fim de preservar a identidade das participantes e assegurar a privacidade dos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, utilizados somente para fins científicos. O consentimento foi elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo participante da pesquisa e a

outra arquivada pelo pesquisador. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra, posteriormente.

Optou-se pela entrevista narrativa como técnica de coleta de dados por se tratar de uma forma de entrevista não estruturada e de profundidade (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Na acepção de tais autores, o tópico inicial a ser abordado com a pessoa entrevistada deve ser parte da sua experiência de vida, que tenha para ela significância pessoal, uma forma de garantir o interesse da pessoa em narrar a sua história, normalmente rica em detalhes.

Dessa forma, a pergunta que dava início a entrevista de pesquisa tinha por objetivo suscitar um relato narrativo acerca da história das cicatrizes. Ao longo do relato, outras questões foram formuladas pela pesquisadora, visando contemplar a temática em torno dos objetivos da pesquisa, quais sejam: a) significados pessoais e culturais construídos acerca da(s) própria(s) cicatriz(es); b) aspectos referentes à autoimagem e autoestima; c) o olhar do outro sobre a cicatriz; d) perspectivas de vida. O roteiro temático da entrevista narrativa encontra-se no APÊNDICE B.

Vale informar que não houve qualquer intercorrência durante as entrevistas. Entretanto, ciente de que a ocasião da entrevista poderia desencadear, *a posteriori*, a necessidade de encaminhamento a um serviço de atendimento psicológico, a pesquisadora se colocou à disposição de, como um profissional de referência em psicologia, fazer a mediação para outros serviços de saúde na cidade de São Paulo, ou alternativamente, via Casa Eliane de Grammont. Entretanto, nenhuma solicitação de encaminhamento para serviços psicológicos foi requerida pelas participantes durante o período em que foi desenvolvida a pesquisa.

3.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS

A memória é uma ação. Essencialmente, a ação de contar uma história. Pierre Janet

Ao longo das últimas décadas, a narrativa conquistou um novo lugar na Psicologia e em outras ciências humanas: de objeto de estudo passou ao *status* de uma nova abordagem teórica, um novo gênero da filosofia da ciência (Brockmeier & Harré, 2003). O interesse da psicologia sobre a narrativa difere do interesse de um teórico literário, no sentido em que a preocupação central não reside na forma como um texto é construído, mas como ele opera enquanto um instrumento mental da construção da realidade (Bruner, 1991).

Segundo Bruner (1997) a narrativa difere de outras formas de discurso e de outras maneiras de organizar a própria experiência, especialmente pela influência que tem sobre a imaginação humana. As principais propriedades da narrativa envolvem: uma sequencialidade

que lhe é inerente; indiferença factual, isto é, a narrativa pode ser "real" ou "imaginária", sem com isso perder seu poder de história; o manejo peculiar de eventos que se afastem do canônico: a narrativa busca dar sentido ao que parece sem sentido, em dado contexto (cf. Bruner, 1997, pp. 46-50).

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91) "contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal". Na mesma direção, Brockmeier (2015) aponta que diante de situações problemáticas, confusas, complexas, usamos a narrativa como forma de dar sentido às nossas experiências.

Narrar um evento da própria vida implica interpretar e reinterpretar determinadas experiências continuamente. Em outras palavras, a narrativa autobiográfica consiste em uma atividade reflexiva, uma vez que o narrador e o personagem principal da história são a mesma pessoa (Bruner, 2004/1987).

Brockmeier (2000) aponta quatro características úteis a uma definição descritiva de narrativa autobiográfica. A primeira delas refere-se ao fato de que uma narrativa autobiográfica normalmente apresenta um enredo que evolui com o tempo. O autor diz "normalmente" porque há exceções, do seu ponto de vista: embora toda narrativa implique uma estrutura diacrônica, isto não significa que a vida narrativa siga uma trama ordenada de maneira linear; o processo autobiográfico não segue um tempo cronológico, mas cria seu próprio tempo, o que ele chama de tempo narrativo.

A segunda característica da narrativa autobiográfica é que todos os eventos do enredo ou da história narrada giram em torno de um protagonista e seu *self*, incluídos aí seus pensamentos, sentimentos, memórias, intenções e ações. A terceira característica da narrativa autobiográfica diz respeito à impossibilidade do narrador descrever ou representar apenas um *self* no tempo narrativo. Isto quer dizer que ao mesmo tempo em que o *self* do narrador se posiciona a contar a história do protagonista, há pelo menos outro *self* que avalia a história e deixa claro a sua posição em relação a este protagonista. Portanto, o narrador é influenciado por um quadro moral e afetivo. Por fim, a quarta e última característica assinalada pelo autor refere-se à teleologia retrospectiva particular da narrativa autobiográfica. Uma historia de vida começa no aqui-e-agora e reconstrói o passado como se ele fosse teleologicamente direcionado para "este" presente específico (cf. Brockmeier, 2000, pp. 59-61).

Narrativa autobiográfica e memória autobiográfica possuem relação íntima, de difícil distinção entre uma e outra; ambas envolvem linguagem verbal em diferentes graus e contribuem para a construção do sentido de *self* do indivíduo e de sua identidade pessoal

(Smorti & Fioretti, 2015). O processo autobiográfico, em sentido mais amplo, é também um processo cultural em que o lembrar e interpretar são aspectos interconectados (Brockmeier, 2015).

Memória autobiográfica refere-se a experiências passadas que ocorreram em tempo e lugar específico e que são recordadas como um episódio no qual a pessoa esteve pessoalmente envolvida (Brockmeier, 2015). A memória autobiográfica é seletiva; sua função primária não é reter acuradamente representações de todos os eventos de vida, mas produzir um registro acerca dos acontecimentos de maior relevância pessoal sob a perspectiva do sujeito (Conway & Pleydell-Pearce, 2000).

De acordo com Conway e Holmes (2004), memórias de eventos de vida marcantes para o *self* são altamente acessíveis e fluentes. As emoções exercem papel fundamental sobre a forma com que nos lembramos dos acontecimentos. Eventos registrados como pouco ou nada importantes são esquecidos facilmente porque não ativam um nível adequado e específico de atenção (Christianson, 1992). Por outro lado, eventos vivenciados com médio ou alto envolvimento emocional são registrados como importantes, logo, a probabilidade de serem relembrados é muito maior; no caso de eventos de vida valorados pela pessoa como negativos, esses são rememorados mais facilmente quando comparados aos eventos positivos (Smorti & Fioreti, 2015) porque normalmente envolve um problema ou questão que roga por uma explicação ou resolução (Fivush, Hazzard, Sales, Sarfati & Brown, 2003).

Levando em consideração que a presente pesquisa se volta à produção de sentidos em torno de cicatrizes que marcam os corpos de mulheres que passaram por situação de violência doméstica, a narrativa se mostrou um recurso útil para a análise de dados, já que se trata de uma das possibilidades metodológicas em psicologia para o estudo e interpretação das memórias autobiográficas. Vale ressaltar que a cicatriz tem sido entendida aqui como a memória física de uma agressão, gravada na pele. As agressões fazem parte do passado, entretanto, as cicatrizes permanecem na pele e para além dela, promovendo a recordação de momentos difíceis.

Brockmeier (2015) em seu livro "Beyond the Archive" propõe que os processos de significação autobiográficos giram em torno da narrativa, o mais complexo nível de organização da linguagem. Segundo o autor, a narrativa enquanto relato verbal de um acontecimento pessoal é tão importante quanto a experiência de narrar em si, na medida em que dá continuidade à experiência que está sendo narrada através da reflexão, reelaboração e articulação que o sujeito faz da experiência passada com o contexto atual.

Com base nessas considerações, presumiu-se que, da perspectiva das participantes desta pesquisa, a experiência de narrar eventos de vida relacionados às cicatrizes decorrentes da violência doméstica consistiria, entre outras coisas, em oportunidades para ressignificações acerca de uma espécie de experiência de vida que é muitas vezes velada por conta dos significados pessoais e culturais usualmente atribuídos às mulheres vítimas de violência, com base em ideias preconceituosas, geralmente de base sexista.

Estudos que investigam os efeitos da experiência narrativa sobre o narrador, quando este relata eventos de vida pessoais afetivamente dolorosos, demonstram que emoções de ordem negativa foram atenuadas, ao passo que emoções de ordem positiva aumentaram, em virtude da ressignificação de tais vivências (e.g., Fioreti & Smorti, 2016; Pontes, 2013). Na mesma direção, Brison (1999) referindo-se a memórias de acontecimentos de vida traumáticos, aponta que narrar este tipo de memória oportuniza aos sobreviventes desenvolver mais controle sobre os rastros que o trauma costuma deixar, ajudando-os a reconstruir o próprio eu. Contudo, isso não significa que narrar memórias de acontecimentos traumáticos seja sempre terapêutico; mas é possível afirmar que esse tipo de narrativa contribui significativamente para tal recuperação, fato aceito, contemporaneamente, como incontroverso no campo da psicologia do trauma (cf. Brison, 1999, p. 40).

3.7 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO DECORRENTE DOS DIÁLOGOS OCORRIDOS NAS RELAÇÕES PESQUISADOR-PARTICIPANTE

Algumas abordagens teórico-metodológicas da Psicologia buscam a neutralidade do papel do pesquisador na interação verbal com o participante da pesquisa. Sob a luz do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia (Simão, 2003; 2010), a neutralidade nas interações verbais entre pesquisador e participante não cabe. Para Simão (2007b, p. 279) a questão da neutralidade na pesquisa é substituída por outras questões, tais como: "Como desenvolver nossa pesquisa naquele campo simbólico tensional?" e "Como compreender o significado dos nossos resultados que emergiram daquele campo?".

Olhar para a interação verbal com uma perspectiva dialógica implica em examinar o que está para além do diálogo, das intenções conscientes ou não dos interlocutores ao endereçarem a sua fala ao outro. Neste sentido, momentos de tensão são inerentes aos diálogos, devido à impossibilidade de compreensão absoluta entre os interlocutores, o que os coloca em uma relação de alteridade (cf. Simão, 2004a). As tensões intra e interpsicológicas geradas no diálogo resultam em negociações simbólicas entre os interlocutores, que

interpretam as mensagens recebidas do outro, criando significados que podem reduzir ou mesmo solucionar tais tensões, graças ao processo bidirecional de transformação ativa das mensagens culturais (Valsiner, 1998, 2012).

Simão (2010, p. 118) com base em Marková (2003) aponta que:

O diálogo tem como caráter essencial o fato de que quem fala não sabe de antemão o que deve dizer para expressar suas ideias ao outro. Mais importante, quem fala não sabe de antemão como o outro vai entender sua mensagem e, por isso, aprende com a resposta do outro. Ou seja, quem fala entenderá o significado do seu próprio ato de fala a partir da resposta do outro.

Transpondo essas ideias às interações verbais ocorridas nas relações eu-outro (mundo), incluídas aí as relações pesquisador-participante, para além das tensões que fazem parte do diálogo, a situação de entrevista constitui-se numa ocasião na qual o pesquisador, já inquietado por uma questão de pesquisa, convida o participante a inquietar-se também. Isso porque ao questioná-lo acerca do tema do diálogo, de certa maneira o pesquisador cobra um posicionamento do participante, que por sua vez se coloca como alteridade para o pesquisador, favorecendo ressignificações a respeito da sua pesquisa (Simão, 2004b, 2007b). Nesse sentido, a entrevista de pesquisa se configura como oportunidade para que confrontações inesperadas venham a ocorrer, possibilitando a emergência de significados únicos e ambíguos (Musaeus & Brinkmann, 2011).

A experiência pessoal de ter entrevistado mulheres com os corpos marcados por cicatrizes em decorrência da violência doméstica me remeteu ao artigo de Simão (2007b) intitulado "Nós pesquisadores: pessoas inquietas inquietando outras", na medida em que eu, por outro lado, também passei ame questionar: "como é que nós, os inquietos pesquisadores somos inquietados pelos participantes?".

Primeiramente, tenho compreendido que o processo de fazer pesquisa é permeado por *experiências inquietantes* (Simão, 2003, 2007b, 2016) que são vivenciadas pelo pesquisador em diferentes momentos dessa trajetória, a começar pelas inquietações iniciais que o levaram a se debruçar sobre um determinado tema de pesquisa e não em outro; como aponta Saffioti (2015, p.45) "ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele". Isso nos coloca frente a um aspecto por vezes não levado em consideração: a subjetividade do pesquisador.

Sobre esse aspecto, Valsiner (2012) tem apontado para a importância da subjetividade do pesquisador que, ao experimentar os fenômenos intuitivamente, cria seus pressupostos de pesquisa, partindo de sua perspectiva pessoal. "Os cientistas não são autômatos racionais, mas seres humanos subjetivos, pessoalmente envolvidos, com preferências subjetivas e posições, a partir das quais consideram os assuntos de sua pesquisa" (p. 301).

Duarte (2002) compara a pesquisa a um relato acerca de uma longa viagem a um local já muitas vezes visitado. Neste sentido, não há nada definitivamente original; entretanto, o modo de olhar e refletir sobre o fenômeno estudado, esse sim, é bastante peculiar ao pesquisador, que parte da sua experiência, referencial e apropriação do conhecimento.

O pesquisador é, então, alguém que se inquietou diante de questões concernentes a um problema que o instiga a buscar maneiras de respondê-las. Essa inquietação refere-se à gênese da pesquisa e seu desenvolvimento inicial. Outras inquietações farão parte do processo, contudo, o foco dessa reflexão recai, especificamente, sobre as inquietações que ocorrem quando o pesquisador realiza seu trabalho de campo, ao interagir com o participante na situação de entrevista, quando abre oportunidades para que *experiências inquietantes* possam emergir através do diálogo, verbal ou não, tanto na direção do pesquisador para o participante, como do participante para o pesquisador (Simão, 2003, 2007b, 2016).

As experiências inquietantes decorrem da ruptura de expectativas pessoais e culturais da pessoa, o que provoca uma lacuna entre a realidade por ela percebida e as expectativas imaginadas (valor real e valor visado, Boesch, 1991). São experiências subjetivas que tocam a pessoa afetivamente e pré-reflexivamente, quando algo foge do esperado, de forma sutil ou não, situação em que a pessoa se depara com a ausência de uma articulação mais ou menos plausível de antinomias percebidas por ela, provocando sentimentos confusos, instáveis, instigantes, desconfortáveis, entre outros, e que podem ocorrer simultaneamente (Simão, 2016).

Na relação pesquisador-participante, quando o participante fala acerca do que lhe foi indagado, contando sua história, é o pesquisador, que tem o conhecimento dessa noção, quem interpreta se a experiência vivenciada pelo participante foi inquietante para o mesmo. Isso porque as experiências inquietantes não podem ser comunicadas em sua totalidade pela primeira pessoa, nem mesmo compreendidas em sua completude pela segunda (Simão, 2016).

Por outro lado, o pesquisador pode dar-se conta da inquietação por ele vivenciada na situação de entrevista diante do material que é trazido na interação pelo participante ou mesmo em momento posterior quando, por exemplo, faz a transcrição dos áudios – ocasião em que pode ser necessário ouvir repetidamente determinadas narrativas –, e também ao interpretar as entrevistas.

Todas as inquietações provenientes do outro (participante), entendidas como inquietantes sob a perspectiva do pesquisador, bem como as inquietações vivenciadas por ele (pesquisador) em momentos distintos da pesquisa, podem ser tomadas como instrumento que baliza a sua conduta à medida que: a) o auxilia a pensar sobre os aspectos importantes a

abordar na entrevista, de acordo com os objetivos da pesquisa (pré-estabelecidos); b) sinaliza quais questões não pensadas ou elaboradas por ele previamente merecem atenção, diante do que emerge na interação; c) norteia o modo como ele aborda os assuntos com o participante, especialmente aqueles que exigem sensibilidade, empatia, mas, principalmente, uma postura ética e respeitosa, o que implica em reconhecer as fronteiras (Boesch, 1991) nas relações eu-outro (mundo) – fronteiras interpsicológicas; d) reconhecer as próprias limitações e fronteiras (intrapsicológicas) como pesquisador, no sentido de revisar ou adaptar suas intervenções e, como pessoa, no sentido de preservar-se, do ponto de vista emocional e psicológico. Assim, as limitações indicam até onde o pesquisador consegue chegar; as fronteiras sugerem potencialidade, isto é, apontam para a possibilidade de alcançar algo ao atravessá-las.

Segundo Boesch (1991, p.113) uma fronteira "marca a separação entre duas áreas de comportamento que requerem adaptações específicas, a cada uma, na forma e direção da ação do indivíduo". O conceito de fronteira remete à ideia de uma oposição binária entre o aqui (eu) e o lá (outro-mundo), delimita os campos simbólicos de ação menos conhecidos e menos transparentes ao sujeito, gerando por um lado incerteza e ansiedade e, por outro lado, curiosidade e inquietação. Nesse sentido, o que está lá, o que não sou eu, se apresenta como nebuloso; e se não é possível enxergar com clareza o que está para além da fronteira, a decisão em cruzá-la requer um comportamento cauteloso e flexível, no sentido de estar aberta a mudanças que serão exigidas da pessoa, no intuito de adaptar-se ao desconhecido.

Em entrevista mais recente, Boesch (2007c) aprimora essa noção, dizendo que a fronteira deve ser pensada essencialmente como um lugar onde normalmente se para; e parar é ocasião para decidir se a fronteira será ou não cruzada. "Por exemplo, uma fronteira entre duas pessoas é determinada pelas leis sociais da interação. Se eu as transgrido, isso destrói ou transforma toda a relação" (p.41).

É nesse sentido, o da interação entre pesquisador e participante, que tenho pensado a concepção de experiência inquietante, como uma espécie de bússola que orienta o pesquisador a mover-se rumo à fronteira existente entre o eu e não-eu; isto é, a fronteira está localizada entre o mundo do qual o pesquisador pertence e de que é conhecedor e ao mundo dos outros, o qual ele busca conhecer. E conhecer o território do outro implica refletir sobre transpor ou não a fronteira; se a decisão é pela travessia, deve-se pensar de que maneira e quando fazê-la, prezando pelo respeito às delimitações simbólicas que o outro nos apresenta.

Do ponto de vista dialógico, qualquer tema da interação verbal apresentará tensões, negociações e significações que fazem parte do processo de comunicação e de construção do conhecimento, pelo fato de nos colocarmos como alteridade uns aos outros. Entretanto, há

determinados tipos de temas que norteiam a interação verbal passíveis de gerar tensões ainda maiores nos interlocutores em relação às tensões já esperadas para esse tipo de ocasião. Temos entendido esse tipo de tema, a partir deste trabalho, como um "tema-tabu".

O termo "tema-tabu" foi pensado para fazer alusão a um assunto que por si só já é adverso; o tema-tabu refere-se a fenômenos-tema que *a priori* despertam no pesquisador certa apreensão devido ao conteúdo que ele antecipa imaginariamente ouvir na entrevista. São temas extremamente delicados acerca da existência humana, normalmente geradores de tensões intra e interpsíquicas nas relações eu-outro (mundo), os quais costumam ser velados por receio de repreensão, censura e desaprovação social e que, normalmente, são sustentados por valores sociais e culturais. São exemplos desses temas: a morte (por suicídio); os variados tipos de violência (urbana, doméstica, sexual etc.); doenças (especialmente aquelas que são consideradas fatais, como o câncer; ou as que foram contraídas envolvendo práticas discriminatórias pela sociedade, como o HIV); tragédias diversas entre outros.

Nesse sentido, a cautela que o entrevistador deve ter ao indagar uma participante que sobreviveu a uma experiência de vida tão delicada como a violência doméstica deve ser redobrada e, como dito anteriormente, isso gera mais tensões que o previsto quando comparado a um tema de entrevista que fuja desses critérios; dessa forma, é natural que o entrevistador crie certas expectativas em relação à situação de entrevista. Há uma expectativa em acertar as perguntas, expectativa em obter as respostas às questões que o instigaram a desenvolver a pesquisa. Mas, para além das perguntas "certas" há um aspecto muito importante, que se trata da expectativa do pesquisador em ser um bom entrevistador.

Mas o que chamamos de "bom entrevistador"? Poderíamos listar uma série de habilidades desejadas ao entrevistador, que soaria óbvio a qualquer pesquisador com formação em psicologia e experiência clínica. Em outras palavras, para além do conhecimento teórico, da prática profissional, nunca saberemos *a priori* o que nos espera na interação que está prestes a acontecer. Dentro do possível e imaginável, estamos preparados do ponto de vista teórico, metodológico e prático.

Mas a grande preocupação do "bom entrevistador" é com a sua postura ética ao abordar na entrevista um assunto tão delicado que vai levar a pessoa a acontecimentos difíceis, nesse caso, as agressões brutais do ex-companheiro. Há expectativa em ser "forte", emocionalmente falando, de ter autocontrole, sem deixar de estar sensível à dor do outro. O desafio é, então, conciliar as questões que cumprem os objetivos da pesquisa (aquelas já estabelecidas e as que se mostrarão necessárias) ao tempo e ao respeito da pessoa entrevistada.

Como se vê, são muitas as expectativas do pesquisador-entrevistador, o que naturalmente pode despertar certa ansiedade e a emergência da ambivalência, entendida como a tensão constante entre o que é e o que poderia ser, isto é, entre o momento imediato e o futuro que é impossível de ser inteiramente determinado no presente (Abbey, 2006). Mas é justamente a impossibilidade de prever e controlar totalmente o que pode vir a acontecer na interação que nos faz inquietos e nos mantêm atentos a estar livres de pré-julgamentos e preconceitos, visando o acolhimento da pessoa em situação de sofrimento psicológico. É a existência de incerteza que nos deixa mais vulneráveis ao erro.

Sobre a experiência de entrevistar as participantes da pesquisa, quando cada uma das mulheres atravessou a porta da sala onde ocorreria a nossa interação, de certa maneira, me foi permitido atravessar a fronteira existente na interação eu-outro (ou eu-ela). Cada mulher abriu a porta de sua vida para que eu entrasse e pudesse conhecer alguns cômodos, ou talvez a casa inteira. Uma vez que atravessei a porta de entrada, a cautela estava presente em cada passo que eu dava, a cada movimento que eu fazia. Lá, no território do outro, caminhei de acordo com o ritmo que a dona da casa me conduzia. Ela era quem dizia se me era permitido ou não avançar, se era momento de esperar, parar, questionar ou calar. Nesse sentido, atravessar a fronteira na interação não se restringe apenas à disponibilidade da participante em deixar-se interpelar pelo pesquisador. As tensões intra e interpsicológicas não se esgotam ao transpor as fronteiras; elas indicam ao "estrangeiro" que ele é uma visita, que aquele território não é sua terra natal e, portanto, nunca lhe será conhecida por completo.

Nesse sentido, ocorre uma espécie de gerenciamento de todas as expectativas do pesquisador, da ansiedade inerente à situação e também de cautela. Não se trata de um *quiz* de perguntas e respostas. A ordem do que se pensava em perguntar é alterada de acordo com o ritmo e do material trazido pela participante. Algumas perguntas são respondidas, antes mesmo de serem questionadas. Outras questões são feitas improvisadamente.

No momento pós-entrevista, especialmente quando o pesquisador ouve o áudio, ele se dá conta de que poderia ter feito uma pergunta importante diante da narrativa da participante. É a sensação de que algo poderia ter sido feito de maneira diferente. Mas a entrevista com aquela participante acabou. Nesse sentido, cabe refletir acerca das limitações e também das possibilidades ocorridas no momento da intervenção, que fazem parte do conhecimento que vai sendo construído na medida em que as entrevistas vão acontecendo, sempre adaptando e modelando as futuras interações verbais entre pesquisador e participante.

Outro aspecto que se revelou importante ao longo das entrevistas está relacionado à minha pessoa enquanto pesquisadora: o fato de também ser mulher (e psicóloga) favoreceu o

estabelecimento de um vínculo empático com cada participante, possivelmente pela identificação quanto ao gênero e, naturalmente, pela ciência que tinham a respeito da minha formação (conforme detalhado nas entrevistas, adiante); contudo, por ser mulher (apesar de psicóloga), também fui afetada ao escutar histórias de agressões brutais envolvendo outra pessoa, mulher como eu. Se eu estivesse inserida em uma perspectiva teórico-metodológica que busca a neutralidade e a imparcialidade dos dados, o que senti e pensei a respeito de tudo que ouvi das participantes certamente teria me feito calar a esse respeito, visando negar a subjetividade do pesquisador.

Entretanto, orientada pela perspectiva do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e, dessa forma, pautada pelas questões propostas por Simão (2007b), descritas no início deste tópico, as tensões e inquietações vivenciadas pelo pesquisador não são encobertas: são reconhecidas e, portanto, consideradas parte do processo de fazer pesquisa. O que me coube como pesquisadora foi o desafio de buscar compreender o significado dessas tensões, como e por que me afetavam enquanto "outro" (e se me afetam, podem afetar demais "outros" também) e o que isso diz e como contribui para o conhecimento que estava sendo construído. Esse processo é único e singular, no sentido de que seremos sempre surpreendidos pelas novidades que emergirão naquele ou em outros campos tensionais simbólicos, apesar da experiência e aprendizado adquiridos em cada uma das investigações científicas que nos propusermos realizar.

Em suma, de posse do conceito de *experiência inquietante* (Simão, 2003, 2016), eu parto do pressuposto que tais inquietações, em diferentes momentos da pesquisa, podem balizar os passos do pesquisador ao transpor ou não as fronteiras (Boesch, 1991) da interação verbal entre eu e o outro, especialmente quando nos deparamos com os "temas-tabu".

4 RESULTADOS E ANÁLISES INTERPRETATIVAS

Quatro mulheres foram indicadas pela Casa Eliane, às quais compuseram o quadro de participantes do estudo, número que se mostrou suficiente frente aos objetivos da pesquisa e a qualidade dos dados. O Quadro 1 exibe a apresentação das participantes e o Quadro 2 a caracterização da história das cicatrizes:

Quadro 1 – Participantes e caracterização das cicatrizes

Nome ¹	Idade ²	Data da entrevista	Tempo decorrido desde	
Nome	luaue		o ataque	
Aurora	53 anos	1ª 29/07/2015	2 ou 3 anos	
Autora		2ª 14/09/2015	Z ou 3 anos	
Celeste	32 anos	12/08/2015	6 anos	
Rosa	34 anos	09/09/2015	2 anos	
Vitória	56 anos	28/09/2015	10 anos	

¹Nomes fictícios.²

Na ocasião da entrevista.

Quadro 2 – Caracterização da história das cicatrizes

Entucciate de a	Número de	Partes do corpo	Ferimentos
Entrevistadas	cicatrizes	afetadas	ocasionados por
Aurora	01	Mão direita	Canivete
Celeste	09	Tronco e braços	Faca
Rosa	± 20	Diversas	Faca
Vitória	Diversas	Diversas	Diversos

Conforme demonstrado no Quadro 1, Aurora foi a primeira das participantes a ser entrevistada e, também, a única a conceder duas entrevistas. Após analisar criticamente a primeira entrevista com Aurora, inicialmente foram realizadas modificações que se mostraram pertinentes à condução das entrevistas com as demais participantes. Em momento posterior, identificou-se a necessidade de realizar mais uma entrevista com Aurora para elucidar dúvidas a respeito do seu relato narrativo, bem como investigar informações que não haviam sido suficientemente exploradas na entrevista. A seguir, a apresentação e a análise individual dos casos.

4.1 ANÁLISE INDIVIDUAL DOS CASOS

aurora

Claridade que precede, no horizonte, o nascer do sol; alvorada.

Dicionário Michaelis

4.1.1 A história das cicatrizes de Aurora

Aurora tinha, na ocasião da entrevista, 53 anos. Natural de São Paulo, graduada em Odontologia. Não trabalha devido à lesão na mão direita por canivete, cometida pelo exmarido. Assim começa a história da sua cicatriz. Aurora era solteira; estava na sala de espera de um ambulatório de um hospital quando conheceu Paulo. Conheceram-se numa terça-feira, no sábado seguinte estava morando com ele. Diz que foi paixão à primeira vista. Devido à forma como se uniu a ele, refere que a relação desde o início ficou "mal vista" pelos familiares dela. Paulo era alcoolista e usuário de drogas.

Aurora foi levando aos poucos suas coisas para a casa de Paulo. Em uma dessas ocasiões, foi tentar abrir uma caixa de papelão com uma tesoura. Então Paulo lhe disse para abrir a caixa com um canivete. Ela se recusou a fazê-lo. Ele insistiu entregando-lhe o canivete aberto. Quando Aurora pegou o canivete, Paulo o puxou. O resultado foi um corte na mão direita, o qual atingiu o tendão e, consequentemente, Aurora perdeu o movimento de dois de seus dedos.

(...) Eu fui levando pra casa, aos poucos, as minhas coisas. Uma vez eu levei uns caixotes com cama, mesa e banho. E eu fui abrir a caixa com tesoura. Aí ele falou "não, abre com o canivete", eu falei "canivete não", aí o canivete fechou na minha mão e... estourou e me cortou a mão.

Na época, Aurora fez um boletim de ocorrência. Paulo diz-se arrependido. Aurora então volta à delegacia e retira o boletim de ocorrência. Com o passar do tempo, outras agressões ocorreram. Em uma noite de insônia, Paulo jogou um produto químico nos cabelos de Aurora e tentou incendiá-la. A agressão derradeira ocorreu cerca de três anos atrás, em um episódio no qual Paulo estava totalmente alcoolizado. Ele a agrediu com um cinzeiro de pedras, bateu muitas vezes no rosto de Aurora. Ela ainda conseguiu oferecer-lhe um copo de uísque, no qual ela colocou calmante. Com o rosto sangrando, toda machucada, pegou sua bolsa e fugiu. Foi para o hospital, em seguida encaminhada para a Delegacia de Mulheres e outros serviços do gênero. Desde então, estão separados. Aurora fugiu para a casa de familiares e não mais retornou à casa onde residia com Paulo. Eles ainda tiveram contato por telefone, ocasião em que ele pedia para que ela voltasse. Diz que ficou tentada com a proposta, mas não foi por conta das medidas protetivas.

Ele me bateu com um cinzeiro de pedras no rosto, o que me deu muitas marcas... (...) tentou com a boca arrancar os meus dedinhos... e pegou um fio de nylon e queria me enforcar. Eu fiquei muito deformada. Cheguei aqui, nossa! Toda machucada, sangrando. O meu rosto inteiro sangrava. Aí o pessoal da Delegacia de Mulheres me encaminhou pra cá...[Casa Eliane] pra fazer as medidas protetivas.

Paulo foi condenado a pagar uma pensão à Aurora, por determinação da Justiça. Devido ao fato de Aurora exercer o ofício de dentista e ser destra, a sequela da lesão a impossibilitou de desempenhar a profissão. Por ter de interromper as atividades laborais, menciona que sua autoestima foi afetada, pois não obterá retorno algum de todo o investimento feito na carreira. Se tivesse dinheiro e pudesse escolher um cirurgião "fera", faria uma cirurgia de reconstituição da mão. Como não tem condições financeiras para pagar uma cirurgia, prefere deixar como está, pois tem receio que o quadro possa vir a ficar pior do que já é (no caso de uma reconstituição cirúrgica realizada no âmbito da saúde pública):

(...) A não ser que eu tivesse dinheiro, eu faria uma bela cirurgia – que eu não vou me arriscar dando a minha mão pra qualquer um mexer, porque é uma região muito delicada. Então, só se eu tivesse dinheiro pra pegar um cara muito fera pra fazer a reconstituição da mão. Por isso que eu não vou ver.

Oficialmente ainda é casada com ele. O divórcio está em andamento. Apesar de todo o sofrimento que Paulo lhe causou, não consegue sentir raiva dele, pois o considera uma pessoa doente. Aurora diz que sente muita "dor psicológica", referindo-se ao fato de, por um lado, ainda amar Paulo e, por outro, envergonhar-se por ter esse sentimento. Atualmente continua vivendo com familiares, mas gostaria de encontrar um novo companheiro. "Eu quero ser feliz urgentemente", diz.

Eu sinto muita dor psicologicamente falando. Eu sinto vergonha de ter morado com uma pessoa que poderia ser uma pessoa criminosa e ainda gostar dessa pessoa. Eu sinto vergonha.

4.1.1.2 Análise interpretativa das narrativas de Aurora

A narrativa de Aurora é marcada, em ambas as entrevistas que concedeu, pelo sentido ambíguo que o passado tem para ela: por um lado, o passado é vivenciado de maneira nostálgica, ao lamentar-se de uma época de vida feliz que terminou, contrariando o seu desejo; por outro lado, ela se refere a um passado doloroso que parece insistir em permanecer nos dias atuais, também a seu contragosto. A percepção de que o tempo não passa, é narrada por Aurora quando relata um questionamento que fez a uma das profissionais que a atendeu na Casa:

"Marina, faz quanto tempo que eu vim parar aqui?", ela... "Uns três anos...". Incrível isso né? Não passar.

Aurora menciona a dificuldade de esquecer o passado; e não esquecer, provavelmente, tem relação com a percepção que ela tem acerca do tempo, um tempo que não passa. E se o

tempo parece não passar para Aurora, sugere-nos que o passado permanece no aqui-e-agora, na forma de cicatrizes e de dolorosas lembranças:

Olha Flávia... Não tem aquele ditado que só o tempo cura as coisas? (...) Eu sinto como se fosse ontem... que aconteceu. Difícil. Difícil esquecer.

Aurora estava dizendo, indiretamente, que no seu caso, o tempo, contrariamente ao que afirma a cultura coletiva por meio de ditos populares ou provérbios, não a tinha curado das recordações acerca das agressões. Nessa direção, o tempo (isto é, a sua passagem) funciona como um remédio para os diversos males que assombram a humanidade; logo, essa regra deveria servir para ela também.

Provérbios são exemplos de *mitemas* (Boesch, 1991): correspondem a temas específicos relacionados a um mito ou história mítica. De origem coletiva, um *mito* é um sistema de explicação e justificação para o qual não há prova racional ou dedução. O mito abarca ideias inquestionáveis acerca da realidade; tem por função regular a ação social.

Nesse sentido, Aurora assimilou o mito em torno do poder de cura atribuído ao tempo, expresso com base no mitema "o tempo cura tudo". Uma vez que mitos contêm regras e justificativas para comportamentos, eles ajudam a criar ordem também no mundo subjetivo-pessoal, facilitando a estruturação de ações (Boesch, 1991). Entretanto, Aurora percebe, de maneira inquietante (Simão, 2003, 2016) a divergência entre o esperado (o tempo passa) e o não-esperado (para ela, o tempo não passa). Desejosa de que aquela regra cultural se adéque a ela, confronta a pesquisadora, cobrando dela uma espécie de explicação para o que é, aparentemente, sem sentido. Mais que isso, ela parece buscar a confirmação que a regra ainda vai se aplicar a sua situação:

Um dia vai passar, não vai Flávia?(...) Eu quero que passe... Que o tempo voe... Pra eu esquecer.

Nesse sentido, a narrativa de Aurora parece corroborar o que Brockmeier (2015, p. 110) aponta a respeito da temporalidade em certas experiências traumáticas. Tais experiências podem alterar a forma como o tempo é percebido: são casos em que o passado é vivenciado no aqui-e-agora, como se fosse um passado que não passou. Ora, mas temporalidade é justamente isso: a experiência humana subjetiva do tempo, que não independe do sujeito que vive dentro do tempo objetivo (Simão, 2015b); a temporalidade abarca um relógio original, único a cada pessoa, no qual o sentido anti-horário pode existir; os movimentos dos ponteiros (ou mesmo a ausência de movimento) tem sentido e duração próprias.

Desse modo, não seria esperado esse tipo de movimento e direção acerca do fluxo do tempo por parte de Aurora? A questão é que temos expectativas pessoais e culturais sobre o

tempo, objetivo e subjetivo. E as expectativas de Aurora a respeito da própria temporalidade foram rompidas, porque a maneira como percebe a passagem do tempo é diferente do que ela gostaria de perceber; nos termos de Boesch, os valores visados não foram atingidos, indicando-nos que, para Aurora, o tempo (sua passagem), é sentido como uma barreira (Boesch, 1991), por tratar-se de um obstáculo ao seu desejo.

Possivelmente, o passado se faz tão presente na vida de Aurora por conta das repercussões de longo prazo que a violência trouxe para sua vida, a começar pelo impedimento de exercer o ofício de dentista. Esse fato, segundo ela, influenciou na sua autoestima:

...o fato de eu ter largado da profissão, me acho um lixo.

A cicatriz que Aurora tem na mão significa, entre outras coisas, o fim de uma carreira. Em termos de ruptura (Zittoun, 2007), a descontinuidade de um projeto de vida em que houve grande investimento financeiro, e, principalmente, afetivo, que repercute sobre o eu de forma depreciativa.

Significa o fim da minha carreira, significa que ele me amava, mas com a mesma intensidade que ele amava, ele me odiava. (...)

Com base na narrativa acima, Aurora percebe-se como alguém que sofreu uma perda dupla e simultânea – o término de relacionamento e o fim da carreira profissional ocorreram pelo mesmo motivo: as agressões. Ela demonstra dificuldade em compreender os sentimentos antagônicos que o ex-marido nutria por ela (amor e ódio) em sua alteridade, escapando-lhe a possibilidade de uma explicação plausível acerca das ações dele na relação (aspecto que se repetirá nas narrativas das demais participantes, a seguir).

Nesse sentido, o antagonismo parte da relação eu-outro entre Aurora e o ex-marido, de certa forma, dá origem às tensões e agressões que não se restringem à vida amorosa, mas extravasam para aspectos da vida pessoal de Aurora, que se traduz na interrupção de uma carreira, de um projeto de vida. Aurora, então, vivencia o fim de um período de sua vida, que se encerra em dois âmbitos, extremamente afetivos: vida amorosa e vida profissional.

Porque eu não vou mais poder trabalhar. Eu lutei muito pelos diplomas, especialização; investi em dinheiro e não vou mais poder usar nada disso.

Essa depreciação identitária vem acompanhada de um sentimento de culpa pela ruptura das próprias expectativas em relação a si mesma, isto é, ao posicionamento passivo adotado por ela no relacionamento íntimo, frente aos atos violentos praticados pelo exmarido.

Sinto culpa porque eu não soube me resguardar, não soube me defender, não soube agir neste episódio.

Aurora narra o arrependimento de ter esperado o auxílio do marido em busca de ajuda médica, de qualquer tentativa de reparação física e psicológica, o que não aconteceu. E ela, por sua vez, percebendo que a espera por socorro seria em vão, também não procurou ajuda imediata, o que repercutiu negativamente sobre a sequela física que se estabeleceu na mão direita, impossibilitando-a de trabalhar como dentista.

... um absurdo o que aconteceu, ele não ter me levado imediatamente para o hospital, a história teria sido diferente se tivesse atendida no mesmo dia e... eu sinto muito... e sinto culpa.

Acerca da sua identidade profissional, é possível observar o par dialógico de noções *ser dentista-não ser dentista*, conforme a narrativa abaixo (eu sou *x* eu era). Por um lado, ela tem a formação necessária, exerceu por anos a função, o ofício era o seu sustento; nesse sentido ela aprendeu a "ser" dentista. Mas desde a agressão, ela não pode mais "estar" dentista, devido às limitações físicas que a impedem de atuar profissionalmente como antes.

A primeira coisa que me vem à cabeça quando alguém pergunta [sobre a cicatriz] é que eu não posso trabalhar. É que eu sou dentista... Era dentista e não posso mais trabalhar. Até porque eu perco a minha pensão se eu trabalhar.

Diante da impossibilidade de retornar à sua atividade profissional – ser dentista – Aurora vive da pensão que o ex-marido lhe paga, direito que lhe foi assegurado por lei, diante do dano físico que lhe foi causado. Esta pensão, que por um lado é um benefício para ela, uma vez que é a fonte do seu sustento atualmente, por outro lado, lhe limita quanto à possibilidade de exercer outra função formalmente remunerada. Relata também não poder relacionar-se amorosamente com alguém, oficialmente falando, pois um relacionamento também a faria perder o benefício.

Parece que o "benefício" adquirido como forma de reparar o "malefício" que é a sequela da lesão, tem exercido a função de balizas, que conforme Valsiner (1998) são "aparatos temporários de organização, construídos na ação e ideação, no diálogo entre pessoas, entre pessoas e expectativas contextuais, ou entre sentidos pessoais e significados coletivo-culturais" (pp. 3-4). Isso quer dizer que a pensão paga a Aurora tem orientado, mas também restringido as ações simbólicas de Aurora, diante do impasse conflituoso que vivencia entre o que ela quer e o que ela entende que pode fazer.

Eu tinha que ter uma pensão, porque eu não podia trabalhar. Como eu iria trabalhar? Não tinha jeito. Aí o juiz determinou que ele desse uma pensão.

Nesse sentido, para além do significado factual de receber a pensão (pensão = direito adquirido, dinheiro, sustento), a pensão também representa um elo entre Aurora e o exmarido; talvez, uma espécie de compensação ou reparação pela violência que sofreu, que transcende o aspecto material, atingindo o âmbito afetivo. Parece que Aurora se vitimiza duplamente, por conta das duas perdas que sofreu: a amorosa e a profissional. E se ela perde a pensão por trabalhar, mesmo que informalmente, pode sugerir que o dano não foi tão grave assim, o que atenua a dupla culpa que ela atribui ao algoz. E isso, essa "atenuação de pena simbólica" ela não pode conceber.

(...) Eu acho que ele me odeia e acho que ele me ama. (...) Porque eu baguncei a vida dele. Baguncei, né? A gente tava junto, tava bem; de repente eu não sei o que aconteceu, ele voltou a beber, me atacou, ele é judeu... Judeu cê sabe, né? Adora dinheiro. E mesmo eu recebendo bem menos do que eu recebia, é... três salários... num montante que fica alto, né? Pra quem recebe é pouco, mas pra quem paga é muito. Ele não queria pagar nada... Aí me ajuda. Tomara que venham os cinco salários de novo.

A narrativa acima aponta novamente para o que escapa à compreensão de Aurora, dos motivos que levaram o ex-marido a agredi-la. A estranheza que ele enquanto outro lhe apresenta e que Aurora tenta superar coloca-a numa relação com a alteridade (Simão, 2007a). Essa alteridade se mostra também ao mencionar a origem judaica do ex-marido como justificativa pelo apreço que ele teria, segundo ela, por dinheiro; ela não (ao menos não se percebe assim, afinal, sua origem não é a mesma da do marido).

Aurora vivencia tensões relacionadas à diminuição do valor da pensão que recebe após o marido pleitear na justiça a quantidade de salários pagos a ela mensalmente. Ela supõe que, em termos de valor, o que é pouco para ela é muito para ele; dessa forma, de sua perspectiva, ter de pagar pensão é punição dupla para um judeu: primeiro, porque foi condenado pela lei a pagar pelos danos que causou a outrem. Segundo, porque um judeu não gosta de gastar dinheiro. Nesse sentido, apesar da insatisfação com o valor de pensão atual, Aurora percebe o seu direito assegurado por lei; e embora a pena paga pelo ex-marido esteja mais branda atualmente (no sentido de pagar menos pela pensão), Aurora continua punindo simbolicamente o ex-marido, que, aos seus olhos certamente é atingido, ao menos financeiramente falando.

Em nível pré-reflexivo, Aurora parece querer manter o elo com o passado através da pensão que o ex-marido lhe paga (implicado aí os significados que a pensão tem para ela). Apesar de narrar o desejo por novidade, parece não haver espaço de sua parte para novas possibilidades: aparentemente encontra-se presa ao passado, vivenciado no presente.

Eu quero encontrar uma companhia. Eu tô muito sozinha. Eu quero voltar a acreditar no ser humano. Eu quero ser feliz Flávia, urgentemente! Eu quero ser feliz. Não quero mais ter medo.

No que toca à futuridade, ser feliz implica em ter um companheiro amoroso e alguma ocupação:

Um companheiro. Uma coisa pra fazer que eu ainda não sei o quê. Não pode ser remuneradamente, porque eu não posso trabalhar, senão eu perco a pensão. E também não posso casar, **olha só o meu castigo!** (...)

Como exposto anteriormente, a pensão é um castigo, mas não para Aurora. É um castigo para o ex-marido, "o judeu"; para ela é um direito. Não relacionar-se novamente, não trabalhar informalmente é um castigo que ela mesma se impõe e que escolhe: ao vitimizar-se duplamente ela culpabiliza o ex-marido duplamente. Entretanto, permanecer em uma situação que não flui, que não anda, também é castigo, sendo ela então castigadora e, ao mesmo tempo, castigada.

Um aspecto que chama a atenção na narrativa de Aurora diz respeito à figura masculina. Aurora vê o outro, mais especificamente, o "outro-homem" como alguém que lhe causa reações e sentimentos diversos, entre eles medo, pena, amor. O desejo de Aurora em encontrar um novo companheiro pode ser compreendido pela forma como ela vê o seu agressor.

Vemos que, conforme aponta Boesch (1991), as antecipações referentes ao futuro estão relacionadas às experiências passadas e suas recordações. Apesar dos acontecimentos que permeiam a história da cicatriz, Aurora nutre amor pelo ex-marido e o vê como uma pessoa doente, uma posição bem diferente, do ponto de vista emocional, quando comparada às demais participantes deste estudo (a seguir). Nesse sentido, ao sentir pena dele, por suas condições de saúde mental, é como se isso tirasse um pouco do peso da responsabilidade do ex-marido sobre a cicatriz e os demais atos violentos que sofreu e, talvez, intensifique, como dito anteriormente, os sentimentos de culpa que ela sente. A visão ou expectativa que ela tem sobre o outro-homem não é pessimista, apesar do medo generalizado que passou a sentir de tudo e todos depois das agressões.

Medo de tudo... depois do que aconteceu comigo. Dele me espancar e tentar pegar um fio de nylon pra me enforcar...ehhhhh, eu fiquei com medo não só dele. Tô falando de tudo... de atravessar a rua, metrô, assim... eu fico bem longe da faixa amarela. Tenho medo de ser assaltada, tenho medo de esquecer coisas. Acho que tem sempre alguém me espiando. Fiquei com medo.

Nesse sentido, o medo não impede Aurora de ter expectativas em relação ao que deseja: ser feliz – incluídos aí um companheiro amoroso e uma atividade. Entretanto, ela não

age de forma prospectiva, por um lado sustentada e por outro aprisionada por um benefício – a pensão paga pelo ex-marido.

Em relação ao olhar do outro sobre a cicatriz, Aurora não relata grandes problemas, devido à localização ser de difícil acesso (parte interna da mão), além de se tratar de uma marca discreta. Declara permanecer com a mão fechada na maior parte do tempo. Poucas foram as pessoas que viram e a questionaram sobre a cicatriz. E, quando isso aconteceu, ela respondia que foi um acidente: "Ah eu falo assim 'foi um acidente'... Um acidente". Dessa forma, é o próprio olhar o seu maior desafiador, nem tanto da perspectiva estética, mas especialmente pelo que ela representa para a sua perspectiva de vida e futuro. Quando diz que a autoestima afetada está muito mais ligada ao fato da impossibilidade de retomar a carreira.

Incomoda. Incomoda em tudo, na mão direita tudo incomoda. Eu acho feio, tenho vergonha, não toco no assunto, tem que esconder...

Eu olho... e me dá um vazio. Eu sinto um vazio. Um vazio... (...)

Em suma, aspectos que se destacam no caso Aurora apontam para a forma como ela vivencia a temporalidade: a sensação de que o tempo (passado) não passa; logo, o porvir é algo distante de ser alcançado. O medo que sente do outro, semelhante ao tempo, também não passa. Aurora parece cristalizada na experiência que viveu e isso, certamente, interfere no que ela espera ou pensa acerca do seu futuro.

celeste

Relativo ao ou próprio do céu. Da divindade, ou a ela relativo.

Dicionário Michaelis

4.1.2 A história das cicatrizes de Celeste

Divorciada, tinha 32 anos na ocasião da entrevista. Natural de São Paulo, possui o ensino médio completo e curso de auxiliar em enfermagem. Atualmente trabalha como cuidadora de idosos. Tem quatro filhos, frutos do casamento com o ex-marido. Não sabe relatar ao certo a idade dos filhos. Depois do acontecimento, que por pouco não lhe custou a vida, diz que sua memória é falha. Segundo Celeste, as cicatrizes são consequência de um pedido de divórcio. Casada há oito anos, desde que pediu o divórcio pela primeira vez, dois anos antes do ocorrido, passou a sofrer com as atitudes do até então marido. Ele sempre foi muito ciumento e, depois que expressou seu descontentamento em relação à união, o marido passou a ter atitudes que indicavam a Celeste um alerta de que algo ruim estava prestes a acontecer. Ele passou a dormir com uma faca debaixo do travesseiro. Pouco tempo depois, um revólver. Justificava a conduta dizendo que estava sendo ameaçado. Desde então, ela não sabia mais o que era dormir sossegada.

Nos últimos dois anos, a coisa foi ficando chata, foi ficando pior ainda do que já estava (...). Acho que quando ele me ouviu falar a palavra "divórcio" (...) ele resolveu comprar uma arma. No meio tempo enquanto ele estava sem arma, ele dormia com uma faca embaixo do travesseiro e dava uma desculpa esfarrapada. Eu não entendia nada, minha filha também não. "Não, é que eu tava ali no bar e o cara me ameaçou", "O cara me ameaçou lá no bar, então eu tenho que dormir com essa faca debaixo". Quem não dormia era eu! Aí eu ficava pensando: "será que foi o cara que ameaçou mesmo ou será que a pessoa vai me matar no meio da noite?"

(...) me lembro num final de semana que eu cheguei da escola e a minha filha tava com a testa machucada e com roxo pelo corpo inteiro. Porque o cara disse que estava bravo comigo, aproveitou que eu não estava em casa e foi bater numa criança de 8 anos. Ou melhor, foi espancar uma criança de 8 anos. "Vou deixar marca na pessoa" tipo, na verdade, eu acho que a pessoa tava me alertando, né? Ela tava dizendo "Olha eu tô fazendo isso com uma criança que é minha, que eu tanto quis, mas eu posso fazer com você".

Ele nunca a havia agredido, nem a ameaçado diretamente. Quando passou a escrever declarações de amor no seu caderno, por todos os cantos da casa, Celeste pensou ser a hora certa de ir embora, fugir com as crianças durante a noite, enquanto ele trabalhava.

Vai ter que ser agora, porque senão ele vai matar as crianças e depois vai ser eu!

Entretanto, dois dias antes de Celeste concluir o seu plano, sofreu a tentativa de assassinato, situação que originou suas cicatrizes. Ela chegava em casa após o trabalho, já bem tarde, e de alguma maneira sentia-se protegida, porque neste horário o marido havia saído para trabalhar. Ao ultrapassar o portão de casa, assustou-se com seu barulho batendo, pois não estava ventando. Foi então que, apesar da escuridão, viu o marido com o uniforme do

trabalho e acompanhado de outro rapaz, conversando. Quando começou a ser golpeada, gritou por socorro e os vizinhos, assustados, acenderam as luzes. O comparsa do marido fugiu. Ela ainda conseguiu correr para a calçada. Antes de fugir, o marido a derrubou no asfalto. Lembra-se de que, no hospital, disse seu nome e disse ter sido o marido quem havia feito aquilo com ela. Foram nove facadas. Quando acordou, recorda-se que pensou estar tendo um pesadelo.

Acho que devo estar tendo um pesadelo, melhor voltar a dormir de novo e quando eu acordar, passou.

Seis anos após o ataque, na ocasião da entrevista, diz que todo dia esse acontecimento a perturba. Passou por algumas cirurgias reparadoras das cicatrizes, mas elas "continuam lá". Para Celeste, as piores cicatrizes são as "de dentro", referindo às sequelas emocionais da violência, pois estas não podem ser escondidas. Já as marcas físicas, sim, podem ser encobertas por roupas.

(...) todo dia isso me perturba. Todo dia eu choro pela mesma coisa... porque você passa por uma, duas, três, quatro, sabe Deus quantas cirurgias e assim... a cicatriz continua lá. Ela sempre tá lá. E o pior é que você, assim, você tenta lidar com a cicatriz, mas você não consegue lidar com a de dentro, porque a dor é horrível.

A vida de Celeste mudou totalmente após o ocorrido. Por quatro anos não pôde trabalhar, dedicada somente à recuperação e tratamento físico e psicológico, que permanecem até hoje. Há dois anos tenta retomar a vida, o trabalho. É ela quem se sustenta e sustenta os filhos financeiramente, que passam a maior parte do tempo com a avó materna. Ela não recebe pensão; inclusive, foi ameaçada pelo ex-marido, que hoje está preso, caso entrasse com um pedido.

Sobre as sequelas dos ferimentos, tem os movimentos do braço esquerdo limitados e isso faz com que ela não possa pegar peso. Outra sequela importante diz respeito a sua memória. Afirma não conseguir mais fazer determinadas atividades, como calcular medicamentos. Esse fato, somado aos problemas com os movimentos do braço são restrições a sua atividade de trabalho, na área de enfermagem. Também sente dores nas cicatrizes, especialmente na virada do tempo. Mas como Celeste relata, o pior é o que é sentido, o que não tem explicação – as "cicatrizes de dentro". Tudo o que lhe acontece na vida, está relacionado ao fato trágico. Diz que vive um terror diário, não dorme sem medicação, sofre com a instabilidade de humor, situação que influencia diretamente na relação com os filhos e no seu papel de mãe. Perdeu a confiança nas pessoas, especialmente na família.

Quando pensa na possibilidade de um novo relacionamento amoroso, é tomada pelo medo: medo de passar por algo semelhante novamente, medo de, ao contar sua história, ser vista como uma ameaça constante e, assim, rejeitada. Sua autoestima e autoimagem foram muito afetadas. Arruma-se, se maquia, tenta mostrar que por fora está bem – para disfarçar o que sente em seu interior. Apesar de seu esforço, sofre devido às restrições de roupas, principalmente no verão. Não deixa as cicatrizes à mostra, para evitar que perguntem a respeito.

Então você tem vergonha de colocar roupas, o sol que está e eu estou parecendo uma freira, eu diria. Porque eu tenho que cobrir as minhas cicatrizes.

4.1.2.1 Análise interpretativa das narrativas de Celeste

A gravidade das lesões de Celeste reflete, de certo modo, a gravidade que as cicatrizes representam para ela e para a sua perspectiva de vida. Nesse sentido, será útil para a análise partirmos do estudo de Romilly (2009) apresentado por Simão (2015c) acerca do tempo na tragédia grega.

Uma das formas com que a temporalidade emerge, na tragédia grega, diz respeito a eventos marcantes, de curta duração, que ocorrem subitamente, e que, entretanto, implantam repercussões de longo prazo na vida do protagonista. Esses eventos consistem em experiências perturbadoras, "sentidas pelo eu como abruptas" e, demandam do ator um senso de urgência para que suas ações sejam organizadas novamente (Simão, 2015c, p. 494).

Dessa forma, experiências que são sentidas pelos atores como inquietantes (Simão, 2004, 2016), especificamente aquelas que tiveram origem em eventos que ocorreram em curto espaço de tempo e de maneira inesperada, geram tensões que, provavelmente, acompanharão a trajetória de vida da pessoa por tempo indeterminado, exigindo dela contínuas ações simbólicas a fim de reorganizar as relações eu-outro (mundo) (Simão, 2015c).

Das quatro participantes do estudo, Celeste e Rosa (caso apresentado adiante) narraram que não haviam sofrido agressões dos companheiros previamente ao ataque quase fatal, o que não significa que signos relacionados à violência não foram emitidos, em forma de ameaças e ciúmes, por exemplo. Isso significa que para essas duas participantes, especificamente, o ataque quase fatal trata-se do primeiro e único ataque contra elas. Por isso, a reflexão acerca do tempo na tragédia grega nos auxilia na compreensão de tais casos, na medida em que o evento trágico, isto é, os ataques a facadas, ocorreram de forma súbita e tiveram curta duração (objetivamente falando), quando comparados ao tempo que as

consequências do ato ocuparão na vida de quem sofreu a violência. Naturalmente, se considerarmos a temporalidade, isto é, a forma como cada pessoa vivencia o tempo, o evento que estamos considerando de "curta" duração pode ter sido, para as participantes em questão, uma verdadeira eternidade.

A seguir, serão relatadas algumas das repercussões acerca de determinadas cicatrizes sobre a vida de Celeste. A seriedade das lesões e a localização trazem consequências específicas que merecem ser particularizadas. A começar pela grande cicatriz que carrega no braço esquerdo, fato de grande incômodo do ponto de vista estético. E, atinente a tal aspecto, há a questão do olhar do outro. Sua curiosidade (sentidos com enorme desconforto por Celeste) a faz pensar minuciosamente na roupa que vai vestir, de maneira que a cicatriz esteja inacessível ao olhar alheio, evitando assim a pergunta sobre o acontecimento que gerou a cicatriz, que naturalmente cobra de Celeste um posicionamento acerca do assunto.

Na impossibilidade de escondê-la, há uma resposta pronta e culturalmente aceita: a cicatriz (qualquer uma delas) é resultado de um acidente de carro, resposta elaborada previamente, na tentativa de evitar tensões intra e intersubjetivas desnecessárias, o que nem sempre é possível. "Aí você **tem que** inventar mentira...". "Ter que" agir de determinada maneira, indica que Celeste faz distinções entre o que ela pode/quer e o que ela não pode/quer falar a respeito da causa das cicatrizes; o fato de posicionar-se contando *o que poderia ser* e não *o que realmente* é (valor real e valor visado, Boesch, 1991) é percebido por Celeste como uma mentira.

Sentir-se mentirosa, aparentemente, parece ir contra aos próprios valores pessoais e culturais em torno do entrejogo dos pares dialógicos das noções "verdade-mentira"/"coberto-encoberto". Entretanto, o que Celeste chama de mentira, trata-se de uma forma que ela encontrou para proteger-se das sugestões socioculturais vindas das relações eu-outro (mundo), que ela antecipa, com base em experiências pessoais anteriores, entendendo serem geradoras de inquietações (Simão, 2003, 2016). Sobre a experiência de sentir-se mentirosa, ela narra:

...ela olha, ela disfarça... Mas aí ela torna a olhar de novo e a curiosidade, você percebe. A pessoa tem uma curiosidade pra saber. "Que tamanho tem essa cicatriz e por que?". E mesmo você contando uma mentira tão convicta, é como se a pessoa estivesse assim "Aí tem outra coisa", "Ela tá escondendo alguma coisa".

Se você tá num provador provando uma roupa, a pessoa fala "posso...?", "não, não, não, deixa que eu mesma pego", ou você se esconde e... sabe? Você vai provar um vestido e fica com vergonha. E você pensa... a pessoa vai falar "eu te ajudo a fechar o vestido", **aí você inventa aquela bela mentira de sempre**... da desculpa, né... das cicatrizes.

As narrativas abaixo indicam a experiência de Celeste ao contar "o que realmente aconteceu", ao invés de responder que foi um acidente. Celeste sente-se rejeitada pelos outros quando eles têm acesso à versão real dos fatos, uma vez que, em seu entendimento, estar perto dela significa correr perigo:

Eu me sinto uma grande mentirosa e penso comigo "Se você soubesse o que realmente aconteceu...". Só que assim... por que eu vou contar se a pessoa simplesmente... ela vai sentir dó e... ela vai fazer aquela pergunta que todo mundo faz: "Ele tá preso?". Aí depois que a pessoa te fizer essa pergunta, você já sabe qual vai ser o próximo passo. O próximo passo vai ser assim "Hoje não dá pra conversar com você; eu estou atrasada, eu tenho uma coisa pra fazer". Aí se você ligar para a pessoa, aí a pessoa... ou ela não atende ou atende e fala "Agora não dá pra falar com você; eu te ligo, eu te retorno". E ela nunca te retorna. Então como você já sabe toda... porque toda mulher que é agredida, por mais que ela tenha uma cara de pau sem tamanho, ela sabe que vai enfrentar muitas rejeições pela frente.

É, é isso. Então, você acaba se sentindo um aidético, você se sente uma bomba. É as duas coisas que eu consigo ligar. Então é uma coisa assim: "chegou, a qualquer momento pode explodir". "Mas a pessoa tá presa". "E os amigos dela, será que estão?"

Mas a cicatriz do braço não se resume a dificuldades no âmbito estético e nas relações eu-outro; essa mesma cicatriz revela desafios importantes que atingem o âmbito profissional e, consequentemente, financeiro. Sua existência se dá em decorrência de uma facada que atingiu determinados nervos. Num primeiro momento, Celeste perdeu os movimentos deste braço. Então, houve a necessidade de fazer uma nova cirurgia, incisão em cima de incisão, para tentar reverter o quadro. Celeste então readquiriu alguns movimentos, mas relata ser incapaz de carregar peso. Também perdeu a sensibilidade. Dessa forma, Celeste relata que não pode retornar ao seu ofício anterior à agressão: trabalhar como auxiliar de enfermagem. Com a perda da força e sensibilidade em um dos braços, ela não consegue segurar um paciente, trocá-lo de posição, por exemplo.

Para além dos problemas relacionados ao braço, há também a questão da memória, uma espécie de cicatriz não material. Isso faz com que Celeste também não seja capaz de fazer cálculos de medicação, atividade necessária à sua prática profissional. Refere que perdeu muitas informações devido a três paradas cardíacas que sofreu. Psiquiatras a quem consultou, dizem que se trata de um bloqueio. Tomou medicação, mas diz não ter sentido melhora alguma.

(...) Eu esqueci todas as fórmulas dos cálculos e tudo, eu tento, tento, tento aprender de novo, mas tá difícil. Então, eu trabalho na área, só que assim... a medicação que eu posso fazer é só via oral. Eu não posso fazer uma medicação que precise de gotas, quantas gotas de soro vão ter que cair. Isso eu já não posso fazer. Eu não posso pegar peso, porque eu corro o risco de deixar o paciente cair. Então eu fico agora como cuidadora. É o que eu tô

fazendo. Então você não pode pegar peso porque você pode deixar o paciente cair; você não pode mexer com a parte de medicação porque você não lembra fórmulas pra calcular o quanto aquilo tem que ir.

Eu passei já no psiquiatra, eu já fiz exame. Eles falam que é um bloqueio. Bloqueio esse que eu já tomei remédio, fiz um monte de coisa e assim... nada. Continua na mesma.

Outra maneira em que o âmbito profissional de Celeste foi atingido, desta vez de forma mais indireta, diz respeito à qualificação da sua mão de obra, possível através da continuidade aos estudos. Visando esta meta, Celeste relata que quer retomar de onde parou, referindo-se aos estudos. "Eu quero pegar do ponto que eu parei e ir pra frente", diz. Entretanto, dar continuidade a esta atividade não é tarefa simples. Mais uma vez, Celeste se depara com outra dificuldade que a impossibilita de exercer a profissão: a perda de informações, como ela se refere às alterações relacionadas à memória.

Então... eu parei os meus estudos por causa disso, porque eu tive três paradas [cardíacas], então... nesse meio tempo de vai e volta, vai e volta, perdi algumas informações sobre... tanto da vida familiar quanto... perdi tudo.

Eu esqueci pessoas, eu esqueci lugares e às vezes eu passo trinta vezes no mesmo lugar e sempre pra mim vai ser como se fosse a primeira vez que eu estou indo ali. Ou eu penso assim: "Ou eu me arrisco chegar num lugar" certo? Tentar pôr a cabeça pra funcionar ou eu sou obrigada a ficar perguntando, ou chamar alguém pra ir comigo. Ontem eu fui para a ...[Região de SP] com a minha filha, eu entrei num prédio, depois eu não sabia mais de que lado eu tinha vindo. E ela disse "Não mãe, é pra lá", sabe? Então, isso fica pra mim "Bela pessoa você é, né?" (...).

Apesar de Celeste se referir à perda de informações numa dimensão factual, isto é, como as alterações de memória repercutem negativamente sobre a possível volta aos estudos e sobre a perda de informações a respeito da sua vida pessoal, na dimensão metafórica da experiência, sua narrativa sugere uma perda muito maior, uma perda total, que não se limita aos estudos e à vida familiar. Se factualmente ela se percebe sem saber a direção de onde veio ou para onde vai, simbolicamente, ela também parece não saber qual rumo a sua trajetória deve tomar: o sentido (da sua casa, da sua vida) é uma busca incessante, para além de todas as adversidades com as quais se depara.

Celeste tem tentado superar as dificuldades com estudos, estudando por conta própria. Mas ao se dar conta que não consegue evoluir do ponto em que se encontra, ela experimenta inquietações (Simão, 2003, 2016) uma vez que os valores visados (Boesch, 1991) por Celeste (o desejo de voltar a ser/estar como ela era antes de ter sofrido a agressão, no que se refere ao desempenho nos estudos) não foram atingidos. Em sua narrativa, Celeste se refere a uma situação imaginada: o retorno aos estudos em um ambiente compartilhado. Nesta ocasião, compara a sua performance com a dos "outros", que evoluem, ao contrário dela, que se

estagna. Aqui é possível observar mais uma das antecipações que Celeste faz em relação ao futuro, geralmente de cunho pessimista, frequente em sua narrativa:

Se você falar pra mim: "Ah, quais são os seus projetos futuros?". Bom, é o que eu faço todo dia. Eu leio, releio, leio, releio... **Tô tentando trabalhar minha mente pra ver se eu desenvolvo pelo menos... pelo menos 50% do que eu sabia antes**, pra pensar daí o que é que eu faço. Sabe? Então você tenta estudar, você começa a estudar. Uma coisa você entende; dez não. **Aí todo mundo termina e você continua na mesma coisa. Todo mundo terminou e você continua na mesma coisa. Aí já é um motivo pra você desistir.**

É importante notar que, apesar de todas as dificuldades e limitações com as quais Celeste se defronta no percurso que a leva em direção a sua meta (retomar as atividades "de onde parou"), ela age no sentido de cruzar as fronteiras simbólicas (Boesch, 1991) que a desafiam a ir além: ela encontra soluções, mesmo que momentâneas, para os impasses de retornar aos estudos e ao ofício anterior; em relação aos estudos, os faz sozinha, em sua casa.

Quanto ao trabalho, tornou-se cuidadora de idosos e, desta forma, assegura o seu sustento e o dos filhos e, especialmente, torna possível dar continuidade aos seus planos. Dessa forma, vemos que os estados futuros desejados por Celeste guiam-na, pois, segundo Simão (2010, p. 60) "são motivos para ações simbólicas. Agindo, o sujeito é, então, afetado por sentimentos em relação ao seu sucesso ou não em atingir o desejado. Nesse sentido, estados futuros desejados significam transformações na relação eu-mundo, incluídas aqui as relações eu-outro".

Dando continuidade à proposta descrita no início deste tópico, em que relaciono determinadas cicatrizes às repercussões específicas de longo prazo, serão apresentadas a seguir outras tensões vivenciadas por Celeste, desta vez, referentes às demais cicatrizes que ela traz no corpo. Estão localizadas nas costas, barriga e abaixo dos seios. Comparadas à cicatriz do braço, são mais fáceis de esconder. Contudo, tais cicatrizes formaram queloide, o que fez com que Celeste procurasse por tratamentos que viabilizassem a melhora do aspecto estético. Para ela, o resultado foi satisfatório para a cicatriz da barriga, mas não para as cicatrizes dos seios. Essas cicatrizes são geradoras de tensão, especialmente quando Celeste pensa na possibilidade de um novo relacionamento íntimo, apesar de negar esse desejo.

Mas em relação à cicatriz mesmo, você tem que ficar escolhendo modelos de roupas pra vestir, isso é muito chato. Você se sente mal quando vai à praia. Você fica pensando... o homem me vê nua ou de calcinha e sutiã, o que ele vai dizer? (...)

(...) se um cara chegar perto dela e ver aquela cicatriz e saber por que foi, ele pode querer fazer a mesma coisa. A minha impressão é essa. O meu medo é esse. "Por que foi isso?", "Ah, por causa disso". Então ele vai falar assim... "Essa pessoa não é tão inteligente, então a gente pode montar em cima".

As cicatrizes que carrega no corpo são para Celeste uma espécie de "atestado de falta de inteligência" que, de certa maneira, concede ao outro (nesse caso, um homem) o direito de agredi-la, uma vez que "merece" ser punida (novamente). Essa relação aparentemente condicional que é concebida por Celeste parece ser fruto do temor que sente caso venha a se relacionar amorosamente com alguém. É como se, o fato de ter sido agredida, justificasse a repetição da mesma experiência, o que na verdade é impossível, uma vez que, de uma perspectiva bergsoniana, a irreversibilidade do tempo garante a singularidade das experiências humanas (Mello, 2009). Entretanto, para Celeste, a sensação é que sim, pode ocorrer novamente e de maneira muito semelhante à sua experiência anterior, sugerindo que, subjetivamente falando, a repetição da experiência é possível, daí o receio de investir novamente em um relacionamento íntimo.

Nesse sentido, a possibilidade de relacionar-se amorosamente com alguém implica em deparar-se com o medo, a falta de confiança nas pessoas, conflitos, raiva e revolta; todos esses aspectos que se encontram na esfera do sentir são parte das marcas psicológicas que Celeste traz consigo, as quais ela nomeia "cicatrizes de dentro" e que marcam fortemente a sua narrativa, pois essas cicatrizes, segundo ela, não são possíveis de esconder ou disfarçar.

Então é isso que eu falo pra você, a cicatriz de fora você tenta dar um jeito; você pode tatuar uma coisa em cima, você pode pôr uma roupa, você tem como esconder isso. Mas agora, a cicatriz de dentro, não tem.

(...) mas a cicatriz de dentro, não tem como você esconder. E quando você vê uma pessoa bem vestida, ela tá bem vestida o corpo, porque provavelmente a alma daquela pessoa é um fracasso só. Então, a cicatriz de dentro é pior porque você não consegue explicar, você não tem explicação. Pelo sentimento que você sente e você não consegue uma explicação. Por que é que uma pessoa faz isso com você?

Então, as "cicatrizes de dentro" parecem se referir a um turbilhão de sentimentos que conflitam entre si, que se apresentam sem sentido para Celeste e afetam seus pensamentos, crenças, emoções, perspectivas e planos. Indica também, no âmbito da alteridade, a lacuna existente pela falta de resposta acerca de motivos que legitimassem a violência brutal por ela sofrida. Celeste parece sentir-se impotente frente à impossibilidade de compreensão do outro e de suas ações sobre ela. O que a sua experiência lhe diz sobre o outro, especialmente o "outro-homem" é que se trata de alguém em quem não se pode confiar. Logo, relacionar-se amorosamente com um homem é algo difícil de conceber:

Eu não acredito em ninguém. Eu não confio em ninguém.

(...) Mas aí eu penso: e se um dia eu arrumar um namorado e o cara souber disso, ele vai falar assim "E o cara tá onde?", "Tá em tal...", "Tchau!". Então, eu já preparo o meu psicológico; já tô me preparando pra tudo. Já me preparo se um dia eu quiser alguém, à rejeição, porque a pessoa pode me rejeitar ou eu penso... "E se a pessoa quiser fazer a

mesma coisa?". A cicatriz fica muito, muito, muito grande...e se você é uma pessoa que acaba pensando um pouco, que é o meu caso, então você pensa no que ainda nem te aconteceu.

As "cicatrizes de dentro" fazem Celeste evocar o evento que quer esquecer. É como se tudo o que acontecesse ou o que pudesse vir a acontecer estivesse relacionado àquela experiência dolorosa, que parece transformar-se em uma espécie de referência que irá balizar os seus próximos passos. Segundo Brockmeier (2015) experiências traumáticas, catastróficas, podem ser temporalmente estendidas condizentemente com a posição de Romilly, citada anteriormente, acerca da temporalidade na tragédia grega: a repercussões de longo prazo permanecem na vida da pessoa, como a própria cicatriz, e essa permanência parece ressoar, de forma existencialmente negativa, sobre o presente e sobre as perspectivas de futuro, incluído aí o desejo velado de um novo relacionamento íntimo.

Do dia que aconteceu isso na minha vida, tudo de errado que vem me acontecendo. É tudo pela mesma situação. Por causa de uma pessoa, eu tô pagando uma infinidade de coisas que eu não deveria estar passando (...). Você fica triste por um monte de coisa que você vê... se você vê um casal se dando bem, você se pergunta: "até quando isso vai... estar bem?" entendeu? Até onde essa pessoa vai com esse amor dela? Então, tudo o que acontece daí pra frente, você liga a mesma situação. E isso assim... não tem exatamente o que, como você explicar. Então você fica com vergonha e depois você pensa "e se eu arrumar um namorado? ele vai ser de novo bonzinho, fofinho... e se ele faz a mesma coisa?". Então você passa a julgar todos por causa de um. E todo mundo fala: "o tempo supera". Não! Parece que supera tudo, parece que você esquece, mas no fim das contas você não esquece, porque dentro de você tem um terror.

De repente, você olha e fala: "Bonito aquele casal", "Vou tentar fazer... vou tentar refazer tudo...". Quando tá tudo na sua frente, você fala "Tô fora. Até onde esse amor vai durar?"

É por meio da ação, segundo William James (1897), que é possível reduzir a desconfortável incerteza decorrente da ambiguidade frente ao futuro. Para o autor, as múltiplas possibilidades do futuro são vivenciadas pelo sujeito como "zonas de insegurança" que geram a necessidade de agir em determinada direção. Ao agirmos, de alguma maneira estamos manejando a incerteza a respeito do futuro. Isto é, temos a sensação de não estarmos à mercê do destino, pois quando agimos, fazemos algo que de alguma forma nos propicia a sensação de estarmos no controle de uma situação que poderá ou não vir a tornar-se realidade. Nós vivenciamos a "presença permanente do sentido de futuridade" (James, 1897, p. 13). O futuro implica inúmeras possibilidades que estão por vir, enquanto que o presente é uma realidade experimentada, desejada ou não. Então, o aqui e agora "é o que é"; é certeza, restrição. Já o futuro é um campo do "tornar-se possível" (Boesch, 1991, p. 166).

Podemos considerar então que, a "zona de insegurança" vivenciada por Celeste, a respeito do seu futuro, é acrescida de tensões que dizem respeito a uma situação de desproteção e insegurança por ela já vivida. Não se trata de um medo ou incerteza qualquer a respeito do amanhã. Nesse momento, as recordações fatídicas do ataque — ou o que ficou delas, influencia as perspectivas de Celeste a respeito do futuro. A esse respeito, como afirma Boesch (1991), as recordações das experiências exercem uma função importante para a ação: elas têm o papel de sustentar ou auxiliar as preocupações que ocorrem no presente. Para o autor, então, as recordações:

(...) parecem preencher uma dupla função: por um lado, conduzir, regular ou fortalecer – ou, pelo contrário, inibir – a ação em uma dada situação; e, por outro lado, aumentar ou reforçar a continuidade e consistência do *self* da pessoa – e sua visão de mundo (Boesch,1991, p. 166).

Nesse sentido, o que tenho considerado como uma perspectiva pessimista frequentemente expressa por Celeste, acerca do que ela espera do futuro, parece na verdade exercer a função de proteção e preservação do eu — nas dimensões física e psicológica, balizando (Valsiner, 1998) as suas ações. Voltemos ao exemplo do desejado retorno aos estudos em ambiente compartilhado. Celeste, ciente das suas limitações, antecipa uma desvantagem de desempenho quando se compara aos outros colegas. Como essa antecipação influencia a sua ação no presente? Ela continua a estudar, porém, sozinha. Outro exemplo: a possibilidade (e desejo) de se relacionar amorosamente com um homem. Celeste imagina que o homem, ao ver sua cicatriz, pode querer fazer a mesma coisa que o ex-marido lhe fez: novamente agredi-la. Mas, mesmo que isso não aconteça, que as suas cicatrizes não sejam empecilhos para a nova relação, contrariando as suas expectativas... E quando esse homem souber que, o ex-marido de Celeste, atualmente preso, estiver solto? Em sua perspectiva, ele a deixará e ela mais uma vez sentirá o peso de uma rejeição (porque ela narra um histórico pessoal de rejeições nas relações eu-mundo, especialmente com a figura materna).

Quando Celeste vê um casal namorando, se pergunta: "até onde esse amor vai durar?". Ela generaliza aquele relacionamento que vê como se fosse o seu, o que teve com o exmarido; logo, para Celeste, o desfecho será o mesmo. Parece que esperar pelo pior, de certa maneira, a inibe de agir conforme o que deseja (e que significa arriscar-se a confiar nas relações eu-outro, estando suscetível a vivenciar o rompimento de expectativas pessoais e culturais). Então, para não ter de enfrentar as possíveis decepções das relações eu-mundo, Celeste tem se mantido sozinha, ou acompanhada de si mesma e mais ninguém, pois assim se sente segura, uma vez que o outro é ameaçador. Permanecer sozinha pode ser visto, então, como uma maneira de propiciar consistência ao self.

Vejamos a seguir outras narrativas de Celeste que também dizem respeito ao futuro como zona de insegurança, às quais refletem sua preocupação com a própria integridade e preservação. A meta de Celeste visa evitar que algo ocorrido no passado venha a acontecer novamente, da mesma forma, pela mesma pessoa, indicando que a repetição da experiência de violência, para ela, é totalmente plausível:

O que eu tenho escutado muito é: "Quando ele vai sair?", né? "E a partir do momento que ele tiver aquelas saidinhas? O que vai ser de você?" (...).

Eu pretendo fazer nos dois próximos anos é tentar mudar de bairro. Porque eu sei que ele vai sair e ele já sabe onde eu estou.

(...) Então, minha querida, agora é como macaco, sabe? Você não pode se estabilizar num lugar e quando a pessoa descobrir, você tem que correr pra outro.

Nesse sentido, os planos mais urgentes de Celeste têm como foco garantir a sua segurança. E isto implica em mudar de residência e bairro. Porque, como apontam as narrativas acima, o ex-marido já sabe onde ela mora atualmente. Apesar de ele estar preso, sente-se totalmente desprotegida. Teme que alguém (a mando dele) possa tentar algo contra ela, outra vez; ou mesmo o ex-marido, assim que o regime permitir as saídas temporárias. Voltamos, então, às ações simbólicas que Celeste já vem empreendendo, já descritas no início dessa análise, com vistas a retomar os estudos, trabalhar, melhorar as condições financeiras. Garantindo o mínimo de segurança própria, o essencial é que ela poderá dar continuidade a outros planos, referentes a outros âmbitos de sua vida que foram interrompidos e que poderão ser retomados.

rosa

Flor da roseira. Mulher formosa.

Dicionário Michaelis

4.1.3 A história das cicatrizes de Rosa

Rosa tinha 34 anos ao conceder-me a entrevista. Natural de Pernambuco, ensino fundamental incompleto. Trabalhava como auxiliar de limpeza; no momento está desempregada. Tem quatro filhos, dois da primeira união (15 e 14 anos) e dois da segunda (8 e 7 anos). A história de suas cicatrizes tem origem após a separação do ex-companheiro (da segunda união). Segundo Rosa, o ex-companheiro sempre foi muito ciumento, mas, da sua perspectiva, nunca ocorreu nenhum tipo de agressão durante os oito anos em que viveram juntos. Relata que jamais imaginou que o pai de dois de seus filhos seria capaz de planejar e atentar contra sua vida.

Assim... ele era ciumento. Quando nós brigávamos, já chegou dia de ele vir pra cima de mim, eu ir pra cima dele... mas nada de ele vir me bater. Não... era tipo, eu ir pra cima dele, ele segurava os meus braços, me dava empurrão. Mas de bater mesmo, nunca tinha acontecido isso. A gente discutia bastante, mas esse negócio dele vir me agredir, não. Às vezes, era mais eu que provocava ele pra ele vir pra cima de mim, né? Então, foi uma coisa assim que eu nunca esperei.

Dois meses após a separação, que teve como motivação o ciúme por parte do excompanheiro, ele a atacou na casa em que ela morava com os filhos. Foram diversas facadas, cerca de vinte, por todo o corpo, inclusive a cabeça. A filha mais velha ouviu o choro da mãe e pediu ajuda aos vizinhos. Ele foi preso em flagrante. Ela, socorrida e levada ao hospital. Dois anos após o ataque, na ocasião da entrevista, Rosa fala acerca das repercussões que o acontecimento trouxe para sua vida.

Em relação ao aspecto financeiro, passa por dificuldades, uma vez que ela não pode mais contar com a renda do ex-companheiro no sustento dos filhos. Ela é a pessoa responsável pelo sustento da casa no momento, fazendo "bicos" de limpeza. Sua saúde também não é a mesma. Devido aos golpes, a visão do olho esquerdo foi danificada e hoje faz tratamento para glaucoma, uma das sequelas das lesões. Também teve paralisia facial e ainda sente muitas dores, especialmente no olho que foi atingido.

Sobre as cicatrizes que marcam seu rosto e corpo, refere que de um ano pra cá já está aprendendo a lidar com elas, inclusive já se olha no espelho, coisa que não fazia no início. Rosa narra a reação que teve ao ver a sua imagem refletida, pela primeira vez, após as agressões e as intervenções cirúrgicas às quais teve que se submeter:

Quando eu vi assim, parecia que não era eu. (...) Aí eu olhei assim e ela [a psicóloga do hospital] falou: "O que você acha?". Daí eu fiquei sem reação. Aí eu comecei a chorar. (...) "Será que eu sonhei ou eu me vi mesmo daquele jeito?". O meu rosto tava bem torto, deformado e eu tava com curativo. Esse lado todo tava de curativo, minha cabeça... aí eu peguei e falei pra mim: se eu não morrer, eu não quero nunca mais ficar na frente de um

espelho. Aí com o tempo, eu evitava passar em lugar que tinha espelho, eu não queria me ver não.

Por conta das cicatrizes, Rosa deixou de usar as roupas que tanto gostava, especialmente no calor, no intuito de escondê-las, especialmente as que estão nas costas e nas pernas.

Porque o pessoal olha muito, sabe?

Segundo Rosa, as pessoas ficam "curiando", isto é, ao verem as cicatrizes questionam o motivo de existirem. Ela responde que foi um acidente, de modo a encurtar e encerrar o assunto. Para evitar as perguntas, a solução, por ora, é cobrir o corpo.

No entanto, as marcas deixadas em sua cabeça e rosto estão à vista, bem como a sequela de uma paralisia facial. O recurso que tem utilizado para tentar encobri-las tem sido jogar o cabelo por cima das marcas. Mas sempre que alguém olha pra ela, tem a sensação de que na verdade a pessoa está olhando para as marcas do rosto, o que a deixa muito desanimada.

... quando eu vejo que alguém olha, aí já me dá aquele desânimo, sabe?

Com a autoestima afetada e impossibilitada de realizar coisas simples, mas prazerosas, como usar roupas curtas e mostrar o corpo, Rosa tem a intenção de cobrir as cicatrizes com tatuagens e, dessa forma, tentar fazer as mesmas coisas que fazia antes de ser agredida, numa tentativa de diminuir um pouco o enorme prejuízo que a violência lhe deixou.

4.1.3.1 Análise interpretativa das narrativas de Rosa

A futuridade para Rosa consiste em resolver uma questão com ela mesma, de seu eu com seu corpo. Sua meta mais imediata é cobrir as cicatrizes com tatuagens. Segundo Boesch (1991, p. 322) tatuagens ou cicatrizes decorativas são marcas corporais às quais o indivíduo normalmente exibe com orgulho; ambas são signos que denotam força e resistência à dor, afinal, consistem em procedimentos invasivos à pele. Tais marcas variam de cultura para cultura e podem indicar a adesão de um indivíduo a um determinado grupo social.

Entretanto, para as participantes deste estudo, as cicatrizes que marcam seus corpos não são decorativas como aquelas mencionadas por Boesch, mas provenientes de outro contexto: o da violência doméstica. Desse modo, tais cicatrizes não adquirem valoração

positiva; não foram escolhidas, tampouco são vistas pelas mulheres com orgulho. As mulheres não desejam exibi-las, pelo contrário, quando possível, ocultam-nas.

No caso de Rosa, o desejo por tatuar as cicatrizes não se restringe a esconder marcas de um acontecimento doloroso, através de desenhos. A possibilidade de ter o corpo tatuado implica em liberdade de escolha: ela poderá decidir o que será gravado permanentemente em sua pele, no intuito de tentar vivenciar de forma harmoniosa a relação eu-corpo (Boesch, 1991), diferentemente das cicatrizes que residem em seu corpo sem terem sido convidadas, marcas que revelam os desejos e ações de outrem, gravadas sobre sua pele, sem sua permissão.

Segundo Berger (2009, p. 80), "tatuar-se é submeter-se a uma dor positiva, que traz em si um sentido, pois proclama sentimentos e adesões". Nesse sentido, Rosa não tatuará a pele ilesa; o procedimento estético e doloroso será realizado sobre um local que já foi lesionado e também gerador de dor. Mas, nesse caso, dor sobre dor, pode nos sugerir, simbolicamente, que a "dor de sentido positiva" triunfará sobre a "dor de sentido negativo".

Rosa vê nas tatuagens uma forma de despistar a curiosidade das pessoas: ao invés do outro ser instigado pelas cicatrizes e suas causas, poderá sê-lo pelas tatuagens e seus significados. Dessa forma, diante da nova conotação pessoal e cultural que a marca corporal adquire, valorada positivamente por Rosa, ela poderá sentir-se incluída, simbolicamente, nas relações eu-outro (mundo). Além disso, Rosa poderá ressignificar positivamente a relação eu-corpo e, consequentemente, a relação que estabeleceu com o espelho desde que foi agredida.

Cobrir as cicatrizes com tatuagens, então, trata-se de uma tentativa de aproximar a nova imagem corporal por ela idealizada – um corpo que "pode" estar à mostra –, à imagem do seu corpo atual, normalmente encoberto por roupas para ocultar as marcas da agressão, que vai na contramão do esteticamente belo, culturalmente falando. Nesse sentido, Rosa almeja diminuir a divergência entre os valores reais e visados (Boesch, 1991) a respeito da autoimagem.

Mostrar as costas eu não mostro, eu não uso roupa que mostra as costas, os braços. Parece que o pessoal olha muito, sabe? Chama mais a atenção e a tatuagem vai cobrir um pouco. Aí eu acho... que nem... voltar a usar minhas roupas de antigamente, de mostrar as costas... Eu gostava de usar roupa curta... Agora eu não uso mais nada disso. Aí eu acho que vai cobrir, eu vou me sentir melhor assim. Eu tenho vontade de ir para a praia, às vezes tá calor, pôr uma blusa diferente, como eu gostava de usar, com as costas... Agora todo mundo fica "curiando", olhando...

O ato aparentemente simples de vestir-se como lhe agrada, muitas vezes automático por aqueles que têm um corpo considerado "normal", deixa de sê-lo quando este mesmo corpo foge à regra do que é pessoal e culturalmente estabelecido como corpo ideal ou

desejado. Nesse sentido, o corpo, ou melhor, a pessoa que está fora da "curva" passa a refletir, minuciosamente, a respeito do que ela pode ou não vestir, o que vem a tornar este ato totalmente calculado e, logo, vivenciado por ela como barreira (Boesch, 1991). A esse respeito, Le Breton (2006), aponta que a apresentação física de uma pessoa (incluídas aí as vestimentas, atributos físicos como altura, peso, qualidades estéticas etc.) parece valer socialmente pela sua apresentação moral, no qual há um sistema implícito de classificação que se baseia em uma espécie de código moral que exclui (ou não) o sujeito.

Eu sempre andei de salto, de blusa; eu vim engordar um pouco agora, né? Porque eu sempre tive o corpo magrinho, gostava de andar arrumada. Roupa, não tinha escolha, o que viesse pra mim...eu mostrava as costas, bermudinha curta, essas coisas eu sempre usei, nunca liguei não. Agora não. Agora assim... de rendinha assim eu uso... Ás vezes, as meninas falam assim "Não tá mostrando", mas pra mim o pessoal já tá olhando. Se perguntam o que é que foi aquilo... aí eu prefiro não usar.

Dessa forma, diferente de antes, não é qualquer roupa que Rosa se dispõe a usar. Não é mais qualquer peça ela julga lhe cair bem. Ela precisa pensar se aquela roupa vai cobrir as cicatrizes e, assim, preservá-la do questionamento alheio. Ela também precisa levar em consideração se esta mesma roupa, que a protege do outro, pode deixá-la minimamente confortável em um dia quente, quando grande parte das pessoas se veste de maneira descontraída, com partes do corpo à mostra - aliás, mostrar o corpo é algo que lhe é muito agradável.

No grupo sociocultural em que Rosa está inserida, deixar o corpo à mostra é algo aparentemente valorizado; uma vez que ela passa a vestir-se de forma mais comedida, gera estranheza aos olhos do outro, como aos seus. Provavelmente, Rosa, ao comparar-se com outras pessoas do seu grupo de pertença, sente-se dele apartada quando o quesito é o vestuário. Segundo Boesch (1991), o tipo de roupa que a pessoa costuma vestir adquire tanto um simbolismo individual quanto social; roupas parecem indicar a integração de um indivíduo dentro de um determinado grupo. Além disso, roupas apresentam funções diferentes de acordo com a cultura; demonstram e comunicam algo a respeito daqueles que a vestem; mas também adquirem a função de esconder o corpo e protegê-lo do frio, bem como dos olhos alheios.

Apesar das dificuldades implicadas na ação de vestir-se, as roupas consistem em uma espécie de solução que Rosa dá, momentaneamente, às cicatrizes. É possível escondê-las, apesar do ônus que isso lhe custa.

Entretanto, o mesmo não acontece com as marcas deixadas na cabeça e no rosto de Rosa. Devido à localização, são mais difíceis de disfarçar, o que afeta ainda mais a sua

autoestima. Para essas marcas, não há tatuagem que solucione o problema. Apenas a torcida para que seu cabelo, outrora grande, cresça novamente e, assim, possa ser posicionado sobre o lado da face que foi afetado. Dessa maneira, Rosa terá de esperar o tempo passar.

Sobre a passagem do tempo, as ações de "esperar" e "esforçar-se" compõem o que Boesch chama de duração. "Esperar aponta para uma das qualidades do tempo: aquela que é uma barreira, um obstáculo aos nossos desejos; por outro lado, também pode ser uma proteção temporária, como quando um estudante diz: 'Ainda falta um mês para os exames'" (Boesch, 1991, p. 160). No caso de Rosa, em relação ao crescimento do cabelo, o tempo tende a tornar-se uma limitação ao seu potencial de ação. As narrativas abaixo indicam um diálogo ocorrido entre Rosa e "outro"; nessa ocasião, as marcas estavam descobertas, acessíveis ao olhar alheio. Diante do questionamento, Rosa, igualmente a Aurora e Celeste, encontra no "acidente" uma forma de se preservar, emocionalmente, do julgamento dos outros:

Essa semana mesmo, uma menina... eu tava com o cabelo que não tava aqui... porque eu puxo muito pra cá assim, né?(...) Aí a moça falou assim "Nossa, o que foi isso na sua cabeça?". Aí eu falei "Foi um acidente". Aí ela falou "Nossa, que estranho...". E eu "Por que?!". Aí ela falou "Então foi feio o acidente de carro, né?". Eu disse "Foi". Aí eu corto o assunto. Eu nem dou explicação, não deixo eles ficarem perguntando muito.

Daqui a pouco já tá grande de novo [o cabelo].

Em relação às tatuagens, Rosa não pode contar com o passar do tempo. Ela precisa agir na direção de alcançar a sua meta. Por não dispor de condições financeiras para pagar o procedimento, tem se esforçado na busca de informações acerca de um projeto que custeia as tatuagens para mulheres que passaram por situação de violência e que não têm condições financeiras para realizá-las. Essa alternativa traduz-se em possibilidade para realizar o seu desejo:

- (...) eu até tava procurando um site (...) um lugar que faz tatuagens para mulher que é vítima (...). Que eles dão tatuagem pra pôr em cima. Eu falo pra minha filha que se eu tivesse dinheiro, eu faria nas costas e no braço, que vem até aqui (aponta para o braço).
- (...) Aí falaram desse site (...) Aí eu até entrei, consegui pegar algumas imagens, mas não abria pra ir para o endereço, nem telefone, né? Pra eu ver como é que é. Eu vou fazer.

Segundo Boesch (1991), esforçar-se, ao contrário de esperar, é ativo e implica na intenção de atingir um objetivo; a experiência de buscar a concretização da meta também propicia ao sujeito lidar com a impaciência que pode surgir por conta da distância existente entre o presente e a ocasião em que o objetivo for alcançado. Rosa, inclusive, já planeja os desenhos que quer gravar em sua pele: flores ou fada. A esse respeito, Boesch aponta que as

imagens que a pessoa visualiza acerca da sua meta, consistem na própria qualidade simbólica da meta, que motiva a ação almejada.

Dá pra pegar mais ou menos de onde eu tenho as cicatrizes, você sobe e puxa para os braços, um ramalhete assim. E na perna também. A da perna eu pensei ou numa flor ou numa fada...

Sobre o desenho de flores, Rosa justifica: trabalhou muito tempo em floricultura; gosta de flores e da sua beleza. Isso nos toca a refletir que, para além de encobrir as cicatrizes, Rosa preza pelo belo. De certa maneira, é uma forma de deixar extravasar a vaidade que sempre teve, mas que após as cicatrizes, passou a ser mais contida.

Nesse sentido, a perspectiva que Rosa tem do futuro consiste em novamente criar uma relação de harmonia eu-corpo, a partir do momento em que tiver as tatuagens cobrindo as cicatrizes. Mesmo antes de realizar sua meta, Rosa se antecipa à sua concretização, criando novos planos e expectativas, possíveis de serem atingidos apenas após as tatuagens. O plano principal é deixar o corpo à mostra. A narrativa de Rosa é guiada pelo desejo de, ao menos em parte, retornar ao que ela era antes das cicatrizes. Na verdade, nunca será um retorno, mas um esforço para isso, devido à irreversibilidade do tempo.

Como dito anteriormente, as tatuagens consistem, para Rosa, na viabilização de ter novamente o poder nas mãos, mais especificamente, o poder da escolha. Ela poderá usar a roupa que quiser, tendo como guia, unicamente, a sua vontade. Hoje, essa mesma escolha é orientada muito mais pelo olhar do outro e pelo que ela imagina que o outro vá julgar e dizer a respeito das suas cicatrizes. Isto é, vestir-se segundo o seu desejo é uma meta de ordem subjetivo-afetiva, investida de "valor de adequação para a coerência da relação eu-mundo", a qual motiva a agir na direção desejada (Boesch, 1991, p. 55).

Não vejo a hora de colocar minhas bermudas! Eu tenho um vestido lá (...) frente única, longo. Eu nunca tinha usado ele. Aí minha irmã disse "Dá pra mim". Eu disse "Não, um dia eu ainda faço minha tatuagem nas costas e uso ele". Eu usei ele uma vez, mas com um casaquinho por cima. Eu ainda vou desfilar meu vestido com as costas livres de tudo. Aí eu penso de fazer e poder usar de novo as minhas coisas, mostrar as costas, mostrar as pernas.

Deixar o corpo à mostra prevê uma expectativa pessoal relacionada a tal ação: despreocupar-se com o questionamento alheio sobre a causa das cicatrizes. Preocupar-se se aquele traje é adequado para uma ocasião especial; se aquela roupa irá protegê-la do frio, caso haja uma mudança brusca de tempo; se aquela peça que está na vitrine lhe cairá bem; se as cores do seu vestido combinarão com os acessórios.

Embora nessas ocasiões também esteja implicado o olhar do outro, trata-se de uma preocupação de outra ordem, possivelmente até desejada por Rosa. Porque a atual preocupação de Rosa no que se refere à escolha de uma roupa é esconder a cicatrizes. E para quê? Para que outras pessoas não perguntem a ela a origem das mesmas. É possível inferir que aqui reside o cerne da tensão que inquieta Rosa. Ao ser questionada sobre o acontecimento que originou as cicatrizes, ela remonta ao fato de que, foi o pai de seus filhos quem lhe fez isso. Isto é, para além do aspecto estético, há uma questão afetiva importante ao encobrir as cicatrizes.

Porque um ano atrás eu não conseguia conversar com ninguém, eu tinha vergonha dos outros olharem... assim... não é vergonha... por ele [o marido] ter feito assim, sabe... porque... o porquê que ele fez... Ele [outro] nem sabe o que foi e já critica.

Na passagem acima, Rosa narra um diálogo imaginado por ela nas relações eu-outro (mundo) no qual o conteúdo é de julgamento e crítica. E o sentimento consequente, vergonha. Ao escutar sua narrativa, não pareceu muito claro, naquele momento, do que exatamente Rosa sentia vergonha; se era do acontecimento ou das cicatrizes propriamente ditas. O mais óbvio, talvez, seria pensar no aspecto estético da cicatriz e que toca diretamente à autoimagem. No intuito de clarificar esta dúvida, perguntou-se se a vergonha relatada por ela se devia à história, isto é, à história da cicatriz, que acaba sendo a sua história de vida. Rosa responde:

Eu não sei te explicar... de você pensar assim... você morava com ele e ele acabar fazendo isso? Então, é que eu não sei explicar esse ponto assim, como é que eu falo? Mas é uma vergonha de saber que foi ele que fez, porque se fosse um acidente, não, porque é uma coisa que acontece, né? Mas não, ele planejou, ele que fez isso, então... é um pouco vergonha.

A narrativa de Rosa, ao tocar neste ponto específico, é marcada pela dificuldade de usar a linguagem verbal para explicar os seus sentimentos e emoções, dificuldade essa própria à natureza complexa dos fenômenos afetivos (Valsiner, 2012). Rosa não compreende os motivos que a levaram a passar por esse evento doloroso. Em termos de alteridade, aquilo que lhe escapa, que foge ao seu entendimento é sentido por Rosa como inquietante (Simão, 2003, 2016) a ponto de desejar encontrar-se com o ex-companheiro para ouvir dele uma explicação que pudesse fazer algum sentido para ela, fato visto com estranheza e certo espanto por alguns dos profissionais com quem interagiu:

E eu no começo, eu tava com uns pensamentos meio confusos. Uma hora eu queria ir ver ele; visitar ele. Eu queria porque queria. Enquanto eu não visse ele, eu não sossegava.

(...) era mais conversar o porquê que ele fez isso. Eu sempre ficava me perguntando o porquê. Eu queria ouvir uma explicação dele, por que ele planejou isso, por que ele teve coragem de fazer. Aí quando foi uma vez, eu falei com a irmã dele e a irmã dele arrumou o telefone do advogado dele. O advogado falou "Você pode ver ele!". Aí eu fui lá. Aí o rapaz

falou: "Imagina, você é a vítima, como eu vou por você frente a frente com ele, se foi ele quem fez isso?" Aí eu fui relaxando um pouco, aí quando foi na audiência agora eu perguntei pra ele.

Na ocasião da audiência:

(...) a moça veio perguntar pra mim se eu queria [falar com o ex-companheiro]. Eu disse "Quero". "Você tem certeza?", Eu falei "Tenho!". (...) Aí o promotor falou assim: "Você tá frente a frente com ele, você quer conversar com ele?". Aí eu olhei pra cara dele e perguntei... Não, ele já chegou assim "Fia, me desculpa" e veio me abraçar. Aí o policial fez ele sentar. Aí eu perguntei pra ele. "Eu só queria te perguntar, André, se eu fui uma mulher tão ruim pra você. Se eu merecia essas facadas que você me deu?". Aí ele começou a chorar e não respondeu não.

Rosa foi questionada sobre como se sentiu após ter finalmente feito a pergunta que tanto a afligia, uma vez que aquela questão se mostrava demasiadamente importante para ela. Ela respondeu:

Não tive a resposta, né? Mas assim... Acho que agora deu... Não fico me perguntando tanto, com tanta frequência. No julgamento ele falou umas coisas; (...) Inventou um monte de coisa. Aí sabe quando aquilo vai dando uma raiva? Ele nem pra assumir o que aconteceu mesmo.

A narrativa acima sugere o quão era importante para Rosa confrontar e indagar o excompanheiro, independentemente de qual fosse a resposta dele obtida. Até porque dificilmente haveria uma resposta aceitável que justificasse a barbárie que cometeu contra ela. A ausência de resposta do marido acerca dos motivos que o levaram a cometer o crime foi uma resposta significativa para Rosa. Aparentemente ela buscava romper com expectativas pessoais que foram construídas ao longo do relacionamento, uma vez que, pelo caráter repentino com que o ataque ocorreu (e pela gravidade), ela não podia reconhecer no excompanheiro (idealizado) o criminoso que tentou exterminá-la.

A interação comunicativa ocorrida entre ambos na ocasião da audiência oportunizou que Rosa tivesse acesso a uma parte desconhecida de um homem que ela pensava conhecer muito bem, e isso parece ter exercido um grande efeito sobre as tensões que ela vivenciava acerca da alteridade do ex-companheiro.

As tatuagens não poderão encobrir a violência pela qual passou, contudo, cobrirão as marcas físicas que restaram de um relacionamento amoroso, de uma fase de sua vida que na maior parte do tempo foi vivenciada com alegria e que, por pouco, não teve um desfecho trágico. Não é possível voltar no tempo e mudar o rumo da sua história. As tatuagens, então, abrem possibilidades para escrever, digo, desenhar uma nova história por cima do que restou da história anterior, fisicamente e emocionalmente falando.

Uma vez tatuada, usando roupas curtas que lhe permitam exibir o corpo, e já não mais preocupada com o questionamento acerca das cicatrizes, abrem-se oportunidades para a reconstrução da autoimagem e autoestima, às quais foram feridas assim como o seu corpo. Se antes o espelho lhe propiciava orgulho do que via, agora ele passou a ser evitado da mesma forma que a sua imagem atual, especialmente logo após o ataque.

Com o passar do tempo, cerca de dois anos, essas sequelas foram perdendo força. Os ferimentos cicatrizaram, o cabelo está crescendo e a possibilidade de encobrir as marcas do rosto crescem também. Aumenta a segurança de Rosa de conversar novamente com as pessoas, traço marcante em seu modo de ser antes do ataque. Com a sociabilidade melhorada, mostrar-se ao mundo não será mais um problema. Fazer passeios, ir à praia. O que hoje ainda é sentido como uma barreira (Boesch, 1991) passa a ser vislumbrado como possível no futuro, pela ressignificação que a experiência de tatuar-se pode lhe propiciar.

vitória

Ação ou efeito de vencer um inimigo ou um opositor (...). Sucesso em qualquer área de atuação. Triunfo moral ou espiritual de qualquer natureza.

Dicionário Michaelis

4.1.4 A história das cicatrizes de Vitória

Vitória, 56 anos na ocasião da entrevista, nordestina¹¹. Possui ensino médio completo. Atualmente trabalha como atendente de telemarketing. Tem um casal de filhos com o exmarido, de 27 e 19 anos, respectivamente. A história das cicatrizes de Vitória teve início em 1994, quando completava 10 anos de convivência com o marido. Durante este período (1984-1994) relata que ela levava uma vida normal, muito boa. Era muito querida pela família dele.

Era o melhor marido do mundo, entendeu? Eu era a princesa dele. Eu era uma mulher muito admirada, por ele mesmo.

Era uma vida normal, muito boa, sabe? Uma família normal. A família dele era a minha família. Parecia que gostavam mais de mim do que dele. Normal! Normal! Começou em 94. De 94 pra 2002, eu não podia conversar nem com o pai dele, ele tinha ciúme até do pai.

Em 1994 o marido começou a mudar. Passou a sentir muito ciúme de Vitória. Ela não consegue, até hoje, compreender o motivo de tamanha mudança. Ela relaciona tal modificação de comportamento após o marido passar a levar uma vizinha, senhora já idosa, numa igreja evangélica. Ele, então, passou a frequentar tal igreja e convidava Vitória para ir com eles. Vitória não aceitava o convite por ser católica, inclusive, o marido era católico também. Porém, nunca se opôs às idas do marido à igreja evangélica, até porque entendia que ele estava fazendo uma boa ação para aquela senhora.

Em determinada ocasião, sua concunhada pediu a Vitória que fizesse um bolo de aniversário para o filho, o qual era afilhado de Vitória e do marido. Vitória assim o fez. Estava na casa da concunhada, na cozinha, fazendo o glacê do bolo. O cunhado de Vitória, irmão do marido, entrou na cozinha e ficaram conversando. Vitória se recorda que, durante a conversa, falou algo que terminava com "bem", não se recorda ao certo: "também", "tão bem" ou coisa semelhante. Fica assustada só de lembrar a cena. O marido pulou em cima do irmão aos socos. Dizia que Vitória chamava o cunhado de "bem" (referindo-se ao tratamento carinhoso existente entre alguns casais) e que o irmão estava "dando em cima dela". Pegou o bolo e o jogou no chão. Saiu arrastando Vitória e o filho para casa. Ao chegar em casa, Vitória apanhou pela primeira vez. Muito. Daquele momento em diante, perdeu o sentimento que tinha pelo marido. Não o queria mais como homem. Então, apanhava novamente. Passou a ser violentada por ele; ele a amarrava para ter relações sexuais com Vitória.

_

¹¹Por solicitação da participante, não será informada a sua naturalidade.

Porque eu perdi o amor, eu não achava que era obrigada a ter relação com ele sem ter amor, já que ele me batia. Daí não parou mais.

Os oito anos que se seguiram foram repletos das mais brutais agressões, as quais deixaram muitas cicatrizes no corpo de Vitória. Inúmeras.

As cicatrizes que traz nas mãos são marcas da tentativa de defender-se do marido, que tentava furar seus olhos com tesoura ou chave de fenda. Também sofreu diversas perfurações na barriga com faca e chave de fenda; entretanto, esses ferimentos, segundo Vitória, foram mais fáceis de cicatrizar.

Vitória precisou fazer um enxerto em uma das pálpebras, por conta das agressões. Um dos seus dentes é torto por conta de um murro que o marido lhe deferiu na boca. Tem uma cicatriz na orelha, causada pela tentativa de o marido atingir o seu pescoço com uma foice. Tem marcas de queimadura de cigarro no rosto e por todo o corpo.

Devido aos inúmeros chutes que tomava, ao lado de sua vagina, formou-se uma espécie de caroço, que de tempos em tempos incha e fica muito dolorido. Além disso, teve costelas fraturadas e um impacto na cabeça muito grande. A sequela disso: problema gravíssimo na coluna vertebral. Segundo Vitória, não pode realizar uma cirurgia, pois corre o risco de ficar paraplégica. Tem limitações em alguns movimentos simples. Precisa da ajuda da filha para fechar o sutiã e para colocar um calçado.

Vitória teve câncer na tireoide e necessitou realizar uma cirurgia no pescoço. Ao chegar em casa, o marido arrancou o dreno e queria "arrancar" a cirurgia (sic). Voltou para o hospital e teve de operar novamente. Ainda assim, ficou com um problema de deglutição, consequência que o médico, naquela ocasião, queria corrigir.

Mas para Vitória, as piores cicatrizes são as que ela carrega nas pernas. Elas foram perfuradas diversas vezes, por faca e chave de fenda. As lesões ficavam expostas e como não ia ao médico (ficava trancada em um quarto), muitas delas apodreciam. Ela sofre imensamente com dores nas pernas, especialmente com a mudança de tempo, porque os ferimentos atingiram as veias. Por isso, não consegue ficar muito tempo de pé e fazer muitas das atividades rotineiras de uma dona de casa.

A tortura pela qual Vitória passou teve seu fim no início do ano de 2002, quando conseguiu fugir de casa com os filhos, com a ajuda de uma amiga e assistente social da prefeitura de São Paulo, na época. A viatura da polícia chegou; ela entrou com os dois filhos e desapareceram, não voltaram mais. Alguns políticos influentes da cidade de São Paulo souberam de sua história e arranjaram-lhe um apartamento para viver com os filhos, onde reside até hoje. Mas, antes disso, teve de viver com os filhos em um abrigo para mulheres,

onde presenciaram coisas terríveis, histórias de muito sofrimento de outras famílias também vítimas da violência.

Vitória relata que o fato de ser sozinha no mundo, isto é, não poder contar com a ajuda de familiares, foi um dos fatores que a fez suportar as agressões por tanto tempo. Quando chegou a São Paulo, ainda menina, dormiu por vários dias na Praça da Sé. Viu todo tipo de coisa acontecer ali. Não podia pensar na possibilidade de os filhos passarem por situação semelhante. Suportou o quanto pode. Além disso, durante os anos em que foi espancada, Vitória contabilizou o total de 18 boletins de ocorrência. Ela os fazia e escondia as cópias. O motivo era que, de acordo com Vitória, boa parte da família do marido pertencia a Polícia Federal. Os boletins que fazia, todos desapareciam. Por isso, guardava as cópias consigo. Muitas vezes, só de citar o sobrenome do marido, se recusavam a fazê-lo. Então ela suplicava:

Eu falava "Me ajuda, pelo amor de Deus, um boletim de ocorrência para eu guardar".

Após a fuga, Vitória trabalhou de tudo para sustentar a si mesma e a família. Fez muita faxina pesada; diversas vezes levou o filho consigo e trabalhavam juntos. Esse tipo de serviço contribuiu, de maneira bastante negativa, para a piora do quadro da sua coluna. Apesar de tanta luta, chegaram a passar fome.

Sobre as marcas da violência, essas não atingiram apenas Vitória. Os filhos também. Até hoje vivem com medo de reencontrar o pai ou algum de seus familiares. Apesar de adultos, os dois filhos dormem no mesmo quarto com a mãe, não abrem a porta quando tocam a campainha. Vitória se sente culpada por tudo o que aconteceu com os filhos; o filho mais velho foi o que mais presenciou as agressões. A filha caçula sofreu de diversos distúrbios psicológicos durante infância e adolescência.

Embora tenha passado por muitas dificuldades, Vitória encontrou muitas pessoas boas em seu caminho, que a ajudaram. Os dois filhos conseguiram bolsa de estudos. O mais velho já é graduado e tem um bom emprego. A filha mais nova faz faculdade. Sabe que os filhos não vão mais precisar dela. E aí entra o grande conflito pelo qual vem passando e sofrendo: sente falta de alguém. "Meu corpo está vivo!", diz. De um lado, desejo, vontade de ser amada; por outro lado, medo. Medo de despir-se diante de um homem e ele lhe perguntar o porquê das cicatrizes. Não quer que sintam pena dela ou que a questionem a respeito do evento. Por esse motivo, afasta qualquer pessoa que demonstre interesse amoroso por ela, especialmente quando se lembra das cicatrizes.

Sobre a possibilidade de fazer uma reparação cirúrgica das cicatrizes, diz ter se enchido de esperança quando soube do programa que realizava cirurgias plásticas gratuitas para mulheres que foram vítimas de violência doméstica. Na ocasião passou a fazer planos. Poderia ir à praia novamente, pensou. Entretanto, ao ser avaliada pelo médico, o mesmo lhe disse que seu caso não havia mais solução. Porque as cicatrizes maiores eram muito profundas e o aspecto estético poderia ficar ainda pior com as cicatrizes da cirurgia. Saber que não há o que fazer a respeito da reparação das cicatrizes é algo que lhe causa muito sofrimento porque esse fato interfere de modo importante nos seus planos para o futuro.

4.1.4.1 Análise interpretativa das narrativas de Vitória

Em sua narrativa, Vitória não apresenta queixa acerca do olhar do outro sobre suas cicatrizes. Por um simples motivo: grande parte delas está localizada nas pernas; assim, no intuito de escondê-las, só veste calças compridas. São poucas as pessoas que tiveram acesso às cicatrizes de Vitória: os filhos, a perícia, uma jornalista e eu, enquanto pesquisadora. Nesse sentido, a ação de Vitória tem a meta de evitar qualquer desconforto que possa vir a sentir diante do olhar do outro. Sobre as cicatrizes ela diz:

Escondo. Escondo. Escondo, não me troco perto de ninguém, entendeu? Escondo sim. Escondo porque eu tenho vergonha.

No entanto, há um desconforto peculiar sentido por Vitória quando ela imagina alguém olhando para as suas cicatrizes; esse alguém não se trata de um "outro" qualquer, mas sim do "outro-homem". Para ela, é inevitável o questionamento alheio no momento em que suas cicatrizes, porventura, viessem a ser exibidas, bem como as frequentes dores que sente, ambas em decorrência das agressões e que não passariam despercebidas por alguém que tivesse com ela um contato mais íntimo:

(...) Ninguém vai ver umas cicatrizes dessas e ficar sem perguntar (...).

Aí eu vou arrumar uma pessoa, aí vira e mexe eu tô desse jeito [se referindo às dores]. Não. "Por que você tá assim?". **E eu ter que contar minha vida, a minha história?** "Por que essa cicatriz?" Cê entendeu?

No trecho acima, Vitória narra as dores que sente; apesar de se referir à dor física, está implícita nesta fala a dor psicológica, ao imaginar ter de relatar a sua história, dar explicações a outrem acerca do seu passado. No trecho a seguir, ela passa a mencionar também a "cicatriz

de dentro", que está inerentemente ligada às "cicatrizes de fora". Ambas as cicatrizes estão produzindo dor; a cicatriz de dentro é algo difícil de explicar, "é a pior coisa" – fala indicativa do quão complexo são os fenômenos afetivos que permeiam a "cicatriz de dentro" e que, por esta razão, muitas vezes, não são possíveis de serem descritos, nem por quem os sente (Valsiner, 2012).

Segundo Valsiner, tanto a linguagem comum quanto às linguagens mais elaboradas, falham na tentativa de explicar algo que é do campo do sentir, o que tem sido um problema para a psicologia. A complexidade própria aos processos afetivos humanos ultrapassa os esforços de descrição e explanação que sejam lineares. Nesse sentido, a "inacessibilidade verbal aos fenômenos afetivos é parte da centralidade psicológica do afeto no funcionamento humano" (p.255). Já as cicatrizes das pernas e as dores consequentes das agressões têm uma explicação plausível, sob a perspectiva de Vitória, que não pretende compartilhar com ninguém, especialmente com um homem. Olhar a cicatriz no aqui e agora a remete à figura do homem, que, por sua vez, a remete a um agressor:

O que é aquilo e o que vai acontecer? Eu vou contar? Eu não vou... Porque naquele momento... Porque quando eu olho a minha cicatriz eu lembro de homem... foi um homem que fez isso, cê tá me entendendo? Eu não sei se eu tô sabendo te explicar. Mas é muito ruim, é a pior coisa. Aqui dentro, aqui dentro tem uma cicatriz horrível, que não vai curar. Mas essas aqui... Acabaram com a minha saúde também [voz embargada], influencia na minha saúde! Como eu vou dizer? Eu tô com tanta dor nas pernas! Olha como tá o meu joelho hoje! É da velhice? Não, não é! Cê tá me entendendo?

Nessa direção, compreende-se que, para as "cicatrizes de fora", Vitória tem uma explicação, apesar de não querer compartilhá-la em suas relações eu-mundo; já as "cicatrizes de dentro" não podem ser compartilhadas, nem que desejasse, porque ela mesma não tem essa explicação para fornecer, inclusive para ela mesma. Ela relata que vem passando por constantes tensões que vem ganhado força há cerca de dois anos, quando os filhos passaram a alertá-la quanto à necessidade de ela ter alguém para se relacionar afetivamente.

Mas agora... já tem uns dois anos que os meus filhos 'tão' falando pra mim: "Mãe, olha, a gente vai ter a vida da gente, você tem que ter alguém, mãe! Pra você ser feliz! Você é nova, você é bonita!". "Vocês estão querendo se ver livre de mim", eu pensei. "Não mãe, é porque você tem o direito de ser feliz". Mas, de verdade? Eu não tô preparada. E eu... Me dá assim... Não quero me iludir, porque eu vou ter uma decepção maior. Entendeu?

Nesse sentido, Vitória tem pensado e sentido a futuridade de forma angustiante. Para Vitória há duas perspectivas conflitantes: uma delas eu chamei de *futuro do pretérito* – para fazer alusão a uma perspectiva idealizada, da ordem do fantástico, em que tudo pode acontecer; isto é, imaginariamente há a possibilidade, aos olhos de Vitória, do seu desejo ser realizado: a reparação ou "cura" das cicatrizes. É, inclusive, uma forma de vivenciar a

realidade, de maneira inquietante (Simão, 2003, 2016), mas de forma positiva, no sentido de excitante. A outra perspectiva, *futuro do presente*, diz respeito ao âmbito do factível, ainda que imaginário. Diz respeito à solução encontrada por Vitória para viver o futuro de uma forma que ela considera possível diante da realidade em que se encontra, uma estratégia de circundamento¹², nos termos de Josephs e Valsiner (1998).

Pensando nos termos de Janet, esse conflito de perspectivas traduz-se na ideia que o autor tem de tensão, que indica, por um lado, a dificuldade da pessoa em integrar o desejável – que é a meta afetivamente eleita – com a razão. Apesar do termo "tensão" não nos remeter a algo positivo, em Janet, ela é essencial para a ação do sujeito, visto que a ação resulta na solução para a divergência afetividade x racionalidade. Isto é, uma vez que o sujeito elege a ação, ele já está integrando ambas as dimensões, diminuindo a tensão por ele experimentada e redirecionando-o a novas ações ou direções (cf. Simão, 2010, p. 57).

Apontarei então trechos das narrativas de Vitória que elucidam o que estou chamando de *futuro do pretérito* (Situação A) e, em seguida, o *futuro do presente* (Situação B). Vejamos:

Situação A:

Às vezes eu penso... Ah, se existisse milagre! Se Deus fizesse um milagre na minha vida... (...) Milagre... O milagre da minha vida se eu dormisse e acordasse e não tivesse mais essas cicatrizes no meu corpo, entendeu?

No trecho acima, Vitória imagina um desfecho milagroso para as cicatrizes e, consequentemente, para ela. "Se eu dormisse e acordasse e [então] não tivesse essas cicatrizes...". Se as cicatrizes desaparecessem do seu corpo, como que por intervenção divina, Vitória poderia dar outro rumo aos seus planos. Poderia.

As narrativas seguintes indicam o mesmo desejo de reparação das cicatrizes, mas não em forma de milagre, e sim de uma intervenção concreta e, ao mesmo tempo, o seu descontentamento diante do posicionamento médico frente ao seu problema:

(...) Eu fico imaginando se podia ter uma cirurgia, aí eu fico alimentando esperança e não tem!

Como eu te falei... Algum tempinho atrás, eu me animei, eu cheguei a me animar, mesmo, de arranjar alguém. Mas quando eu lembro das cicatrizes... Aí eu afasto qualquer pessoa que se interesse por mim. E aí, eu não quero mais.

¹²Do inglês "Circumvention Strategies". Regulam a relação entre significados complexos, constituindo o cerne dos processos de significação. As estratégias de circundamento não são elementos da mente ou modos de enfrentamento ativados em situações estressantes; são, acima de tudo, o que as pessoas fazem, constantemente, para obter êxito nas atividades cotidianas (cf. Josephs & Valsiner, 1998, p. 79).

Em forma de "Se... então", as narrativas acima sinalizam algo como: "Se houvesse uma cirurgia que reparasse as cicatrizes, então eu arranjaria alguém". Ela fala do ânimo de poder arrumar um companheiro, mas quando se lembra das cicatrizes, não quer mais. Na verdade, quer. Ela continua desejando. Mas é como se as cicatrizes ditassem o que ela pode ou não fazer; são balizadoras das suas ações. E no caso de arrumar um companheiro, ela não pode. O significado das cicatrizes de Vitória constitui-se em barreiras (Boesch, 1991) em relação às suas metas afetivas: ao mesmo tempo em que as cicatrizes a limitam, elas também a protegem do que ela espera das relações eu-outro (mundo).

A consulta médica com o cirurgião plástico foi para Vitória mais um evento decepcionante, dentre tantos. A meta de mudar o rumo da sua vida em determinada direção resultou no rompimento de expectativas pessoais em torno das possibilidades que ela viu ruir:

(...) ele [o médico] disse que não tinha mais jeito! Tô te falando, acabou comigo! (...) Porque ele disse que umas [lesões], as maiores, foram muito profundas. E pela minha idade, entendeu? Poderia ficar com cicatrizes piores da cirurgia.

(...)eu tinha esperança. Não vou mentir. Nossa! Foram duas semanas de espera, de muita felicidade. "Minha filha, mamãe rumo à praia!" E outra, como eu te falei: eu quero ter alguém! Mas eu não vou ter alguém (...).

A perspectiva de escrever um novo destino em sua vida, destino esse que incluiria a possibilidade de relacionar-se com um homem novamente, de ir à praia, de mostrar-se como mulher em toda sua vaidade, é substituída por outra perspectiva – não motivada pelo que Vitória quer, mas pelo que ela entende que pode ou o que lhe resta fazer. Essa realidade que Vitória passa a enfrentar é o que tenho tratado como futuro do presente, descrito na Situação B.

Situação B:

Com a possibilidade de relacionar-se com alguém totalmente fora de cogitação, uma vez que as cicatrizes permanecem no seu corpo, Vitória passa a planejar o seu futuro de outras formas. Ela sente que o seu dever de mãe foi cumprido; cuidou dos filhos, eles tornaram-se adultos. Estão encaminhados a serem independentes e seguirem cada um o seu rumo. E nesse rumo, Vitória não quer ser um peso, um empecilho. Em sua concepção, eles não precisarão mais dela. A sua perspectiva de futuro, então, encontra outro caminho, caminho esse que é um desvio do desejo que continua a sentir:

(...) Olha, eu tenho um plano assim, dos meus filhos... da minha filha se formar, os dois morarem juntos, que aí eles não vão mais precisar de mim mesmo. Trabalharem, entendeu? (...) eu tenho intenção de... ir para um canto, sozinha, me isolar. Sozinha. E se eu pudesse, conversando com eles, eu queria ir assim, pra um lugar, me dedicar à comunidade ou até mesmo trabalhar com mulheres que já passaram por isso. Porque eu queria me doar

pra isso, para eu não pensar como eu fico, em homem, em ter alguém. Porque eu sinto falta sim. Principalmente quando eu vejo um cara novo, bonito se interessar por mim, me admirar. Você tá me entendendo? Parece mentira! (...) Porque eu não tenho coragem, entendeu? **Pra que eu vou viver se eu não posso ser feliz?**

O futuro "real" para Vitória, então, consiste em doar-se ao outro:uma doação fraternal a um outro generalizado, já que ela se sente impossibilitada de doar-se ao "outro-homem". Dessa forma, o desejo permanece, mas a resolução que ela encontra para o seu problema é modificada; percebe-se então uma estratégia de circundamento (Josephs e Valsiner, 1998) em ação, uma vez que Vitória contorna o significado que "doar-se" exerce para ela, protegendo-a, simbolicamente, da incerteza própria do porvir.

Vitória percebe-se em um período de transição no qual ela antevê um futuro em que ela não será mais essencial e, dessa forma, prevê a necessidade de ser essencial novamente, ser importante para o outro (conforme indica a sua narrativa, adiante). Fazendo uma relação à teoria da ação social de James, o futuro causa desconforto justamente por conta do seu caráter ambíguo e imprevisível. Então, "...a decisão sobre metas faz com que a pessoa entre, antecipadamente, em relação com o futuro, diminuindo assim a ambiguidade e o desconforto trazidos pela incerteza do devir" (Simão, 2010, p. 58).

(...) Mas a única coisa mesmo que acaba comigo, não vou mentir para você. Eu acho que eu já cumpri a minha missão com os meus filhos, que eles já estão formados, já sabem se cuidar. É... eu falei pra eles esses dias... "Ai, a mamãe tá com vontade de sumir", sabe? Entendeu? Porque agora eu sinto falta de alguém. Agora eu tô sentido falta de alguém... pra conversar, sabe? Pra me fazer um carinho, você entendeu? Mas eu não posso![choro] Entende? (...)

4.2 SÍNTESE DA ANÁLISE INTERPRETATIVA SOBRE AS NARRATIVAS DAS PARTICIPANTES

No intuito de orientar apropriadamente a síntese das análises sobre as narrativas das participantes e a discussão (mais adiante), vale relembrar as proposições iniciais da pesquisa e os objetivos. A violência doméstica está sendo considerada um evento traumático que marca a vida da mulher; uma dessas marcas é a cicatriz, a qual não se restringe à marca física gravada na pele: abarca outros eventos a ela relacionados, indicados pelas entrevistadas. Nesse sentido, vamos aos objetivos da pesquisa: a) investigar como o passado, gravado na pele em forma de cicatrizes, afeta a perspectiva de vida de mulheres que passaram por situação de violência doméstica, especialmente, no que diz respeito à forma como a mulher passa a conceber a futuridade; b) compreender as repercussões físicas e psicológicas que um corpo marcado por cicatrizes traz à mulher, sobretudo, o papel das relações eu-outro (mundo) sobre o processo de significação que se dá em torno das cicatrizes.

4.2.1 Cicatrizes e temporalidade

A partir das narrativas das participantes foi possível constatar que a forma como essas mulheres vivenciam a temporalidade é totalmente afetada pela experiência da violência, que não se finda com o último golpe que lhes foi deferido, uma vez que passaram a conviver, diariamente, com as repercussões físicas e psicológicas deixadas pelas agressões – e a cicatriz, de especial interesse para o estudo, é uma delas.

O tempo não passa

Observou-se que as participantes que estavam mais voltadas à futuridade, não fizeram referências explícitas acerca do "peso" do passado sobre os dias atuais; apenas Aurora e Celeste relataram como percebem o tempo, desde a ocasião da agressão até o presente momento. Se, por um lado, a temporalidade envolve simultaneidade entre o tempo presente e a passagem do tempo – sentimos o aqui e agora e sentimos que o tempo passa (conforme Simão (2015c) aponta desde Merleau-Ponty), por outro lado, a questão da temporalidade que aqui se coloca é a de que "sentimos que o tempo *não* passa", fazendo alusão às narrativas das participantes, que indicam justamente essa impressão, a de um passado intensamente presente, que parece ofuscar a visão prospectiva das participantes.

Eventos de vida traumáticos, especialmente aqueles que foram causados intencionalmente por outra pessoa (a violência doméstica, por exemplo) instauram repercussões específicas de curto e longo prazo na vida do sobrevivente. As respostas que se seguem imediatamente ao trauma incluem terror, perda de controle e intenso medo de aniquilação. As repercussões de longo prazo incluem sequelas físicas variadas (de acordo com as peculiaridades da agressão) e que, frequentemente, tendem a ser permanentes; abarcam também respostas fisiológicas de hipervigilância, respostas de sobressalto exageradas e distúrbios do sono. Já as respostas mais voltadas ao âmbito psicológico, ainda que involuntárias, incluem incapacidade de concentração, falta de interesse em atividades antes significativas para a pessoa, senso de futuro encurtado e, naturalmente, o convívio indesejado com as memórias traumáticas (Brison, 1999).

Grande parte das repercussões de longo prazo citadas acima são vivenciadas pelas quatro entrevistadas. Especialmente as respostas de ordem fisiológica, foram narradas tanto por Aurora quanto por Celeste. Aurora relata sentir medo generalizado de tudo e todos: de atravessar a rua, de ser assaltada, de pegar o metrô – aparentemente, medos que não estão

relacionados com a experiência de violência. Entretanto, ela narra a sensação de estar sendo sempre espiada.

Celeste também acredita que pode estar sendo seguida, por isso, planeja diferentes rotas para o trabalho, no intuito de evitar sofrer um novo ataque (a mando do ex-marido que está preso). O que o medo de Aurora e Celeste nos aponta diz respeito ao medo do outro, que se origina da falta de confiança nas relações eu-mundo, evidentemente abalada após a violência. Com a preocupação extremamente voltada para o presente, agindo simbolicamente em prol de assegurar a própria integridade, não resta muito tempo e disponibilidade para se pensar o futuro.

Independentemente de quais sejam as repercussões de longo prazo vivenciadas por cada uma das entrevistadas em sua singularidade, seja de ordem física ou psicológica – ou ambas, o ponto que têm em comum é o fato de serem sentidas pelas mulheres como infortúnios com os quais passam a conviver no período pós-violência, causada pela ruptura do curso de vida normal que tinham até então.

Nesse sentido, vale retomar, mesmo que resumidamente, a análise acerca do tempo na tragédia grega (descrito no caso Celeste) pela semelhança que apresenta com a temporalidade na "tragédia da violência doméstica". Em síntese, o evento trágico envolve um acontecimento súbito, de curta duração, mas suficiente para desestabilizar o ator de tal maneira, que ele experimentará repercussões de longa duração, o que demandará dele um sentido de reorganização urgente das relações eu-mundo (Simão, 2015c). Isso nos sugere que, quanto maior forem as tensões vivenciadas no presente em virtude da desorganização nas relações eu-mundo deixadas pelo evento trágico (isto é, a violência) em seu caráter abrupto e quanto maior a dificuldade sentida pela mulher para agir simbolicamente no sentido de tal reorganização, mais longa parece ser a duração do passado no aqui-e-agora.

Sobre a curta duração característica do evento trágico, ao contrário do longo tempo que tomará as suas repercussões na vida da pessoa, vale ressaltar que a duração da violência nem sempre foi curta (no sentido de ser um ataque único e quase fatal – como o foi para Rosa e Celeste); Aurora e Vitória conviviam com as agressões há tempos. Desse modo, curta ou não, a duração do evento trágico (mesmo "curta" sendo uma medida subjetiva, podendo ser uma verdadeira eternidade para a vítima), as repercussões próprias à gravidade das agressões sofridas são invariavelmente de longa duração, se não pela vida inteira.

Mas a violência doméstica, conforme as experiências narradas pelas entrevistadas, seria considerada um evento repentino ao invés de uma tragédia anunciada, uma vez que signos relacionados à violência teriam sido emitidos pelos interlocutores na relação conjugal?

O que os dados da pesquisa apontam é que, da perspectiva da mulher, sim; a primeira agressão, especialmente, é *percebida* pelo eu como abrupta, um acontecimento inusitado, na medida em que envolve a ruptura de expectativas pessoais e culturais em torno de um tipo de relação que é, normalmente, idealizada; afinal, uma relação íntimo-afetiva, composta por pessoas que não possuem laços consanguíneos (logo, subentende-se que tais pessoas estão unidas e se relacionam por "livre e espontânea vontade") não é esperado, tampouco planejado sofrer agressões da pessoa com quem se tem ou teve um relacionamento amoroso.

Outro aspecto que parece contribuir para que o passado seja simbolicamente estendido diz respeito ao elo que a mulher continua mantendo com o agressor, ainda que indiretamente: esse elo são os filhos, frutos da união conjugal. Nesse sentido, os filhos não fazem parte das repercussões de longo prazo, mas de um vínculo para a vida inteira. Para além das cicatrizes enquanto signos que revelam a passagem do agressor na vida da mulher, os filhos são, de certa maneira, a extensão do agressor.

Das quatro entrevistadas, três delas têm filhos com os agressores, a exceção é Aurora. Apenas Vitória conseguiu cortar qualquer vínculo e contato com os familiares paternos dos filhos, devido ao fato de ter fugido com eles, sem deixar pistas. Entretanto, os filhos de Rosa e Celeste mantêm contato com a família paterna, embora à contragosto das mães. Contudo, Celeste é a única das entrevistadas que relata sentimentos ambíguos em relação aos filhos; após a violência, vivencia a maternidade oscilando entre o desejo de proximidade (quando vê os filhos como unicamente seus) e o desejo de distanciamento (quando vê o pai nos filhos; nessa ocasião ela os percebe como filhos do agressor e não seus).

Perspectivas de futuro

Se é uma vantagem, por exemplo, poder-se ser o que se deseja, maior ainda é sê-lo, ou seja, a passagem do possível ao real é um progresso, uma ascensão.

Soren Kierkegaard

A frase de Kierkegaard vem ao encontro de um ponto de interesse para a presente análise. O futuro, enquanto "área do possível", conforme Boesch (1991), também compreende o "não possível". Mas o que qualifica o desejo como algo que é possível ou não de se realizar, muitas vezes, diz respeito à percepção que a pessoa tem a respeito da própria capacidade em alcançá-lo. Nesse sentido, considera-se que o futuro é a dimensão do tempo que está por vir, objetivamente falando; a futuridade, por sua vez, refere-se à maneira pessoal, subjetiva e única que cada pessoa concebe o seu futuro, incluída nessa dimensão temporal as

possibilidades e limites que o sujeito considera ter, dado o campo cultural sistêmico em que ele está inserido e toma por referência.

O que se espera do futuro tem grande influência sobre a ação no aqui-e-agora. Nesse sentido, a ação simbólica no presente inclui expectativas acerca do futuro e essas expectativas contêm elementos da experiência passada. De acordo com Valsiner (2012), passado e futuro são inseparáveis; o presente, então, representa uma fronteira dinâmica que se move continuamente em direção ao futuro não conhecido, como uma "figura" que vai se destacando sob um "fundo" (entenda-se fundo como o passado já conhecido) que vai desaparecendo seletivamente. "Como uma linha infinitesimal entre o passado e o futuro, o presente é o local de nascimento do próximo instante presente" (Valsiner, 2012, p. 112).

Desse modo, a divisão das dimensões de tempo em passado-presente-futuro tem fins didáticos, uma vez que o tempo não pode ser cortado em pedaços, nem pausado; ele é contínuo e, por isso, irreversível. No entanto, na nossa vida cotidiana necessitamos perceber uma separação entre essas dimensões, para que possamos nos organizar em relação ao tempo e aos nossos planos e ações. Se o passado deixou um gosto amargo nas lembranças, torcemos que o tempo voe, para que nos esqueçamos daquela experiência e possamos vir a sentir novos sabores. Se o passado nos guarda doces recordações, gostaríamos de parar o tempo para que pudéssemos vivenciar aquele momento novamente.

Na mesma direção, Wagner (2010, p. 126) considera que, assim como o espaço, "o tempo jamais poderia ser percebido sem as distinções que lhe impomos". A esse respeito, o autor prossegue em sua colocação:

(...) Nós criamos o ano, acadêmico e fiscal, e o dia, feriado ou útil, em termos de eventos e situações que os tornam significativos e proveitosos, e fazemos isso *prevendo-os*, e vendo então como os eventos e situações se impõem às nossas expectativas. Calendários, agendas, horários, rotinas e expectativas sazonais são todos dispositivos "de previsão" para precipitar o tempo (...). Eles são um meio para preparar expectativas que, ao serem cumpridas ou não, se tornam "a passagem do tempo", "o tempo" [meteorológico], "bons momentos", "um ano ruim" (...) [grifos originais].

Simão (2010, p. 60) aponta que, sob a perspectiva boeschiana, afetividade e emoção têm papel fundamental na formação de metas para a ação. Nesse sentido, "estados futuros desejados são motivos para ações simbólicas". Isto é, ao agir na direção do seu alvo, o sujeito é afetado por sentimentos relacionados ao êxito (ou não) referentes ao resultado. Os estados futuros desejados, então, transformam o *self* do sujeito em ação, e, consequentemente, as suas relações eu-outro (mundo).

Na tabela abaixo, constam os estados futuros imaginados narrados por cada participante. Vale salientar que os estados futuros aqui apresentados foram identificados nas

respostas dadas à indagação feita pela pesquisadora a respeito das perspectivas que as participantes tinham acercado futuro. Optou-se por desdobrar os estados futuros imaginados em almejados e realizáveis; almejados, para representar o futuro desejado (mas não necessariamente *percebido* como possível de ser alcançado) e realizáveis, para aquilo que é *percebido* como possível de concretizar. Vejamos:

Quadro 3 – Estados futuros imaginados

Entrevistadas	Almejados	Realizáveis
Aurora	Ser feliz: encontrar um novo companheiro e uma ocupação.	Ter um companheiro e ocupação formais implica perder a pensão paga pelo ex-marido
Celeste	Dar continuidade aos estudos, garantir uma nova moradia segura.	Estudar por conta própria, trabalhar como cuidadora.
Rosa	Tatuar as cicatrizes e poder usar roupas curtas, mostrar o corpo.	Buscar por um projeto que custeie tatuagens para cobrir as cicatrizes.
Vitória	Ser feliz como mulher, ter um companheiro.	Doar-se ao próximo de forma a tentar esquecer o desejo de se doar a um novo relacionamento afetivo.

Foi compreendido a partir da análise das narrativas das entrevistadas que os estados futuros almejados podem tanto divergir como convergir dos estados futuros realizáveis. Notase que participantes na mesma faixa etária anseiam por coisas semelhantes. Com base na tabela acima, Aurora e Vitória, 53 e 56 anos, respectivamente, desejam algo em comum: ser feliz. E diante do que implica "ser feliz" para elas – ter um companheiro amoroso –, elas percebem como um desejo que não é possível realizar, ao menos momentaneamente.

A decisão de manter o recebimento de uma pensão (Aurora) e a impossibilidade de atenuar as cicatrizes (Vitória) são percebidas por elas como barreiras (Boesch, 1991): por um lado, as distanciam dos seus sonhos, preenchidos por expectativas pessoais e culturais em torno de um relacionamento íntimo-afetivo; por outro lado, funcionam como proteção às relações simbólicas eu-outro (mundo). São nessas relações que a figura do outro está inserida,

especificamente, o "outro-homem", percebida de forma ambígua, geradora de desejo e ao mesmo tempo de temor.

Já Celeste e Rosa, com 32 e 34 anos, respectivamente, mais jovens que Aurora e Vitória em média 20 anos, tem aspirações que vão em outra direção. Ambas as entrevistadas têm quatro filhos cada, entre crianças e adolescentes; todos dependem das mães em todos os sentidos, uma vez que, ambos os pais estão presos e não contribuem financeiramente para o sustento deles. Celeste quer ter segurança física e material, essencial para dar continuidade à sua vida, em diversos aspectos. Rosa quer cobrir as cicatrizes com tatuagens, para também dar continuidade à sua vida, fazendo coisas aparentemente simples, mas que lhe propiciavam bem-estar, relacionadas à vaidade de mulher e que, por conta das cicatrizes, não pode fazer mais.

Dessa forma, Celeste e Rosa percebem o futuro como fronteira (Boesch, 1991): apesar das limitações e dificuldades deixadas pela violência, ambas agem na direção de alcançar a meta por elas elegidas, apesar das tensões implicadas no posicionamento de defrontar-se com aspectos desconhecidos e menos previsíveis ao eu; entretanto, assumir esse risco é abrir-se a novas possibilidades e conquistas.

A faixa etária parece ser um determinante sobre a forma como as mulheres concebem a futuridade. Vitória e Aurora são mulheres mais maduras e solitárias, tendem a ver o futuro de forma mais sombria. Apesar de Vitória ainda viver com os filhos adultos, ela tem se deparado com as tensões que já antecipa: o que fazer com tamanha dedicação e afetividade após cada um seguir sua trajetória? Imaginando-se solitária, sem poder dar vazão aos sentimentos antes direcionados aos filhos, na convivência com eles, fica mais evidente a necessidade de ter uma companhia, de poder dedicar-se afetivamente a alguém e ter reciprocidade. Aurora não tem filhos e a solidão não é tensão futura; ela é experimentada no aqui-e-agora, desde a separação do ex-marido.

Aurora e Vitória desejam relacionar-se novamente com alguém e isso implica defrontar-se com a falta de confiança sobre as relações eu-outro (mundo), que foi fortemente prejudicada. Com as mais jovens isso também é verdade. Entretanto, o desejo de Celeste por um novo relacionamento amoroso é velado; Rosa não menciona nada nesse sentido. Contudo, Celeste e Rosa têm outras prioridades agora, como a criação dos filhos e a necessidade de segurança material; e essas ações são menos perturbadoras ao eu porque não envolvem tornarse íntimo de alguém, especialmente de um homem.

Compreendeu-se, a partir das narrativas das participantes, que os estados futuros imaginados, percebidos como barreiras (Boesch, 1991), limitam o potencial de ação das

mulheres no presente, como se elas se percebessem "engessadas" diante das possibilidades. Elas parecem relutar em arriscar-se diante do desconhecido, ao agir em uma dada direção. Por outro lado, perceber os estados futuros imaginados como fronteiras (Boesch, 1991) indica a flexibilidade das mulheres na construção dos próprios *selves*, na medida em que realizam ajustamentos em relação às ações e comportamentos que tinham antes do ataque em determinada direção, visando dar continuidade à rotina e aos planos interrompidos.

Isso implica em defrontar-se com situações que são inusitadas à mulher, muitas vezes geradoras de tensões, insegurança e receio, mas que não a paralisam, pelo contrário: avançam na direção da concretização da meta. Pensando nos termos da duração boeschiana (cf. Boesch, 1991, pp. 160-163), que compreende dois tipos de ações: esperar (considerada uma ação passiva pelo autor) e esforçar-se, parece que podemos fazer um paralelo às barreiras e fronteiras, respectivamente.

Mas quais seriam os fatores que podem contribuir para que o passado, em forma de cicatrizes, influencie na maneira como a mulher concebe a futuridade, em termos de barreiras e fronteiras? Vejamos, então, o que foi extraído das narrativas acerca desses fatores:

O primeiro deles refere-se às particularidades do ataque e lesões. As sequelas da violência diferem de caso para caso, e estão relacionadas, naturalmente, à brutalidade do ataque e à gravidade das lesões. Deve-se considerar ainda o tipo de arma utilizada; a quantidade de golpes deferidos no corpo da mulher; a localização das lesões e os diferentes tipos de consequências; a percepção de premeditação do ataque pelo algoz. A combinação de todos esses aspectos, em suas diferentes nuances, afetará a perspectiva da mulher de maneira singular, porque quanto maiores as limitações que a mulher experimenta, maiores serão as dificuldades com as quais ela vai se deparar, o que nos leva ao segundo aspecto: como o eu percebe-se diante da repetição das limitações e dificuldades em decorrência da violência. Independentemente de qual seja a dificuldade em questão, o fato de perceber-se, novamente, em prejuízo em decorrência da violência sofrida, trata-se de revisitar constantemente a origem daquela dificuldade.

Tomemos como exemplo as sequelas físicas da agressão e o que elas representam sobre o exercício de uma atividade profissional. A situação financeira dessas mulheres, muitas vezes, depende das condições físicas que elas apresentam após a recuperação do ataque; são essas condições que balizarão o tipo de atividade remunerada que elas poderão exercer daquele momento em diante. Nesse sentido, é provável que a mulher esbarre em dificuldades ou limitações relacionadas à violência. Por exemplo, ao perceber que a sua força física não é mais a mesma, ela vivencia uma restrição do campo de possibilidades profissionais. E

perceber-se nessa situação leva-a àquela experiência de vida valorada negativamente. Possivelmente, ela vivenciará limitações dessa natureza repetidas vezes. E o deparar-se constante em dificuldades não existentes antes das lesões por violência poderá ser um fator gerador de sentimentos relacionados à incapacidade, que afetará, não somente seu autoconceito e autoestima, mas também o que ela espera do futuro.

Como o eu percebe a possibilidade (ou não) de reparação das cicatrizes. Essa reparação não se restringe ao aspecto físico da cicatriz ou de qualquer outra sequela, mas também à reparação psicológica que essas marcas impõem à mulher. Possibilidade que, por si só, tem um sentido prospectivo. E a falta dela, traduz-se em um impeditivo de realizar metas. Se não se percebe uma solução para o problema, não há por que agir em determinada direção; e se não há motivos para olhar para frente, parece natural que o olhar se volte, mais uma vez, ao passado. Entretanto, se a cicatriz é percebida como um "prejuízo", mas com possibilidade de reparação, provavelmente, a mulher agirá prospectivamente, de forma a modificar sua situação atual, elegendo metas e agindo simbolicamente na direção de alcançá-las.

4.2.2 Cicatrizes permeando as relações eu-outro (mundo)

Os dados indicam que, após a violência que sofreram, as mulheres passaram a ver a figura do outro (qualquer outro ou outra) de maneira diferente da que viam antes das agressões. Devemos levar em consideração que foi um "outro" quem as agrediu. Mas esse "outro" é específico e merece atenção; é o "outro-homem".

Depois de passar por situação de violência doméstica, é natural que a mulher tenha a confiança abalada sobre as relações eu-outro (mundo). Afinal, a agressão por ela sofrida foi planejada por alguém com quem ela teve um relacionamento íntimo-afetivo; alguém que um dia foi outro, como outro qualquer, mas que passou a ser o seu parceiro amoroso.

A partir das narrativas das participantes, constatou-se que algo temido, e que tende a ser evitado a todo custo, refere-se ao questionamento alheio acerca das cicatrizes. Perceber-se sendo foco de investigação, verbal ou não-verbal, acerca de um evento o qual luta-se para esquecer, é vivenciado com bastante inquietação (Simão, 2003, 2016), o que pode desestabilizar mais ainda as suas relações eu-outro (mundo).

Desse modo, compreendeu-se que o outro, da perspectiva dessas mulheres, é aquele que pergunta algo que elas não se sentem em condições de responder (até porque elas não têm uma resposta plausível para o ocorrido, inclusive para si mesmas). No âmbito da temporalidade, a figura do outro coloca a mulher num movimento constante de vai e vem

entre passado-presente-futuro, em que é constante também a reconstrução dos eventos em torno da violência em suas razões e possibilidades atribuídas.

O outro, então, passou a ser visto pelas participantes desta pesquisa como curioso; aquele que não se contém e pergunta, por exemplo: "Nossa, o que foi isso na sua cabeça?" (narrativa citada anteriormente, no caso Rosa). O menos indiscreto questiona com o olhar, que é desviado assim que a mulher percebe o interesse. Le Breton (2009) cita as análises clássicas de Sartre que mostram o quanto o olhar reifica o outro: "(...) diminuído, o indivíduo é tolhido de uma parte de seu ser, encravado irremissivelmente enquanto os olhos não largam sua presa. Ele perde momentaneamente a soberania de sua existência, reconhecendo sua impotência em escapar ao julgamento, à investigação do outro (...)" (Le Breton, 2009, p. 216).

Mas as tensões intra e intersubjetivas sentidas pela mulher não param no questionamento. Se o outro faz uma pergunta, ele espera uma resposta. E que resposta dar ao ser confrontada acerca do evento que gerou as cicatrizes? A análise das narrativas revelou que as entrevistadas criaram uma resposta unânime, julgada por elas como socialmente aceita para a causa das cicatrizes: são oriundas de um acidente, geralmente, acidente de carro. Nesse sentido, percebe-se que há significados culturalmente distintos para ambas as experiências: sofrer um acidente de carro e passar por situação de violência doméstica.

Um acidente de carro. Normalmente, algo que não se considera intencional; geralmente, imprevisível. Ao sair de casa, não imaginamos sofrer um acidente dessa natureza; sabemos sim que é possível sua ocorrência, pois faz parte dos eventos do porvir, que não podemos controlar, ao menos não totalmente. Nesse sentido, nós confiamos que nada de errado vai nos acontecer, porque seria angustiante demais viver em constante ambivalência (Abbey, 2006), diante da incerteza do futuro.

Naturalmente, há situações em que um acidente pode ser evitado, mas muitas vezes não agimos nessa direção por uma percepção demasiadamente otimista, que pode nos deixar em situação de vulnerabilidade, semelhante ao que ocorre nas experiências de pico (citado na seção Introdução). O fato é que, quando sofrido por alguém, o acidente parece não comprometer a moral da vítima, diferente do caso de quem o causou; este é passível de julgamento, podendo sair dele culpado ou inocente. Naturalmente, o papel de vítima de acidente, não significa ausência de responsabilidade, mas um aspecto importante a se considerar é que, normalmente, *não se escolhe sofrer um acidente*. Ainda assim, *possíveis considerações ou críticas* a respeito são da ordem da falta de atenção, do descuido, da negligência; isto é, *referem-se ao comportamento do sujeito que se acidentou e não a pessoa dele*.

Os grifos no parágrafo acima, se referem, a meu ver, à base da divergência entre sofrer um acidente e sofrer violência doméstica. Muitas vezes, a mulher vítima de violência não é eximida pela agressão aos olhos da sociedade. Há um julgamento sobre a sua moral, pois a violência doméstica é vista como algo que pode ser evitado, uma vez que as mulheres, muitas vezes, ainda são julgadas como passivas frente às agressões do homem, por isso, consideradas culpadas pela violência que sofreram.

Vivemos em uma sociedade (como muitas outras) baseada numa ideologia sexista dominante que culpa a vítima (mulher) por uma postura que ela não desempenhou, ao invés de culpabilizar o agressor. Então, assumir que passou por violência doméstica, é sentido pela mulher como uma experiência vexatória, humilhante, vergonhosa. Não apenas para os outros, mas para ela mesma. É grande a vergonha por perceber-se ingênua na ocasião e por ter acreditado no parceiro; pelas atitudes que tomou ou pelas quais deixou de tomar. Nesse sentido, calar a verdade é preservar-se do julgamento do outro, já que ela não pode escapar do próprio julgamento.

Diante desses sentimentos, a mulher passa a se isolar do mundo, uma vez que esse mundo, constituído por outras pessoas, não é seguro, tampouco confiável. O isolamento, o medo da crítica e a vergonha fazem com que o discurso dessa mulher seja tolhido. Uma situação que não é fácil de ser elaborada psicologicamente, uma vez que essa história acaba sendo muitas vezes silenciada.

Mas e o "outro-homem"? A narrativa de Vitória traz à reflexão um aspecto de suma importância atinente às relações eu-outro (mundo): a maneira como a mulher passa a enxergar, especificamente, a figura masculina, após vivenciar as agressões. "Porque quando eu olho a minha cicatriz eu lembro de homem... foi um homem que fez isso".

"O médico e o monstro" é a forma com que Aurora se refere ao ex-marido. Essa narrativa indica a dificuldade que a mulher sente em integrar, na mesma pessoa, duas naturezas tão distintas. Observou-se que as mulheres que ainda nutriam, na ocasião da agressão, uma imagem valorada positivamente em relação ao ex-parceiro, foram as mesmas mulheres que demonstraram maior dificuldade em dar algum sentido à experiência de violência. Parece não ter havido tempo suficiente para que a mulher pudesse desconstruir a imagem que ela tinha do ex-parceiro.

É como se a mulher experimentasse um sentimento de incredulidade em relação à capacidade e coragem do homem em cometer tamanha brutalidade contra ela, até que ela se dá conta que sim, ele foi capaz de planejar e executar tamanha barbárie. O mesmo homem

com quem ela casou, com quem teve filhos; o homem que além de alianças, também tatuou o nome da parceira em sua pele (Aurora).

Na verdade, nenhuma das participantes consegue uma explicação plausível a respeito do motivo que culminou na agressão, que é também sentida como uma traição. Diante de inúmeros questionamentos sem respostas, a mulher vivencia diversas inquietações (Simão, 2003, 2016), além da necessidade de integrar em sua base cognitivo-afetiva polaridades que coabitam um ser: foge a compreensão aceitar que uma mesma pessoa possa amar e matar.

Tendo a experiência mostrado o quão ambíguo é um homem – pelo menos aquele com quem a mulher se relacionou; como envolver-se amorosamente com alguém novamente? Chaudhary (2014) aponta que a decepção compromete seriamente a confiança que temos nas pessoas e instituições. A desconfiança nas relações é causada, essencialmente, segundo a autora, pelo medo de ser enganada outra vez.

Nesse sentido, a desconfiança nas relações eu-outro (mundo), especialmente quando se trata de uma relação afetiva com o "outro-homem", torna sombrias as expectativas da mulher acerca de uma nova chance de amar e se permitir ser amada por alguém. Como ter uma vida sexual ativa se, ao despir-se, a mulher terá de explicar o porquê daquelas cicatrizes marcando o seu corpo? Nessa ocasião, não mais será possível escapar da tal pergunta que ela evita a todo custo. Expor o corpo para um homem é, de certa maneira, expor-se a ser eventualmente agredida por alguém percebido como amável, como revela Celeste em narrativa anterior.

É tão desconcertante imaginar-se dialogando com o "outro-homem", em uma ocasião na qual a mulher, ao contar sua história, observa uma reação nada positiva a seus olhos, que ela opta por não se relacionar mais. Nesse sentido, crítica, rejeição e até mesmo agressão são presumidas e esperadas, ainda que a mulher considere a possibilidade de que isso não venha a acontecer, tamanho o medo de passar, novamente, por experiência semelhante à que vivenciou com o ex-companheiro e agressor.

A dúvida dessas mulheres gira em torno do que esperar do "outro-homem" quando este souber das agressões que elas sofreram; na verdade, elas parecem mais inclinadas a ter certeza quanto à vivência de um desfecho negativo na relação com o homem imaginado. Conforme aponta Salgado (2014) nos diálogos reais ou imaginários, há um processo dialógico intra e interpessoal que se mescla e que influencia o quanto a pessoa confia (ou não) em outras pessoas ou nela mesma. Isso caracteriza duas posições opostas com tendências afetivas divergentes que têm como consequência debates internos que influenciam na maneira como a pessoa age com o outro e como a resposta desse outro retroage na expectativa que essa pessoa tem do quanto confiar (ou desconfiar) dos outros (idem), nesse caso, dos homens.

Quanto à desconfiança que a mulher sente em relação ao "outro-homem", os dados extraídos das narrativas apontam para a generalização da figura masculina: todo homem passa a ser julgado com base no homem agressor.

Mas a desconfiança no "outro-homem" não se reduz aos relacionamentos afetivos. Se estende a outros tipos de relações eu-mundo. As narrativas indicam que as expectativas das entrevistadas não são as melhores quando têm de interagir com um homem. "Se fosse um homem, eu estaria travada. Provavelmente já tinha terminado tudo aqui". Esta narrativa é de Celeste, referindo-se a mim, enquanto pesquisadora e mulher.

Subentende-se que, se ao invés de mulher, fosse um homem o pesquisador, a entrevista teria sido mais breve do que realmente foi. Esse tipo de situação também acontece com o médico e com o policial. Celeste, por exemplo, reconhece a assimetria na interação entre ela (paciente) e o "doutor"; ela sabe qual o papel esperado para cada uma das partes. Ela "deveria" contar a verdade para o médico a respeito das suas cicatrizes, mas ela não o faz. O fato de o médico ser homem limita a comunicação. Não há sequer uma tentativa de desmistificar o que ela espera desse "outro-homem". Melhor não arriscar. Mais uma vez o acidente surge como solução à gênese das cicatrizes que, para o médico, denuncia a ocultação de um acontecimento, segundo Celeste.

Mas essa desconfiança generalizada em relação ao "outro-homem" nem sempre se confirma. Pelo contrário: as mulheres narraram experiências de cunho negativo e vexatório quando interagiram com mulheres policiais; o mesmo não aconteceu com os policiais homens. Não se espera que uma mulher, independentemente de qual seja sua hierarquia dentro da instituição policial, realize atendimentos com descaso às mulheres que passaram por situação de violência. Mais uma experiência inquietante (Simão, 2003, 2016) vivenciada por essas mulheres: recorrer a um serviço especializado que deveria funcionar de determinada maneira, mas que a realidade mostra ser bem diferente (valor visado e valor real, Boesch, 1991). "Tem policiais homens que às vezes te levam mais a sério do que aquelas que deveriam estar te ajudando" (Celeste).

5 DISCUSSÃO

Mulheres que foram brutalmente agredidas por seus parceiros íntimos (ou exparceiros) carregam sobre o corpo marcas que excedem a dimensão física. A maneira como elas passam a vivenciar a temporalidade nas relações eu-outro (mundo) adquire características bastante peculiares, especialmente no que se refere às expectativas sobre o futuro. Uma dessas peculiaridades refere-se à repetição da experiência, que, nesse trabalho, deve ser entendida em dois aspectos: no primeiro deles, repetição refere-se a um âmbito mais subjetivo da experiência, inclusive do não-narrável; mais especificamente, repetição é tida como percepção pré-reflexiva de vivência do mesmo. Já o segundo aspecto, refere-se ao que chamarei de narrativas retocadas: narrativas nas quais a repetição do assunto é produtiva, favorecendo a ressignificação do evento violento e suas repercussões pela mulher. Na sequência, o foco da discussão se dará sobre a relação de alteridade e a experiência de violência doméstica.

5.1 TEMPORALIDADE E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: SINGULARIDADE OU REPETIÇÃO DA EXPERIÊNCIA?

Medo de repetição da experiência

Sobreviver a um acontecimento de vida tão singular implica, em termos de ruptura (Zittoun, 2007), vivenciar momentos de incerteza e inquietação diante de mudanças significativas no curso de vida que interrompem atividades cotidianas, planos e sonhos, desconstruindo expectativas outrora criadas a respeito de si mesma e do mundo.

Sofrer uma tentativa de assassinato não é um fato usual para a maior parte das pessoas, apesar de estarmos à mercê das vicissitudes da vida. Embora saibamos que se trata de um tipo de evento contingente ao mundo social e, portanto, pode nos ocorrer, agimos como se essa possibilidade atingisse apenas aos outros, nunca a nós mesmos. A explicação de Luhmann (1998, p. 97) para esse tipo de posicionamento subjetivo frente a eventos inesperados e perturbadores é que "você negligencia isso porque é uma possibilidade muito rara, mas também porque você não sabe o que fazer [caso aconteça]".

Mas aconteceu. Para uma minoria acontece. A violência, antes tão distante, do outro lado da tela do televisor ou estampada nas capas dos jornais agora não mais se restringe ao outro. É uma realidade do eu. Aquele posicionamento anterior, diante daqueles eventos negligenciados se transforma no que considero um *posicionamento de hipervigilância*: um estado de alerta, ativado prontamente frente às ocasiões percebidas como ameaçadoras ao eu,

reais ou imaginárias, a fim de proteger-se de qualquer perigo iminente. Antes de tornar-se protagonista de uma cena de terror, no palco da vida, o sentimento de confiança pairava no ar: sorte, proteção de outras pessoas ou instituições, proteção divina. Aparentemente, algo falhou. E, se falhou uma vez, pode falhar novamente.

O posicionamento subjetivo de hipervigilância é notável nas narrativas de mulheres que sobreviveram a um ataque violento, através de ações simbólicas que são incorporadas à nova realidade e, portanto, passam a ser corriqueiras: por exemplo, elas pensam e repensam acerca do trajeto que irão percorrer de casa até o destino desejado e vice-versa; analisam qual o bairro ideal para se residir distante dos olhos de alguém conhecido ou tido como ameaçador (especialmente após a soltura do agressor, atualmente preso); escondem a própria história de vida e identidade, da mesma forma que as cicatrizes são encobertas, calando indícios de um acontecimento que não deve (idealmente) ser trazido à tona; avaliam, inclusive, o relacionamento amoroso de outras pessoas, buscando confirmar a desconfiança que sentem nas relações eu-outro (mundo) (Celeste, por exemplo).

Todas essas ações visam garantir um mínimo de segurança, implicando preocupação constante com a própria integridade física e mental, como também dos filhos (quando for o caso). Nesse sentido, a mulher se antecipa às possíveis adversidades que coloquem a sua vida novamente em risco, como se ela estivesse, na maior parte do tempo, à mercê da iminência do caos. Ela cria significados no aqui-e-agora que proporcionam ao eu a sensação de proteção subjetiva, na medida em que, do ponto de vista objetivo, isso nem sempre é possível; afinal, é o que diz a experiência de cada uma dessas mulheres.

De resultado, assume-se que o anseio por segurança e certa persecutoriedade desenvolvido por essas mulheres tem sua gênese no medo de repetição da experiência. Sabemos, racionalmente, que situação alguma pode ser vivenciada novamente. Racionalmente. Porque, do ponto de vista subjetivo, frequentemente nos posicionamos como se a repetição *ipsis litteris* dos acontecimentos de vida fosse possível, semelhante ao sentido ordinário da palavra.

Repetir, no dicionário de língua portuguesa, refere-se a tornar a fazer algo; a acontecer novamente¹⁴. Então, aparentemente, a noção de *repetir* remete-nos à possibilidade de reviver uma experiência, como se um mesmo fenômeno ocorresse de forma igual, ou pelo menos muito semelhante por duas ou mais vezes. Parece implícita a ideia de mesmice, de ausência de novidade.

-

¹³ Na ocasião da entrevista.

¹⁴ Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª ed., 1989.

A noção bergsoniana de irreversibilidade do tempo nos toca a pensar acerca da singularidade das experiências humanas. Diz respeito à impossibilidade de inverter a direção do tempo e da impossibilidade de repetição de um acontecimento passado. Nesse sentido, cada acontecimento é único, apesar das semelhanças superficiais da experiência (Abbey, 2015; Mello, 2009). O vivenciado, no tempo, não volta jamais. Em contrapartida, a memória move-se num constante ir e vir, em qualquer direção (Mello, 2009).

A impossibilidade de repetição da experiência é fato, em tempo irreversível. Contudo, isso não deslegitima o medo que cada mulher sente de passar por experiência semelhante; tampouco desvalida a plausibilidade de uma nova ocorrência em sua imaginação, indicandonos o limite do aspecto objetivo da irreversibilidade do tempo e colocando-nos na dimensão da temporalidade.

Desse modo, apesar de estarmos cônscios de que não se vive duas vezes uma mesma experiência, para a pessoa que viveu um acontecimento dessa natureza e em toda a sua magnitude – sobreviver a um ataque brutal de violência doméstica –, a repetição da vivência é percebida como possível, até mesmo muito provável de acontecer. Logo, é possível afirmar, com base nas narrativas das participantes do estudo que, para além das marcas físicas, o medo de repetição da experiência é marca bastante comum entre elas e orienta, em grande parte, a maneira como agem no aqui-e-agora e a forma como concebem a futuridade.

O medo de repetição, então, não se reduz ao medo de ser brutalmente atacada, vai além: implica na ausência de confiança nas relações eu-outro (mundo), que incide, principalmente, sobre a possibilidade futura de relacionamentos amorosos. Possivelmente, porque esse tipo de vínculo é construído: envolve a escolha dos parceiros e escolha implica em responsabilidade, muitas vezes confundida e/ou sentida como culpa. O sentimento de culpa marca a narrativa das participantes do estudo, como a de outras mulheres que passaram pela mesma situação, apesar de serem as vítimas diretas (Fonseca, Ribeiro & Leal, 2012; Guimarães, 2009; Leitão, 2014; Narvaz & Koller, 2006).

O que quero dizer é que, em muitos casos, a mulher acaba internalizando e transformando em cultura pessoal sugestões de ordem sexista advindas da cultura coletiva de que ela, de alguma maneira, "escolheu" passar por esse tipo de situação, criticando-a por atitudes que ela tomou (ou deixou de tomar, indicando uma postura de passividade) acerca do relacionamento e dos episódios de violência. Dessa forma, ela é julgada e culpada pelas agressões, o que atenua, simbolicamente, o peso do ato violento praticado pelo homem.

Segundo Saffioti (1999), entrevistas com mulheres que passaram por situação de violência doméstica indicam que a mulher não sofre as agressões passivamente; de uma forma

ou de outra, ela sempre reage. Quando o faz por meio de violência é de forma reativa, no intuito de defender-se.

Nesse sentido, a mulher se percebe como alguém que não escolhe bem, com base em sua experiência negativa sobre relacionamentos íntimos. Ela sente medo de repetir uma má decisão no âmbito das relações amorosas, dado que o preço pago por ela até hoje em função de uma escolha do passado é muito alto. Apesar da existência do desejo de ser feliz novamente com um novo companheiro, de dar uma nova chance à sua vida amorosa, ela sabe que é um investimento que exigirá dela uma moeda que lhe é muito cara chamada confiança, de que ela não dispõe no momento. Investir em um novo relacionamento é muito arriscado, ainda mais para quem se percebe como alguém que já perdeu muito ou perdeu tudo: melhor não investir.

Sobre a confiança que foi rompida, Cornejo (2014) aponta que questionar a sinceridade, veracidade ou capacidade de algo ou alguém ocorre somente após o sentimento original de confiança ter se quebrado. A partir dessa quebra, a pessoa passa a avaliar racionalmente se há motivo para manter ou não a confiança no outro ou naquela situação. Para o autor, o refletir sobre, representa o fim da confiança e não o seu início. A respeito disso, da reflexão como sinal do fim da confiança, é possível acrescentar, com base nas narrativas das participantes, que o que chamei de posicionamento subjetivo de hipervigilância é reflexo do pensar demasiado a respeito de um tema de preocupação essencial que é a preservação e a manutenção da própria vida, incluindo a busca pela consistência do *self*.

O medo de repetição da experiência, para as mulheres que passaram por violência grave, de ordem conjugal, antecipa desfechos imaginários, geralmente de cunho negativo, com base nas experiências passadas, inibindo as ações simbólicas dessas mulheres na direção de constituírem novos e variados tipos de relação; afinal a figura do outro é a de alguém em quem não se pode confiar ou com quem contar.

Nesse sentido, a possibilidade de um novo relacionamento amoroso é permeada por tensões entre dois processos: Fernweh ("estrada para longe") e Heimweh ("estrada para casa"), nos termos de Boesch (1991). Isso significa que, ao deparar-se com as fronteiras simbólicas existentes entre o eu e o outro, a mulher pode decidir atravessá-las ou não. Atravessar as fronteiras implica aventurar-se diante do desconhecido, mais especificamente, do "outro-homem" desconhecido, o que envolve novidade e riscos. É um processo de Fernweh porque desaloja a mulher da comodidade e segurança, por um lado, mas, por outro, promove a abertura a novas possibilidades, a novas chances, a novos amores, apesar dos riscos inerentes às relações eu-outro (mundo) aos quais todos nós estamos sujeitos.

Em contrapartida, não atravessar as fronteiras, isto é, manter-se só, provê sentimentos de segurança diante da percepção de um mundo perigoso, assustador. Recuar para a casa (*Heimweh*), portanto, é uma maneira de evitar experiências que colocam em risco o senso de estabilidade de autossistema, especialmente os valores pessoais. Vale ressaltar que, conforme aponta Madureira (2012), tomar a orientação *Heimweh* normalmente indica fronteiras simbólicas existentes nas relações eu-outro, que tendem a ser rígidas. Dessa forma, uma barreira simbólica (Bosch, 1991) é erguida pela mulher como proteção, uma vez que os outros – no caso desse estudo, os homens –, são percebidos como inimigos que colocam em risco a sua integridade física e psicológica.

Conclui-se que, apesar da solidão em que vivem, o medo de repetição da experiência de violência (e da decepção a ela inerente) para as participantes do estudo parece ter a função subjetiva de protegê-las das relações simbólicas eu-outro (mundo) e da percepção de perigo que elas representam para o eu, constituindo-se um processo de *Heimweh*, nos termos de Boesch.

E a cicatriz continua lá...

Repetição enquanto percepção pré-reflexiva de vivência do mesmo excede o medo de repetição (explicado anteriormente) e abarca outras tensões que se tornam parte do cotidiano das mulheres que passaram por situação de violência doméstica, tensões essas geradoras de enfado, revolta, aborrecimento, tristeza, entre tantos outros sentimentos – todos de cunho negativo, de desprazer. A percepção de repetição da experiência pessoal não se resume ou se limita à repetição do evento original, ao ataque violento. Diz respeito a perceber-se agindo (requisitada por outrem ou não) nas mais diversas direções, porém, partindo de uma *mesma* gênese, isto é, do mesmo acontecimento.

Para elucidar esse pensamento, tomemos como exemplo o caso de uma das participantes desse estudo (Celeste) ao se submeter à primeira cirurgia plástica reparadora das cicatrizes. Uma cirurgia não bastou para corrigir ou atenuar as cicatrizes. Ela, então, faz duas, três, quatro, enfim, quantas forem possíveis e necessárias no intuito de reduzir o dano que as lesões deixaram; o que não garante que o resultado seja aquele imaginado e idealizado por ela. O fato é que a cicatriz não desaparecerá.

Efetivamente, cada cirurgia é única. Mas, subjetivamente falando, a mulher diz a si mesma: "de novo". De novo, passando por essa situação (a cirurgia) mesmo que aquela cicatriz específica esteja sendo reparada pela primeira vez.

Porém, "de novo" não se reduz a um procedimento cirúrgico realizado mais de uma vez, mas abarca qualquer tratamento estético no intuito de melhorar o aspecto da cicatriz: o comparecimento a serviços especializados no atendimento à mulher que passou por violência (voluntária ou involuntariamente); o narrar ao outro, quando indagada, a respeito da causa daquela cicatriz; as dores que permanecem no corpo (e além dele), apesar de, aparentemente, os danos físicos terem sido resolvidos; a renúncia à roupa decotada e ao passeio à praia no final de semana. Todas essas tensões tem um *mesmo* motivo: a violência praticada pelo excompanheiro.

Celeste foi a única das participantes que passou por repetidos procedimentos cirúrgicos a fim de atenuar as cicatrizes. Sua narrativa indica claramente a sensação de estar fazendo a mesma coisa, embora esteja agindo sempre de maneira diversa, na direção de melhorar o aspecto estético da cicatriz. Mas, independentemente do que faça, como ela mesma diz "*a cicatriz continua lá*".

Naturalmente expectativas pessoais e culturais estão aí envolvidas, inclusive da ordem do irreal que é o desaparecimento da cicatriz. Nesse sentido, por mais que o aspecto visual da "nova" cicatriz seja o melhor possível, persiste o incômodo: *a cicatriz continua lá*. E ela não precisa olhar-se no espelho para saber disso. Entretanto, apesar de não haver, explicitamente, narrativas das outras participantes acerca de perceberem-se "de novo" fazendo algo (relacionado à violência sofrida), a repetição está na narrativa, mesmo que de forma implícita.

Repetidamente vestir apenas calças compridas para não mostrar as cicatrizes das pernas, repetidamente despistar um possível pretendente amoroso, porque no contato mais íntimo, ele verá as cicatrizes e a questionará a respeito – ela quer evitar contar "de novo" a história (Vitória). Repetir a vigilância na compra de uma roupa, repetir a ação de jogar o cabelo sobre a cicatriz, diariamente usar maquiagem que a disfarce, perceber-se repetindo atitudes com vistas a garantir a própria segurança. Haja o que houver, *a cicatriz continua lá*. É um signo, um lembrete, gravado na pele da mulher pelo seu ex-companheiro, como indícios que sugerem o rastro deixado por ele naquele corpo, naquela vida, como se dissesse: "Passei por aqui, me faço presente no outro a partir da marca que produzi nesse objeto que é de minha propriedade".

Sobre gravar no corpo marcas permanentes, Clastres (1988) aponta que em sociedades primitivas também se gravavam nos corpos de seus integrantes as normas sociais. A tortura corporal, por exemplo, servia como ritual de iniciação e também como forma de os iniciados manterem na pele e na memória os ensinamentos sociais do grupo do qual faziam parte. Nesse sentido, a marca corporal funcionava como um signo de pertencimento àquele determinado

grupo. A marca diz: "É um dos nossos e não te esquecerás disto". Sobre o ritual de iniciação, Clastres afirma:

Na exata medida em que a iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal, esta se exprime – se é que podemos dizê-lo – no silêncio oposto ao do sofrimento. Entretanto, depois da iniciação, já esquecido todo o sofrimento, ainda subsiste algo, um saldo irrevogável, os sulcos deixados no corpo pela operação executada com a faca ou a pedra, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo; no ritual iniciatório, a sociedade imprime sua marca no corpo dos jovens. Ora, uma cicatriz, uma marca, são indeléveis (...) A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória (Clastres, 1988, p. 128, grifos meus).

Evidentemente, o sofrimento que a tortura representa para os iniciados (como mencionado acima) tem sentido muito diferente quando comparado ao sofrimento das mulheres quando foram agredidas. Em comum, a dor. Entretanto, diferente das mulheres, a dor dos iniciados é dor esperada; não tem sentido de uma punição pura, as marcas deixadas no corpo são signos de pertença a um grupo que, por um lado, indicam o limite da liberdade de escolha do indivíduo, uma vez que é impossível rejeitar ou negar a sua adesão cultural àquele grupo social (Boesch, 1991). Por outro lado, podem ser exibidas com orgulho no grupo social do qual faz parte: por se tratar de um signo de coragem e de pertença, da dignidade de pertencer àquele grupo, o sofrimento como forma de mostrar resistência a dor é mais fácil de esquecer na medida em que é valorado positivamente pelo seu significado pessoal e cultural.

O que as mulheres agredidas têm em comum com os iniciados, além da dor da tortura, são as marcas indeléveis pelo corpo, porém, com propósito diferente: tornar inesquecível a desobediência da mulher ao seu "homem" de pertença. Se, como exposto anteriormente, a marca nos iniciados diz: "É um dos nossos e não te esquecerás disto", no caso das mulheres com cicatrizes de violência doméstica, a marca diz: "Você é minha e não te esquecerás disso".

Quando uma mulher diz *a cicatriz continua lá*, ela nos indica um estado de permanência do objeto, em sua dimensão factual. O tempo passa, evidentemente; não é possível parar seu fluxo, ao menos, não objetivamente. As cirurgias também passam, assim como os eventos que vivenciamos. Mas, quando nos referimos à constante percepção de vivência do mesmo, exemplificada anteriormente pelas ações cotidianas que são tomadas pelas mulheres no sentido de atenuar ou esconder as cicatrizes, somos levados a outro aspecto da temporalidade: a percepção subjetiva de que o tempo não passa da mesma forma com que a cicatriz fica.

A cultura coletiva afirma que o tempo supera tudo (discutido no caso Aurora). Mas não é o que algumas participantes narram a partir das suas vivências de temporalidade (Aurora e Vitória); para elas, o tempo parou. Quanto mais o passado é vivenciado como se fosse o presente, através da percepção de vivência do mesmo, mais difícil é, para essas mulheres, criarem expectativas e metas acerca da futuridade. Em termos de temporalidade, é como se o peso do passado no presente desacelerasse e, até mesmo, freasse a chegada do futuro, o que naturalmente implica numa espécie de engessamento das expectativas e metas acerca da futuridade.

Narrativas retocadas

Narrar um evento da própria vida não se trata de mera verbalização reprodutiva, ditos de forma tal qual ocorreu. Implica em interpretar e reinterpretar determinadas experiências continuamente; em outras palavras, narrar consiste em uma atividade reflexiva, uma vez que o narrador e o personagem principal da história são a mesma pessoa (Bruner, 2004).

A noção de repetição pode ser útil do ponto de vista teórico-metodológico para a análise de narrativas de mulheres que passaram por situação de violência doméstica, considerando que tal evento traumático é recorrente na memória e discurso dessas mulheres. Quando a repetição ocorre na narrativa, trata-se de uma experiência refletida pela linguagem. Entretanto, para falar de repetição na narrativa, usarei a conotação que a palavra adquire no âmbito das artes cênicas¹⁵, divergente do significado habitualmente utilizado (descrito anteriormente). Vejamos:

Repetição no trabalho profissional das artes cênicas é associada com diversos estágios construtivos de criação artística bem como a manutenção do produto artístico. Leituras, ensaios, exercícios de preparação vocal e corporal, temporadas de apresentação são ilustrativos o suficiente para permitir uma compreensão da relação intrínseca entre teatro e repetição. Além disso, no contexto artístico (teatral), a repetição vai além do mero ato de *fazer mais uma vez* e torna-se uma parte da natureza existencial da prática de atuação (...) (Sampaio e Simão, 2015, p. 383, grifos originais).

Diferentemente do uso ordinário da palavra, no âmbito das artes cênicas, o ato de repetir é permeado pela novidade, pela abertura ao processo de criação e pela transformação – não apenas do produto final (i.e, a apresentação) – mas, principalmente do próprio ator. Nesse sentido, o ator é um sujeito criativo que, defronte à repetição, confrontará o mesmo (e a si mesmo) diversas vezes; e são nessas ocasiões que ele deve constantemente revisitar e analisar o conhecido, reorganizando o seu potencial para ações simbólicas, de modo que o processo

_

¹⁵Sampaio e Simão (2015), em um estudo teórico de fronteira entre a psicologia e as artes cênicas, refletem acerca de como o homem vivencia o tempo e a temporalidade, tendo como foco de análise a repetição – categoria temporal primordial das artes cênicas.

criativo se mantenha. Na repetição, o sujeito busca construir uma história considerando um passado que se move em direção ao futuro (Sampaio e Simão, 2015).

Mas como a noção de repetir, na perspectiva das artes cênicas, se aproxima de *repetir* em um contexto diverso, em que o fenômeno da violência doméstica é o enredo da vida de uma mulher?

Pensemos quantas vezes essas mulheres, participantes do estudo, devem ter falado (voluntariamente ou não) sobre a violência que sofreram. Certamente "re-tocaram" um assunto muito frequente para elas, seja via recordações, seja via relatos (relatos aos quais a recordação é inerente). "Re-tocar" aqui está como tocar de novo nesse assunto, (re)contar novamente tal acontecimento. Ouvir o outro re-tocar no assunto, fazer a mesma pergunta, mesmo que cada outro a indague apenas uma vez, para a mulher que passou por um evento dessa magnitude, equivale a re-tocar o problema, re-tocar a ferida, re-tocar as cicatrizes.

Entretanto, pensando na novidade e na abertura para a criação que a noção de repetir (em artes cênicas) proporciona, substitui-se o "re-tocar" por "retocar"; *retocar*¹⁶ é sinônimo de restaurar, reparar. Ou seja, está implicada nesses verbos a ideia de novidade. Ao retocar algo, nos referimos ao já existente somando a ele alguma transformação; o original se modifica, porque algo novo ali foi acrescentado, renovado.

Então, de forma análoga ao que significa *repetir* em artes cênicas, as narrativas retocadas também partem de algo já criado, existente, passam por um processo de modificações devido à possibilidade da novidade, da criatividade. E talvez não apenas possibilidade, mas sim o novo como necessidade. Tanto as apresentações artísticas como as narrativas, então, partem de uma origem, de uma base, que pressupõem a transformação do produto e também a transformação do *self* daquele que modifica o original – o ator, o narrador.

Tomemos como exemplo a experiência narrativa das participantes à pesquisadora. Tratam-se de narrativas "re-tocadas" ou retocadas? Consideremos o *setting* no qual a entrevista ocorreu. As narrativas foram direcionadas, como dito anteriormente, a uma pesquisadora (também psicóloga), que tinha o intuito de proporcionar à cada entrevistada uma escuta especializada e humanizada; a entrevistada, por sua vez, tinha diante dela alguém que se colocava como uma alteridade interessada não apenas em sua narrativa, mas também pela pessoa (e seu bem-estar) que compartilha sua experiência com outra (mas não qualquer

-

¹⁶Retocar. 1. Dar retoques em. 2. Restaurar (1). Restaurar. 1. Por em bom estado, consertando; recuperar, reparar, restabelecer, retocar, reformar. (...). Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª ed., 1989.

"outra") que não lhe é familiar. Naturalmente, todo esse *setting* por si só já transforma o retocar em retocar – o assunto que era originalmente o foco da entrevista.

Desse modo, as narrativas retocadas aqui em questão dispõem de balizadores intra e intersubjetivos que orientam o sentido que tomarão as narrativas. Balizadores que partem da entrevistadora que estrutura, em menor ou maior grau, a direção em que a entrevista deve chegar para os propósitos acadêmico-científicos; mas, além disso, há os balizadores afetivo-cognitivos pessoais que também orientam a narrativa da entrevistada, sinalizando demandas que necessitam vir à tona de alguma maneira e que encontram na indagação narrativa a oportunidade de serem narradas.

Essas demandas pessoais consistem em novidades para a pesquisa, uma vez que, enquanto pesquisadores da psicologia semiótico-construtivista, não nos atemos apenas à resposta do que foi perguntado, mas, e talvez principalmente, às colocações do entrevistado referentes ao que não foi questionado, que ele julgou ser relevante relatar (inclusive o que se mostrou como impossível de narrar). Uma pergunta x abre possibilidades para y respostas, respostas essas que nem sempre correspondem ao que foi indagado, mas que acrescem valiosamente ao processo de análise das narrativas e melhor compreensão do fenômeno estudado.

Em suma, narrativas retocadas são aquelas que oportunizam restaurar os processos cognitivo-afetivos referentes ao perceber, pensar e sentir acerca de determinados eventos de vida, mediante a possibilidade contínua de criação sobre o que se constitui a base desses eventos e que levam, naturalmente, à ressignificação das experiências por meio do ato de narrar.

Para a mulher que vivenciou uma experiência de vida tão dolorosa afetiva e fisicamente falando – sobreviver à violência doméstica –, retocar as narrativas abre possibilidades para a superação pessoal da experiência de violência à medida que produz novos sentidos de vida pela linguagem refletida que é a experiência narrativa.

Para o pesquisador, a análise das narrativas é enriquecida pela compreensão de que a novidade que emerge delas pode se tratar de algo nunca pensado, questionado, visto ou ouvido. A novidade pode estar entremeada num assunto que nos parece já conhecido ou mesmo se mostrar, à primeira vista, como algo sem sentido.

5.2 ALTERIDADE E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

A atribuição de papéis sociais a homens e mulheres indica mais que uma distinção entre as categorias do sexo; denota a desigualdade de posições que ocupam na sociedade

brasileira (Saffioti, 1987); o país ocupa a 85ª posição em desenvolvimento humano e desigualdade de gênero, segundo a Organização das Nações Unidas¹⁷ (ONU). Apesar do fenômeno não se restringir ao Brasil, é sob a perspectiva de mulheres brasileiras, vítimas de violência doméstica, que se dá a discussão aqui desenvolvida.

Os seres humanos nascem machos ou fêmeas; o gênero, então, é o sexo atribuído à criança, ao nascer, com base nos órgãos sexuais externos do bebê. Entretanto, tornar-se homem ou mulher depende da educação que recebem. Nesse sentido, a identidade social acerca do gênero é socialmente construída (Saffioti, 1987; Strey, 2012) remontando à posição defendida por Simone de Beauvoir (1949, p. 11) ao se opor à ideia de destino biológico, psíquico, econômico à fêmea humana: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher".

Com base na psicologia cultural, o significado de ser homem ou mulher é uma questão que toca à complexidade das relações entre a cultura coletiva e pessoal. Isso significa que o mundo pessoal-cultural é construído sob canalização do mundo sociocultural, à maneira do processo de internalização e externalização em Vygotsky (Simão, 2010; Valsiner, 1998). Nesse sentido, regras culturais baseadas em normas de gênero (diferenças de gênero reais ou estereotipadas) canalizam comportamentos e posicionamentos socialmente desejáveis para ambos os sexos (Strey, 2012).

Segundo Saffioti (1987) a sociedade determinou que *destino de mulher é ser infeliz*. A autora dá dois exemplos de expressões populares bastante conhecidas a respeito do que é esperado acerca do papel social da mulher: "ser mãe é padecer no paraíso" e "mulher gosta de apanhar"; ambas indicam a alta dose de masoquismo - gosto pelo sofrimento -, embutido na educação feminina. Dessa forma, a mulher é socializada para encarnar o papel de vítima, sendo a resignação um dos ingredientes básicos da sua educação.

Na qualidade de vítima, de sofredora, de quem aceita, sem reclamar, seu destino de mulher, merece aplausos por parte da sociedade. Se, contudo, decide infringir a norma e desfrutar do prazer junto a um amante, merece, de acordo com a cartilha da ideologia dominante, ser assassinada pelo marido. Este considera, e o faz legitimamente do ponto de vista da sociedade, ter tido sua própria honra manchada pelo comportamento da mulher. Muitas vezes, a mulher sequer chegou a consumar o chamado "mau passo". A partir de uma mera suspeita de que sua esposa se interessa por outro homem, o marido julga-se no direito de ceifar-lhe a vida (Saffioti, 1987, p. 35, grifos originais).

A citação acima, de um texto publicado 30 anos atrás, nos aponta o quão atual ele é, infelizmente. Prova disso, são os dados dessa pesquisa, que nos demonstra o preço pago por mulheres que não aceitaram "seu destino de mulher" por pouco não perderam a vida, entretanto, "ganharam" cicatrizes sobre seus corpos (e para além deles). Isso toca-nos a

¹⁷Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral. Acesso em 24 de junho de 2017.

refletir acerca dessas mulheres como alteridades insubordinadas, que se rebelaram, cada uma a seu modo, diante das regras e imposições de outrem, após terem passado por um processo de domesticação de suas identidades e vontades. Se fizermos uma analogia à domesticação de um animal, entendemos que, outrora indomado, era selvagem e livre, até ser capturado por alguém de raça diferente da sua, a raça humana, que em sua "superioridade" sente-se no direito de subjugá-lo a seu bel prazer. A partir do momento que o animal é domado e passa a ser propriedade de alguém, muitas vezes tem sua pele marcada no intuito de identificar o seu dono.

No caso das mulheres participantes da pesquisa, um dia elas foram livres até conhecer alguém com quem decidiram relacionar-se afetivamente, exceto Celeste, que tem um histórico de contrariedade em relação ao casamento, imposto pela mãe. O que chama a atenção nesse caso, especificamente, é que a domesticação das vontades de Celeste ocorre desde a mãe, outra mulher, que passa seu papel de domadora ao marido que escolheu para a filha. Apesar da rebeldia de Celeste em relação ao casamento e ao marido, como as demais participantes, teve sua alteridade domesticada aos poucos, de maneira muito sutil, tão sutil que ao dar-se conta desse processo, era tarde demais; a essas alturas, Celeste e as outras mulheres perceberam-se sem voz, sem autonomia, sem liberdade. Tornaram-se prisioneiras de seus maridos em suas próprias casas, sugerindo-nos que a domesticação da mulher muitas vezes se dá, para ela, em nível pré-reflexivo. Na mesma direção, Saffioti (1999) aponta que os limites entre quebra de integridade e a obrigação de suportar o destino de gênero para as mulheres, isto é, a sujeição aos homens, pais ou maridos, normalmente são muito tênues.

O que o homem "domador" deseja é uma mulher previsível; afinal, a mulher é tida como objeto e objeto não pensa, não deseja, não sente. Para Saffioti (1987), o macho exerce a função de caçador, que deve perseguir o objeto de seu desejo da mesma forma que persegue o animal que deseja matar. Para o poderoso macho o que importa é o próprio desejo, não o da mulher – basta-lhe que ela consinta ser usada enquanto objeto.

Nas histórias de violência doméstica contra a mulher, qualquer sinal de insubordinação ou discordância torna-se motivo para punição nas mais variadas formas de agressão. Negar-se a praticar relações sexuais com o agressor muitas vezes resulta em novas agressões (Vitória, por exemplo), inclusive estupro. O próprio término do relacionamento, com iniciativa por parte da mulher e sua recusa em reconsiderar a reconciliação foram o estopim para agressores que tentaram pôr fim à vida das ex-companheiras (Rosa e Celeste).

Entretanto, constam relatos nos quais, da perspectiva da mulher, não houve motivo aparente para as agressões; apesar da sujeição da mulher ao homem, ela ainda assim apanha

(Aurora). De forma semelhante aos animais, como mencionado anteriormente, que tiveram o corpo marcado por aqueles que se consideram os seus donos. Evidentemente, nenhum desses motivos, reais ou imaginários, dão direito a um homem agredir uma mulher. Não há nada que legitime comportamentos abusivos violentos em uma relação conjugal (Fonseca et. al., 2012; Narvaz & Koller, 2006). Mas o que se percebe é uma intolerância do homem ao que ele entende ser um risco: ao seu papel social de "macho" dominante, de perder o controle que tem (ou pensa ter) sobre a mulher, da mulher interessar-se por outro homem ou mesmo de que ela deixe de se interessar por ele. Quando sua aparente segurança é afetada, a mulher passa a ser vista como uma inimiga e corre o risco de ser aniquilada.

Nesse sentido, o processo de domesticação da mulher na relação afetiva, sob a perspectiva do homem, tem o intuito original de "desalterizá-la"; aliás, é justamente por saber que a mulher, enquanto alteridade, lhe deixa escapar algo, que o homem age simbolicamente na direção de não deixar escapar mais, podando-lhe tudo o que ele considera, na mulher, uma ameaça à sua soberania.

A inacessibilidade a uma parte do ser, inerente à alteridade, é comum às interações euoutro; o que o homem agressor não aceita e com que não lida bem é quando se trata da
alteridade da "sua" mulher. Nada nela pode ser oculto, nebuloso; ela deve ser transparente,
sem segredos. A mulher, então, não pode ser tida como fronteira (Boesch, 1991) na relação
com esse tipo de homem, na medida em que ser "fronteira" implica defrontar-se com riscos e
surpresas, que advertem o homem sobre a impossibilidade de ter total controle sobre o outro,
nesse caso, outra.

Podemos questionar que tipo de alteridade é essa do homem agressor. Afinal, há características próprias a essa espécie de alteridade, a de quem não tolera outra alteridade (não qualquer outra, mas a da mulher que ele considera sua posse)? Como a mulher percebe a alteridade de quem lhe agrediu e como passa a perceber a alteridade masculina, de forma geral?

Trago emprestado de Nigro (2016, p. 99) o que ele definiu como alteridades canibais: "conjunto de forças pervasivas que se mantém vivas na metaforma de um sistema cultural de sequestro de identidades, controle de corpos, afetos e ações, imposição de pensamento, formação de mentalidades submissas, domesticação espiritual, manipulação de subjetividades, regulação e neutralização ontológica (...)".

Apesar de a noção de alteridades canibais em Nigro¹⁸ não se referir diretamente ao contexto da violência doméstica contra a mulher (mas também o abarque), utilizarei a noção para me referir à alteridade do homem agressor, uma vez que este homem "canibal" também devora, simbolicamente, membros da própria espécie. Nesse sentido, esse tipo de alteridade é faminta por outra – a da "sua" mulher, – e age no sentido de consumir tudo o que é próprio e singular a outrem: no caso, a história da mulher, sua identidade, sua subjetividade, seu corpo, seu eu; seu objetivo parece ser de que a mulher, em dado momento, passe a agir de forma a não mais conseguir diferenciar o seu eu do não-eu. Isto é, o homem pretende demolir a fronteira simbólica na relação eu-outro, transformando a mulher e sua subjetividade num território de livre acesso, no qual ele, e somente ele, pode transitar, sem reservas, sem obstáculos aos seus propósitos, de acordo com sua ideologia de macho dominante.

Com base no referencial teórico da Psicologia Cultural, Madureira (2012) estudou a construção de identidade de gênero, recorrendo ao conceito de fronteiras simbólicas como ferramenta útil na análise de fenômenos tais como a construção de identidades sociais e as dinâmicas e tensões relacionadas a esse processo, estereótipos, preconceitos, práticas discriminatórias, só para citar alguns exemplos. A autora se valeu da forma como Valsiner (2007) considera as fronteiras simbólicas, baseando-se na imagem metafórica de uma membrana semipermeável. As fronteiras simbólicas delimitam, de maneira semipermeável, as diferenças entre indivíduos e grupos sociais (Madureira e Branco, 2012).

Quando fronteiras simbólicas semipermeáveis tornam-se rígidas, e logo, nãopermeáveis, elas se transformam em barreiras culturais. Dessa forma, ocorre uma diferenciação nas relações eu-outro ao custo da desqualificação do que o eu considera diferente e, geralmente, inferior a ele (Madureira, 2012).

O sexismo, por exemplo, tão evidente nas narrativas das participantes dessa pesquisa, corresponde a uma distinção de gênero hierárquica e rígida, diretamente relacionada à reprodução de fronteiras não-permeáveis entre masculinidade e feminilidade. Nas relações euoutro (mundo), aquele que é julgado inferior (neste estudo, pessoas do gênero feminino), são associados a significados pejorativos, encharcados de preconceitos, inclusive por outras mulheres. Os casos mais extremos, em que fronteiras simbólicas se tornam ainda mais rígidas, os outros (isto é, as mulheres) são percebidos como inimigos e, logo, devem ser eliminados (cf. Madureira, 2012).

-

¹⁸O estudo de Nigro (2016) se propõe a criar pontes entre certas manifestações das artes dramáticas contemporâneas e da Psicologia Cultural. Para isso, parte de um espetáculo teatral para trazer à reflexão como o sistema (forças do Estado, economia, mercado) determina e molda as identidades dos membros da sociedade.

Na mesma direção, Saffioti e Almeida (1995) apontam que, enquanto mulheres são socializadas para o convívio com a impotência, os homens são socializados para o exercício de poder, por isso, convivem mal com a impotência. As autoras acreditam que há uma relação entre a vivência da impotência e os atos de violência praticados pelos homens sobre as mulheres.

Portanto, dar um basta ao *destino de mulher*, significa que uma alteridade feminina antes domesticada, se rebele contra as imposições vindas da alteridade canibal, transformando-se em uma alteridade que altera: a si mesma e às suas relações eu-outro (mundo). A mulher passa a requerer o direito de delimitar seu lugar e espaço, de demarcar a fronteira simbólica existente na relação eu-outro, aparentemente antes inexistente. Ao transgredir a ideologia do *destino de mulher*, ela se posiciona subjetivamente de forma a romper com as expectativas da cultura coletiva acerca do papel social de mulher, isto é, ao estereótipo do gênero feminino.

Dessa forma, essa transgressão resulta em tensões, muitas vezes em forma de punição, que não se resumem às agressões do companheiro (ou ex-companheiro); a mulher também é punida em outras instâncias, como apontam as narrativas das participantes (Celeste, por exemplo): através do descaso presente no atendimento dispensado pela delegada especializada nesse tipo de violência (de gênero); nos aconselhamentos de outras mulheres sobre a conduta que a vítima deveria ter tomado, no sentido de ter aceitado (como possivelmente a aconselhadora faz) o seu *destino de mulher*, mantendo-se junto do marido, a qualquer custo.

Essa "segunda" punição, real ou simbólica, advinda de uma pessoa do mesmo gênero é sentida pela mulher como inquietante (Simão, 2003, 2016), na medida em que ocorre a ruptura de expectativas culturais e pessoais quanto ao apoio que deveria receber, seja do Estado, seja das pessoas que a circunda, também mulheres. Cabe nos questionar: como uma delegada trata com desdém uma mulher vítima de violência, sendo que é dever da autoridade prestar atendimento digno e respeitoso à população? Como uma mulher pode aconselhar a outra a "aguentar firme" o *destino de mulher*? Seria por que a mulher ao se insubordinar, de alguma forma, agride essas outras mulheres que a julgam?

Essa espécie de punição vinda de outra mulher pode causar estranhamento, mesmo apesar de termos conhecimento do quão comum é esse tipo de situação em nosso cotidiano e de como se dá a educação feminina. Como citado anteriormente, trata-se de uma educação baseada numa ideologia dominante masculina em que os papéis sociais para cada gênero são bem delimitados e desiguais, marcando de maneira bastante evidente a "inferioridade" da

mulher (cf. Saffioti, 1987); todos esses valores aprendidos socialmente vão se tornando arraigados no sistema de valores pessoal e cultural de cada indivíduo.

O estudo de Madureira (2012) traz um exemplo bem elucidativo acerca de uma situação em que a própria mulher é contra a igualdade de gênero, extraído de uma das entrevistas realizadas com professoras de escolas públicas em Brasília, que tinha como objetivo analisar as crenças e conceitualizações que tinham acerca de questões de gênero e sexualidade. Ao ser indagada a respeito das diferentes expectativas sociais para homens e mulheres, a participante narra que muita igualdade (entre os gêneros) não é bom; ela discorda da ideia de homens e mulheres terem os mesmos direitos em todos os âmbitos da vida, especialmente, no que se refere ao âmbito sexual, o que para a entrevistada significa promiscuidade. Já no âmbito profissional, a participante acha justo que haja igualdade de direitos entre homens e mulheres. Para Madureira, a visão pejorativa da participante acerca da liberdade sexual da mulher (um signo de promiscuidade) está inserida na longa tradição do Cristianismo, que apresenta a sexualidade feminina como potencialmente perigosa e, logo, deve ser controlada por cada mulher, por outras mulheres, pela sociedade, de forma geral.

Dessa forma, parece que a mulher que se rebela contra as regras culturais que regem o que é esperado para o "papel social de mulher" causa incômodo àquelas outras que não fizeram o mesmo; vê-la gozar da liberdade que havia lhe sido tolhida sinaliza possibilidades que outras mulheres deixaram passar em nome do que é moralmente correto. Se por outro lado, a mulher vista como rebelde é agredida, castigada por sua insubordinação ao homem, a violência serve de justificativa para que outras mulheres aceitem, sem pestanejar, o *destino de mulher*. Afinal, se algo deu errado àquela mulher, na qualidade de ser-humano mortal, "pode dar errado comigo também". Parece haver uma crença que o castigo sempre vem àquelas que se rebelam, as inconformadas: quando não se dá por parte do companheiro, se dá pela família, pela Igreja, por outras mulheres, pela sociedade de maneira geral.

Ainda a respeito da alteridade, um dado comum entre as participantes dessa pesquisa e que corrobora outros estudos na temática da violência doméstica refere-se à impossibilidade de compreensão que justifique a violência sofrida e que normalmente é nomeada pelas mulheres que passaram por situação de violência doméstica como "cicatrizes de dentro". Na presente pesquisa, a expressão foi trazida espontaneamente por algumas das participantes.

Naturalmente, as participantes sabiam que haviam sido convidadas para a entrevista de pesquisa por conta das cicatrizes decorrentes das agressões sobre o corpo. Mas como a questão não especificava, propositadamente, o âmbito da cicatriz (físico ou psicológico), as participantes inicialmente narravam a respeito das "cicatrizes de fora" – isto é, as que estão

sobre a pele e, portanto, podem ser acessadas pelo olhar –, indicando a dimensão física da marca e sua gênese; entretanto, ao longo da narrativa, elas mesmas trouxeram a dimensão simbólica das cicatrizes, "as cicatrizes de dentro", indicando o âmbito subjetivo das mesmas.

As "cicatrizes de dentro" relacionam-se com a alteridade do homem agressor na medida em que a resposta buscada pela mulher, no intuito de compreender o porquê da violência, aparentemente, está no outro, naquela dimensão que ela não pode alcançar. E, mesmo que pudesse, ela não teria uma resposta aceitável, do ponto de vista subjetivo, que aplacasse a sua angústia, que desse sentido ao sem sentido.

As entrevistadas veem as "cicatrizes de dentro" como incuráveis, indicando-nos a percepção de uma convivência eterna com a dor psicológica, permanente (como as "cicatrizes de fora") e que nos conduz à questão da temporalidade: o que é visto como incurável, é algo que não pode ser solucionado. E se não há solução para essa dor, implica pensar a futuridade não como possibilidade, mas como uma barreira à construção de sonhos, planos e expectativas sobre a realidade da vida. Há um questionamento a respeito do sentido da vida: se a felicidade não é possível de ser alcançada, por que viver? E felicidade, para essas mulheres, está fortemente relacionada ao desejo de construir um vínculo afetivo com outro homem, de deixar-se dar uma nova chance para amar e ser amada, de ressignificar o sentido de uma relação a dois, que foi totalmente contaminado pelo antagonismo vivenciado na relação anterior, com o ex-companheiro e agressor.

Nesse sentido, penso que as "cicatrizes de dentro", nos termos das entrevistadas, são cicatrizes simbólicas que decorrem de acontecimentos percebidos pelo eu como traumáticos, valorados negativamente e que marcam profundamente a trajetória de vida de uma pessoa, em termos de antes e depois, tamanhas as repercussões que passam a ser vivenciadas após o evento traumático. Isso significa que o self passa por transformações que permitem que a pessoa passe a identificar um eu antes do acontecimento que diverge do eu após o acontecimento, e os compara. Essa comparação entre antes e depois implica na percepção de uma identidade atual diferente da anterior, o que faz com que a pessoa busque dar uma nova consistência ao self.

A cicatriz é a forma final da evolução de um dano físico à pele; é um signo que dá indícios de algum acontecimento de vida, relevante ou não para quem a carrega gravada em seu corpo. É um tipo de memória corporificada, que presentifica um evento passado. Quando na pele do outro, pelo seu aspecto, somos capazes de deduzir sua origem e a gravidade do evento causador.

As cicatrizes simbólicas são as marcas de que trata um psicólogo; somos especialistas em cuidar do que não é visível aos olhos. Temos um compromisso com a tentativa de enxergar, mas sempre será tentativa por conta da alteridade presente nesse tipo de relação, tomada como dialógica; buscamos algo, buscamos enxergar as cicatrizes. Mas necessitamos que o possuidor da cicatriz nos guie até ela e nos conte a sua dor; que nos explique o que ele identifica como a causa do ferimento, em que situação e gravidade se encontra. A nós, os psicólogos, nada é dado, senão as palavras da pessoa que nos procura, que busca, entre outras coisas, atenuar as cicatrizes. Não dispomos de raio-x, tomografias, ressonâncias que nos ajudem a diagnosticar o problema. Entramos nessa interação com uma espécie de venda nos olhos, o que nos alerta ao cuidado que devemos ter a cada passo que devemos dar, respeitando as fronteiras na relação eu-outro.

Esse estudo pretende incitar a reflexão acerca de cicatrizes simbólicas, que não se limitam às dores psicológicas decorrentes da experiência de violência doméstica, mas abrangem dores resultantes de acontecimentos traumáticos e que demandam a atenuação da dor, através da possibilidade de ressignificação da experiência pela linguagem refletida, que é a experiência narrativa. As narrativas retocadas preveem a transformação de eventos de vida conhecidos pelo sujeito via novidades, presentes no processo de restauração da experiência oportunizada pelo narrar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno global, tão antigo quanto a própria humanidade. O que é muito recente são os esforços no sentido de superá-la, dados os impactos sociais e econômicos que o problema representa para toda a sociedade, de maneira geral (Waiselfisz, 2015).

Quando a brutalidade das agressões não culmina na morte da vítima, sobreviver à violência implica conviver com danos à saúde física e mental, frequentemente permanentes, que afetam negativamente diversas esferas da vida da mulher. Mas os desdobramentos da violência não se encerram na mulher que foi agredida; reverbera sobre a família, especialmente sobre os seus dependentes. Em nível coletivo, compõe, junto dos acidentes e outros tipos de violência, as preocupantes taxas de morbimortalidade por causas externas no Brasil, configurando um dos principais problemas de saúde pública (Brasil, 2017).

Partindo da experiência de quatro mulheres sobreviventes à violência doméstica, este estudo investigou como o passado, gravado na pele em forma de cicatrizes, afeta a perspectiva de vida dessas mulheres, incluindo aí o papel das relações eu-outro (mundo) sobre o processo de significação em torno das cicatrizes, consideradas aqui como signos representativos de uma série de acontecimentos de vida em torno dos episódios de violência.

Os dados demonstraram, como esperado, que a experiência de violência não se encerra quando o último golpe é deferido na mulher: ela sente no seu dia a dia a extensão das agressões cometidas no passado, ao conviver com os inúmeros prejuízos vivenciados no presente que acabam por influenciar, de forma existencialmente negativa, a sua perspectiva de futuro.

No âmbito da temporalidade, é comum às entrevistadas a seguinte percepção acerca do fluxo do tempo: para elas – e não para os outros –, o tempo não passa, desde o momento em que tiveram as trajetórias de vida marcadas pela violência. Esse dado encontra a posição de Brockmeier (2015) sobre a alteração da percepção subjetiva temporal após a vivência de certas experiências traumáticas: o passado é vivido como se fosse o presente daquela pessoa. Nesse sentido, narrar que o tempo não passa é dizer, de outra forma, que o sofrimento psíquico, em toda a sua intensidade, persiste; que as memórias traumáticas relacionadas ao evento se movem num constante ir e vir; que apesar de empreender ações simbólicas na direção de atenuar o aspecto estético das marcas, seja por meio de intervenções cirúrgicas, seja encobrindo-as com tatuagens, "as cicatrizes continuam lá", como afirmou uma das entrevistadas (Celeste).

O passado violento também se faz presente para as entrevistadas quando elas se deparam com a incapacidade ou limitação para o trabalho, dificuldades financeiras em função da perda de salários e estabilidade, isolamento social, capacidade limitada para cuidar de si e dos filhos, corroborando os dados da Organização Mundial de Saúde¹⁹ (OMS).

Para essas mulheres pensar o futuro envolve, primordialmente, a busca por segurança material, física e psicológica, no intuito de garantir a própria integridade tão duramente atingida em função da violência. Naturalmente, estão implicadas aí a preocupação e a responsabilidade dessas mulheres em zelar pela integridade dos filhos menores (quando for o caso).

Entretanto, o que as narrativas das participantes indicam é que no futuro seguro almejado por elas dificilmente caberá um homem na qualidade de parceiro amoroso. Se, por um lado, as entrevistadas desejam ter uma nova chance de serem felizes no âmbito dos relacionamentos íntimos, ainda que esse desejo se mostre velado em alguns dos relatos, por outro, imaginar-se em uma relação com um homem é ocasião geradora de terror, uma vez que essas mulheres tendem a generalizar todos os homens como potenciais agressores.

Nesse contexto, não são apenas as relações íntimas eu-outro que são prejudicadas; a figura do outro, independentemente do papel que assume nas relações sociais, perde a credibilidade da perspectiva da mulher que passou por situação de violência. Desde o "outro-curioso" que a indaga acerca das suas cicatrizes até àqueles que, aparentemente, exercem o papel social de quem presta suporte às vítimas de violência, como o médico e a delegada, conforme apontam as entrevistadas.

Mas e quanto a nós, os pesquisadores? É totalmente plausível que esse olhar também seja estendido a nós, afinal também somos "outro" sob a perspectiva da mulher que foi agredida. Talvez a formação em Psicologia nos sirva como uma espécie de álibi, no sentido de aumentar as chances de sermos aceitos por ela como entrevistadores. Talvez. Porque nada nos é garantido apenas com base na profissão e no que se espera da postura desse profissional, haja visto os exemplos anteriormente citados.

Convidar a mulher que passou por situação de violência a participar da nossa pesquisa, aparentemente, não passa de um dos protocolos próprios ao processo de fazer pesquisa. Contudo, há algo muito sutil e ao mesmo tempo importante nesse convite: a oportunidade de a mulher decidir compartilhar ou não a sua vida com um estranho – o pesquisador. Entretanto, esse "outro" não é um curioso qualquer; ele demonstra interesse genuíno em conhecer uma

_

¹⁹Disponível em http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women. Acesso em 9/7/2018.

parte dolorosa e embaraçosa da sua história de vida, diferente do que ela está habituada a vivenciar nas relações eu-mundo, ao tentar compartilhar o seu sofrimento. O pesquisador, enquanto outro, não se esquiva dela, ao contrário, vai em sua direção; ele não se posiciona como alguém indiferente a sua dor e a sua escuta não visa repreendê-la ou censurá-la.

Aceitar participar da pesquisa, isto é, concordar em conceder uma entrevista dessa natureza é deixar-se interpelar pelo outro, o pesquisador. É abrir-se a uma relação com a alteridade, ocasião normalmente evitada após os episódios de agressões, na medida em que a estranheza do outro pode ser terrivelmente assustadora. E essa abertura é de extrema importância, para participante e pesquisador, pelo significado que assume nesse tipo de interação.

O que quero dizer é que essa mulher espera algo de nós. Ela nos dá a chance de entrevistá-la e, assim, termos acesso às respostas que a nossa pesquisa busca responder. Mas ela também se dá uma chance: a de avaliar se realmente todos "os outros" lhe reservam o pior. Está aí uma das nossas responsabilidades enquanto pesquisadores no trabalho de campo, especificamente na temática da violência contra a mulher: confirmar a sua visão hostil acerca do outro ou convidá-la a fazer distinções entre o que é e o que parece ser, ocasião que pode favorecer a emergência de significados positivos acerca das relações eu-mundo.

Tendo em vista a importância que as relações intersubjetivas exercem sobre o desenvolvimento simbólico individual (Simão, 2010), esta pesquisa revelou o quão relevante é refletirmos criticamente a noção de alteridade com vistas à melhor compreensão de um fenômeno multicausal e complexo, como é o caso da violência doméstica contra mulher, na medida em que é um desdobramento da resistência ou mesmo da impossibilidade de diálogo entre os interlocutores que compõem a relação íntima homem-mulher. Nesse tipo de relação, o fator gênero pode implicar em prejuízos ou vantagens no que toca ao exercício de poder, que se concentra nas mãos daquele que se percebe e se coloca como dominante na relação, nesse caso, o homem.

Desse modo, mais que suscitar reflexões e ações voltadas ao enfrentamento da violência já consumada, buscando contornar ou minimizar as consequências negativas do problema da violência contra a mulher, necessitamos, enquanto cidadãos, atuar na prevenção da violência, essencialmente, por meio da educação, no reconhecimento e respeito aos direitos humanos, implicadas aí as questões de gênero e a desigualdade sociocultural entre as pessoas.

No âmbito da Psicologia, reforço a importância de formar profissionais qualificados para atuar nessa área temática, para que o psicólogo esteja preparado para ser um "outro" que seja capaz de inspirar confiança na mulher; assim, ele poderá oferecer amparo e atendimento

adequados às mulheres que recorrem a serviços especializados de gênero, visando oportunizar a superação e ressignificação da experiência de violência, através do acolhimento dessa pessoa e do exercício de sua narrativa.

Como ingressante na docência da graduação em Psicologia, tenho o intuito de participar no preparo teórico, metodológico e, principalmente, ético dos estudantes no trabalho de campo com mulheres em situação de violência. O conceito de experiência inquietante (Simão, 2003, 2016) mostrou-se um recurso importante na condução desta pesquisa, como detalhado ao longo do trabalho, desde as entrevistas com as participantes até a interpretação dos dados que emergiram dessas ocasiões. Por esse motivo, pretendo estender o uso do conceito como uma ferramenta que possa balizar os graduandos nas interações entre pesquisador e participante, especialmente por conta do que essa situação exige.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

REFERÊNCIAS²⁰

- Abbey, E. (2015). Temporality and the boundary between present and future. In L. M. Simão, D. S. Guimarães & J. Valsiner (Eds.). *Temporality: culture in the flow of human experience*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 41-56.
- Abbey, E. (2006). Triadic frames for ambivalent experience. *Estudios de Psicología*, 27, 33-40.
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo: fatos e mitos.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949).
- Berger, M. (2009). Tatuagem: a memória na pele. Sinais, 5(1), 65-83.
- Bhona, F. M. C., Lourenço, M. L., & Brum, C. R. S. (2011). Violência doméstica: um estudo bibliométrico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro*, 63(1), 87-100.
- Boesch, E. E. (2007a). The enigmatic other. In L. M. Simão & J. Valsiner (Orgs.). *Otherness in question: labyrinths of the self.* Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, pp. 3-9.
- Boesch, E. E. (2007b). Reality as metaphor. In W. J. Lones & S. A. Hayes (Orgs.). *Discovering cultural psychology*. Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, pp. 219-237.
- Boesch, E. E. (2007c). Transparency in the meaning making. In L. M. Simão & J. Valsiner (Orgs.). *Otherness in question: labyrinths of the self.* Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, pp. 37-50.
- Boesch, E. E. (1991). *Symbolic action theory and cultural psychology*. Berlim-Heidelberg. New York: Springer.
- Brasil (2017). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção de Saúde. *Viva: Vigilância de Violência e Acidentes: 2013 e 2014*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil (2015). Lei do Feminicídio. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.
- Brasil (2012). Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Lei Maria da Penha. Lei nº* 11.340/2006.
- Brasil (2011). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual: matriz pedagógica para formação de redes*/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Brasil (2002). Ministério da Saúde. *Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências: portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01*, publicada no DOU nº 96 seção 1e. de 18/5/01/Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.

²⁰De acordo com as Diretrizes para Apresentação de Dissertações e Teses da USP – Parte II (APA). Disponível em: http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/112

- Brasil (2001). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar:* orientações para prática em serviço/Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brison, S. J. (1999). Trauma narratives and the remaking of the self. In M. Bal, J. Crewe & L. Spitzer (Eds.). *Acts of memory: cultural recall in the present*. Hanover, NH: Dartmouth College, pp. 39-54.
- Brockmeier, J. (2015). *Beyond the archive: memory, narrative, and the autobiographical process.* New York: Oxford University Press.
- Brockmeier, J. (2000). Autobiographical time. *Narrative Inquiry*, 10(1), 51-73.
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia. Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 16*(3), 525-535.
- Bruner, J. (2004). Life as narrative. *Social Research*, 71(3), pp. 691-710. (Trabalho original publicado em *Social Research*, 54(1) Spring 1987).
- Bruner, J. (1997). Atos de significação. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18(1), 1-21.
- Chaudhary, N. (2014). Trust, distrust and language. In P. Linell & I. Marková (Eds.). *Dialogical approaches to trust in communication*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 175-185.
- Christianson, S. A. (1992). *The handbook of emotion and memory: research and theory*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Clastres, P. (1988). A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- Coelho Júnior, N. E. (n.d.). *Usos contemporâneos do corpo perspectivas psicanalíticas e fenomenológicas*. Recuperado de:
- https://www.researchgate.net/publication/256533854 Usos Contemporaneos del Cuerpo Perspectivas Psicanaliticas y Fenomenologicas
- Conselho Federal de Psicologia (2012). Referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP.
- Conway, M. A., & Holmes, A. (2004). Psychosocial stages and the accessibility of autobiographical memories across the life cycle. *Journal of Personality*, 72(3), 461-80.
- Conway, M. A., & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review*, *107*(2), pp. 261-88.
- Cornejo, C. (2014). On trust and distrust in the lifeword. In P. Linell & I. Marková (Eds.). *Dialogical approaches to trust in communication*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 237-253.

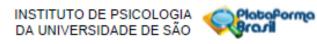
- Culbertson, R. (1995). Embodied memory, transcendence, and telling: recounting trauma, reestablishing the self. *New Literary History*, *26*, 169-195. DOI: 10.1353/nlh.1995.0007
- Delamarre, B. (1996). Autrui. Paris: Ellipses.
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, 115, 139-154.
- Fivush, R., Hazzard, A., McDermott Sales, J., Sarfati, D., & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos? Children's narratives of emotionally positive and negative events. *Applied Cognitive Psychology*, 7(1), 1-19.
- Fioreti, C., & Smorti, A. (2016). Narrating positive versus negative memories of illness: does narrating influence the emotional tone of memories? *European Journal of Cancer Care*, 26(3), 1-7. DOI: 10.1111/ecc.12524
- Fonseca, D. H.; Ribeiro, C. G.; & Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), pp. 307-314.
- Guimarães, F. (2009). "Mas ele diz que me ama...": impacto da história de uma vítima na vivência de violência conjugal de outras mulheres. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília.
- James, W. (1897/1948). Essays in pragmatism. New York, NY: Hafner Publishing Company.
- Josephs, I., & Valsiner, J. (1998). How does autodialogue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61(1), 68-83.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. V. (2002). Entrevista narrativa. In: M. V. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 90-113.
- Lamiell, J. T. (1998). "Nomothetic" and "idiographic": contrasting Windelband's understanding with contemporary usage. *Theory and Psychology*, 8, 23-38.
- Laskovski, L. (2012). Por que ir à Fisioterapia? Um estudo microgenético de expectativas de pacientes e adesão ao tratamento (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Le Breton, D. (2009). As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Le Breton, D. (2006). A sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lebrun, G. (1983). Arte e filosofia. Rio de Janeiro, RJ: Funarte.
- Leitão, M. N. C. (2014). Mulheres sobreviventes de violência exercida por parceiros íntimos: a difícil transição para a autonomia. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 48 (Esp), 7-15.
- Luhmann, N. (1998). Familiarity, confidence, trust: problems and alternatives. In D. Gambetta (ed.), *Trust: making and breaking co-operative relations*, Oxford: Blackwell, pp. 94-107.

- Madureira, A. F. A. (2012). Belonging to gender: social identities, symbolic boundaries and images. In Valsiner, J. (Ed.). *The oxford handbook of culture psychology*. New York: Oxford University Press, pp. 582-601.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2012). Diversity and inclusion as central values in the construction of a democratic world. In A. U. Branco & J. Valsiner (Eds.). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 195-235.
- Mello, I. C. A. P. (2009). *Infinito instante: um olhar bergsoniano sobre o tempo nas fotos de Hiroshi Sugimoto* (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Musaeus, P., & Brinkmann, S. (2011). The semiosis of family conflict: a case study of home-based psychotherapy. *Culture & Psychology*, *17*(1), 47-63.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, *37*(1), 7-13.
- Nigro, K. F. (2016). *Outros canibais: teatro jaguarizado contra a colonização do pensamento* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pontes, V. V. (2013). Construindo continuidade frente a sucessivas rupturas: estratégias semióticas de reparação dinâmica do self (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- Ravazzola, M. C. (1997). Violencia familiar: El abuso relacional como un ataque a los derechos humanos. *Sistemas Familiares*, 23, 29-42.
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo, SP: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2ª ed.
- Saffioti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em Perspectiva, 13(4), 82-91.
- Saffioti, H. I. B. (1987). O poder do macho. São Paulo: Editora Moderna.
- Saffioti, H. I. B.; & Almeida, S. S. (1995). *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Salgado, J. (2014). Searching for trust in psychotherapy: the developmental dynamics of trust within a dialogical perspective. In P. Linell & I. Marková (Eds.). *Dialogical approaches to trust in communication*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 101-124.
- Salvatore, S., & Valsiner, J. (2010). Between the general and the unique: overcoming the nomothetic versus idiographic opposition. *Theory and Psychology*, 20(6), 1-18.
- Salvatore, S., & Valsiner, J. (2008). Idiographic science on its way: towards making sense psychology. *Yearbook of idiographic science*, *1*, 9-19. Firera & Liuzzo Publishing, Roma.
- Sampaio, J. C. C., & Simão, L. M. (2015). Repetition, duration and persistance: temporality in the performing arts. In L. M. Simão, D. S. Guimarães & J. Valsiner (Eds.). *Temporality: culture in the flow of human experience*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 381-411.

- Simão, L. M. (2016). Culture as a moving symbolic border. *Integrative Psychological & Behavioral Sciences*, 50, 14-28. https://doi.org/10.1007/s12124-015-9322-6
- Simão, L. M. (2015a). The temporary perspective of the Semiotic Cultural Constructivism: for a hermeneutical reflexivity in Psychology. In G. Marsico, R. Ruggeri & S. Salvatore (Eds.). *Reflexivity and Psychology*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishers, pp. 65-85.
- Simão, L. M. (2015b). Time Not always the same. In L. M. Simão; D. S. Guimarães & J. Valsiner (Eds.). *Temporality: culture in the flow of human experience*, N. C.: Information Age Publishing, pp. 11-14.
- Simão, L. M. (2015c). The temporality of tradition: some horizons for Semiotic-Cultural Constructivism in Psychology. In L. M. Simão, D. S. Guimarães & J. Valsiner (Eds.). *Temporality: culture in the flow of human experience*. Charlotte, N. C.: Information Age Publishing, pp. 483-503.
- Simão, L. M. (2011). Ciência idiográfica, ciência cultural. In *Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*, 7, Salvador. Mesa Redonda: Ciência idiográfica, historicidade e semiose na Psicologia atual (apresentação oral).
- Simão, L. M. (2010). Ensaios dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações euoutro. São Paulo: Hucitec.
- Simão, L. M. (2007a). Why "otherness" in the research domain of semiotic-cultural constructivism? In Simão, L. M., & J. Valsiner. (Orgs.). *Otherness in question: labyrinths of the self.* Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, pp. 11-35.
- Simão, L. M. (2007b). We researchers: unquiet people disquieting others. A commentary on Duarte & Gonçalves "Negotiating motherhood: a dialogical approach". *International Journal of Dialogical Science*, 2(1), 277-285.
- Simão, L. M. (2004a). Semiose e diálogo: para onde aponta o Construtivismo Semiótico-Cultural. In M. T. C. C. Souza (Org.). *Os sentidos de construção: o si mesmo e o mundo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, pp. 13-24.
- Simão, L. M. (2004b). Alteridade no diálogo e construção de conhecimento. In L. M. Simão & A. M. Martínez (Orgs.). O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e prática profissional em psicologia. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, pp. 29-39.
- Simão, L. M. (2003). Beside rupture disquiet; beyond the Other Alterity. *Culture & Psychology*, 9, pp. 449-459.
- Simão, L. M. (2002). A noção de objeto e a concepção de sujeito em Boesch. In L. M. Simão, M. T. C. C. Souza & N. E. Coelho Jr. Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, pp. 87-96.
- Simão, L. M. (1998). Cultura como campo de ação: uma introdução à teoria da ação simbólica de Boesch. *Cadernos de Psicologia*, *4*(1), 57-66.

- Smorti, A., & Fioretti, C. (2015). Why narrating changes memory: a contribution to an integrative model of memory and narrative processes. *Integrative Psychological Behavioral Science*, 50, 296-319.
- Sontag, S. (1981). Ensaios sobre fotografia. Rio de Janeiro, RJ: Arbor.
- Strey, M. N. (2012). Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In Grossi, P. K. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, pp. 51-72.
- Valsiner, J. (2012). Fundamentos da psicologia cultural: fundamentos da mente, mundos da vida. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Valsiner, J. (2007). Looking across cultural boundaries. *Integrative Psychological & Behavioral Science*, 41(3-4), 219-224.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: a sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (1989). *Human development and culture*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Zittoun, T. (2007). Dynamics of interiority: ruptures and transitions in the self development. In Simão, L. M., & J. Valsiner (Orgs.). *Otherness in question: labyrinths of the self*. Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, pp. 187-214.
- Zuwick, A. M. (2012). O corpo violado. In Grossi, P. K. (Org.). Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, pp. 83-92.
- Wagner, R. (2010). A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015:* homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.flacso.org.br
- Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012*. Atualização: homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.flacso.org.br
- Wu, R. (2010). Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. *Estudos filosóficos*, *5*, 174-186. Recuperado de:
- https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13-rev5.pdf

ANEXO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: Para além do que se vé: questões, cicatrizes e repercussões psicológicas da violência

doméstica contra mulheres

Pesquisador: Flávia Meneses Duarte

Área Temática: Versão: 1

CAAE: 44799715.6.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.097.159 Data da Relatoria: 08/06/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta-se multo bem organizado com todos os documentos solicitados e a própria pesquisa revela-se multo bem delineada, com todos os itens que compõem adequadamente um projeto de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa tem por objetivo geral "investigar as repercussões que um corpo marcado por dicatrizes traz para a vida da mulher que passou por situação de violência doméstica no passado" e como objetivos especificos:

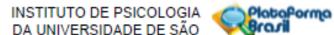
- a. Identificar pensamentos, sentimentos e ações quando o outro inquire verbaimente ou não a respeito
- b. Analisar as (re)significações pessoais e coletivas sobre as cicatrizes na narrativa da mulher, ao rememorar as agressões.
- c. Analisar as repercussões psicológicas da reparação da cicatriz, quando ocorreu intervenção médicocirúrgica.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030

UF: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182 E-mail: cephip@usp.br





Continuação do Parecer: 1.097.159

Avallação dos Riscos e Beneficios:

Como risco, a pesquisadora considera que rememorar situações difíceis e dolorosas de violência doméstica pode desencadear algum nivel de ansiedade nas participantes, mas seria possível oferecer apolo psicológico, se isto for necessário.

Como beneficio as participantes expressariam e compartificariam sentimentos, pensamentos e percepções, refletindo acerca de suas experiências e ao (re)significar essas vivências, poderia haver repercussão positiva na qualidade de vida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O fato desta pesquisa proporcionar reflexões posteriores de vivências dolorosas do passado pode ampliar o conhecimento sobre o funcionamento psiquico de mulheres vítimas de violência doméstica. Especialmente quando ejas já se distanciaram temporalmente do evento traumático, no sentido de analisar que manejos psiguicos foram utilizados para lidar não só com as cicatrizes corporais, mas também internas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está multo bem redigido, de forma ciara e concisa, com todos os cuidados éticos necessários.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevé aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

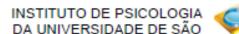
Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma ciara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que

Enderego: Av. Prof. Melio Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

CEP: 05.508-030 Bairro: Cidade Universitéria

Município: SAO PAULO UF: SP

Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br





Continuação do Parecer: 1.097.159

esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comité de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o profocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, icone Notificação, logo que o mesmo estiver concluido.

SAO PAULO, 08 de Junho de 2015

Assinado por: FRAULEIN VIDIGAL DE PAULA (Coordenador)

Enderego: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27 Bairro: Cidade Universitária CEF

CEP: 05.508-030

UF: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada Participante:

Gostaria de convidá-la a participar da pesquisa "Para além do que se vê: questões, cicatrizes e repercussões psicológicas da violência doméstica contra mulheres" realizada na Casa Eliane de Grammont. Os objetivos da pesquisa abarcam: analisar o processo pelo qual significados são construídos a partir de cicatrizes decorrentes da violência doméstica e compreender as repercussões físicas e psicológicas de tais cicatrizes sobre a vida da mulher.

A sua participação é muito importante e ela se dará através de uma entrevista, na qual a pesquisadora fará perguntas acerca da sua experiência, em relação as suas cicatrizes. As perguntas e suas respostas serão gravadas por um aparelho gravador e, depois, suas falas serão transcritas em forma de texto, exatamente como foram ditas. Além disso, os arquivos de áudio gravação serão descartados após sua utilização na tese de doutorado e eventual artigo científico a ser publicado e, portanto, ficarão em posse da pesquisadora por aproximadamente 5 (cinco) anos até serem definitivamente eliminados.

É importante esclarecer que os dados serão utilizados somente para fins científicos e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusarse a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Este estudo não apresenta nenhum tipo de risco ou prejuízo a sua integridade. Em caso de maiores dúvidas, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP pelo telefone (11) 3091-4182 ou com a pesquisadora responsável, Flávia Meneses Duarte, RG: 29702939-3, através do email: duartefm@usp.br.

Você receberá e assinará duas vias deste termo; uma das vias ficará com você e a outra ficará

em posse da pesquisadora responsável, que deverá arquivá-lo.

Tendo em vista as informações acima, eu, , após ter recebido todas as informações necessárias e os esclarecimentos devidos, declaro consentir livremente em participar como voluntário desta pesquisa.

	São Paulo,	de	de 2	20_
Assinatura do Participante:				
Assinatura da Pesquisadora:				

APÊNDICE B

ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA

1. Proposição geral:

A entrevista dará início com a proposição "Conte-me a história da sua cicatriz". Ao longo da narrativa, questões poderão ser realizadas pela pesquisadora, a fim de esclarecer dúvidas levantadas pelo relato ou complementar informações que estão relacionadas aos objetivos da pesquisa.

2. Roteiro temático:

TEMA	POSSÍVEIS QUESTÕES		
AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA	- Algo mudou em relação ao modo como você se percebe (ou percebe o		
	próprio corpo) após a(s) cicatriz(es)?		
	- Como é a sua relação com o espelho?		
	- Você tem o desejo de realizar alguma modificação na aparência da		
	cicatriz? Já realizou algo nesse sentido?		
	- Para você, o que representa a possibilidade (ou não) de amenizar		
	a aparência da cicatriz?		
O OLHAR DO OUTRO	- Você se preocupa em deixar as cicatrizes à mostra?		
	- Quando outras pessoas olham para a sua cicatriz ou mesmo perguntam		
	a você a respeito dela, o que você pensa? Como você se sente? O que faz		
	a respeito?		
	- Como você se sente ao contar essa história pra mim (enquanto		
	"outro")?		
PERSPECTIVAS DE VIDA	- As cicatrizes afetam a forma como você percebe a sua vida?		
	(a) Se sim, como?		
	- As cicatrizes influenciam a maneira como você encara as perspectivas		
E FUTURO	de futuro?		
	- Quais são as suas perspectivas para o futuro?		
	- Que tipos de coisa deseja realizar?		

APÊNDICE C

Entrevista com Aurora (1/2)

Aurora, 53 anos, Ensino Superior Completo em Odontologia. Cicatriz na mão (direita). Data: 29 de julho de 2015.

F: Você poderia me contar um pouco da história da sua cicatriz?

A: A história é a seguinte: Eu conheci o Paulo, meu marido – eu ainda tô casada com ele – numa terça-feira, no Hospital X, porque eu fui lá para tentar parar de fumar. Isso na terça-feira. No sábado, eu já tava morando com ele. Foi assim... paixão a primeira vista. E... eu fui morar com ele sem consultar ninguém da minha família. De modo que ficou mal vista a relação. Ele tomava muito uísque. Um litro de uísque por dia. E fumava maconha nesse período. Eu fui levando pra casa, aos poucos, as minhas coisas. Uma vez eu levei uns caixotes com cama, mesa e banho. E eu fui abrir a caixa com tesoura. Aí ele falou "não, abre com o canivete", eu falei "canivete não", aí o canivete fechou na minha mão e... estourou e me cortou a mão. E eu sou dentista, cortou tendão e ele não me levou para o hospital e eu não tenho o movimento desses dois dedos, nunca mais vou trabalhar como dentista. Essa cicatriz tem vários significados.

F: Eu não entendi se o corte foi um ato de violência dele ou um acidente...

A: Foi assim: eu segurei quando ele me deu e depois puxou...

F: Você entende que isso foi proposital?

A: Não sei dizer... Nunca vou saber...

F: O que você fez quando isso aconteceu?

A: Eu enrolei com toalha, pano de prato e só no dia seguinte eu fui para o hospital. Aí já não podia dar mais ponto, isso porque a cicatrização ia ser por segundas intenções, ou seja, ia ter que sarar, fechar por ela mesma.

F: Você tinha falado sobre significados da cicatriz. O que significa, hoje, pra você ter essa cicatriz?

A: Significa o fim da minha carreira, significa que ele me amava, mas com a mesma intensidade que ele amava, ele me odiava. Que ele podia fazer comigo o que ele quisesse que eu ia continuar do lado dele e... e assim sabe... um absurdo o que aconteceu, ele não ter me levado imediatamente para o hospital, a história teria sido diferente se tivesse atendida no mesmo dia e... eu sinto muito... e sinto culpa.

F: Culpa?

A: Sinto culpa, porque eu não soube me resguardar, não soube me defender, não soube agir neste episódio.

F: Você está dizendo que, com a sua experiência, hoje você teria feito diferente, é isso?

A: Eu teria pegado um taxi porque eu não sei dirigir e ido para o hospital.

F: O que você sentiu naquele momento, por ele não ter te levado no hospital?

A: Eu me magoei; fiz um boletim de ocorrência. Depois ele se arrependeu muito, aí eu fui com ele na delegacia e retirei o boletim de ocorrência... que hoje em dia eu procuro por esse boletim, mas tá arquivado... porque eu retirei a queixa, junto com ele. E foi algo muito traumático né? muito trágico.

F: Além dessa agressão na mão, ocorreram outras?

A: Ele me bateu com um cinzeiro de pedras no rosto, o que me deu muitas marcas... eu tô de base, tá? Esse risquinho aqui é uma das marcas (abaixo do canto direito da boca). E me bateu com o cinzeiro de pedras; tentou com a boca arrancar os meus dedinhos... e pegou um fio de nylon e queria me enforcar. Eu fiquei muito deformada. Cheguei aqui, nossa! Toda machucada, sangrando. O meu rosto inteiro sangrava. Aí o pessoal da delegacia de mulheres me encaminhou pra cá... pra fazer as medidas protetivas.

F: E desde então vou passou a utilizar os serviços da Casa?

A: Isso.

F: Em termos de marcas físicas, você não tem apenas a da mão... é que as (marcas) do rosto são mais discretas...

A: Têm... Têm uns buraquinhos aqui...

F: O que você sente quando olha para as suas cicatrizes? Seja a da mão ou as marcas que ficaram no rosto... O que você sente, pensa?

A: Eu olho... e me dá um vazio. Eu sinto um vazio. Um vazio... No rosto, eu me revolto...

F: Você disse que usa base... é por isso?

A: Sim, é por isso... E eu penso: Ai Paulo... Por que é que tinha que ser assim? Por que? Por que você me bateu? (silêncio mais prolongado)

F: As pessoas geralmente percebem essas marcas?

A: Não. Nem da mão, nem do rosto. A família, se percebe, não toca no assunto, nem nada.

F: E alguém que não seja da família, já percebeu ou perguntou sobre a cicatriz da mão?

A: Já.

F: E quando perguntam qual é a sua reação?

A: A primeira coisa que me vem a cabeça quando alguém pergunta é que eu não posso trabalhar. É que eu sou dentista... Era dentista e não posso mais trabalhar. Até porque eu perco a minha pensão se eu trabalhar.

F: Ah entendi... Você tem uma pensão por conta de não poder...

A: Eu tinha que ter uma pensão, porque eu não podia trabalhar. Como eu iria trabalhar? Não tinha jeito. Aí o juiz determinou que ele desse uma pensão.

F: E além de você pensar isso, que não pode mais trabalhar, quando te perguntam, você fala sobre isso?O que você responde?

A: Ah eu falo assim"foi um acidente"... Um acidente.

F: Como você se percebe, se você se comparar antes das cicatrizes e agora... Como você percebe o seu corpo com essas diferenças, com as marcas?

A: Eu me acho muito menos. Muito menor. Agora eu tenho baixa autoestima. Por causa das coisas que aconteceram. O fato de eu ter largado da profissão, me acho um lixo.

F: Parece que o fato de você ter parado de trabalhar marcou muito...

A: É isso mesmo. Isso influencia na minha autoestima. Porque eu não vou mais poder trabalhar. Eu lutei muito pelos diplomas, especialização; investi em dinheiro e não vou mais poder usar nada disso. A não ser que eu tivesse dinheiro, eu faria uma bela cirurgia — que eu não vou me arriscar dando a minha mão pra qualquer um mexer, porque é uma região muito delicada. Então, só se eu tivesse dinheiro pra pegar um cara muito fera pra fazer a reconstituição da mão. Por isso que eu não vou ver.

F: Então, é possível que se você fizer uma cirurgia de reconstituição de mão, você teria os movimentos?

A: Eu acho que... eu acho que teria, se fosse com uma pessoa adequada. Mas se fosse uma pessoa qualquer, eu tenho medo que fique pior. Pior do que já tá.

F: Pelo que você está me dizendo, então você não está procurando uma reparação cirúrgica...

A: Não... Cada vez que eu olho, eu lembro da violência que eu sofri, que não foi pouca coisa. E ainda assim... eu ainda amo esse homem.

F: Quanto tempo faz que isso aconteceu?

A: Então, não sei se uns 2 ou 3 anos...

F: E que você não está mais com ele?

A: Também. Eu coloquei um calmante no uísque dele; ele dormiu e eu catei a minha bolsa e fugi.

F: Que foi a ocasião que você veio atrás dos seus direitos.

A: Tudo num dia só, você imagina só? Indo pra hospital, pra delegacia de mulheres, vindo aqui. Levando as medidas protetivas lá para o Fórum Criminal. Olha... foi uma barra o que eu passei. Uma barra.

F: E quando você fugiu... Você teve contato com ele depois?

A: Tive. Por telefone. Mesmo assim eu não poderia né? Por causa das medidas protetivas. Mas ele falava "volta pra mim, você sabe que eu te adoro, que eu te amo... vamos passar um pano no que aconteceu; eu tô morando num flat super legal, você vai gostar; a gente começa a vida juntos" e toda essa conversa, né? Eu fiquei tentada até. Porque eu moro em... (bairro de SP) e ele mora em... (bairro de SP) também. Depois disso, eu encontrei com ele. Eu dei de cara com ele. Mas ele não falou nada comigo, só me olhou. E eu também só olhei, não falei nada. Porque pro homem, não tem mal maior do que mexer no bolso. E ele tá tendo que mexer no bolso pra me dar pensão.

F: Você disse que toda vez que vê a cicatriz lembra da violência e que ainda o ama...

A: É... bem menos. Bem menos, mas ainda amo.

F: Como é pra você olhar para uma cicatriz que, ao mesmo tempo em que te lembra um fato violento, também te faz lembrar ou pensar que o ama?

A: Eu tento dizer que foi um acidente, eu até acredito que tenha sido um acidente de tanto falar... pras pessoas, pra me justificar. Mas eu acho que isso aconteceu porque ele é muito doente, além de ser alcoólatra. Ele sofre de uma depressão recorrente, é bárbara. Tanto é que o conheci no Hospital, ele tava acabando de sair de uma consulta, de uma internação. Quer dizer, eu já deveria saber que ele não era uma pessoa normal. Ele era uma pessoal especial. Assim como eu sou. Eu sou bipolar. Eu tenho transtorno bipolar. E é coisa que não dá certo. Ele, com depressão recorrente e eu, bipolar.

(Pede um intervalo para tomar água. Volta com o copo de água dizendo que, por ter usado muita cocaína e fumar, perdeu os dentes de baixo e o uso da prótese a faz sentir sede)

Retomo a entrevista.

F: Aurora, você falou sobre o fato dessa cicatriz te lembrar que você não pode mais trabalhar. E do ponto de vista estético, isso te incomoda?

A: Incomoda. Incomoda em tudo, na mão direita tudo incomoda. Eu acho feio, tenho vergonha, não toco no assunto, tem que esconder...

F: O que você faz pra esconder?

A: Fico sempre com a mão fechada. Difícil abrir a mão.

F: Como você se sente em contar essa história pra uma pessoa como eu, que apesar de psicóloga, você está conhecendo agora? O que você sente?

A: Eu sinto muita dor psicologicamente falando. Eu sinto vergonha de ter morado com uma pessoa que poderia ser uma pessoa criminosa e ainda gostar dessa pessoa. Eu sinto vergonha.

F: O que você chama de dor psicológica?

A: Dói por dentro; tudo dói por dentro. Dói o fato de eu ainda gostar dele, eu tenho uma tatuagem...

(Me mostra o pulso e antebraço esquerdo, tatuado o nome e sobrenome do marido)

A: Eu tatuei o nome dele; ele tatuou o meu... Eu fui casada no papel, com comunhão total de bens e... a Marina falou comigo para eu ir ao Fórum, porque deve estar saindo o divórcio, eu ainda não tô divorciada... E eu não quero assinar o papel junto com ele. Eu não quero vê-lo. Mas falaram que não precisa, né?

F: O que você acha que poderia acontecer se você for assinar e ele estiver junto?

A: Eu vou ficar com vontade de conversar. E eu não quero.

F: Quando você diz que sente vergonha por ainda gostar dele... se você estivesse no lugar de outra pessoa e ouvisse isso de alguém, o que você pensaria?

A: Ahhh, é um absurdo! É um absurdo enorme.

F: E você guarda isso com você?

A: Eu guardo isso comigo. Eu faço terapia duas vezes por semana.

F: E como está sendo essa experiência pra você?

A: Tá indo. Tá melhor... Tô melhor.

F: E em relação a essa tatuagem? Essa é uma marca que você escolheu... Como é isso?

A: Nós trocamos no dia do casamento. Ele tatuou o meu nome e eu tatuei o dele.

F: De quem foi a ideia?

A: Minha... Foi um pacto de sangue.

F: Pacto de sangue? O que você quer dizer com isso?

A: Porque fazer tatuagem sangra né? E ele se sangrou com o meu nome e eu com o dele, né?

F: E o que representa ou representava isso pra você? Ter o nome do outro tatuado ou se sangrar pelo outro?

A: É, teve isso... ele derreteu a aliança da mãe pra fazer duas, uma pra mim e uma pra ele. Eu ainda tenho a aliança. Eu fiquei muito feliz. Muito, porque o casamento aconteceu para eu entrar no convênio dele pra fazer tratamento, eu precisava de tratamento e ele também. Eu preciso de psiquiatra...

F: Entrar no convênio... Foi esse o motivo do casamento?

A: Mais foi isso, que precipitou...

F: E o que você sente hoje quando olha para a tatuagem?

A: Ah, eu procuro esconder. Eu acho que é uma tatuagem bonita, independente do que tá escrito. Mas um dia eu vou ter que dar um jeito nisso. Colocar umas flores em cima.

F: Mas o que ela te causa quando você olha? É a mesma coisa quando você olha a cicatriz?

A: Quando eu olho, eu acho que eu sou muito burra. Eu acho que fui muito burra por fazer isso, mas... foi né? Já tá aqui.

F: Então, no futuro, você pensa em modificar esse desenho, ou melhor, o nome dele?

A: É.

F: Essa está num lugar mais visível, se estiver calor, por exemplo ...

A: É, mas eu escondo. É que eu não tive muitos verões com ela ainda, então deu pra esconder. É recente o fato de ter caído a ficha. Agora que eu começo a melhorar... eu quero ser feliz ainda. Eu quero procurar coisas pra eu fazer ainda. Porque eu não posso trabalhar. E não posso casar por causa da pensão... E falar que eu gosto dele... Olha, eu já tô cansada de me ouvir falar. Eu acho que eu nem gosto tanto mais. Mas sabe quando você se acostuma?

F: Costume?

A: Já tá virando um costume. Mas eu gosto. Gosto, porque do mesmo jeito que ele me maltratou, ele me tratou muito bem. Ele é professor de Física e Matemática da Universidade X. E eu me impressionei com o currículo dele, a pessoa dele. Mas muitas coisas ruins aconteceram. Ele levou um tombo, quase morreu. Foi aposentado compulsoriamente, acho que é por causa da bebida e da doença.

F: Você disse que foi curto o espaço de tempo entre vocês se conhecerem e irem morar juntos. Antes das agressões acontecerem, você percebia algum sinal, algum comportamento que pudesse vir a ser violento?

A: Ah ele dava, mas eu não achei que ia acontecer... Porque antes de isso acontecer, uma vez ele tentou me estrangular.

F: Essa foi a primeira agressão?

A: É... com a mão ele tentou me estrangular... aí eu peguei o celular zerinho que ele tinha me dado e taquei na parede e ele parou. Uma outra vez eu tava dormindo e ele tava com insônia. Ele jogou *Veja* no meu cabelo e ia pôr fogo. Ia incendiar. Ia me incendiar.

F: E o que você fez quando percebeu?

A: Eu fui pra casa do meu pai. Foi terrível.

F: Teve alguma agressão que te marcou mais?

A: Essa do *Veja* no cabelo. Aí eu saí correndo e fui para o quarto e ele disse "*vai embora senão eu vou te matar; foge, foge de mim!*" Ele nunca me escondeu a personalidade dele.

F: Você quer dizer que desde o início do relacionamento ele falava ou mostrava essa personalidade?

A: É. O médico e o monstro.

F: E o que você achava disso?

A: Ah, eu falava pra ele "eu te amo, a gente supera junto essa fase", "a gente vai superar isso, você vai se tratar". Eu acreditava num final feliz.

F: E quando você deixou de acreditar num final feliz?

A: No dia que ele me bateu ferozmente com um cinzeiro de pedra, tentou arrancar os meus dedos das mãos com os dentes e pegou um fio de nylon e queria me estrangular. Isso ele fez numa tacada só. Ele tinha ido viajar pra... (nome da cidade), ele tem um filho lá e foi fazer revisão de pensão e ele já tava sem beber fazia um ano. Mas ele voltou segurando um uísque e já bêbado. Então eu não sei o que ocasionou essa violência que eu sofri nesse dia que eu tive que ir embora, fugida. Eu não sei por que eu apanhei.

F: E das outras vezes? Você consegue achar um motivo?

A: Também não tinha motivo.

F: Então, a situação em que "caiu a ficha" foi essa última?

A: "Eu vou fugir". Eu saí de casa, nem tive ideia de pegar dinheiro, saí sem um tostão. Terrível, Flávia. Eu acho que eu nem sei se um dia eu não vou amá-lo por completo.

F: É? Você acha?

A: Eu vou preservar os momentos bons, que foram muitos. Foram muitos os momentos bons. E hoje, eu penso que ele é uma pessoa muito doente. Boa, mas muito doente. Difícil entender né? Mas cada vez que eu venho aqui, eu olho o caso das outras mulheres, tem tantos casos piores que o meu e iguais também. Medida protetiva, violência... que eu fico pensando: "nossa não sou só eu!"

F: E quando você pensa que não é só com você, você se sente como?

A: Mais confortável. Mais confortável. Mas eu não consigo sentir raiva.

F: Mas você gostaria de sentir?

A: Não, é que eu vejo que muitas sentem raiva e eu não consigo sentir. Eu lamento tudo o que aconteceu.

F: E até pra gente ir finalizando, quais são as suas perspectivas para o futuro? O que você pensa?

A: Eu quero encontrar uma companhia. Eu tô muito sozinha. Eu quero voltar a acreditar no ser humano. Eu quero ser feliz Flávia, urgentemente! Eu quero ser feliz. Não quero mais ter medo.

F: O que você acha que pode te fazer feliz?

A: Um companheiro. Uma coisa pra fazer que eu ainda não sei o que. Não pode ser remuneradamente, porque eu não posso trabalhar, senão eu perco a pensão. E também não posso casar, olha só o meu castigo! Namoro, muito discreto. Morar com alguém, não. Casar, nem pensar! Minha vida ficou muito limitada. Eu não posso fazer um monte de coisa.

F: Aurora, tem alguma coisa que eu não perguntei e que você considera importante me dizer?

A: Acho que não.

F: Caso haja a necessidade de eu tirar alguma dúvida sobre o que a gente conversou hoje, eu posso entrar em contato com você pra gente conversar?

A: Vamos. Pode ser sim. Anota o meu telefone.

F: Ok.

APÊNDICE D

Entrevista com Aurora (2/2)

Data: 14 de setembro de 2015.

F: Então, Aurora... Sobre a última entrevista que eu fiz com você... Como você se sentiu depois, que coisas você pensou a respeito depois daquela entrevista?

A: Do corte da mão?

F: Isso.

A: É... Primeira coisa que eu pensei foi na Odontologia.

F: É?

A: Agora ferrou, não vou mais poder trabalhar, mas... mesmo depois que não parava de sangrar a mão, eu enrolei um pano que tava encharcado e ia trocando os panos da mão que não parava de sangrar. E... ele nem se incomodou de me levar para um hospital pra dar ponto. Aí eu fui para no hospital no dia seguinte. Uma amiga me levou. Mas aí já não dava pra dar ponto. A cicatrização seria por segundas intenções.

F: Como é "segundas intenções"?

A: Sozinha.

F: Ah é?

A: Sozinho; tem que sarar sozinho. E... fizeram curativo... eu não lembro agora se ficava trocando curativo, não lembro. Eu lembro da mão com curativo... eu uuu... eu nem... ele falou tantas vezes que não foi ele... que fui eu que me machuquei que eu fico até em duvida, acredita?

F: Ele falava isso?

A: Falava... Falava... "Não, foi você quem se cortou"...

F: E você disse que fica em dúvida...

A: É que ele falava tantas vezes que eu cheguei a pensar "Ué, será que eu que me machuquei?" Porque eu tenho uma doença, eu sou bipolar. E... não tava bem... não tava bem, é... bem medicada, bem cuidada. Olha foi uma relação muito difícil. Muito difícil. Imagina que eu conheci o Paulo numa terça-feira; no sábado eu fui morar com ele. No sábado. Aí eu trabalhava perto... fazia canal pra um dentista e sofria muito porque não tinha raio x; ele não tinha raio x e é imprescindível ter o raio x. Aí ele falou assim "Não, então não vai mais, você fica muito nervosa". Aí eu peguei e dei uma parada, tava procurando um outro emprego e.... nesse meio tempo que eu tava procurando emprego, ele sofreu um acidente. Tinha um colchonete lá na sala, ele tava andando, quase correndo pela casa, tropeçou na borda do colchonete e foi com a cabeça na janela... de vidro. Aí a janela cortou o úmero dele. Ele tem bastante cicatriz... no rosto, no úmero e... Aí eu fiquei cuidando dele... que ele fraturou o cóccix... deu problema no úmero... ele cortou o rosto e... ele sentia muita dor. Muita dor

mesmo. E não consegui dormir. Não sei se foi por causa do uísque, ele é alcoólatra e... ele tomava 10 capsulas de Prozac...

F: E bebia também...

A: E bebia... então muitas coisas eu não lembro, muitas coisas ele não lembra. Muitas coisas. E... aí eu não voltei a trabalhar, fiquei com ele, cuidando dele, ele tem depressão; eu acho que por isso que eu não vou receber a outra parcela da pensão alimentícia.

F: Por que ele tem... depressão?

A: Depressão...

F: Mas o que isso tem a ver?

A: Chama depressão recorrente...

F: Mas eu digo o que isso tem a ver por você não receber a pensão?

A: Não... Porque eu recebo a pensão... Porque como eu sou bipolar...

F: Hum...

A: Como eu sou bipolar, eu não posso trabalhar de dentista, né?

F: Hum...

A: Não pode, porque eu tomo muito remédio... muito, muito remédio.

F: Então o motivo da pensão não tem a ver com o fato do corte na sua mão? É por conta de você ter transtorno bipolar, é isso?

A: Os dois.

F: Ah, o dois...

A: Os dois.

F: E... quando você diz assim é... que ele ficava falando que tinha sido você e não ele, né? Por que você acha que ele te falava isso tantas vezes?

A: Ele me pegou fragilizada... Ele me pegou fragilizada... A minha história, o que eu lembro é que eu tava abrindo umas caixas com uma tesoura. Aí ele falou assim "Não! Usa o canivete!". Aí ele me deu o canivete. Aí eu falei "Não, eu não sei mexer com isso!". Aí eu fui entregar pra ele e ele puxou e cortou. A versão dele é que eu peguei o canivete e tava... tava... ataquei a televisão! Eu tava querendo destruir a televisão. Aí eu me cortei. Não lembro disso. Eu lembro da minha versão.

F: E quando ele te diz esse tipo de coisa, o que você sente ao ouvir essa explicação?

A: Eu falava assim "Não, Paulo, não foi assim". Eu fiz B.O.

F: Depois do ocorrido você fez B.O?

A: Fiz B.O. e... Depois fui embora... acho que fui embora... não, não fui embora da casa dele não... Eu fui e falei pra ele "Olha, eu fiz B.O. A gente tem que ir na delegacia porque incidiu

na Lei Maria da Penha". Aí ele deu... ele dava risada. Aí eu fui lá e pedi pra arquivar. Aí ficou arquivado.

F: E por que você tomou essa decisão na época?

A: Porque ficou tudo bem. Como tava tudo ruim, de repente ficou tudo bem. Ele parava de beber às vezes... Quando ele me atacou, é... já tinha um ano que ele tinha parado de beber. Naquele dia que ele tentou me matar e me feriu, tava fazendo... tava fazendo mais ou menos um ano que ele tinha parado. Ele foi pra... (cidade do interior de SP) pra resolver a pensão do filho dele, um filho que ele teve aí. E não sei o que aconteceu, nunca vou saber. Ele voltou bêbado e com um litro de uísque virgem na mão. Aí começou a beber, beber e... falou assim "Ninguém mais vai tentar tirar o meu dinheiro". Aí ele parou e falou assim "Mas você vai!". Aí eu saí correndo para o quarto, fechei a porta. Ele bateu a porta, pegou um cinzeiro de pedra e começou a dar no meu rosto. Eu tenho marca. A minha pele é lisa; eu tenho marca. Dá pra ver a marca?

F: O que eu tô vendo é um risquinho aqui, é isso?

A: Tem risquinho, mas tem uns furos...

F: Ahhhh...

A: É que tá com um remédio pra espinhas...

F: É que você também disse que usa base, dá uma...

A: Não, mas eu não passei nada hoje.

F: Ah não? É algo que não dá pra perceber muito... esse bem pequenininho dá pra ver.

A: É... Posso pegar um pouco de água?

F: Claro!

(Pausa)

A: Olha Flávia... Não tem aquele ditado que só o tempo cura as coisas?

F: Aham...

A: Eu sinto como se fosse ontem... que aconteceu. Difícil. Difícil esquecer.

F: Então você tá dizendo que é como se o tempo não tivesse passado?

A: Então, foi por isso que eu perguntei para a Marina (psicóloga). "Marina, faz quanto tempo que eu vim parar aqui?", ela... "Uns três anos...". Incrível isso né? Não passar.

F: E quando você diz que não esquece... O que você percebe que mais vem na sua cabeça? O que é mais difícil esquecer?

A: O Paulo... Paulo... Tenho certeza que ele não fica um dia, um minuto sem pensar em mim...

F: É? Por que Aurora?

A: Porque a gente era muito ligado, ó (mostra o nome dele tatuado no pulso esquerdo). Ele tem o meu nome no braço dele... É... eu penso que... ele pensa o tempo todo, se eu conheço bem ele... e eu fico pensando também.

F: E você pensa nele como?

A: Com saudades. Queria que nada disso tivesse acontecido; eu casei com esse homem! Em comunhão total de bens. Casei; me tatuei; usava aliança que tinha sido da mãe dele. Ele também. Agora, a imagem dele assim ta meio nublada. Mas eu fico pensando como é que ele tá. Outro dia encontrei com ele sem querer na psiquiatria. Eu tenho medidas protetivas, eu não posso falar com ele. E ele também não pode falar comigo, então... a gente ficou sem se falar. Mas ele tava me olhando... acho que ele me odeia.

F: Você acha?

A: Eu acho. Eu acho que ele me odeia e acho que ele me ama.

F: É? Por que Aurora?

A: Porque eu baguncei a vida dele. Baguncei né? A gente tava junto, tava bem; de repente eu não sei o que aconteceu, ele voltou a beber, me atacou, ele é judeu... Judeu cê sabe, né? Adora dinheiro. E mesmo eu recebendo bem menos do que eu recebia, é... três salários... num montante que fica alto né? Pra quem recebe é pouco, mas pra quem paga é muito. Ele não queria pagar nada... Aí me ajuda. Tomara que venha os cinco salários de novo.

F: E aí você disse que ele te odeia... você acha que ele te odeia...

A: Eu acho que ele me odeia e acho que também ele me ama.

F: Mas assim... o motivo dele te odiar seria...

A: Mexer no dinheiro dele.

F: E de outro lado, você também acha que ele te ama...

A: É... Tirando a parte do dinheiro, eu acho que ele me ama.

F: E o que te faz pensar isso?

A: Os quatro anos que a gente viveu junto.

F: Hum...

A: Um dia vai passar, não vai Flávia?

F: Você quer que passe, né?

A: Eu quero que passe... Que o tempo voe... Pra eu esquecer.

F: É... o tempo a gente não controla, né?

A: Não.

F: Como você está se sentindo agora?

A: Eu tô bem chateada... por causa do dinheiro. E porque minha família tá me tratando super mal. Como se eu tivesse culpa por não estar recebendo de novo e eles vão ter que ser virar porque eu não tenho mais a minha parte pra pagar.

F: Você mora com quem Aurora?

A: Com meu irmão, mas é num consultório dentário. Então eu moro com ele, mas é movimento o dia inteiro. Eu não tenho liberdade. Divido o meu quarto com o meu pai durante o dia. E ele acha que eu tô numa maravilha, né? Durante o dia eu nem sento porque o meu pai ocupa o quarto. Minha situação... A Marina (psicóloga) também não entende a minha situação. Ela fala "Você tem uma casa...", mas não tenho. Tenho e não tenho.

F: Aurora, você disse que tinha se casado com comunhão de bens. E nessa separação, você não teve direito a nada?

A: A gente não tinha nada!

F: Entendi...

A: Ele tinha o que? DVD, três celulares, Iphone... Eu ia pedir isso? Mas o que eu sinto mesmo... Medo.

F: Medo?

A: Medo.

F: Medo de que, Aurora?

A: Medo de tudo... depois do que aconteceu comigo. Dele me espancar e tentar pegar um fio de nylon pra me enforcar...ehhhhh, eu fiquei com medo não só dele. Tô falando de tudo... de atravessar a rua, metrô, assim... eu fico bem longe da faixa amarela. Tenho medo de ser assaltada, tenho medo de esquecer coisas. Acho que tem sempre alguém me espiando. Fiquei com medo.

F: Quer dizer que depois da situação você desenvolveu um medo não só dele, mas também de outras coisas?

A: É... Medo. Medo terrível.

F: Bem, eu queria a sua opinião agora. O que você achou de participar dessas entrevistas? Nesse caso, você já me concedeu duas. O que você achou dessa experiência?

A: Olha, eu converso com você como eu conversaria com alguém que eu não conheço, mas contaria a estória da mesma maneira. É bom; cada vez que eu conto a estória, parece que diminui um pouco a intensidade da dor.

F: É?

A: É.

F: Falar disso, então, te faz bem nesse sentido de diminuir um pouco...

A: É, alivia. Alivia e dói, né?

F: Imagino... Bem, eu gostaria de te agradecer mais uma vez pela disponibilidade de conversar comigo. E reiterar que a sua participação é muito importante.

A: Fico feliz em poder ajudar!

APÊNDICE E

Entrevista com Celeste

Celeste, 32 anos, Ensino Médio Completo. Curso Profissionalizante em Auxiliar de Enfermagem. Cicatrizes em diversas partes do corpo.

Data: 12 de agosto de 2015.

F: Pra começar, eu gostaria que você me contasse um pouco da história das suas cicatrizes ou da sua cicatriz, eu não sei se você tem mais de uma...

C: Eu tenho mais de uma... ao todo, são nove.

F: Nove? Me conta um pouquinho dessa história.

C: As minhas cicatrizes, na verdade, 'rendeu' por um pedido de divórcio. Quando eu pedi o divórcio para o meu ex-marido, ele não quis aceitar. Mesmo assim eu continuei fazendo o tramite sozinha. Apesar de saber que sem a assinatura dele, isso ia demorar um tempo, como na verdade, demorou. Demorou três anos. E depois de dois anos tentando ficar distante da pessoa, quando ela percebeu que realmente não tinha volta, então ela planejou tudo. Ela sabia que eu chegava do serviço 10:30, 11 horas, porque eu já trabalhava de cuidadora, então eu trabalhava das 10 às 10 e, às vezes, meu patrão chegava 10:15-10:20, então quanto mais tarde ele chegava, mais tarde eu chegava em casa. E ele trabalhava a noite no... (nome da empresa). Então a parte boa que eu sempre achei... assim, boa nisso, vai "eu estou meio protegida" porque ele vai levar o serviço dele a sério. Então eu vinha do serviço tranqüila e, quando eu cheguei na minha casa, tem dois portões. O da frente é todo fechado e um outro vazado no meio. Só que assim, a gente fechava o primeiro e o segundo sempre deixava aberto. Quando eu entrei no primeiro, não deu nem tempo de eu virar pra fechar o portão, que eu entrei e o portão fechou sozinho. Só que eu levei um susto porque não tava ventando. Quando eu virei, já tava ele e o outro rapaz. Então assim, como era escuro, você só tinha a luz da rua, na verdade, você tinha que olhar pra ver se tinha alguém ali ou não. E ele tava com o uniforme da empresa e tudo, mas ele não tinha ido trabalhar. Quando eu passei eu me assustei e falei pra ele "nossa, que susto", mas ele disse alguma coisa que eu não entendi, mas como eu já tava [faz um gesto passando a mão na testa, entendido como "já tava por aqui" ou "cheia"] né, eu não queria mais conflito com a pessoa. Então, ele ficou lá conversando e eu pensando "o que essa pessoa tá fazendo por aqui?". Dei dois passos. No que eu dei dois passos, eu já tomei um golpe nas costas.

F: Foi facada?

C: Foi. Eu já tomei um golpe nas costas. Aí em seguida eu já tomei outro. Aí quando eu virei, já foi no braço, já foi na barriga e abaixo dos seios. Porque assim, a intenção dele quando meu deu a facada abaixo dos seios era direto no coração, pra acabar mesmo. E... eu comecei a perder muito sangue. Nisso, assim, eu gritei socorro duas vezes. E uma vizinha do lado abriu a janela em cima e o pessoal começou a acender as luzes. Aí foi onde o rapaz que estava com ele abriu o portão e saiu correndo e ele ficou meio atordoado; ele não sabia se ele continuava fazendo a mesma coisa, não sei... eu tenho pra mim que ele se assustou com o pessoal. E... quando o rapaz saiu, eu enxerguei a luz da rua, então eu comecei a me arrastar pela parede, pra chegar no portão. Quando eu cheguei no portão, vinha passando um senhor. Quando ele me viu toda ensangüentada e ele com a faca atrás de mim, o senhor saiu correndo. Nessa hora,

um semáforo que tem perto da minha casa abriu, ele me empurrou. Quando eu caí no asfalto, aí eu já não sei mais o que aconteceu. Não sei quantas horas eu fiquei ali e só descobri depois o que aconteceu, porque como eu morava em frente do hospital e o pessoal do Hospital X, lá na Rua Y... Quando ele me jogou no chão, não sei pra que lado ele saiu correndo, pelo que o pessoal conta, ele saiu correndo sentido a Rua Z e um segurança atrás. E um outro segurança me pegou no colo e um outro segurança foi buscar uma cadeira de rodas. E aí começou a tentar se comunicar comigo, ele perguntava meu nome, mas eu já tava mais pra lá do que pra cá, eu me lembro de falar o meu primeiro nome, eu falei "Celeste" e ele perguntou: "Quem fez isso com você?" e eu disse "meu ex-marido". Pronto. Eu apaguei. Daí, quando eu acordei, foi a parte terrível. Porque você vê em novela, você vê em filme, mas você nunca imagina que aquilo pode acontecer com você. Então, assim: eu abri o olho, um monte de fio ligado em cima de mim, respirador. Um monte de coisa grudada em mim e assim... Eu não conseguia falar, eu não conseguia me mexer. Aí eu pensei comigo: "acho que devo estar tendo um pesado, melhor voltar a dormir de novo e quando eu acordar, passou". E eu acordei a segunda vez, acordei a terceira e foi assim... não é que cai a sua ficha, mas parece que alguma coisa dentro de você fala "cai na real, pelo menos temporariamente... isso é real e tá acontecendo". Então eu só conseguia mexer a cabeça, e eu levantei a cabeça assim e olhei e vi tudo cheio de ponto. Eu tentava mexer meu braço esquerdo e nada. Não tinha movimento nenhum. Aquilo pra mim começou a virar um pesadelo, aí... peguei com a mão direita, que eu mexia, e eu tava com o aparelho no dedo e aí eu comecei a bater na cama. E aí veio uma enfermeira, pediu que eu me acalmasse que ela ia me explicar o que tava acontecendo. Porque assim, eu não entendia nada [começa a chorar]. Desculpa.

F: Você quer um lencinho?

C: Não, eu tenho na minha bolsa [abre a bolsa e pega uma toalhinha]. Toda vez que eu falo nisso, a reação vai ser a mesma.

F: Quanto tempo faz Celeste?

C: Seis anos agora. Mas assim... todo dia isso me perturba. Todo dia eu choro pela mesma coisa... porque você passa por uma, duas, três, quatro, sabe Deus quantas cirurgias e assim... a cicatriz continua lá. Ela sempre tá lá. E o pior é que você, assim, você tenta lidar com a cicatriz, mas você não consegue lidar com a de dentro, porque a dor é horrível.

F: Então, se a gente pensar em termos de físico e psíquico, se a gente fosse diferenciar, é muito pior o que você sente psicologicamente do que em relação ao corpo, é isso?

C: Sim. Porque assim, no corpo você olha outras pessoas que têm várias cirurgias por vários motivos, então você fala "se aquela pessoa consegue lidar com isso, eu também consigo". E as minhas cicatrizes eu consigo esconder com as roupas... mas a cicatriz de dentro, não tem como você esconder. E quando você vê uma pessoa bem vestida, ela tá bem vestida o corpo, porque provavelmente a alma daquela pessoa é um fracasso só. Então, a cicatriz de dentro é pior porque você não consegue explicar, você não tem explicação. Pelo sentimento que você sente e você não consegue uma explicação. Por que é que uma pessoa faz isso com você? O mais simples era: não quer? Têm muitas outras pessoas que querem ou vão se interessar por você, assina um papel e cada um pro seu lado. Não tem o porquê de você ter posse de uma coisa que não é sua. Ela é sua enquanto a outra pessoa quer estar com você. Quando a pessoa não quer mais estar, ela não pertence mais a você. Porque eu acho que cada um tem o direito de escolher o que quer. Então, enquanto uma pessoa está bem de estar ao seu lado, ela vai estar. A partir do momento que ela se sente prejudicada e outras coisas mais, não tem porquê

você continuar, você se machuca e a outra pessoa se machuca. Então eu acho que a cicatriz de dentro é pior porque daí pra frente, tudo o que acontece é tudo ligado a mesma situação.

F: Como assim, Celeste?

C: Do dia que aconteceu isso na minha vida, tudo de errado que vem me acontecendo. É tudo pela mesma situação. Por causa de uma pessoa, eu tô pagando uma infinidade de coisas que eu não deveria estar passando. Então você tem vergonha de colocar roupas, o sol que está e eu estou parecendo uma freira, eu diria. Porque eu tenho que cobrir as minhas cicatrizes. Você fica triste por um monte de coisa que você vê... se você vê um casal se dando bem, você se pergunta: "até quando isso vai... estar bem?" entendeu? Até onde essa pessoa vai com esse amor dela? Então, tudo o que acontece daí pra frente, você liga a mesma situação. E isso assim... não tem exatamente o que, como você explicar. Então você fica com vergonha e depois você pensa "e se eu arrumar um namorado? ele vai ser de novo bonzinho, fofinho... e se ele faz a mesma coisa?". Então você passa a julgar todos por causa de um. E todo mundo fala: "o tempo supera". Não. Parece que supera tudo, parece que você esquece, mas no fim das contas você não esquece, porque dentro de você tem um terror. E assim... quando tem um terror, não adianta você conversar com o psicólogo, psiquiatra, você gritar... e aquilo vai estar dentro de você. O medo vai estar dentro de você; quando você olha no espelho a cicatriz vai estar lá. Você quer colocar uma regata, você não pode, porque seu braço está com uma cicatriz imensa. Eu olho pra debaixo dos meus seios, tem uma cicatriz enorme, na minha barriga outra, nas costas, outras; então assim... eu acho que a cicatriz de dentro, ainda é pior, porque você passa a odiar tudo. E você não tem explicação pra isso. Eu não vivo, na verdade; eu tento viver, eu tento passar pras pessoas que eu estou bem. Mas na verdade eu não tô. Eu me sinto assim, digamos, como uma pessoa que tem Aids, sabe? As pessoas têm um certo medo de chegar perto de você, por que? Porque ela se sente ameaçada pela outra.

F: Isso que você tá dizendo... é em relação aos homens, é isso?

C: Em relação a homens, mulheres, família. As pessoas dizem que não, mas elas te olham de uma forma diferente. Elas têm medo; elas foram ameaçadas, então elas têm medo. Aí eu falo, se eu estiver com essa pessoa, né, e a outra chegar, vai sobrar pra ela e a gente vai junto. Então você... a pessoa ela... se ela te convida pra algum lugar, você pode ter certeza: é por educação. Ou senão ela inventa uma desculpa. Porque isso acontece comigo. Então, assim... sábado agora é casamento do meu irmão. Eu vou, só que assim, o quanto eu estou escutando de coisas negativas antes. Então, essa semana, eu já chorei hoje de manhã, já chorei de madrugada... isso... isso tá me afetando... o meu emocional. Então, eu olho no espelho, eu me maquio, eu tento ser forte. Só que eu não consigo. Chega um certo ponto que você fala assim: "eu queria ter morrido!" Era melhor do que ter que passar... e eu tô passando por que? Por culpa de alguém. Eu não fiz nada para que essa pessoa fizesse isso comigo. Então, eu pergunto pra você, como explicar o sentimento de dentro? Não tem como. Entende? Não tem.

F: E você disse sobre essa semana, especialmente, você está ouvindo coisas negativas a respeito, como é isso?

C: É assim: "Olha a pessoa tá casando, e... você vai no casamento? Mas isso porque se você não for, os outros vão perguntar", certo? Então, assim, se você casa e você não vai tá, as outras pessoas vão perguntar por que. Então assim: "pra eu não me sentir mal, você vai, mas se você não fosse seria ótimo", sabe? Você percebe nas palavras da pessoa que ela tá dizendo isso. Só que ela tá tentando ser o mais delicada possível para ela não te falar tudo na sua cara.

F: E... Celeste, isso também pela mesma explicação que você disse, de você ser uma ameaça, de você estar no ambiente... é isso também?

C: É, é isso. Então, você acaba se sentindo um aidético, você se sente uma bomba. É as duas coisas que eu consigo ligar. Então é uma coisa assim: "chegou, a qualquer momento pode explodir". Mas a pessoa tá presa. "E os amigos dela, será que estão?"

F: Isso por que ele tá preso?

C: Isso porque ele tá preso... mas assim, ele tá preso, mas a pessoa já fica logo te botando um terror. O que eu tenho escutado muito é: "Quando ele vai sair?", né? "E a partir do momento que ele tiver aquelas saidinhas? O que vai ser de você?". Então, mais uma vez, eu estou trabalhando pra caramba porque a maioria dos meus familiares tão tudo mudando. E mudando para lugares bem longe, tipo, "quanto mais longe de você, melhor". Então, você percebe que a pessoa diz que é por uma questão, que é por outra questão, mas no fundo, no fundo todo mundo tá se escondendo. E as pessoas mudam e elas chamam todo mundo, só que você ela não chama. Ela não quer que você saiba onde ela mora. Por que elas não querem? Porque elas têm medo, né? Vai saber. E é assim que eu vivo, ou melhor, que eu vegeto.

F: Tudo está relacionado a isso...

C: Tudo está relacionado a isso. Eu escutei uma coisa no dia 31 de dezembro agora, que eu acho que... pessoa nenhuma quer escutar, muito menos filha... a filha escutar uma mãe falando "Não quero você aqui, tá! Eu não quero você aqui, porque eu não quero que te vejam aqui, pra eu não ter problema". Então, qual tem sido minha rotina? Minha rotina é... isso depois de cinco anos que eu não ia na casa dela, cinco anos que eu não ia, e eu fui no ano novo por ir, porque minha irmã falou "vai, você vai se divertir, por que você vai ficar sozinha?" Porque assim, nos outros anos, eu tenho ficado sozinha. Então, minha irmã insistiu e eu acabei indo. E quando chegou lá eu escutei isso. A minha vontade era, naquele momento, simplesmente "pega sua bolsa e some", sabe? E eu tenho escutado tanta coisa e aí simplesmente, uma coisa que era pra ser assim, para as pessoas estarem do seu lado te ajudando a amenizar, elas estão fazendo mais camadas. E você simplesmente pensa: "eu preciso, eu quero... pra eu me sentir melhor eu preciso estar longe de todos", sabe? Então pra eu me sentir melhor, eu preciso estar longe de todo mundo. É mais fácil eu fazer assim, por educação, como todos estão fazendo, e falar "Oi, Tudo bem? e Tchau!" do que imaginar "não, ela vai te convidar pra ir lá". Tá bom, vai esperando. Então é isso que eu falo pra você, a cicatriz de fora você tenta dar um jeito; você pode tatuar uma coisa em cima, você pode pôr uma roupa, você tem como esconder isso. Mas agora, a cicatriz de dentro, não tem. Porque só da pessoa olhar pra você, você já sente o que ela quer dizer. Só da pessoa... quando ela te fala uma coisa, daí você fala "e tudo por culpa daquela outra". Então... eu parei os meus estudos por causa disso, porque eu tive três paradas, então... nesse meio tempo de vai e volta, vai e volta, perdi algumas informações sobre... tanto da vida familiar quanto... perdi tudo. Então às vezes, você olha pra pessoa, a pessoa te cumprimenta "Oi, tudo bem?" e você olha para o lado e responde "Oi", mas aí você dá dois passos e pergunta: "Quem é?". E às vezes a pessoa fala: "Eu te peguei no colo", "Eu te carreguei, eu te dei 'mamá", e você pergunta "Quem é essa pessoa?" e você depois disfarça e pergunta: "Quem é?". Aí vão te explicar quem é, de onde é, sabe? E é assim que eu vivo.

F: Então você teve ou tem alguns lapsos de memória, é isso?

C: Eu passei já no psiquiatra, eu já fiz exame. Eles falam que é um bloqueio. Bloqueio esse que eu já tomei remédio, fiz um monte de coisa e assim... nada. Continua na mesma.

F: Você esqueceu algumas pessoas, fatos?

C: Eu esqueci pessoas, eu esqueci lugares e às vezes eu passo trinta vezes no mesmo lugar e sempre pra mim vai ser como se fosse a primeira vez que eu estou indo ali. Ou eu penso assim: "Ou eu me arrisco chegar num lugar" certo? Tentar pôr a cabeça pra funcionar ou eu sou obrigada a ficar perguntando, ou chamar alguém pra ir comigo. Ontem eu fui para a ...[Região de SP] com a minha filha, eu entrei num prédio, depois eu não sabia mais de que lado eu tinha vindo. E ela disse "Não mãe, é pra lá", sabe? Então, isso fica pra mim "Bela pessoa você é, né?" Toda a vez que perguntam a idade dos filhos, você pensa ou espera que eles respondam ou você responde errado. Você tem que ficar o tempo inteiro estudando a sua própria vida.

F: E tudo isso depois do acontecido?

C: Tudo depois do acontecido. Antes disso, eu não tinha nada. Antes, se eu fosse em uma rua, uma única vez, independente do lugar... eu ia uma única vez, depois eu voltava ali tranqüilo. Agora não. Agora eu vou e depois tenho que ficar perguntando como eu faço pra voltar. Porque assim, se eu não ficar perguntando, eu não chego. E dependendo da minha situação, se eu começo a ficar estressada, a coisa fica pior. Porque é aí que dá o branco geral mesmo. Então assim, a única vontade que te dá é de você sair correndo [voz embargada] independente pra onde, você só quer sair correndo. Você não tem aquele raciocínio pra pensar e falar "eu quero fazer tal coisa". Não. Não, quanto mais eu me sentia acuada, pior vai ser pra mim. Meu raciocínio vai ser bem menos. E eu não era assim. Eu sempre fui bem calma e tudo antes de fazer eu pensei bem. Então, o que eu estou aprendendo nesses últimos anos comigo é: estou com todas as atitudes totalmente diferentes. Não tem nada que eu diga "permaneceu". Nada. As minhas atitudes são diferentes, é tristeza o tempo inteiro, mesmo que a pessoa não esteja falando nada pra me ofender, eu me sinto ofendida, você entendeu?

F: Você tá muito sensível?

C: Total! Antigamente eu não chorava, e agora assim, o tempo inteiro eu choro, eu brigo comigo mesma porque eu penso. Se eu tivesse deixado eu procurar as minhas coisas e decidir o que eu quero pra mim, eu não estaria nessa situação.

F: Como assim?

C: Porque... a minha criação é uma mistura com a atualidade e as coisas antigas. E a maior parte do tempo eu fui criada pela minha avó. Então, a única criança que tinha era eu. Então assim, ela me ensinava a fazer as coisas e a minha mãe pra completar a ausência dela, então ela sempre me comprou com presentes. Então, eu passei um tempo internada quando eu era pequena e a minha avó falava que toda a vez que ela chegava ao hospital, eu ficava aos berros. Mas assim... a falta da minha mãe eu não sentia. Então a minha mãe sempre, tanto comigo, como com outra pessoa eu diria que ela compra as pessoas. Então ela disse "Olha, a filha da vizinha da frente engravidou", porque eu nunca tive contato com crianças de fora. Então, se eu tinha um contato com um filho de um vizinho, a minha mãe sempre tava meio metro perto de mim me observando, ela sabia o que as crianças diziam, o que não diziam e, muitas vezes, eu brincava assim: a criança fora do portão e eu dentro.

F: Nunca tinha interação com as outras crianças?

C: Não. E assim... eu nunca fui pra escola sozinha até os meus 16 anos. Nunca fui pra escola e voltei sozinha [frase bem pausada]. Eu acho que ela me protegia e ao mesmo tempo, ela se sentia culpada pelos atos dela. Então ela tentava toda aquela proteção pra eu não sentir falta

do meu pai biológico. Então ela fazia tudo o que fazia era para eu não perguntar. Se eu não perguntar pra ela, tá tudo bem. Se eu perguntar alguma coisa, aí a casa cai.

F: Você morava com a sua avó?

C: Eu morei com a minha avó até os sete anos e depois disso eu ficava de segunda a sexta com a minha mãe, sábado, domingo, feriado e férias, tudo com a minha avó. Só que assim, a minha avó, ela sempre estava presente. No meio da semana, mas ela estava lá em casa... eu não sei, eu acho que a minha avó me protegeu de muitas coisas. Da minha vida, eu não sou aquele tipo de pessoa que sabe tudo da vida dela. Não. Não sei. Então, ela sempre tava me cortando, eu nunca fui dona dos meus sentimentos, dos meus atos. Inclusive, eu não me sinto culpada pelo casamento porque eu não tive nada a ver com isso. Eu fui forçada a fazer isso. Porque as pessoas te comparam sem te conhecer. Por que elas não te conhecem? Porque não te criou. Não te conhece, porque não cuidou de você. A única coisa que elas fizeram foi compras. "Você quer aquela boneca? Então, tá, se você fizer isso, isso e isso, você vai ter aquilo, é só você seguir isso daqui, que você vai ter". "Você tá ME fazendo pergunta por isso? Se eu te der isso, você para de me perguntar?" Então você olha e... dizem que os filhos têm que obedecer os pais. "Então é melhor eu obedecer minha mãe pra eu não me dar mal, né?". A pessoa, sabe, ela gruda tanto em você, feito um carrapato... e eu não sei se era caso as crianças perguntassem alguma coisa, não sei por que motivo, então a pessoa gruda em você. Tanto que você depois, assim, aí tudo o que acontece dali pra frente, tudo é aquilo que eu falei no início: você sempre tá ligando uma coisa com a outra. Quando não é culpa do fulano é da fulana. Então você sempre culpa alguém. Aí você fala: agora sim eu tenho que tomar vergonha na minha cara e fazer só que eu quero. Se eu gosto se uma calcinha rosa, por que eu vou comprar uma verde? Que nem isso eu nunca escolhi. Eu nunca escolhi o tipo de roupa que eu queria vestir, eu não podia escolher o que eu queria fazer, com quem eu queria brincar, eu nunca pude escolher nada na minha vida, sempre alguém escolhia por mim. Então, no fundo no fundo, são vários sentimentos que você não consegue explicar nenhum. E aí você junta depois, quando você passa a ter consciência das coisas, a única coisa que você quer fazer é ficar bem longe. Quanto mais longe pra você, melhor. Porque você sabe, se você ficar por perto, ali vem uma interferência, ali tem uma crítica, ou ali tem alguém te olhando atravessado. Então eu penso: "Belo casamento você me arrumou",

F: Por que foi sua mãe, também?

C: Foi... foi. Inclusive a primeira vez que o juiz deu autorização para o casamento, eu fingi que fui pro banheiro e eu saí correndo, porque assim... eu não sei, mas alguma coisa dentro de mim me dizia "Essa pessoa não vale nada". Mas a minha mãe dizia "Não... É uma pessoa crente... tem 17 anos, mas a pessoa já trabalha"

F: E você tinha quantos?

C: Tinha 16. Só que ela nunca me explicou NADA. A minha primeira menstruação eu passei uma bela duma vergonha. Porque eu tava na 6ª série e foi numa aula de educação física. E eu tava com um shortinho branco com um coração azul e a professora pediu pra todo mundo sentar, colocar um bastão no meio da perna pra fazer alongamento. E de repente, a professora veio na minha direção e disse assim: "Celeste, por favor" e me chamou de canto e me falou "Olha, você está suja de sangue" E aí eu fiquei com medo, na verdade, eu entrei em pânico. Porque eu pensei "O que foi que eu fiz?", porque minha mãe falava que ninguém podia encostar, que não podia machucar. Ela nunca me explicou que eu podia menstruar, não me explicou nada. Então, eu entrei em pânico e a professora me liberou da aula. E uma colega minha foi tentando me explicar no meio do caminho o que tava acontecendo. E aí eu cheguei

em casa e o medo era tanto de levar uma crítica, eu não sei, uma briga, ela ia brigar comigo, não sei que o que eu pensei... eu simplesmente cheguei com a blusa amarrada, corri para o banheiro, limpei tudo, lavei... corri para o tanque e fui lavar tudo pra não deixar nada sujo, "porque ela vai brigar comigo". "Eu devo ter batido o bastão ou alguma coisa em mim e tá sangrando e o que eu vou explicar pra ela?". E aí, toda hora eu botava papel higiênico e depois ia trocar. E ela acabou percebendo. Em vez de ela parar e me explicar o que tava acontecendo, ela simplesmente falou assim: "Olha, você vai lá no mercado", que o mercado era pertinho "e compra uma coisa chamada absorvente". Aí ela foi no quarto dela, pegou um pacotinho e me mostrou "É isso, tá?". Tá. "Depois ela só me ensinou como colocar e em qual momento que tinha que tirar. Ai que ela falou "Agora é que você não pode encostar em menino nenhum mesmo". "Se você já não encosta, agora você fica mais longe. Se um menino chegar perto de você, só dele chegar perto de você, você já vai ficar igual essas outras aí, de barriga". Então imagina o terror que eu não venho vivendo. Então eu te falo: Por que eu tenho culpa disso? Não, não eu não tenho culpa disso. Sabe por que? Porque eu sou uma pessoa calma. Não é porque a vizinha tá namorando que significa que eu tenho vontade de namorar. E eu sempre tive uma coisa assim, eu desde pequena eu fui muito observadora. Então, eu observava como as pessoas se comportavam e aquela que eu gostava do comportamento eu tentava seguir como modelo. E eu percebia que as meninas que tinham condições, elas não ficavam muito grudadas com meninos. E as que ficavam com meninos pra cima e pra baixo, eram aquelas que tinham menos condições. Então, eu era da igreja e daí eu pensava: "Não, eu vou andar com essas, com aquelas ali eu não posso andar. Minha mãe diz que eu não posso andar com aquelas meninas que senão eu vou engravidar". Então o meu medo era engravidar. Então eu não chegava perto de ninguém. Aí engravidou a menina da frente, engravidou a menina do lado... aí a minha paz e o meu sossego que eu achava que tinha, foi aí que terminou. Porque ela achou o menino bonito, ela achou que era o perfil pra mim, ela disse que investigou a vida do menino... ela só esqueceu de pesquisar de qual índole da família do menino, foi a única coisa que ela esqueceu de pesquisar, né? Pra saber quem era a mãe, pra saber se a mãe era realmente aquela santa que parecia. Ela esqueceu desse detalhe. Ela foi tão esperta, mas esqueceu desse detalhe. Como ela achou o menino bonito, o menino ideal, o menino tava trabalhando... ah, então tem que ser esse. "Mas eu não quero namorar com ninguém". 'Não, mas tem que ser esse". E aí, eu tava lá no [bairro de SP] e ela foi lá me buscar pra me trazer e pra conhecer o dito cujo do menino. 'Não, mas eu falei que você ia estar na igreja hoje". "Não, mas eu não quero". "Você tem que ir lá, você não pode ir dizendo que não gosta se você não conversar com ele". Então, o menino falava uma língua né, e eu a outra, porque ele mais velho e provavelmente mais vivido. Provavelmente não, agora eu tenho certeza, bem mais vivido e eu sem saber de nada, porque eu nunca tive contato com pessoas. Aí, eu sei que forçou bem a coisa, que ela conseguiu o objetivo dela, só que eu nunca alcancei o meu. E depois agora, a própria pessoa fez um tudo, é a primeira a sair correndo. Aí você olha e fala assim e "que interessante, né?!". Quem causou todo o meu transtorno, toda a minha raiva do momento é a primeira que fica fora de todos os problemas. Só que aí, o que é que eu faço? Eu choro escondida; quando eu fico brava eu não quero falar com ninguém; eu foco no trabalho só pra não ter que conviver com as outras pessoas; eu arrumo desculpa sabendo já pra onde vão, quem são, o que vai fazer, eu invento desculpas, mesmo que não seja meu plantão, eu troco ou eu vou pra outros lugares. De muitas pessoas, de colegas de escola, de bairro, de tudo, me restaram três. Foram as únicas pessoas que realmente... porque são bem mais velhas do que eu, que foram as pessoas que mostraram o que realmente estava acontecendo e foram as únicas pessoas que ficaram...

F: Não são familiares?

C: Não. Inclusive, uma delas eu achei estranho porque mal ela foi ser a minha testemunha, ela disse assim "Olha, desde que eu conheco a Celeste, ela é solteira, ela já não tá mais com essa pessoa". "E quanto tempo faz?", "Tem dois anos que eu conheço ela, mas ela nunca esteve com essa pessoa, nem em escola, nem em final de semana e nada. Ele aparece pra olhar os filhos". Eu digo assim: não existe aquelas mulheres que gostam de dar o golpe da barriga? Só que pela primeira vez no mundo, eu conheci um cara que é o contrário; ele quer o filho pra dar o golpe na pessoa. Então você é dopada; a pessoa... ela coloca uma arma na sua cabeça e fala "você vai ter que comer isso", "você vai ter que tomar aquilo"... e você faz. Por medo, você faz. Até o momento que você fica tão desesperada, que você fala assim: "Quer saber? Se eu ficar, eu vou morrer; e se eu fizer alguma coisa, eu vou morrer do mesmo jeito. Oue diferença vai fazer? Vai morrer, não vai?". Aí foi onde eu fiz a reviravolta completa. Foi onde eu resolvi encarar e foi onde eu tive resultados não agradáveis. Mas aí eu pensei: "ou vai ser toda noite na mira de uma faca ou na mira de um revolver", que eu não sei onde ele arrumou. "Ou vai ser simplesmente, bater de frente com a pessoa e ir até as últimas consequências. Se tiver que morrer, pelo menos já fica livre de uma vez". Só que o sentimento fica tão... você fica tão brava com tudo o que vai acontecendo que depois você pensa assim: você tenta ser normal, mas não consegue; você tenta ter um sentimento pelas pessoas, que você também não consegue; e no seu momento profundo, você vai ter raiva do mundo. Não adianta dizer "Mas é sua mãe, são seus filhos". Você não quer nada nem ninguém. Principalmente os meus sentimentos ficam confusos quando eu penso: "casei semquerer; tive filhos sem querer". Se é uma coisa que você não quer, se às vezes você tenta, dentro de você falar "eu sou responsável", "eu vou levar isso adiante". Só que no fundo no fundo, vem aquela vozinha que fala "Tem certeza que você tem que fazerisso?", "Você tem plena responsabilidade nisso?", "Você quer ser responsável por isso?". Aí dá aquele conflito, aquela confusão. Então assim: em um momento eu quero ser mãe; nos outros dois, não. Em um momento, você consegue olhar pra criança e ter um sentimento por ela e no outro você fala "É meu mesmo?". Você sabe que você teve, mas aí você se pergunta "É dele só, não é meu! Eu não quero nada que venha dessa pessoa. Sabe o que é nada? Nada". Então você disfarça daqui, disfarça de lá, se joga num trabalho em alguma coisa, pra você não... sabe? Você fala, você não demonstra para as pessoas... "eu consigo, eu sou forte, eu vou firme". Só que no fundo, no fundo você fala "Eu não quero nada disso". Não é nada disso que eu quero. Eu quero pegar do ponto que eu parei e ir pra frente. Essa é a parte ruim, que ninguém nunca, nunca vai conseguir ter uma resposta, que nunca vai conseguir te fazer esquecer; isso vai ser uma cicatriz para o resto da sua vida, por mais que você vá a psicólogo, por mais que você tome remédio. Faça o que você quiser. Vai todo dia no shopping? Vai, leva o shopping inteiro. Só que assim, em algum momento aqueles... sabe? Aquele sentimento vai bater. E na hora que isso acontecer, sai de perto. Porque você sabe que, se todas as pessoas que te causaram mal chegarem perto de você, é capaz que você faça uma besteira. Que a dor é tão grande, que você não tem exatamente como se explicar. Como você vai explicar tudo isso? Então, acho que isso a ciência ainda não conseguiu, porque se tivesse conseguido, eu acho que, provavelmente, com tudo que eu já fiz, eu estaria bem. Eu estaria ótima. Então, eu tô dormindo e eu acabo acordando... depois disso, eu nunca dormi uma noite inteira. Se eu começar a dormir meia-noite, você pode ter certeza que às duas da manhã eu tô acordada. E aí, é aquela coisa; você levanta, você vai na porta, você vai na janela, você olha 30 vezes a mesma coisa, pra ter certeza que você tá bem, que ninguém vai chegar perto de você. E todo dia é a mesma coisa. Então assim... eu nem me importo de trabalhar a noite. Porque durante o dia é um período que eu me sinto, entre aspas, segura pra dormir. Mesmo assim, é aquele sono "dorme-acorda, dorme-acorda" o tempo inteiro. Pra eu conseguir dormir, ou melhor, apagar, tem que tomar remédio. Se não for assim, você vai toda a noite reviver a mesma coisa. Os outros não vão perceber, porque é lógico que todo mundo vai saber, mas elas não vão

perceber. Todo dia você vai chorar; todo dia você vai ficar olhando para o nada, que é o que eu me pego o tempo inteiro fazendo, olhando pro nada, sabe? [choro]. Perdida. Totalmente perdida, é o que eu sinto. Então, às vezes eu falo pra Marina (psicóloga): "o que eu faço?", sabe? Você tem que perguntar pra alguém que você... não que você confie 100%, mas, que é a única que te dá a mão. E você pergunta "o que eu faço?" E a pessoa fala assim "Tenta", sabe? Então ela acaba te dando um apoio. Porque o apoio que você deveria ter da sua mãe, dos seus outros parentes, isso aí você não tem. Então você procura por isso fora. Então, eu sempre vou estar daqui pra frente, eu sempre estou ligada às pessoas de fora. Eu nunca estou ligada a família. A família, na verdade, eu estou correndo porque já que eu faço tanto mal a ela então eu prefiro ficar distante. Eu não sou aquele tipo de pessoa que... a pessoa errou, mas você continua ali, "tudo bem, tudo bem". Mas eu não sou assim. A partir do momento que eu saí das medicações mais fortes, tem o que? Uns dois anos? Então, desses dois anos pra cá que eu venho trabalhando, que eu tô tentando deixar os remédios distantes... E olha que hoje, antes de eu vir pra cá, eu falei "vou tomar um comprimido pra eu ficar bem light".

F: Você toma o que, Celeste?

C: Olha, ela passou Fluoxetina e um outro que é pra dormir que eu nunca lembro o nome. Começou com um comprimido de Fluoxetina; agora são 4 por dia. E o comprimido pra dormir é de 25 mg, mas aí ela pede pra tomar dois. Só que aí assim... mesmo... eu... eu parei porque tava ficando gorda, eu engordei 22 kg. Antes, mesmo eu com quatro filhos, eu pesava 56 kg. E depois que isso aconteceu, depois desse monte de cirurgia, medicamento, eu engordei 22 kg. E agora eu venho assim... tentando né... vamo tentar chamar a atenção assim dos outros, pelo menos pra pessoa pensar que você tá bem. Lógico, você tem que camuflar sempre tudo. Então você tenta ficar mais magra, você se maquia o tempo inteiro, você compra roupa pra qualquer um que olhar você na rua falar assim "Tá bom", "Eu tô ótima". E você sabendo... E é assim que eu vivo. Se você falar pra mim: "Ah, quais são os seus projetos futuros?". Bom, é o que eu faço todo dia. Eu leio, releio, leio, releio... Tô tentando trabalhar minha mente pra ver se eu desenvolvo pelo menos... pelo menos 50% do que eu sabia antes, pra pensar daí o que é que eu faço. Sabe? Então você tenta estudar; você começa a estudar. Uma coisa você entende; dez não. Aí todo mundo termina e você continua na mesma coisa. Todo mundo terminou e você continua na mesma coisa. Aí já é um motivo pra você desistir. Então, agora eu estou pegando novas pessoas como exemplo pra poder ver se eu consigo chegar em algum lugar.

F: E quando você fala isso de perspectiva de futuro, você tá pensando em que? É em relação à profissão?

C: Em relação a tudo. Eu pretendo fazer nos dois próximos anos é tentar mudar de bairro. Porque eu sei que ele vai sair e ele já sabe onde eu estou.

F: Você não está na mesma casa onde aconteceu?

C: Não. Porque eu morava aqui na Rua X e agora eu fui para [bairro de SP]. E agora ele sabe que eu estou lá. Então, minha querida, agora é como macaco, sabe? Você não pode se estabilizar num lugar e quando a pessoa descobrir, você tem que correr pra outro.

F: Então, uma das coisas que tá dentro desse futuro é mudar de casa... de bairro, na verdade...

C: Mudar de bairro e voltar a estudar. Então, eu peguei alguns livros e tô tentando.

F: Você tinha parado em que, Celeste?

C: Olha, eu já tinha me formado em auxiliar de enfermagem e faltava 6 matérias pra eu me formar em técnica de enfermagem, que até então, era o que eu pretendia fazer. Só que depois que eu esqueci todas as fórmulas dos cálculos e tudo, eu tento, tento, tento aprender de novo, mas tá difícil. Então, eu trabalho na área, só que assim... a medicação que eu posso fazer é só via oral. Eu não posso fazer uma medicação que precise de gotas, quantas gotas de soro vão ter que cair. Isso eu já não posso fazer. Eu não posso pegar peso, porque eu corro o risco de deixar o paciente cair. Então eu fico agora como cuidadora. É o que eu tô fazendo. Então você não pode pegar peso porque você pode deixar o paciente cair; você não pode mexer com a parte de medicação porque você não lembrar fórmulas pra calcular o quanto aquilo tem que ir.

F: Sobre o peso, o que afetou?

C: Afetou o nervo radial em dois lugares. Então eu perdi a sensibilidade do braço, perdi a força... porque assim... eu perdi totalmente tudo do braço. Então foi feito uma cirurgia e colaram o pedaço do nervo. Só que não sabiam que tinham dois lugares. Aí depois teve que abrir de novo até aqui embaixo ó, daqui até aqui [mostra o braço], então tiveram que abrir aqui pra baixo pra ver onde é que tava... que foi onde apareceu no raio x que tinha mais um pedaço, por isso que eu não tinha movimento nenhum. Então eu não levantava o braço, eu tinha que fazer isso [a mão direita levanta e segura o braço esquerdo]. A mão ficava só assim, caída; não fazia nada. Então o médico tentou... ele fez as duas primeiras e falou: "se não der certo isso, a gente vai ter que abrir aqui embaixo pra poder ligar o nervo direto pra cima". Então, eu ganhei alguns movimentos com isso, não são todos, mas já é alguma coisa. Pelo menos assim, se você não observar muito eu movimentar a minha mão, você nunca vai desconfiar ou descobrir que eu tenho algum problema nela. Tem a outra cicatriz aqui assim ó, daqui até aqui [abaixo dos seios]; aqui também até o umbigo, tem outra aqui na cintura, outra mais pra cima.

F: Você chegou a fazer alguma reparadora da cicatriz ou não?

C: Fiz. Eu fiz... só que eu tenho... quer dizer, eu não sei na verdade... se isso foi depois de tudo isso ou se eu já tinha antes porque... eu fiz uma cirurgia pra tirar um cisto na cabeça, mas a cicatriz ficou bem leve, não tenho nada. Eu tive filhos; a cicatriz embaixo também ficou perfeita. Só que essas, já deu queloide. Então eu fiz uma... olha, eu fiz essa, aí depois eu fiz betaterapia, eu paguei pra fazer betaterapia.

F: Tinha ficado "alta" então a...

C: Se você olhar essa daqui ó, olha... [cicatriz abaixo dos seios]

F: Tá...

C: Então, ficou assim, só que ficou aqui ainda pior, porque ela abriu ainda mais... E isso aqui... aqui já tem duas cirurgias e ela continua, como você pode ver, do mesmo jeito. E agora, o médico do Hospital X não quer fazer a terceira. Porque eu pensei comigo, se ele fizer a terceira, eu vou fazer o mesmo que eu fiz na barriga. Eu pago e faço a betaterapia que aí ela vai ficar mais fina.

F: Isso é o que Celeste, betaterapia?

C: Isso é como se fosse uma quimioterapia, é uma radiação. Só que assim, você não pode fazer muito, porque quanto mais você fizer, mais propensa a câncer você... e são 10 dias seguidos. É uma coisa de dois minutos, mas te faz um mal do caramba. Então, você sente náusea, você sente dor de cabeça, os cabelos caem, as unhas ficam fracas. Não é em todo

mundo que dá isso, mas aconteceu comigo. Então meu cabelo caiu bastante, a unha ficou fraca, quebrou. Quando eu saía, já ia descendo o elevador eu já ficava... sabe? É dor de cabeça, vontade... então os sintomas não são muito legais pra todo mundo.

F: E não é um procedimento que pode ser feito muitas vezes, pelo que você tá falando...

C: Por isso que são só dez dias e pronto. Você pode fazer menos de dez. Eu ainda não ouvi falar em ninguém que fez mais de dez.

F: Você chegou a fazer dez da barriga?

C: Fiz. Fiz dez. Mal eu saí e já fui fazendo...

F: E o resultado...

C: Isso, aí ela ficou ó...

F: Ela era como a do seio?

C: Isso, ela era igual a que tava no seio. E aí o médico... aí eu queria que o médico mexesse de novo nessa daqui pra eu poder tentar fazer a mesma coisa. E na verdade, ela só abaixou um pouco mais porque se você observar, ela tá mais lisa. Isso porque eu fiz carboxiterapia. Se não fosse isso, ela tava abrindo. Então, eu passei dois meses e meio com ela aberta, andando com um buraco. Porque ela abriu e o médico disse: "Não posso fechar". Então ele simplesmente aplicou uma anestesia local e começou a tirar a pele que tava ficando podre. Tirou... aí pegou e fez e deu ponto, mas sabe aquele ponto falso? E colocou gaze em cima e fechou. Então, todo dia tinha que limpar isso, todo dia tinha que tomar cuidado. Mas aí ele me deu um papel pra eu andar no ônibus sentada... porque se eu bater em algum lugar... aquilo ia doer e abrir tudo. Já tava um tanto assim aberta. Só ia ferrar ainda mais.

F: Eu não sabia que cicatriz podia abrir...

C: Abre. A das costas também ficou aberta. A minha prima trabalhava no Hospital Y e em outro hospital particular que eu não lembro o nome. E aí, quando chegou uns curativos importados, que é uma fita, você tira e tem medicamento dentro. E aí todo dia ela passava na casa da minha avó e foi isso que a cicatriz fechar das costas, porque das costas também ficou aberta. Só conseguiu fechar com isso. Mas até então era todo dia assim, você não pode se mexer, quanto mais você se mexe, aquilo dói, sangra... você tá andando na rua e de repente a pessoa tá olhando pra você e você fala "por que essa pessoa tá olhando pra mim?". Quando você olhar pra você, o sangue tá ali, aí você tem que ficar escondendo. Então, assim... por isso que eu só retomei a minha vida há dois anos, só... porque até então, era dentro de casa, as cicatrizes abertas e um monte de medicamento forte. Eu acabei viciando na Morfina, depois eu acabei viciando no Tramal, porque eu só vivia a base de Tramal e de Morfina. E aí quando viciou em um e viciou na outra, o médico disse "Péra um pouco"... aí foi passando, foi passando pra Dipirona e depois assim eu sozinha eu falei "Ah, quer saber? eu não vou mais tomar isso". Então agora eu tento... quando eu começo a ter dores, eu tento me controlar ao máximo.

F: Celeste, então você ainda sente dor física?

C: Sente.

F: Em todas?

C: Todas.

F: Mas é por conta da pele, da cicatrização ou dos órgãos que foram afetados?

C: Não, é da pele mesmo. Essa aqui ainda coça pra caramba; quando tá frio junta tudo e aí começa a doer pra caramba. Então o médico fala pra ficar sem sutiã, nada de roupa apertada. Então minha vida, na verdade, é assim... eu já tinha que controlar a minha temperatura do corpo porque eu tenho urticária, então já tinha que controlar isso... e depois disso eu tenho que controlar um geral. Então, a minha vida é assim... o que eu como... eu tenho que saber o que eu como. Se tá sol, eu tenho que saber que horas eu tenho que sair, quanto tempo eu posso ficar no sol, minha vida na verdade virou um terror. Minha vida é regrada assim: se eu for fazer tudo certinho, eu vou estar 5 vezes no mês no médico, sem contar assim, psicólogo eu tenho que estar duas vezes na semana. É o que eu tô falando pra você: com a parte de fora, com o que você tá vendo, você consegue lidar com isso. Só que quando você começa a conversar com as pessoas, ou elas te escutam e te ignoram ou ela fala "Puro drama!", "Pura frescura". Com um milhão de gente que você conversar que tem algum problema com trauma, alguma coisa ela vai falar pra você e assim... Todas elas vão falar que em algum momento, alguém já diz... "Frescura... frescura". É a pessoa que tá inventando tudo isso.

F: Celeste, você fala isso referente a família, profissionais, colegas, todos? Você teve essa experiência?

C: Sim. Porque a pessoa olha pra você e fala que você tá inventando. Ela só vai falar que realmente está acontecendo se o médico for lá e fizer uma cartinha. Se ele não atestar que você está mal, que tá acontecendo alguma coisa... se não for assim, é frescura. Fica tudo difícil então... você vai no INSS, "ah tá, aham"... às vezes o médico tá ali dizendo tudo aquilo, mas eles te jogam, "se vira". Só é alguma coisa quando é comigo; quando é com os demais, não tem nada, é frescura. Aí eu falo pra você: dentro de você fica aquele conflito, aquela dor, a raiva... é tanta mistura de sentimentos, que nem um milhão de anos vai conseguir curar. Porque em algum momento da vida, você vai relembrar daquilo, vai vivenciar aquilo. Não importa se é na morte de um, se é no casamento do outro, no nascimento de alguém, pode ter certeza.

F: Sempre vai ter alguma coisa que vai relacionar?

C: Isso... Sempre. Então assim... nunca vai ter uma... você pode levar sua vida pra frente, você pode refazer sua vida... quando você refazer sua vida, você vai escutar assim "Já passou, tá vendo? é temporário... o tempo já curou... o amor cura todas as coisas". Só que... não! Não é verdade. São seis anos. Seis anos revivendo a mesma coisa; seis anos acordada no meio da noite olhando a porta não sei quantas vezes. Num dia você ama todo mundo; no outro, você não quer nem ver. De repente, você olha e fala: "Bonito aquele casal", "Vou tentar fazer... vou tentar refazer tudo...". Quando tá tudo na sua frente, você fala "Tô fora". Até onde esse amor vai durar?

F: Você tá dizendo assim... que não dá pra acreditar em ninguém?

C: Eu não acredito em ninguém. Eu não confio em ninguém.

F: E tem uma parte em você que quando diz "se maquia, fica assim, assado..." é uma parte que talvez tá querendo se desenvolver, fazer diferente... tem a outra parte que quando chega na hora diz "não"?

C: Não, é uma parte assim: "Ninguém precisa saber o que tá acontecendo com você. Se eles não tão nem aí pra nada, por que você vai ficar mostrando pra eles que tá tão frágil?". Porque toda vez que ela perceber que você está frágil, ela vai te cutucar.

F: Então, quando você fala de se arrumar, de estar bem... é pra sua imagem?

C: É.

F: Em nenhum momento você pensa assim... em de repente ter uma nova relação com alguém?

C: Não. É só pra eu provar pras pessoas... "estou ótima!". Não importa se eu chorei ou não; estou perfeita! Só que assim, "Eu estou perfeita, mas eu quero estar bem longe de você". Então, você vai receber aquela crítica assim: "Nossa, como você tá gorda!", "Nossa, essa roupa não ficou bem em você", "Seu cabelo está horroroso", sempre vai ter uma crítica. Aí você fala: "Quer saber? Vou fazer do meu jeito que tá bom e acabou", que é o que eu estou fazendo. Eu nunca tive controle da minha vida mesmo, mas agora eu vou ter, eu vou fazer do meu jeito. E é o que eu estou tentando fazer. É... eu choro, eu vivo isolada? Vivo. Eu vivo no escuro? Eu vivo. Quando eu estou na minha casa, eu quero ficar sozinha. Eu não quero olhar pra criança, eu não quero olhar pra ninguém. Eu simplesmente com a televisão e o computador na minha frente, mas eles estão desligados. Porque eu não quero contato com ninguém. Perfeito, eu sozinha! Não precisa a luz ficar acesa, que ela me incomoda. Eu ficando ali, deitadinha, no meu escuro, quietinha... na hora que me der vontade, eu levanto, faço o que tenho pra fazer e assim, é o que estou vivendo.

F: Celeste, tem alguma coisa, alguma atividade que consegue te dar algum prazer?

C: Olha, eu estava na academia. Só que... o barulho... das pessoas me incomoda. Então você vê que um terminou o exercício, vai lá mostrar, o outro vai olhar... aquele barulho me incomoda, ou melhor... tudo me incomoda. Então pra mim assim... o mais interessante pra mim é... a academia tem que estar só pra mim. Então eu parei de ir pra academia. Eu tava indo num horário da manhã que só tinha eu e mais uma pessoa, só que aí passou a ir mais gente. Aí eu fui num horário depois do almoço, bastante gente. Então, as pessoas estão todas de regata, de top e você tem que estar com a camiseta até aqui e folgada, pra assim... não marcar... não digo nem as gordurinhas... pra não marcar a sua cicatriz. Porque assim... no dia, no minuto em que ela perceber que você tem uma cicatriz, ela vai te perguntar.

F: E já aconteceu, Celeste?

C: Aconteceu. Vive acontecendo.

F: Porque a do braço é a que está num lugar mais acessível, né?

C: Isso! Então, eu coloco assim... "O que aconteceu?", Aí você tem que inventar mentira...

F: O que você fala quando alguém pergunta?

C: Eu aproveito uma vez que vinha da praia e teve um acidente, então eu aproveito esse detalhe. Não aconteceu nada comigo.

F: E você já percebeu assim, de... de repente a pessoa não perguntar, mas olhar ou disfarçar?

C: Sim, ela olha, ela disfarça... mas aí ela torna a olhar de novo e a curiosidade, você percebe. A pessoa tem uma curiosidade pra saber. "Que tamanho tem essa cicatriz e por que?". E mesmo você contando uma mentira tão convicta, é como se a pessoa estivesse assim "Aí tem outra coisa", "Ela tá escondendo alguma coisa".

F: Você tem essa sensação?

C: Tenho... É a sensação que eu tenho.

F: E o que você sente, Celeste, quando acontece isso? A pessoa tá olhando, te pergunta... que tipo de coisa vem a sua cabeça?

C: Olha... a resposta é a mesma que eu dou, que foi um acidente de carro... Mas aí a pessoa pergunta: "Mas você tava dirigindo?". Aí eu penso: "Putz... esqueci desse detalhe". Aí eu falo "Não, eu não tava dirigindo não, mas sabe aquela parte do meio do carro, onde tem o freio de mão? Então, eu bati por ali, aí rompeu..." e aí inventa aquela história bem linda... bom, pelo menos a pessoa engole.

F: Mas como você se sente... nessa hora que tá falando isso?

C: Eu me sinto uma grande mentirosa e penso comigo "Se você soubesse o que realmente aconteceu...". Só que assim... por que eu vou contar se a pessoa simplesmente... ela vai sentir dó e... ela vai fazer aquela pergunta que todo mundo faz: "Ele tá preso?". Aí depois que a pessoa te fizer essa pergunta, você já sabe qual vai ser o próximo passo. O próximo passo vai ser assim "Hoje não dá pra conversar com você; eu estou atrasada, eu tenho uma coisa pra fazer". Aí se você ligar para a pessoa, aí a pessoa... ou ela não atende ou atende e fala "Agora não dá pra falar com você; eu te ligo, eu te retorno". E ela nunca te retorna. Então como você já sabe toda... porque toda mulher que é agredida, por mais que ela tenha uma cara de pau sem tamanho, ela sabe que vai enfrentar muitas rejeições pela frente. Vai começar do hospital em que ela foi atendida, da delegacia em que ela vai e daí pra frente. E eu penso assim... essa é a minha opinião... se um cara chegar perto dela e ver aquela cicatriz e saber porque foi, ele pode querer fazer a mesma coisa. A minha impressão é essa. O meu medo é esse. "Por que foi isso?", "Ah, por causa disso". Então ele vai falar assim... "Essa pessoa não é tão inteligente, então a gente pode montar em cima"

F: Como se isso fosse uma vulnerabilidade?

C: Isso. É isso o que eu sinto.

F: Celeste, e a gente falou sobre isso da pessoa olhar e te perguntar e... quando é você com você mesma?

C: Quando é eu mesma... eu olho, aí eu tenho uma caixinha de maquiagem... aí eu penso "Eu gosto tanto do meu lado direito, pena que eu não posso usar do lado esquerdo" Esta maldita cicatriz está bem grande aí". Aí você passa um monte de maquiagem em cima e nada vai. Aí você começa a pesquisar, pensar: "O que eu posso fazer?" Aí você vê, vê e nada tem resultado. "Ah, mas aquela pomada melhora mais". Você gasta uma puta grana e nada. Tudo o que falar pra mim que é ótimo, pra pelo menos minimizar, pelo menos se a cor ficasse igual... a tonalidade da pele ficasse igual, tava ótimo... mas o pior é que nem isso acontece e aí eu olho... têm pessoas que têm a cicatriz, mas você tem que chegar bem perto pra você ver. E aí eu começo a me perguntar: "Por que isso tinha que acontecer comigo?". "A menina que nunca namorou, a menina que nunca brincou com os outros de fora", aí assim... vem a

autocrítica. "Você é uma burra mesmo, né?", "Putz, por que você não foi igual a fulana?", "Por que você não mandou todo mundo ir se catar e fazia o que você queria?"

F: Com toda a sua experiência, Celeste, quando você retorna lá e pensa isso... O que você faria diferente?

C: Olha, te juro que eu tinha dito pra minha mãe "Coma todos os presentes e eu não vou fazer isso". "Você achou o moleque bonito. Você casa com ele. Você não achou ele bonito? Ele não é um cara legal? Então, casa com ele". Eu teria dito isso, sabe? Se pudesse voltar no tempo, eu teria feito isso. Eu teria enfrentado as pessoas; se tivesse que xingar, eu xingaria; se tivesse que mudar de país, eu me mudaria; eu faria o que fosse possível, só pra não ter essa experiência. O problema disso é que você sempre vai levar isso pra frente. Tem aquelas pessoas que conseguem reconstruir? Tem. Não vou mentir, tem sim. Mas assim, no fundo, no fundo, ela vai ter aquele medinho. Ela pode fazer tudo, mas ela vai ter aquele medo. E como sempre, o medo seu é assim... "Vou namorar com fulano", "Tá bom". Aí hoje é reunião de família. Aí você pensa "Danou-se". "E se alguém tocar nesse assunto?" Porque você assim... tem as pessoas com quem você se sente bem em falar, que isso se conta três, quatro. Os demais, você não quer tocar no assunto. Se é uma mulher, você até se abre melhor. Igual eu estou conversando com você. Se fosse um homem, eu estaria travada. Provavelmente já tinha terminado tudo aqui. Quando você também percebe que a pessoa não está te dando a mínima, você também ó [faz gesto com as mãos, como se dissesse "vai embora"]. Você pensa diferente daí pra frente, você pensa diferente, sua atitude é diferente, tudo muda... nada fica igual, nada. A única coisa que você quer é assim, pelo menos eu penso, "eu tendo o meu lugar, minha casa, num lugar que eu gosto"... e às vezes eu penso "e com as crianças, né?". Eu quero uma casa pra eu estar com as crianças todos os dias. Dois minutos depois eu já falo: "Eu sozinha tô muito bem. Não tenho barulho, não gasto nada, nunca quis criança mesmo, não gosto de gastos e não gosto de ninguém se intrometendo na minha vida. Então, eu não quero é nada". Ai eu penso; "Se foi ela quem arrumou esse casamento, ela que tem que cuidar das crianças. Não era ela quem queria tanto? Então, ela que cuide". E é o que eu faço.

F: Eles ficam com ela?

C: É. É mais ela que faz as coisas do que eu. E aí a minha filha mais velha fala assim: "Você é obrigada a fazer isso por mim até os 18 anos". Aí eu olho "É obrigada, é?", "Tá, então tá". "Vou chamar o conselho tutelar pra falar que você não tá cuidando da gente". "Pois é um favor que você me faz". E que você acaba não conseguindo. Têm momentos que você acaba fazendo bonito? Tem. Mas pode ter certeza que você vai dar uma pisada de bola em algum minuto. Em algum minuto você vai dizer "Mais isso!" Eu ainda tenho que olhar pra cara do filho daquela pessoa. Pessoa essa que eu não quero ver nem pintada de ouro. Se alguém falasse "Morreu", eu ia sentir um alívio? Ia. Só que simplesmente assim, eu queria que ela ficasse no pior lugar que existe, sofrendo. E que alguém fizesse, um pouquinho só, do que ele fez comigo. Só um pouquinho. Pra ele saber o que é realmente acabar com a vida de uma pessoa. Porque tem dia que você pensa que tá louca, "Mas ela só tem umas cicatrizes". Só que essa cicatriz te dá dando sentimento que, num dia você pensa que tá louca, no outro você já acha que tá normal. E você vai ter que acordar todo dia pra ver quem você é nesse dia. "Quem sou eu hoje? A menina revoltada? Aquela mulher decidida? Aquela pobre coitada que conseguiu sobreviver? Cada dia você vai ser uma, cada momento você vai ser um.

F: É como uma instabilidade humor, que você nunca tem uma previsão, vamos dizer assim, de como vai estar?

C: Não... Não, eu posso de manhã falar pra você "Mais tarde eu tô aî"; faltando 5 minutos pra sair "Não vou". Você pode chegar... "Não vou", "Mas por que você não vai?", "Mas você tava tão animada...", "Mas eu não quero ir". Então, você nunca sabe quem você é. Então, assim... tem hora que eu, que eu... "ah, hoje eu tô louca", "hoje eu tô num dia louco, que eu não consigo me controlar". Então, nesse dia eu me isolo pra não magoar ninguém. Porque esse é o dia que eu vou dizer toda... tudo aquilo que realmente fiz (?não entendi), principalmente se a pessoa me fez alguma coisa. Aí você fala "Você é insensível". E será que alguém tá sendo sensível comigo? Até que ponto as pessoas estão sendo sensíveis comigo? Então, um resultado dessa raiva... minha mãe tá com 10% de um dos rins funcionando agora. E ela pediu pra eu ir lá. Meus irmãos fizeram o exame e falou: "Você foi a única que não fez". Ela falando, falando e eu assim, olhando lá longe e pensando: "Vai querendo".

F: Não entendi Celeste, ela queria que você fizesse um exame?

C: É. Pra ver se eu sou compatível com ela...

F: Ahhhhh...

C: E assim, ela fala e eu olho pra cara dela, só que no fundo, no fundo é... "vai querendo... com esse tanto de coisas que eu já passei por causa de você, você acha mesmo que eu vou ganhar mais uma cicatriz pra fazer um favor pra uma pessoa que me deu um monte de presentes... mas nem pensando, nem ferrando!". Então ela disse "Meu sangue é B positivo"; eu não me lembro bem, eu não tenho certeza nesse momento, mas eu fiz um exame e se eu não me engano o meu é B negativo. E aí eu pensei: "Eu é que não vou lá fazer exame de novo, que na minha cabeça é B negativo, mas vai que no fundo no fundo seja positivo?".

F: É... e como dizer não nessa situação?

C: E aí eu vou dizer "Não" e sabe o que vai acontecer? Umas 15-20 pessoas 'é capaz' de me colocar, sabe? ... a pessoa me dopar e me levar... "Não, mas o seu pelo visto é o mais próximo, é melhor ir lá fazer pra ter certeza". Aí eu invento todas as desculpas do mundo, só que assim, no fundo no fundo, na minha cabeça é: "Mas nem que fosse... não dou!". Eu não me sinto... sabe? Eu não vou fazer uma coisa que eu não sinto aquilo, você tem que fazer uma coisa que você sente, que você quer ajudar a pessoa... mas eu não me sinto no direito disso. Ué, quando eu estava no hospital, ela nunca foi me ver. Eu tomei cinco bolsas de sangue e o "seu não tava lá". Na hora do almoço, a minha tia que largava o serviço pra me dar comida, era a amiga que pegou férias pra ir cuidar de mim, é a avó que chega pra dar café da manhã e a janta, sabe? Mas a pessoa que tinha que estar lá... "Ai, eu tenho fobia de ver isso", "Jura? Agora eu também tenho fobia de cicatriz, eu tenho... e eu não vou ganhar mais uma". "Se você tiver que passar pela hemodiálise, que passe". Ué, eu passei tanto tempo num hospital e tantas vezes eu vou. Fica um monte de cirurgia indefinida pra mim, sabe? "Ah, mas o fulano morreu". Eu não tenho mais o mesmo sentimento de antes. "Ah, mas o fulano morreu", "Todo mundo vai morrer, relaxa". Sentir alguma coisa ninguém vai sentir, porque eu não senti nada. Eu não senti nada. Então se eu passei dois, sei lá quantos minutos parada... ninguém vai sentir nada também, e olha que eu tava cheia de cortes e eu não senti nada. Parou, parou, acabou. A pessoa não tá sentindo nada, então se tiver que morrer, morre. Se ela tiver que, sei lá, quantas vezes fazer e o cabelo cai, é triste? "É, é triste filho, tudo na vida é triste, nada... Só que não se preocupa", não é assim que as pessoas falam pra mim? "Não se preocupa, o tempo vai curar", não é? "Vai num psicólogo, vai num psiquiatra e ele te passa um remedinho bom". Então o mesmo eu digo para os outros. "Vai lá no psicólogo depois, vai lá no psiquiatra, ele te passa um remedinho ó... perfeito. Vai ficar tudo ótimo. Não ficam assim pra mim? Então pra você também vai ficar perfeito, sabe?" Aí, esse sentimento que fica em mim agora. São

seis anos? São seis anos. Já deveria estar melhor? Talvez. Muita gente já superou, já arrumou marido, já casou de novo? Já. Só que, infelizmente, as coisas não são pra todo mundo iguais. Queria ter sido como muitas outras aí. Saiu do hospital, já arrumou outro, já tá na balada todas as noites... só que eu não. Infelizmente, não tem balada que... que me faça sentir bem, não tem uma roupa legal que vai me fazer sentir bem, nada... Pelo menos ainda não tem nada que me faça sentir bem. Então, enquanto eu estiver nessa situação, eu vou sentir muito por todo mundo mas... cada um sinta o que tiver que sentir, mas cada um no seu canto, que eu não quero mais fazer nada por ninguém, nada. Porque ninguém fez nada por mim. E quando eu tentei avisar as pessoas o que eu estava passando, era que eu sou muito chata, eu sou muito perfeccionista. Então, se eu sou muito chata, se eu sou muito perfeccionista, então agora também não tem. Só que eu vou ser mais gentil ainda. Eu vou ser mais gentil do que as pessoas. "Não dá pra parar de trabalhar, eu tenho contas a pagar e filhos pra criar, sabia? Então não posso ir". Você percebe que a pessoa tá ali te pedindo, mas você sempre... sabe? Eu aprendi. Eu aprendi igualzinho me ensinaram... "Ah mas você tá encalhada". Veio uma mulher de lá da Bahia pra poder falar que eu não deveria ter me separado. Ela tem noção do que eu estava passando? Não tem noção. Sabe assim, você quer crescer, você quer ter estudo, você trabalha de segunda a sexta, você faz curso de final de semana, no sábado você tá na escola, no domingo você ta fazendo estágio e você chega em casa e tem assim... a pessoa com uma roda de amigos, tomando cerveja... uma bagunça duma casa... a mãe da pessoa lá, fazendo mais bagunça ainda... isso vai te enlouquecendo, chega uma hora em que você tem que dar um basta. E além de todo aquele drama que a pessoa te faz enquanto tá convivendo com ela, ela ainda depois se acha no direito de te deixar cicatrizes, pra você... nunca esquecer que ela esteve na sua vida. Você não queria lembrar da pessoa? Mas infelizmente você vai ter que lembrar.

F: Celeste, e quais os significados pra você dessas cicatrizes?

C: Olha... lembrar do meu pior momento... lembrar o quanto eu fui boba... lembrar que se eu tivesse sido uma pessoa de personalidade, independente de com que cara a pessoa iria ficar, eu ia saber dizer não. "Não vou fazer, não quero. Você pode pagar, mas não é o que eu quero", sabe? Pode me oferecer casa... a família dele me ofereceu uma casa e um emprego em um hospital de onde eles são de origem porque eles têm casa nessa cidade e uma das parentes trabalha nesse hospital. E eu falei que não. Quando, a partir do momento que alguém sabe, alguma pessoa começou a fazer com que eu entendesse cada coisa, que uma amiga passou a... "Celeste isso não tá certo, isso não é assim" e começou a abrir meus olhos "faça alguma coisa, faça alguma coisa"... então foi aí que eu me senti forte pra fazer alguma coisa. Porque até então era assim, é... me lembro num final de semana que eu cheguei da escola e a minha filha tava com a testa machucada e com roxo pelo corpo inteiro. Porque o cara disse que estava bravo comigo, aproveitou que eu não estava em casa e foi bater numa criança de 8 anos. Ou melhor, foi espancar uma criança de 8 anos. "Vou deixar marca na pessoa" tipo, na verdade, eu acho que a pessoa tava me alertando, né? Ela tava dizendo "Olha eu tô fazendo isso com uma criança que é minha, que eu tanto quis, mas eu posso fazer com você".

F: Celeste e assim... esse episódio que vocês já estavam separados, pelo que eu entendi foi isso, vocês estavam separados, ele não aceitou e ele foi lá e te atacou. Mas antes disso, ele já tinha sido agressivo com você ou fazia esse tipo de coisa com as crianças, te dando um sinal?

C: Não, até... quando eu pedi o divórcio a primeira vez em 2006... foi daí que ele começou a ser assim... porque até então não era assim. O que me incomodava na pessoa era a bagunça

que ela fazia, as coisas que ela passou a fazer pra me provocar. Então aquilo me incomodava, mas até então...

F: Nunca tinha falado de te bater ou coisa assim?

C: Não, mas assim... sempre demonstrou ser uma pessoa extremamente agressiva. Porque assim, se eu fosse falar alguma coisa, a pessoa me perguntasse "tá tudo bem?", ele olhava pra mim e fazia assim [gesto com o olhar] né? E eu dizia "tá tudo bem". A pessoa tá conversando, você chega na casa da família e ele finge assim, fica abraçado com você porque qualquer coisa que ele não gostar ele te [gesto de apertar o abraço, puxar a pessoa para si], sabe, te dá aquele aperto pra você saber. "Não, tá tudo bem". E por ele apesar de ser um ano mais velho que eu, mas ser um ano mais velho que eu e assim ter convivido com todo tipo de gente, então ele era mais experiente que eu. Então era assim, na frente da família "Amanhã eu vou na casa da minha mãe", "Ah, eu também vou", tipo, eu nunca ficava só com a minha mãe, nunca ficava só com as minhas irmãs, ele passou a ter ciúmes das minhas irmãs. Ele passou a ter ciúmes de todo mundo. E eu nunca entendi por que tanto ciúmes. Só que aí é o que eu falei. Se eu arrumava um emprego, ele dava um jeito de me tirar. Ele dava um jeito de me tirar ou senão levava e buscava. E... chegou vezes de ele estar trabalhando e a minha segurança era a mãe dele. Então a mãe dele ficava "Ah, mas hoje eu vou na igreja", "Ah, mas eu também vou na igreja", "Ah, cê vai na igreja?", "Vou", "Ah vou sentar com a minha mãe", "Não, mas eu quero sentar aqui ó", "Não, eu vou sentar com a minha mãe" "Então eu também sento". Aí era assim, ela fazia questão... tava minha mãe, minha irmã, ela sentava bem do ladinho assim, pra me... sabe? Sempre botando um pingo no meio pra ficar distante. Quando não era isso, era a avó dele. Aí, eu lembro que uma vez a avó dele pediu pra eu acompanhar ela no banco. Eu fui, mas eu sou tão distraída, eu não vou mentir, eu sou distraída, eu sou tão distraída que eu não sei te explicar qual foi a situação. Não sei se o cara assobiou, não sei exatamente o que aconteceu. Mas parece que o cara disse alguma coisa. E... eu não escutei nada, mas eu levantei a cabeça e olhei. Ah quando chegou... ela, no momento que deu, ela sentou com ele, não sei o que tanto falou, que de repente vem a pessoa "Os outros estão mexendo com você e você tá olhando?". Aí você "Oi?", "Sim porque minha vó falou que um cara mexeu com você e você olhou". Aí você tem que puxar pela memória, se realmente aquilo aconteceu... Aí você escuta um monte de coisa, a pessoa fala, fala, fala... ela não fala na sua cara "Vouacabar com você", né? Pelo menos ele não foi assim.

F: Ele não fazia ameaça verbal?

C: Não, ele nunca fazia ameaça verbal. Mas ele fica numa irritabilidade sem tamanho. Aí você pensa: "Sou vigiada pela mãe, sou vigiada pela avó, quando não é nem por uma nem pela outra, é pelo irmão que finge que tá...". "Ah, mas amanhã eu preciso ir em [bairro de SP]", "Ah, mas não é que eu também preciso? Vamo junto". "Olha, eu játerminei o que ia fazer, eu vou embora na frente". "Não, não, o fulano mandou esperar pra você ir comigo". "Não precisa você ir agora não". Se eu insistia, ele pegava o telefone, ligava pro fulano e "Ó fulano, ela não quer me esperar não, alguma coisa tem". Então, imagina assim, o casamento inteiro foi isso.

F: Quanto tempo de casamento Celeste?

C: Olha, eu coloco... vamo colocar até exatamente a saída do divórcio, no papel mesmo foram dez anos; na convivência, seis anos... Não, foram oito anos. Só que todo esse tempo, nos primeiros seis anos, foi assim... "me engana que eu gosto". Dava pra você ir tentando, tomando água pra engolir a situação. Nos últimos dois anos, a coisa foi ficando chata, foi ficando pior ainda do que já estava, porque eu não sei onde, acho que quando ele me ouviu

falar a palavra 'divórcio', eu acho que aquilo deve ter arrepiado o do pelinho do pé até a cabeça e aí ele resolveu comprar uma arma. No meio tempo enquanto ele estava sem arma, ele dormia com uma faca embaixo do travesseiro e dava uma desculpa esfarrapada. Eu não entendia nada, minha filha também não. "Não, é que eu tava ali no bar e o cara me ameaçou", "O cara me ameaçou lá no bar, então eu tenho que dormir com essa faca debaixo". Quem não dormia era eu! Aí eu ficava pensando: "será que foi o cara que ameaçou mesmo ou será que a pessoa vai me matar no meio da noite?". Então aí eu já não dormia a noite. No meu serviço, eu tinha um tempo que eu podia ficar mais relaxada, era aí que eu dormia. Eu descansava no serviço, porque à noite "aí vem bomba pra mim, vou ter que ficar acordada". No dia que eu chegava e ele não estava, tipo, eu ia dormir... sabe quando vai te dando aquele alívio, que você tá cansada e você capota? E aí você ficava com medo de escutar o barulho da chave. Então eu fazia um jeito na porta que por fora ela não conseguia abrir com chave. Então ela tinha que me chamar. Ela tinha que bater na porta para conseguir entrar.

F: E vários sinais que você ia vendo... faca debaixo do travesseiro... foi a partir daí que o seu sono acabou?

C: Meu sono já começou a acabar por aí. E quanto mais eu ia estudando, aí chegou a parte de psicologia. E aí o professor começou a explicar um monte de coisa e aí ele começou a falar assim: "Se você ver que a pessoa escreve demais, tudo o que ela sente ela escreve em parede, escreve em caderno, ela faz isso, ela faz aquilo para demonstrar os sentimentos, você toma cuidado... que a pessoa deve estar com algum distúrbio, essa pessoa tá atordoada e ela pode fazer algum mal a você". E assim, depois de um tempo, isso começou a acontecer também... Eu abria o caderno, a pessoa parecia que fazia questão pra me provocar. Por mais que ela sabia que eu odiava escutar a palavra eu te amo, "agora é que eu vou escrever mesmo". Aí ela escrevia na página da frente, na página dos fundos, qualquer um que abrisse meu caderno ia ter que ver aquela declaração linda [sarcasmo]. Passava três, quatro folhas: lá estava outra declaração. Depois ele passou a escrever nos móveis da casa. Aí foi indo, foi indo e eu pensei "Vai ter que ser agora", porque senão ele vai matar as crianças e depois vai ser eu. Então, na verdade, quando isso aconteceu, faltavam dois dias para um plano que eu tinha feito, pra concluir. Porque eu não queria pedir para o meu patrão meu dinheiro antecipado. Só que eu já tinha arrumado uma casa e aí dois dias depois eu ia lá pagar. Aí eu pensei: "eu vou de manhã, eu pago. Enquanto ele estiver trabalhando a noite eu cato as crianças e... Eu deixo os móveis, eu perco os móveis, eu compro outros móveis novos, mas pelo menos eu pego as crianças, pego as roupas delas e vou..."; porque assim, é o que eu falo pra você, o meu sentimento, ele fica confuso porque... eu tenho dó das crianças que vivem na rua, que as mães não cuidam, que ela vivem jogadas. E aí eu falo: essa criança não pediu pra nascer. Colocaram ela no mundo e agora... deixam assim. Só que no fundo no fundo eu acabo... não vou dizer que eu deixo elas jogadas, que eu deixo suja, que eu deixo faltar as coisas, mas eu tento me distanciar. Então, o meu sentimento é um, mas a minha ação é outra. Aí eu percebo às vezes e falo "eu devo estar desequilibrada mesmo", porque eu penso de uma forma e eu faço de outra. Mas infelizmente eu não consigo, digamos, controlar essa situação. Eu me sinto culpada às vezes? Eu me sinto culpada, mas eu não consigo... então pra eu não dizer uma coisa pra outra pessoa ficar triste, eu fico distante. Eu fico distante, porque assim a pessoa não vai escutar uma coisa desagradável e eu depois não vou me sentir desagradável. E é assim que eu tô fazendo todos os dias. Então eu vou no casamento sábado, mas não tô com um pingo de vontade. E só vou porque a sociedade cobra. Porque se não fosse isso... se eu pudesse inventar uma viagem de última hora, eu acho que eu arrumaria essa... só pra poder não ir. E depois eu ia ter uma desculpa pra dar. Então você percebe como fica uma coisa totalmente maluca. O sentimento e a cabeça da pessoa. Porque ela pensa de uma forma bonita? Pensa. Só que no

fundo, no eu dela mesma, ela não quer fazer aquilo. Ela quer ficar longe de todo mundo. Aquilo que ela fala, nem se escreva. "Ah, mas você falou, mas você escreveu isso". "Falei, escrevi. Só que o meu sentimento real é esse". E eu estou na verdade fazendo papel de atriz, a verdadeira Celeste é essa aqui. É essa que não quer contato com ninguém, que quer viver no escuro, que não quer... quer fazer alguma coisa e depois perde o foco do que ela quer. Tem raiva das pessoas? Tem. Tem perspectiva para o futuro? Até tem. Mas será que ela conseguir chegar lá? Não sei. Talvez até lá ela pode surtar, sei lá. Pode. E a crise que as pessoas acabam destruindo a sua própria vida. Porque elas vão jogando, elas vão tentando, mas chega uma certa hora... vai passar na cabeça dela "melhor me matar", sair de cena, porque assim eu não passo mais por isso. Se eu falar pra você que eu nunca pensei isso... hoje mesmo eu pensei isso, hoje mesmo eu chorei e eu pensei comigo "porque eu não fiquei morta?", mas que droga, tinha que... que três vezes e as três vezes tinha que ter a pessoa indevida pra me trazer? Por que não deixou lá? Parou, acabou. Deixa que a pessoa vá. Ah, as outras vão sofrer. Ah, vão... mas pelo menos elas não vão precisar... se elas tem um sentimento escondido, elas não vão precisar mentir o real sentimento delas. Se ela realmente gosta da outra que morreu, o período de sofrimento dela, ela vai lembrar da pessoa? Vai. Ela vai querer que a pessoa esteja ali? Sim. Mas ela vai conseguir viver de acordo com o que der. E as outras que não gostaram, que não estavam gostando da pessoa, nem da situação, elas vão ficar satisfeitas com isso. Então, você nunca sabe realmente quem você tá agradando e quem você não está. Isso é o meu sentimento, isso é o que eu sinto. Viver com esse sentimento não é legal. Porque as outras pessoas sempre 'vai' ter uma arma, eu diria, pra ela poder terminar com você, pra ela poder te alfinetar.

F: Ou seja, você está dizendo que as pessoas, de alguma maneira, te atingem?

C: Sim. Sim. "Porque se o seu casamento não deu certo...", "Ótimo". Aí a pessoa, ela vai fazer questão de ficar assim "meu casamento é mil maravilhas", mas o casamento dela não está sendo aquelas mil maravilhas, mas ela vai dizer que é, pra poder, assim, você sentir aquela... sabe? Ou senão elas vão dizer frases assim, tipo: "uma mulher inteligente ela passa por tudo o que ela tiver de passar, que ela continua lá". "Deus me deu a vitória e eu estou aqui". Só que você percebe que, no fundo no fundo, elas estão ali, por estar, porque não é todo mundo que tem a capacidade de chegar e falar o seu real sentimento. E eu sou uma delas. Eu nunca digo o meu real sentimento. Então, o que você vê por fora, não é o mesmo que tá dentro. Você vai me ver sorrindo? Vai. Só que por dentro eu estou um trapo só. Às vezes você vai me ver falando uma coisa e fazendo outra? Sim. Porque eu penso de uma forma, só que eu acabo agindo de outra forma. Eu penso que todo mundo tem que ser responsável pelas coisas que faz. Sim... Mas às vezes eu não to sendo responsável com o que eu falo. É aí onde você fala: não devo criticar ninguém; se uma mãe abandona um filho, você não sabe o sentimento dela. Talvez um dia lá na frente, ela consiga forças; só que voltar atrás ela não vai conseguir. Só que, ela sabe o motivo dela. Umas fazem porque querem, outras não fazem porque querem, mas é pelo que tá por dentro. Pelo que tá aqui dentro então elas acabam fazendo, mas depois se arrepende. O sentimento de dor vai ter? Vai. O de culpa vai ter? Com certeza. Aí você tem que saber até onde essa pessoa vai agüentar essa dor. Eu assim... eu sei que tô falando uma coisa e pensando em outra e vice-versa, mas assim, a dor que eu passo todos os dias, infelizmente ninguém vai poder vivenciar, infelizmente ninguém vai poder sentir. Só quem sente sou eu. A frescura, como dizem, a frescura é só minha, as cicatrizes também são só minhas... e o tempo vai curar. Não é esse o deboche da coisa? Vamos levar assim.

F: Celeste e... só pra complementar uma questão que você já falou um pouco. Como você diria que está a sua autoestima hoje?

C: Olha, eu vou dizer pra você que até aumentou um pouquinho... um ponto. Porque eu consegui emagrecer já 12 quilos. Já é alguma coisa. Mas em relação a cicatriz mesmo, você tem que ficar escolhendo modelos de roupas pra vestir, isso é muito chato. Você se sente mal quando vai à praia. Você fica pensando... o homem me vê nua ou de calcinha e sutiã, o que ele vai dizer? Se você tá num provador provando uma roupa, a pessoa fala "posso...?", "não, não, não, deixa que eu mesma pego", ou você se esconde e... sabe? Você vai provar um vestido e fica com vergonha. E você pensa... a pessoa vai falar "eu te ajudo a fechar o vestido", aí você inventa aquela bela mentira de sempre... da desculpa né... das cicatrizes. E assim: minha autoestima nesse momento, acho que tá 5.

F: Cinco?

C: Cinco... e eu acho que até tá boa, porque antes eu não sentia 5.

F: Sentia quanto?

C: Sentia mil! Minha autoestima antigamente era mil. Porque assim... eu sempre gostei de ter um corpo pequenininho... no tempo em que eu não conseguia ir a academia, eu fazia meus exercícios. "Se você passar pano assim, vai melhorar isso..." sabe? Você olha outra pessoa "quero ser igual a você", sabe? A pessoa fala pra você "nossa, você jura que tem quatro filhos?". Porque você não tinha uma estria, você não tinha barriga, você não tinha peso a mais. Seu peso igual ao de uma menina de 16 anos. Então eu falava assim "em vista essas meninas de 15 anos, eu estou ótima!", era o que eu pensava. E agora assim, tem que tomar cuidado porque... por que de mil baixou pra cinco. Porque eu vivo estressada, eu vivo chorando, eu não tomo sol, eu não faço atividade, eu não faço nada porque tudo me incomoda. Aí você senta, aparece uma gordurinha aqui, se você coloca uma roupa diferente, a pessoa olha sua cicatriz... a outra pergunta "o que foi isso?". Outras ficam te olhando... ela te olha assim, ela te olha assim, assim... ela só falta de virar de cabeça pra baixo, sabe? Aí parece que tá escrito na sua testa "fui esfaqueada", parece que está escrito na testa e nas costas. Porque assim, por mais que você diz uma coisa, a pessoa parece que... ela tá vendo o que realmente tá acontecendo. Então você chega no médico... mas o médico é aquele que você tem que falar tudo o que você sente... às vezes. Quando é um médico homem, infelizmente, eu fico assim... "é acidente". "Que acidente?". "Um acidente doutor, nada não", e é assim que eu faço. Vou falar o que?

F: E no meu caso... eu sou uma estranha pra você; sou uma psicóloga, mas sou uma estranha. Como é pra você contar pra mim?

C: Não vou mentir... Eu disse tudo o que eu sentia pra você. Mas assim... no fundo no fundo, eu estou me perguntando "O que será que ela está achando? será que ela tá achando que eu sou louca?"; "Será que ela tá me achando uma louca ou será que ela consegue ver a minha dor?", sabe? Fica uma interrogação e aquele monte de pergunta. Aí você pensa... e no fundo eu também tô pensando... bom, se ela conseguir alguma coisa no meio disso tudo, alguma coisa que vai fazer o bem, tanto pra mim, pra me ajudar quanto pra ajudar qualquer outra pessoa, vai valer a pena. Então, assim... se conseguirem me ajudar em alguma coisa ou se eu conseguir ajudar alguma outra pessoa, mesmo com todos os meus conflitos, eu vou me sentir bem. Então assim... eu não vou mentir... eu fui com a tua cara, sim, com o teu jeito. Porque a Marina (psicóloga) me mandou numa psiquiatra, só que assim... a primeira vez que eu vi ela... ela ficava assim, assim... [gestos que indicam que o outro está te observando] e eu observando também, né? Aí eu... parecia que a pessoa assim "aham, aham". Aí eu falei pra Marina "nunca mais!". Eu falei na cara dela "desculpa, eu não sinto segurança em conversar com você, eu tô indo embora". Eu me levantei e fui embora. Enquanto eu não consegui uma

psiquiatra que eu me identificasse, eu não me abria, eu não falava nada. Eu passei com três pessoas pra poder... e mesmo assim... elas não conseguiram saber quase nada de mim. Porque... 10 minutos com ela e eu ia embora.

F: E terapia Celeste, você faz?

C: Só com a Marina. E eu também não quis ficar com as psicólogas de lá. Era pra passar com a psiquiatra e a psicóloga de lá e com a Marina. E aí eu prefiro ficar só com a Marina. Porque foi a que realmente sempre... tá ali me empurrando. Mesmo quando ela percebe que eu estou no meu pior momento, ela não faz crítica, ela tenta me ajudar. E quando você vê que a pessoa tenta te ajudar e você vê um resultado, você passa a confiar, entre aspas, nela. E é o que acontece. Como eu vi que em muitas coisas ela conseguiu me ajudar... Então assim... aMarina tá pedindo pra você fazer alguma coisa, aí eu penso "vou fazer sim, porque ela até sabe..."; porque eu acho que ela já me conhece o suficiente, então ela sabe o que eu posso fazer e o que eu não posso fazer. Então, entre aspas, eu me sinto meio segura com algumas coisas que ela me pede pra fazer. Aí, eu dei uma entrevista na Cultura e assim... justamente a delegada que tinha feito uma coisa horrorosa, que ela me deu um tratamento... por isso que eu falo pra você, você se sente um nada... justamente a delegada, que é a juíza, não, na verdade ela é a responsável pela delegacia, justamente a própria, foi assim... eu saí do hospital hoje, ela só não me disse "venha direto pra cá de ambulância e tudo" sabe, "porque eu tenho um compromisso hoje a tarde; mas amanhã eu quero você aqui". Aí ela falou assim: "Duas horas, tá?". Eu cheguei lá duas horas, com tudo que é ponto em tudo que é lugar e dopada de remédio e a mulher me deixou lá, mais de uma hora sentada naquele banco gelado... Aí dói a cicatriz de um lado, você faz assim; aí cê levanta do outro, dá uma volta e nada... Aí você sabe... por isso que muitas mulheres não denunciam; elas só vão denunciar quando realmente tiram o sangue da cara dela, porque mesmo quando deixam roxo... porque ela sabe que vai passar uma humilhação. Ela sabe que vai ser desprezada como um ninguém, então... Tem policiais homens que às vezes te levam mais a sério, do que aquelas que deveriam estar te ajudando. Eu falo uma coisa pra mulher, a mulher fala "Prova!"; eu digo outra coisa "Prova!"... Inclusive a Marina mesmo viu a minha raiva, porque na verdade eu tive que pegar o cara e falar assim "Tá aqui". Foi praticamente quase o que eu fiz.

F: Você diz assim... A polícia nem... Quando aconteceu, ele não foi pego em flagrante?

C: Não, não conseguiram pegar. E aí, como eu fiquei um tempo fora do ar, então minha querida, eu não podia dar informações que o pessoal queria. Aí mesmo eu lá distante, cheia de medicamento, mas eu lá olhando, meio que não enxergando nada... "Ó, esse endereço aqui não tem nada a ver", porque eles mentiram também, né? E o interessante, assim, é que a mãe dele mentiu... foi assim, até que ela fez um favor pra mim, porque ela mentiu descaradamente, mas assim, porque ela disse uma coisa aqui e aqui embaixo ela já falou outra. Cê tá vendo, se a pessoa já tá se contradizendo logo na primeira, meu! Ah, por favor... Aí você tá vendo que a pessoa tá mentindo, faz alguma coisa? Agora fica aí... "Vai comprar um cafezinho pra mim?", "Você! pega um croissant", o outro "Faz uma massagenzinha no meu pé?". É meio que isso né, porque você não faz nada... Aí depois... eu tive que pedir pra pessoa, pra eu poder descobrir onde é que tá o cara, pra poder falar para a Marina pra falar pra uma defensora, pra defensora ter que ir lá... Tem que sair uma defensora lá da [bairro de SP] para ir até uma delegacia no centro pra falar "Minha senhora, faça isso". Você tem que ensinar o serviço da pessoa? "Minha senhora, faça isso, isso e isso". E a pessoa olha assim e tipo não te falou nada porque você é... porque se não fosse, teria falado alguma coisa "não vou fazer nada". "A senhora faz assim, faz assim e faz assim... ele tá aqui nesse horário e nesse horário". Pronto! Ela disse "Olha, demora uma semana para o papel chegar no bairro que ele está". Tá bom. O papel chegou hoje, no dia seguinte conseguiram prender o cara. Interessante né? Então assim... você tem que pegar uma pessoa de não sei de lá das quantas, pra ir lá não sei aonde... é por isso que ninguém... por isso que as mulheres, denunciar, elas não querem... e quando vai uma ou outra denunciar, fazem a mesma coisa que eu, ficam pulando de galho em galho. Quem deveria te ajudar, não te ajuda. Então assim... a mulher só fez alguma coisa... eu tive que pegar e "olha fulana a foto do cara; o cara tá facebook aí ó, mostrando todo dia uma mulher diferente, mostrando todo dia uma festa diferente... e eu aqui, certo?"; "Onde ele tá Celeste?" "Eu tive informação que ele tá na casa da mãe; e ele fica na casa da mãe de tal hora a tal hora. E quando os outros batem na porta, também tive informações que ele fica fazendo isso e isso e se escondendo em tal lugar dentro da própria casa". Então, logicamente, eu só faltei buscar ele lá na casa dele. Precisou alguma coisa a mais? Não, porque eu já dei tudo de presente, de mão beijada. É por isso que todo mundo fica com medo de alguma coisa. Só que é isso que o meu sentimento fica... eu não vou mentir, eu fico contando... hoje tá fazendo tantos dias que ele tá preso. É, hoje tá fazendo tantos dias que ele tá preso. Quando chegar a partir de tal, vão começar a dar aquela bendita saidinha de não sei das quantas... e eu? O que eu vou fazer? Aí você fica com medo de dar o seu nome pra alguém, você usa sempre um nome fictício pra tudo. Se você quer um facebook, você nunca coloca seu nome, você nunca coloca suas fotos. O seu telefone, você só atende números conhecidos. Quando o telefone toca um número desconhecido você já fica "Ai, Jesus, quem é?" Aí você anda... "Olha a mãe dele quer saber como andam as meninas". Gente é o que eu estou vivendo, eu não estou falando do que os outros estão vivendo, é do que eu estou vivendo... a mãe do cara que quer saber... fazer alguma coisa ninguém quer fazer, né? Mas agora pra me infernizar, pra falar "Tô aqui, hello!". Aí eu falo pra você, como é que eu vou viver se sempre tem uma pessoa ali dizendo "Oi...Oi"... Quando ela não vem dizer um oi pessoalmente, ela manda um oi por alguém. Pra falar assim "estou de olho em você", "estou olhando cada passo seu". Aí eu penso: o que eu vou fazer? O que eu vou fazer é o que eu já tô fazendo, trabalhando pra mudar de novo de bairro e pedindo a Deus pra me dar força e pra manter essa pessoa bem distante de mim. Até onde eu vou conseguir isso? Não sei. Mas aí eu penso: e se um dia eu arrumar um namorado e o cara souber disso, ele vai falar assim "E o cara tá onde?", "Tá em tal...", "Tchau!". Então, eu já preparo o meu psicológico; já tô me preparando pra tudo. Já me preparo se um dia eu quiser alguém à rejeição, porque a pessoa pode me rejeitar ou eu penso... "E se a pessoa quiser fazer a mesma coisa?". A cicatriz fica muito, muito, muito grande... e se você é uma pessoa que acaba pensando um pouco, que é o meu caso, então você pensa no que ainda nem te aconteceu. E que na verdade é a última coisa que importa... porque todas as outras rejeições eu já tive. Os outros me perguntam no serviço alguma coisa, eu tenho que distorcer ao máximo a história. Porque você sabe que se alguém descobre alguma coisa, você vai ser mandado embora. Ah, mas é discriminação? É sim. E você vai fazer o que? "Ah tá, você tá aqui com um monte de idoso. Imagina se o seu marido sai e vem aqui? O que ele não vai fazer com você e com a gente?"; Então é o que eu estou vivendo e eu não sei o que fazer. Eu tô tendo que inventar um mundo que eu sei que não é real. Eu sei que isso uma hora pode vir à tona? Eu sei... Se eu não fizer isso, eu não vou trabalhar. Quem vai manter as minhas contas? Porque eu não recebo pensão e ainda assim... ai de mim que for pedir uma pensão, que até nisso eu fui ameaçada... Ai de mim...

F: Quer dizer que todos os gastos com os filhos, tudo por sua conta?

C: Tudo. Tudo por minha conta... além de tudo isso, prejuízo com médico, prejuízo com remédio, eu ainda tenho que arcar com quatro crianças que eu não planejei, que eu não queria... tudo... curso, todos os custos... tudo por minha conta. Você acha que uma pessoa assim vai lembrar de alguma coisa, você acha que vai ter alguma cicatriz? Não, nenhuma. É lógico que ela vai lembrar cada minuto. Porque ela tá se ferrando, tudo sozinha. Porque ele

mandou dizer pra mim que se eu for pedir uma pensão, a coisa vai ficar pior pra mim. E ele encontrou uma vez com a minha irmã depois que tinha feito isso, sabe o que ele fez? Ele encontrou com a minha irmã no metrô "Minha cunhada". Minha cunhada?! Ainda vai, olha pro amigo dele, ainda fala bem pra minha irmã escutar. "Minha cunhada". Na próxima estação, a minha irmã desceu e foi trocar de vagão. Uma vez ele tentou ligar e ele disse "Eu quero falar..." e deu aquela risadinha assim "...com a minha ex-mulher". Um deboche tão grande. Então, a pessoa fez do que fez e... não é aquela que fez e se distanciou. Não, ela fez e eles mostram "estamos aqui...dá um vacilo pra você ver". Aí eu vivo em alerta. Aí o meu sentimento, minha raiva, meu... tudo vive assim... 24 horas trabalhando, meu cérebro não descansa. Porque eu tenho que ficar planejando... tanto tempo pra eu ir embora, como eu vou fazer pra ninguém me seguir, sabe? Eu vou ter que sair num horário 6 horas da manhã... vocênão vive mais a sua vida, você vive em relação a vida... mesmo você não estando com aquela pessoa, você vive a vida daquela pessoa... o passo dela é o que faz com que o seu passo... qual é o próximo passo que você tem que dar. Se ela der um passo para a esquerda, você tem que dar dois para a direita pra afastar, nunca você quer ficar perto. Se falar que ele tá no sul, melhor você ir para o norte. Vai para um lugar que ele não esteja. É difícil.

F: Celeste, eu te fiz muitas perguntas... você acha que tem alguma coisa que você queira me falar e que eu não perguntei e que você julgue importante?

C: Não... eu acho que tudo que eu te falei foi de extrema importância, pelo menos pra mim. Eu não tenho muita certeza que as minhas interrogações vai servir pra alguém, mas... Eu acho que foi tudo muito importante e isso até me serviu pra eu poder tentar me sentir mais leve.

F: Celeste, eu vou transcrever tudo isso; se eu tiver alguma dúvida a respeito do que a gente conversou, você me autoriza em algum momento entrar em contato com você, pra quem sabe no futuro a gente ter uma nova conversa? Fique a vontade, se você disser não, Ok, sem problema.

C: Sim, sem problema, porque eu já tinha conversado com a Marina (psicóloga) de a gente tentar escrever um livro, só que assim... não tenho a menor ideia de por onde começar, muito menos como terminar. Mas eu acho que, em partes, algumas dessas coisas seriam proveitosas sim, pras mulheres em si, pra elas terem um pouco mais de consciência das coisas, porque mesmo ela tendo a própria vida dela, independente disso, sempre vai ter alguém se sentindo o dono dela. E o resultado disso depois, é um belo dum terror. Ela vai conviver com o terror pro resto da vida dela. O psicológico dela, assim, vai mudar total. Ela não vai mais pensar do mesmo jeito e ela não... tudo nela vai mudar. A rotina dela, os sentimentos dela mudam... totalmente. Quando ela vai ficando mais velha, aquilo vai ficando pior. Quanto mais velha, mais experiente ela vai ficando e a coisa fica pior.

F: E falando nisso, quantos anos você tem? Esqueci de te perguntar...

C: Trinta e dois agora.

APÊNDICE F

Entrevista com Rosa

Rosa, 34 anos, Ensino Fundamental Incompleto. Cicatrizes por todo o corpo.

Data: 9 de setembro de 2015.

F: Eu queria que você contasse um pouco a história das suas cicatrizes.

R: Então, é... começou... eu morava com o pai dos meus dois filhos caçulas, 8 anos. E ele era muito ciumento, não tava dando mais certo o casamento. Aí eu fui pedir a separação. Aí eu saí da casa dele e aluguei um canto pra mim. Só que assim, ele não se conf... só que a gente continuava tendo amizade, contato, tudo... mas eu nunca imaginei que ele tava planejando alguma coisa. E aí ele foi na minha casa de manhã pra me encontrar. Ele esperou eu subir pra estar indo trabalhar e eu não fui; aí ele foi lá na minha casa. Só que como a gente conversava sempre, eu abri a porta. Só que aí começamos a conversar e ele tava com uma faca embaixo da blusa. Começamos a conversar e ele falou que me amava, pra gente tentar de novo. Daí eu falei "não, não dá mais certo". Aí ele perguntou se eu tinha alguém, aí eu dei risada. Quando eu dei risada ele já começou a me dar golpe. Aí foram umas 20 facadas. Aí foi que minha filha ouviu. Ele me trancou na lavanderia, eu não tinha visto, né? Aí minha filha mexeu na maçaneta. Aí ele falou "manda ela calar a boca, senão vai começar pelo fim". Aí eu disse "não, tá tudo bem, pode ir deitar". Isso eram 5 horas da manhã. Aí eu falei "você faz o que você quiser comigo, até me matar, só não encosta nos meus filhos". Aí foi que minha filha ouviu que eu tava chorando. Aí ela pediu ajuda ao meu filho e foi pedir ajuda lá na rua. Daí o pessoal chegou, quebraram a porta e... ele ia me jogar. Eu morava no 3º andar, ele ia me jogar da sacada embaixo. Aí os rapazes pegaram ele, amarraram ele e... a menina que foi me socorrer passou mal, desmaiou. Ela falou que eu jorrava em sangue. Aí a outra também... ela sentiu o cheiro muito forte de sangue e desmaiou. Aí eu desci de bunda a escada. Aí quando chegou na segunda casa, eu passei mal. Aí quando eu fui pedir ajuda na segunda casa, aí a mulher perguntou se eu tava passando mal, acho que desmaiei... fiquei um pouco desmaiada. Encostei assim, apaguei. Aí foi que o policial chegou e me socorreu. Um chegou e disse que não podia mexer comigo. Ele falou "olha, tem que esperar chegar o resgate, eu não posso fazer nada; eu não posso mais remover ninguém". Aí o outro chegou. Aí eu disse "eu vou de ônibus para o médico". Aí ele disse "você aguenta ficar em pé?". Eu falei "aguento". Aí ele foi e me pegou; mandou eu apoiar nele e me levou para o hospital. Aí eu dei entrada no hospital às 6 horas da manhã, fiquei até umas 8 horas sedada. Quando foi 8 horas que eu acordei, eu não falava. Como ele me deu muito soco, meu rosto tava muito inchado. Aí eu fui transferida para outro hospital... porque ficou em pedaço de faca na minha cabeça... eu tinha que fazer uma... não tinha neurocirurgião pra fazer essa operação, então me transferiram para outro hospital. Aí eu fiquei 4 dias com esse pedaço de faca dentro da cabeça, até alguém me operar. Na verdade eu achava que ia morrer. Eles viram que eu não ia resistir. Aí foi que a minha prima é enfermeira e ela comentou com um médico onde ela trabalha e ele foi lá e falou que ia me operar e me operou. Aí essas cicatrizes foram assim... onde você imaginar eu tenho. Em toda parte do corpo ele acabou deixando muitas cicatrizes. Agora eu já aprendi mais a lidar com elas. Eu não uso ainda blusa que mostra as costas, que mostra as pernas... porque eu ainda tenho um pouco de receio. Mas dentro de casa eu já aprendi a olhar pra elas e não ter aquele ódio que eu tinha. Porque antigamente bastante... eu olhava assim e ficava amaldiçoando. Porque assim, quando eu fui para o hospital, meus cabelos estavam grandes. Quando eu acordei, meu cabelo todo raspado, o rosto todo deformado, eu não conseguia falar.

Então, no começo foi um sentimento muito ruim de você imaginar assim... você morar oito anos com uma pessoa, uma pessoa que você nunca imaginou que poderia fazer o que fez.

F: E fazia quanto tempo que você tava separada dele?

R: Ia fazer 2 meses só.

F: E durante o tempo em que viveram juntos, ele te agrediu?

R: Não. Assim... ele era ciumento. Quando nós brigávamos, já chegou dia de ele vir pra cima de mim, eu ir pra cima dele... mas nada de ele vir me bater. Não... era tipo, eu ir pra cima dele, ele segurava os meus braços, me dava empurrão. Mas de bater mesmo, nunca tinha acontecido isso. A gente discutia bastante, mas esse negócio dele vir me agredir não. Às vezes, era mais eu que provocava ele pra ele vir pra cima de mim, né? Então, foi uma coisa assim que eu nunca esperei. Nunca esperava dele era isso. Que ele teria coragem. Ontem mesmo eu tava na pia pensando... lavando louça e pensando... Eu escutei uma estória lá e pensei "Meu, o que mais tá acontecendo agora é isso, caso de violência na televisão é isso, de ex-marido, marido"... Não sei se é porque antes eu não prestava atenção. Mas todo dia eu ligo a televisão, todo dia eu vejo isso, que fulano esfaqueou sicrano, sabe, de caso assim de... não sei. Antigamente era tiro, agora parece que eles só usam faca. A maioria de mortes que eu tô vendo na televisão é tudo de faca. Aí você fica pensando assim, sabe... a pessoa planejar... porque ele já tava planejando isso, ele foi no meu serviço e ele falou para o pai dele que ele foi com 2 facas debaixo da blusa, porque se alguém entrasse no meio e pegasse uma, ele tinha outra. Só que nesse dia eu não fui trabalhar. Eu tava com o meu pé machucado, tava de atestado. Aí ele não se conformou, foi lá em casa no outro dia pra ver o porquê eu não tava indo trabalhar. Então, foi uma coisa planejada. Porque se fosse uma briga... porque assim, às vezes eu falo pra irmã dele, eu acho que eu aceitaria mais se a gente estivesse brigando e ele tivesse ido lá na gaveta e pegado uma faca, do que ele já vir com uma faca embaixo da blusa. Então é uma sensação estranha você imaginar assim... que ele não pensou que meus filhos iam ficar sem mãe... e sem pai... porque ele tá preso.

F: Ele tá preso?

R: Tá preso... Então é... você fica muito em dúvida, assim... O que dá pra uma pessoa fazer isso? Falar que ama tanto e fazer isso. Porque até hoje ele fala que me ama ainda e tem coragem de fazer o que fez.

F: E quanto tempo faz que isso aconteceu, Rosa?

R: Dois anos.

F: E aí você disse que ele te esfaqueou por várias partes do corpo...

R: Sim... Eu tenho nas pernas, eu tenho na barriga, eu tenho nas costas, eu tenho na cabeça, tenho na... na coisa lá, na frente, nas partes íntimas. Eu tenho em todo canto, ele... onde ele foi conseguindo me furar... porque foi muito rápido. Como não dói a facada, eu tava achando que ele não tava conseguindo me furar. Aí foi depois que eu olhei pro meu corpo que eu vi saindo sangue. E eu fui tentar gritar e essa parte abriu (face esquerda do rosto, ao lado da boca) e dava pra ver a arcada dentária. Porque foi uma aqui, olha e outra aqui (aponta o local). Então você via os meus dentes. Então, no que eu ia falar, a voz saía por aqui (pelo corte), em vez de eu falar, saía por aqui. Eu achava que tava gritando, mas foi coisa assim muito rápida de... e eu nunca tinha olhado minha cabeça, de... como eram os pontos. E foi esses dias aí, eu tava na frente do espelho, aí eu inventei de pôr ele na claridade e comecei a olhar. Eu achava que era

uma cicatriz aqui, eu tenho essa que ficou mais funda (altura da têmpora esquerda), só que eu fui ver e minha cabeca é toda... do jeito que ele puxou... eu nunca tinha visto. Eu me incomodava, mas aí eu puxava o cabelo, no começo eu usava muito lenço. Aí semana passada que eu vim ver que eu tenho a cabeça toda rasgada. Porque a faca que ele tava era uma faca dura, de açougue né? Então o médico falou assim pra mim: "não sei se é sorte ou se é azar". Porque como a faca era grossa, ela não furava com tanta facilidade como uma fininha. Porque tem uma na perna, que entrou de um lado e saiu do outro. Se fosse uma fininha poderia ter acontecido isso nas minhas costas, de ter dado mais pressão. E eu não consigo lembrar a primeira que ele me deu, que local que foi. De a ponta ter quebrado. Talvez a primeira que ele me deu tenha sido na cabeça e a ponta dela quebrou, então ficou a parte mais grossa, né? E aí ele falou que não sabe se foi sorte essa faca ou a outra que ele tinha preparado pra mim. E ele amolou muito bem essa outra. Uma faca nova, né? Mas assim... a cicatriz tem nas costas, na perna... em todo lugar que você imaginar tem. Agora quando eu tava vindo pra cá, eu tava olhando... eu até tava procurando um site essa semana, que minha irmã viu num programa, que tem um lugar que faz tatuagens para mulher que é vítima. Só que como a internet em casa o sinal é muito ruim, eu consegui ver o site, mas não consegui pegar o telefone. Aí eu vou pesquisar pra ver como é que funciona. Que eles dão tatuagem pra pôr em cima. Eu falo pra minha filha que se eu tivesse dinheiro, eu fazia nas costas e no braço, que vem até aqui. Aí eu faria uma nas costas puxando até o braço.

F: Então, você tem vontade de tatuar as costas...

R: É, é a que mais me incomoda, a das costas e uma que eu tenho aqui na perna, nessa perna (coxa direita), porque é onde mostra mais. Esse lado eu não ligo tanto não. É mais essa e a das costas mesmo. Então eu vou pesquisar esse site, pra eu ver como é que faz.

F: Ah, certo... eu ouvi mesmo falar...

R: Minha irmã que ouviu falar, ela trabalha em salão de cabeleireiro e lá conversam de tudo. Aí falaram desse site, que é pra ela pesquisar pra mim. Aí eu até entrei, consegui pegar algumas imagens, mas não abria pra ir para o endereço, nem telefone, né? Pra eu ver como é que é. Eu vou fazer.

F: E... Rosa, o que você acha que mudaria, por exemplo... hoje você tem essas cicatrizes, as que incomodam mais... Como seria se você fizesse uma tatuagem pra cobrir? O que seria de diferente pra você?

R: Assim... mostrar as costas eu não mostro, eu não uso roupa que mostra as costas, os braços. Parece que o pessoal olha muito, sabe? Chama mais a atenção e tatuagem vai cobrir um pouco. Aí eu acho... que nem... voltar a usar minhas roupas de antigamente, de mostrar as costas... Eu gostava de usar roupa curta... Agora eu não uso mais nada disso. Aí eu acho que vai cobrir, eu vou me sentir melhor assim. Eu tenho vontade de ir para a praia, às vezes tá calor, pôr uma blusa diferente, como eu gostava de usar, com as costas... Agora todo mundo fica "curiando", olhando... Muita gente lá onde eu moro sabe que foi acidente de carro que eu sofri... Mas têm uns que vêm me perguntar ainda, que acha estranho, sabe?

F: Mas... Você não mora no mesmo lugar, então?

R: Não, Não...

F: Mas você diz assim... Então, as pessoas, na verdade, não sabem o motivo das suas cicatrizes, é isso?

R: Não, não sabem...

F: Então você conta outra coisa...

R: Ahamm...

F: Tá, e aí você conta que foi um acidente?

R: Que foi um acidente de carro. Porque assim... Quando eu tava no hospital, queriam contar pra minha família, minha mãe e meu pai. Aí eu falei que não. "Só se eu morrer vocês avisam". Quando foi uma época, calhou de mamãe me ligar e eu não falava... direito. Aí foi que contaram pra ela que eu tava bem, mas eu não falava direito. Aí contou pra mamãe. Mas papai, ele sabe que foi acidente de carro. E como eu mudei pra outro bairro, pra todo mundo não ficar perguntando também, aí eu fui falando lá para o pessoal onde eu moro que foi acidente de carro. Essa semana mesmo, uma menina... eu tava com o cabelo que não tava aqui... porque eu puxo muito pra cá assim, né?

F: Pra cobrir, é isso?

R: Isso! Aí a moça falou assim "Nossa, o que foi isso na sua cabeça?". Aí eu falei "Foi um acidente". Aí ela falou "Nossa, que estranho...". E eu "Por que?!". Aí ela falou "Então foi feio o acidente de carro, né?". Eu disse "Foi". Aí eu corto o assunto. Eu nem dou explicação, não deixo eles ficarem perguntando muito. Porque tem gente que gosta de olhar, pergunta por curiosidade, sabe? Eu tiro por mim, eu falo assim... antigamente, quando eu via alguém com queimadura, ou alguma coisa no rosto, eu sempre olhava... não é por maldade, é por curiosidade, né? E do mesmo jeito que eu olhava os outros, os outros olham pra mim, pra ficar prestando a atenção... Aí eu evito... No rosto tem muita coisa que fazer. E como voltou agora bastante o... porque era bem torto o meu rosto, né? Só quando eu vejo que a pessoa tá olhando muito pra mim é que eu... eu... sinto... uma coisa estranha aqui (aponta para logo abaixo do olho esquerdo), como se fosse um negócio alto.

F: Ah, você sente?

R: Sinto. Eu perdi um pouco da visão desse olho (esquerdo). E aqui eu também sinto a impressão que é alto (abaixo do olho esquerdo). Então, quando a pessoa olha muito pra mim, eu acho que ela tá olhando pra cá. E às vezes nem é, né?

F: É... Se eu não soubesse o que tinha te acontecido, eu não iria nem perceber...

R: É, Quando eu vim pra cá mesmo... Elas falavam "É coisa da sua cabeça, se você não me contasse, não dá pra perceber, ninguém vai ficar olhando". Mas só de você conversar comigo, eu já acho que você tá olhando pra cicatriz do meu rosto e aqui no cabelo... Quando eu não tinha cabelo, eu usava muito lenço. Eu usava lenço, eu usava chapéu. Quando eu saí do hospital me ofereceram uma peruca, mas a minha cabeça tava muito inchada, aí não podia... E o médico não autorizou também né? Porque ia abafar. E eu também ia fazer tomografia, essas coisas. Daí ele falou "Não mexe! Põe um chapeuzinho, põe um lencinho, agora é charme usar lenço". Aí eu fui aprendendo com o tempo a lidar... com o tempo não... foi mais de 1 ano. Eu só vim mesmo começar a sair com o pessoal... Eu achava que todo mundo olhava... aí eu parei, desencanei um pouco esse ano agora. Porque um ano atrás eu não conseguia conversar com ninguém, eu tinha vergonha dos outros olharem... assim... não é vergonha... por ele ter feito assim sabe... porque... o porquê que ele fez... ele (outro) nem sabe o que foi e já critica. Quando eu me separei mesmo, todo mundo achava que eu tava com outra pessoa, só que foi assim... Ele sempre foi muito ciumento. Eu comecei a trabalhar, comecei a sair com meus

filhos, aproveitar de ir para casa de amigas minhas. Ele já começou a imaginar que eu já tava com outra pessoa. Era uma época que eu tava me sentindo bem, eu falava sempre pra minha filha assim: "Agora nós vamos viver, Cecília!". Porque ele me deixava muito presa, não gostava que eu fosse visitar minha família. Daí, colega de trabalho "Vamo, vai ter um aniversário!". Eu pegava as crianças e ia. Aí eu comecei a me arrumar, comecei a usar cabelo solto, coisa que era difícil eu usar, então isso começou a incomodar muito ele, né? Eeee... agora não, agora eu tô de pouquinho a pouquinho aprendendo de novo a me arrumar de novo, ter mais liberdade de conversar com as pessoas. Esses dias eu fui numa festa, numa festa junina, há um tempinho atrás e eu não gosto de tirar foto... E foi uma das fotos que eu tirei e eu senti que o meu rosto não ficou torto. Eu até brinco com a minha irmã "Nossa, eu fiquei até bonita nessa foto!". Porque era um dia que eu tava relaxada assim, sabe? Eu não penso "Ai, todo mundo tá olhando!". Agora eu tô aprendendo muito. De estar conversando mais com as pessoas, porque antes eu não comia no refeitório na frente de ninguém. As meninas me chamavam para eu ir almoçar e eu falava "Ah, não vou não". Aí algumas sabiam, as que eu tinha mais contato sabiam o que tinha acontecido, mas eu tinha vergonha de contar, de falar na frente delas.

F: Mas aí quando você diz que sabiam o que tinha acontecido, você tinha falado do acidente?

R: Tinha duas colegas no serviço, que eram as que eu tinha mais contato, elas sabem o que aconteceu. Mas as outras, quando perguntavam, eu falava que era acidente. Só pra quem eu tenho mais intimidade mesmo é que sabe que foi o pai dos meus filhos que fez isso. Aí quando querem perguntar como que foi, quando que foi, aí eu corto o assunto já.

F: O que você fala nessa hora?

R: Aí eu falo "Não gosto de falar disso" (risos). Aí eu já corto já. "É uma coisa que eu não gosto nem de lembrar". Tem umas se que tocam e não puxam mais assunto. Por que tem umas que são curiosas...

F: E quando você percebia que as pessoas te olhavam com aquela curiosidade, o que você sentia?

R: Olha... um pouco é vergonha. Porque assim... Minha mãe criou nós dizendo que casamento é para o resto da vida. Casa, não separa sabe? E acha que passa o que passar, mas tem que estar com aquela pessoa. E mamãe não aceita muito essa coisa de separação. De eu ir morar com ele. Com ele não que ele não foi o meu primeiro. Eu tive dois filhos antes, mamãe nunca aceitou isso. Então, ela não era de se envolver na nossa relação. Eeee... quando...quando...quando... pra eu contar pro papai... "Ah, criei uma filha pra um homem bater, judiar assim?" Então eu prefiro não contar. Não sei se chega a ser vergonha ou o que aconteceu... eu sei que eu escondo. Eu não gosto de contar assim para o pessoal não.

F: Então assim... quando olham você sente vergonha por tudo o que aconteceu, pela estória?

R: É, porque assim... eu não sei te explicar... de você pensar assim... você morava com ele e ele acabar fazendo isso? Então, é que eu não sei explicar esse ponto assim, como é que eu falo? Mas é uma vergonha de saber que foi ele que fez, porque se fosse um acidente não, porque é uma coisa que acontece, né? Mas não, ele planejou, ele que fez isso, então... é um pouco vergonha.

F: E assim... você tá falando de uma vergonha em relação ao ocorrido, né? E em relação a estética, a questão de autoestima? Atingiu a sua autoestima?

R: Muito! Muito... Eu vim começar a me arrumar agora. Porque antigamente eu era bem vaidosa.

F: Era?

R: Era. Meu cabelo era grande, eu gostava de andar maquiada. Ele gostava quando eu andava de salto. Eu sempre andei de salto, de blusa; eu vim engordar um pouco agora, né? Porque eu sempre tive o corpo magrinho, gostava de andar arrumada. Roupa, não tinha escolha, o que viesse pra mim... eu mostrava as costas, bermudinha curta, essas coisas eu sempre usei, nunca liguei não. Agora não. Agora assim... de rendinha assim eu uso... Ás vezes, as meninas falam assim "Não tá mostrando", mas pra mim o pessoal já tá olhando. Se perguntam o que é que foi aquilo... aí eu prefiro não usar. Mas mudou bastante a minha autoestima. Principalmente, o que mais marcou foi o meu rosto, né? Devido a... acho que juntou com a paralisia facial. Deu glaucoma agora na minha vista.

F: Por conta disso?

R: Isso. Porque na época, quando eu fui para o hospital, o meu olho tava muito vermelho. Só que eles se importaram com outras coisas... Perfurou o pulmão, tudo... Ele quis cuidar mais dessa parte e não olhou para os olhos. O oftalmo falou pra mim que não fizeram um exame adequado. Aí acabou atingindo. Porque quando eu saí do hospital, eu falava pra eles que eu via uma faixa preta; aí eu consegui passar no Hospital X, e agora tô fazendo acompanhamento lá, né? Aí deu glaucoma. Agora, em setembro, eu vou fazer outro exame pra ver, né? Em janeiro eu tenho outro. Aí o rosto, eu acho que deformou bastante. Sei lá... a vista dói muito. Esse lado aqui eu não sinto; mas eu sinto como se fosse uma coisa mais alta aqui. Então eu não me sinto igual antes de... na aparência, não.

F: E quando você se olha no espelho, como é que é?

R: Agora eu até tô encarando o espelho. Eu não gostava de olhar. Na verdade, eu até tirei o espelho da minha casa. Quando eu mudei, eu falava pra minha filha: "Se você quiser, põe dentro da sua gaveta". Porque quando eu tava no hospital eu queria ver como eu estava e ninguém deixava. A minha ex-cunhada foi lá, eu pedi pra tirar uma foto e ela não deixou. Aí no dia que eu acordei... porque eu tentei falar com a minha filha e eu via que ela chorava muito, e eu ouvia a minha voz meio estranha, né? Aí tiraram minha filha da sala. Aí eu perguntei pra Joana "Como é que eu tô?". Aí ela disse, "Ai Rosa, vai se preocupar com isso, tá linda!". E eu ficava com aquilo na cabeça. Só que eu tava de sonda, com um monte de coisa e não deixaram eu levantar. Aí quando foi um dia, eu vi pelo... Deu um sol na janela e eu vi essa marca. Aí eu falei "Meu Deus, será que sou eu mesmo?". Fiquei assim... eu tava meio aérea ainda. Aí, lá eu tava fazendo acompanhamento com a psicóloga, aí ela veio. Aí eu falei pra ela. Ela disse "Você quer se ver?", Eu falei "Quero". "Você tem certeza?", "Tenho". "Então tá, quando você puder andar, eu te levo na minha sala e você vai se ver". Aí eu falei "Tá bom". Aí eu falava pra minha irmã... Eu arrumei uma toca de hospital e colocava na minha cabeça, porque pediram pra mim pra caminhar um pouquinho, depois que tiraram o dreno...

F: Rasparam sua cabeça inteira?

R: Não deixaram essa parte aqui (risos), deixaram uma meia lua aqui... Mas não adiantava muito, porque eu não conseguia jogar pra cá, pra cobrir. Aí ela falou assim (a psicóloga)

"Então vamos lá". Quando eu vi assim, parecia que não era eu. Aí eu olhei assim e ela falou "O que você acha?". Daí eu fiquei sem reação. Aí eu comecei a chorar. "Então tá. Não precisa se ver. Você tá bonita do mesmo jeito, é que seu rosto tá inchado". Aí eu fiquei com aquilo na cabeça. "Será que eu sonhei ou eu me vi mesmo daquele jeito?". O meu rosto tava bem torto, deformado e eu tava com curativo. Esse lado todo tava de curativo, minha cabeça... aí eu peguei e falei pra mim: se eu não morrer, eu não quero nunca mais ficar na frente de um espelho. Aí com o tempo, eu evitava em passar em lugar que tinha espelho, eu não queria me ver não. Mas depois, tem uma amiga minha que falava assim pra mim "Rosa, vamos passar um batom, você tá com a cara muito pálida". Até no hospital ela levou batom pra mim, manteiga de cacau... "Ah, não quero não", "Vai sim se arrumar!". Aí levava perfume, creme. Aí passava manteiga de cacau, minha irmã foi e desembaraçou o cabelo que tinha. Aí com o tempo eu fui... tendo a curiosidade de olhar assim... "Por que será que o pessoal olha tanto pra mim?". Quando eu ia na casa de mamãe, que é de mamãe, mas são minhas irmãs que moram lá... Aí meus primos vinham... e ninguém falava nada, só chorava. Aí eu pensava "Gente, eu devo estar muito deformada"

F: Isso no hospital?

R: Não, foi quando eu tive alta e fui pra casa de mamãe... Aí meus tios... todo mundo chegava lá e começava a chorar e não falavam nada. Aí eu pensava "Será que é porque eu tô muito feia?". Aí com tempo eu fui... Aí uma vez, quando não tinha ninguém em casa, eu falei assim "Eu vou ver", né? Aí eu fui lá no quarto de mamãe e me olhei. Tava bem desinchado, mas... é ruim, é estranho você ver e encarar o espelho depois de tudo isso. Mas agora...

F: Agora como é que é? Comparando antes com o agora?

R: Agora eu já tô mais conformada, às vezes até... tem dia que eu sinto muita dor no rosto. Aí parece que ele incha. Tem dia que eu olho e eu acho que tá normal assim, sabe? Só dá uma sensação ruim quando eu falo, parece que incomoda mais do que olhar mesmo pra mim agora... não incomoda tanto não. É só quando eu falo mesmo, quando eu dou risada que eu sinto que a boca fica mais torta. E o meu olho, tem época que... fica piscando muito, eu não consigo controlar esse. E pra dormir eu colo. Agora eu já tô conseguindo piscar ele, antes eu não piscava ele. Pra dormir, eu tenho que fazer isso... eu passo uma pomada e fecho ele com esparadrapo e uso tampão. E eu pingo colírio nele de uma em uma hora pra lubrificar ele. Mas tirando a cicatriz eu acho que tá... eu tô encarando já bem, agora. Só quando eu vejo que alguém olha, aí já me dá aquele desânimo, sabe?

F: É isso que é pior?

R: Eu acho; quando o pessoal olha assim. Eu mesmo já... é que é assim... o contato que eu mais tenho hoje é com a minha família. No serviço eu não era de conversar com muita gente, né? Aí evitava estar onde tinha muita gente. Quando era pra tirar foto, essas coisas... Então eu tô me sentindo bem. Só quando eu vou pegar um ônibus ou vou pedir informação pra alguém eu fico nervosa. Aí eu sinto, parece que minha boca entorta mais, meu olho começa a piscar mais... Mas encarar o espelho tá bom agora, eu tô aceitando mais.

F: Entendi... E... Quais os significados que as cicatrizes tem pra você? Quando você olha, o que você pensa?

R: Assim... eu me pergunto dele... ele falava que me amava tanto e ter chegado ao ponto do que ele fez... eu acho que é o que eu me pergunto mais com freqüência é isso de... ele sempre falar que gostava de mim e ter coragem de ter feito, sabe? O porquê que ele fez. Porque eu

sempre falo para o pai dele. Graças a Deus com a família dele eu tenho um contato bom, só não com a mãe dele. Com meu ex-sogro, com a minha ex-cunhada, meu cunhado. Eles vão em casa, pegam meus filhos nos finais de semana, cuidam deles, ficam com eles. Eu falo pra ele... mesmo se eu tivesse traído ele, se ele pegasse eu com outra pessoa, ele não tinha o direito de fazer isso, nenhuma pessoa tem o direito de tirar a vida. Ele foi determinado a me matar mesmo, tava nos planos dele assim, né? Então, eu acho que ele não tinha o direito de fazer isso não. Então acho que é isso. Que amor é esse? Que fala que gostava tanto e fez do que fez.

F: E essas coisas que você se pergunta... Esse questionamento de você ficar se perguntando o porquê... Isso tem a ver quando você olha para as cicatrizes ou não?

R: Não, às vezes é até quando eu tô fazendo as coisas mesmo. Porque é assim ó: nós moramos 8 anos juntos, teve momentos bons, às vezes eu sinto falta. Eu tava fazendo comida, ele sempre me ajudava na cozinha, cuidando das coisas. Às vezes eu falo, por uma besteira dele, acabou eu me afastando dele, ele se afastando... acabou com as nossas vidas. Porque eu não tenho mais a saúde que eu tinha antes; quando o tempo muda assim, eu ainda sinto muita dor. E ele tá preso e meus filhos sem o pai. Então, não é só olhando para as cicatrizes não, é do dia a dia mesmo. A dificuldade que eu tô passando... financeira... Ele sempre que me ajudava em tudo, é sempre... não é só devido a olhar as cicatrizes e lembrar não.

F: E de forma geral, o que mudou na sua vida depois de tudo isso?

R: Ah, muita coisa... Eu falo muito (risos), eu sempre gostei muito de conversar e agora eu não tenho mais a iniciativa de chegar e conversar com as pessoas como antigamente. É... sei lá, eu acho que eu me fechei um pouco mais. Eu saía, sempre gostei de sair ...domingo mesmo eu tava planejando em levar meus filhos no Ibirapuera, né? Quando a gente morava para aqueles lados, a gente sempre ia lá no Ibirapuera. Agora eu não tenho mais essa vontade de sair como antigamente. A maioria dos lugares que eu vou eu lembro que a gente fazia isso junto, a gente gostava muito de fazer piquenique. Aí eu acabo evitando de fazer essas coisas porque... às vezes eu falo pra minha filha "A minha vida, tudo era com ele". Então mudou muita coisa assim de me relacionar; no passeio com as crianças... A questão financeira também mudou bastante porque... nós dois sempre trabalhamos, só que aí ele trabalhava um dia sim outro não. Ele que ficava com os meus dois meninos "menor". O dia que ele ia trabalhar, ficava com a filha dele. Agora não, quando eu preciso trabalhar, eu preciso pagar alguém pra olhar. A casa... agora eu pago aluguel aqui. A casa que a gente morava tá fechada, desde que aconteceu isso, eu não quis voltar pra lá. O pai dele até falou pra eu morar lá pra eu não pagar aluguel, mas eu não quis não. Todo mundo me chama de Rô; mamãe fala "Não é mais a Rô espoleta!". Porque mamãe falava que eu era ligada no 220 (risos); de não ter cansaço. De chegar do trabalho, eu pegava as crianças e saía. Assim, era mais com ele. Ele não deixava muito eu sair sozinha. Eu vinha pra casa de mamãe, das minhas irmãs e ele não gostava muito não. Mas com ele, a gente sempre tava saindo. Tinha aniversário, era no shopping, no parquinho com as crianças; essa parte parou bastante agora.

F: Isso foi o principal que você percebeu que mudou?

R: Sim. Não é como antes, não.

F: Em relação às suas perspectivas de futuro, você comentou comigo sobre a tatuagem, que se for possível você tem vontade de fazer...

R: Eu até já dei umas escolhidas nas tatuagens...

F: É? Você já pensou em algum desenho?

R: Já. Porque eu tenho dois golfinhos. Quando eu tive meus dois filhos mais velhos eu ia colocar o nome deles lá dentro dos golfinhos. Aí eu vi umas flores... Dá pra pegar mais ou menos de onde eu tenho as cicatrizes, você sobe e puxa para os braços, um ramalhete assim. E na perna também. A da perna eu pensei ou numa flor ou numa fada nessa da perna, se caso eu conseguir essa daqui... a Tinker Bell eu queria colocar. Eu já tô fuçando. É que o sinal lá tava ruim, aí eu entrei nesse site que se chama "Sentindo na pele" o nome desse projeto, que é uma tatuadora que faz esse trabalho. Aí eu já aproveitei e fui no site e já vi as tatuagens.

F: E por que flores?

R: Ah... eu gosto... eu trabalhei 10 anos em floricultura. Eu gosto de flores. Eu acho bonito, eu já escolhi umas. Eu tenho vontade de colocar aplique, mas agora já tá crescendo o cabelo né? E fazer a tatuagem. O aplique era só quando minha cabeça tava raspada, que me incomodava mais. A minha irmã trabalha em salão de cabeleireiro. Ela até ofereceu a peruca, depois o aplique. Aí o médico falou "Não, fica do jeito que tá!". Aí acabei não colocando. Mas o cabelo já cresceu bem, já! Já tem 2 anos; já deu uma boa crescida já. Daqui a pouco já tá grande de novo.

F: E você tem mais planos, coisas que você quer fazer no futuro?

R: Ahhh... não (risos)

F: (risos)

R: Não, acho que não... é isso mesmo.

F: E como você acha que vai ser quando você estiver com as tatuagens?

R: Ah, eu falo pra minha irmã... a primeira coisa que eu vou pôr são as minhas bermudas (risos)

F: (risos)

R: Porque eu tenho uma que fica bem aqui, então se você pôr chama muito a atenção. Aí eu falo direto pra minha irmã "Não vejo a hora de colocar minhas bermudas!". Eu tenho um vestido lá, apesar que agora eu engordei, mas eu tinha um vestido que ele era frente única, longo. Eu nunca tinha usado ele. Aí minha irmã disse "Dá pra mim". Eu disse "Não, um dia eu ainda faço minha tatuagem nas costas e uso ele". Eu usei ele uma vez, mas com um casaquinho por cima. Eu ainda vou desfilar meu vestido com as costas livres de tudo. Aí eu penso de fazer e poder usar de novo as minhas coisas, mostrar as costas, mostrar as pernas. Aí minha filha tem 15 anos. "Mãe, você não tá mais com idade de usar essas coisas!", "Ah, mas eu sou assim!"

F: E... Rosa, pra gente ir encerrando, como você se sente de contar uma história dessa pra mim, que sou psicóloga, mas uma pessoa desconhecida pra você? Porque de alguma maneira repete a situação de quando alguém te pergunta... O que você sente de contar pra mim?

R: Olha, eu acho que é mais fácil do que se eu conhecesse você.

F: É?

R: É, porque quando a gente conhece, no meu entender a pessoa vai criticar. Ou até dar uma opinião boa. Mas na minha cabeça só vai criticar. Por exemplo, eu conheci uma pessoa e automaticamente eu contei pra ela, ela nunca imaginava. Ela achava que tinha acontecido um acidente mesmo. Ela falou que já tinha percebido que eu tinha alguma deficiência no rosto, mas nunca ela iria chegar e perguntar. E assim, do nada, espontâneo, eu acabei contando tudo pra ela. Eu acho que é mais fácil eu contar pra você do que para um vizinho que eu sei que às vezes vai dar palpite, criticar, então... eu acho que é bem melhor (risos).

F: E você chegou a fazer terapia ou faz, com psicólogos?

R: Não, quando eu tava no hospital eu passei com uma. Aí depois o promotor me encaminhou pra outra lá no fórum mesmo. Só que aí, o meu caso, lá eles dão apoio a vítima... ou melhor, à família da vítima. E eu no começo, eu tava com uns pensamentos meio confusos. Uma hora eu queria ir ver ele; visitar ele. Eu queria porque queria. Enquanto eu não visse ele, eu não sossegava. Então ela (a psicóloga) não tinha como me ajudar muito nessa parte. Ela disse "Eu não sei como vou continuar com você", aí ela preferiu me passar pra cá.

F: O que acontecia que você queria ver ele? O que você queria fazer?

R: Ah, era mais conversar o porquê que ele fez isso. Eu sempre ficava me perguntando o porquê. Eu queria ouvir uma explicação dele, por que ele planejou isso, por que ele teve coragem de fazer. Aí quando foi uma vez, eu falei com a irmã dele e a irmã dele arrumou o telefone do advogado dele. O advogado falou "Você pode ver ele!". Aí eu fui lá. Aí o rapaz falou: "Imagina, você é a vítima, como eu vou por você frente a frente com ele, se foi ele quem fez isso?" Aí eu fui relaxando um pouco, aí quando foi na audiência agora eu perguntei pra ele.

F: Você conseguiu perguntar?

R: Perguntei. Aí primeiro eu não quis ver ele. A primeira vez eu preferi dar o julgamento... separado. Quando foi dessa vez, a moça veio perguntar pra mim se eu queria. Eu disse "Quero". "Você tem certeza?", Eu falei "Tenho!". Só que até aí, eu tinha entrado na sala e não tinha visto ele. Aí foi uma hora que eu chorei, passei a cabeça no ombro assim e foi aí que eu vi ele, aí ele tava chorando. Aí o promotor sabia que eu queria visitar ele. Aí o promotor falou assim "Você tá frente a frente com ele, você quer conversar com ele?". Aí eu olhei pra cara dele e perguntei... Não, ele já chegou assim "Fia, me desculpa" e veio me abraçar. Aí o policial fez ele sentar. Aí eu perguntei pra ele. "Eu só queria te perguntar, André, se eu fui uma mulher tão ruim pra você. Se eu merecia essas facadas que você me deu?". Aí ele começou a chorar e não respondeu não.

F: E como você sentiu depois de ter perguntado pra ele?

R: Não tive a resposta né? Mas assim... Acho que agora deu... Não fico me perguntando tanto, com tanta freqüência. No julgamento ele falou umas coisas, não sei se foi o advogado que inventou, ele falou que não tentou me jogar. Ele falou que me pegou no colo pra ver as crianças lá embaixo, coisa que não era. Inventou um monte de coisa. Aí sabe quando aquilo vai dando uma raiva? Ele nem pra assumir o que aconteceu mesmo. Ele queria que tivesse ficado como se eu tivesse traído ele, tanto que ele entrou lá (na cadeia) falando isso, o menino falou que se ele falasse a verdade, que foi por ciúmes, o pessoal lá dava uma surra nele lá dentro. Aí ele já entrou falando que eu traí ele, que ele me pegou, essas coisas. Aí no julgamento, ele não tocou nessa parte que eu tava traindo ele. Ele falou que não tinha

planejado, que a faca foi... que ele tava bebendo na rua e arrumou briga com outra pessoa, por isso que ele tava com a faca.

F: Pra não dizer que foi planejado?

R: Sim, só que daí eu já sabia que ele tinha ido lá no serviço com uma faca na cintura e o menino das câmeras depois puxou, né? E viu que ele tava com um volume, que ele foi com duas embaixo da blusa. O menino viu pelo volume da blusa dele. Aí foi umas coisas assim que eu fui me desligando. Ah não... Um dia se for pra gente conversar... Não sei se eu ainda tenho vontade. Eu falei pra irmã dele domingo agora, não sei se eu quero ver ele um dia com contato com os meus filhos, sabe?

F: Ele perdeu o contato com os filhos?

R: Eles estavam indo, só que daí eu fiz essa autorização pra minha ex-cunhada pra ela levar eles. Só que mudou de diretor do CDP lá, onde ele tá. Aí tem que correr atrás de tudo isso de novo, ah, não vou correr mais atrás. Só que aí, meus meninos sempre perguntam. Um deles falou "Mãe, vamos escrever uma carta para o meu pai?". Ele faz todo dia ele faz desenho. O pequeno tem 6 anos, então ele faz desenho. "Mãe, a senhora mandou pro meu pai?", "Mandei". Às vezes eu amasso e jogo fora. Ou, tem uma gaveta que às vezes eu escondo; quando ele vai pra escola, eu jogo fora. Não tô mandando. Se desde o começo eu não tivesse deixado ir era mais fácil do que agora. A minha cunhada e o meu sogro que vão mais visitar ele, né? E eles pegam eles (as crianças) e levam lá.

F: Quanto tempo ele pegou?

R: Doze. Doze anos. Mas aí tem 2 anos já que ele tá lá dentro. Aí, eu não sei quanto tempo vai ficar lá, né? Porque ele tava trabalhando lá dentro, então reduz também, né? E o pai dele tá querendo pagar um advogado pra ver se recorre, pra ele pegar menos. Não sei quanto tempo ele vai ficar não, viu? Às vezes eu fico me perguntando... Às vezes eu fico sossegada porque ele tá... Mas eu não sei, o dia em que ele sair, como é que vai ser, sabe? Eu desço a hora que for lá em casa, tranquila... E no dia que eu souber que ele tá na rua, como vai ser, sabe? Aí eu já fico pensando nessa parte também. Eu não sei qual vai ser a reação dele quando ele sair aqui, se ele vai continuar me cercando, como antigamente, ele ficava me vigiando. Antes de acontecer isso, os vizinhos falaram que ele ficava lá direto me observando por cima da laje do pessoal. Porque eu não mudei pra mesma rua que ele, eu fui pra outro bairro próximo. E ele ficava lá direto, pra ver quem entrava na minha casa, quem saía, ele tava obcecado. Então, lá que dá tempo de pensar muito, né? Que não tá fazendo nada, então eu fico imaginando como é que vai ser depois que ele sair, viu? Então, eu prefiro que ele fique os 12 anos lá dentro. Dá tempo de eu me organizar de novo, fazer minha vida de novo, arrumar minhas coisinhas. Mas é... eu sei que ele não vai ficar 12 anos lá dentro, eu sei que ele vai ficar menos. E agora que o pai tá querendo correr atrás com advogado particular, pode ser que logo mais esteja aí de novo... com essas leis.

F: Rosa, caso eu precise conversar com você em outra ocasião... eu vou passar isso tudo a limpo, né? Mas depois que eu escrevo, eu posso perceber que estou com dúvida em alguma coisa que eu não entendi... Você me autoriza a ligar pra você de novo?

R: Sim.

APÊNDICE G

Entrevista com Vitória

Vitória, 56 anos, Ensino Médio Completo. Cicatrizes em diversas partes do corpo.

Data: 28 de setembro de 2015.

Entramos na sala e eu estava comentando sobre a pesquisa das cicatrizes. Então Vitória começou a contar da experiência dela sobre a possibilidade de reparar as cicatrizes.

V: Inclusive eu já fui encaminhada pela Casa Eliane de Grammont para um hospital para avaliar as cicatrizes, porque... sabe o que é você não ter... você assim... morreu pra mim em duas situações. Por exemplo: eu não quis mais saber de homem porque tenho vergonha de ter que explicar o porquê das cicatrizes; eu não vou numa praia, entendeu? Porque eu também tenho a minha vaidade, eu tenho todo o direito de ter a minha vaidade, você entendeu? Quando eu te falei na mensagem que era... que deu errado aquela vez, mas que tinha tudo pra dar certo agora porque... porque de 15 dias pra cá eu voltei a piorar... Inclusive eu cheguei essa hora porque eu vim devagar. Você não tem ideia a grossura que está o meu joelho... consequência de uma surra. Eu tenho... já tá sumindo um pouquinho... eu tenho cicatriz na orelha que foi de uma "facãozada" que ele tentou dar no meu pescoço. Entendeu? Então assim... Eu tenho umas cicatrizes horríveis porque assim, eu tive as minhas coxas perfuradas com chave de fenda. Não se arrepia! Agora eu já tô bem e já posso falar. Eu vou abaixar aqui pra gente ficar a vontade (sobre o volume do telefone celular). Eu mandei uma mensagem pro meu filho e assim... Como eu vou dizer pra você? Isso me deixa muito mal, nunca mais fui feliz; artificialmente, eu sou desse jeito que você viu aí. Onde eu chego é daquele jeito. Eu levanto, que seja quatro ou cinco da manhã, daquele jeito. Aquele é o meu bom dia, vem de coração!

F: Você sempre foi assim?

V: Sempre. Porque as pessoas não têm culpa do que aconteceu comigo e na verdade, eu também nem posso dizer que eu fui culpada, você tá me entendendo? Que quando eu tive a oportunidade, eu salvei os meus filhos; porque você quer uma cicatriz pior do que você levar uma surra com três meses de gravidez e você ir parar num hospital e ficar entre a vida e a morte e o bebê nascer de seis meses e duas semanas? Nascer não, fazer uma cesariana de emergência, onde chama o seu filho pra despedir da sua mãe porque não tem chance de salvação. E eu, a única pessoa, a única ajuda que eu tive foi de Deus; eu tinha uma fé tão grande e que me ajuda hoje ainda, você me entende? Que me ajuda hoje, ainda. Eu ainda tenho cicatrizes que, como eu sou morena, não somem, entendeu? Então eu não vou mentir pra você. Que elas me prejudicam fisicamente, aqui dentro... eu nunca deixei de fazer terapia, nunca. E sabe por que eu fugi da terapia? Porque quando entrou no assunto de eu arrumar alguém... Você pensa que eu não tenho vontade de ter alguém?! Você pensa que eu não quero ser feliz? Eu vou fazer 57 anos, entendeu? E aparece! E eu me escondo. Agora eu tô me arrumando. Mas antes eu me escondia atrás de roupas feias, eu dava uma de largadona pra não chamar a atenção de nenhum homem. O que tá me fazendo assim... como eu vou te dizer? Ter um gostinho mais, ter um motivo pra viver... Porque muitas vezes eu pensei em tirar minha vida, entendeu? É assim... É muito gostoso você ser admirada, muito! O teu ego vai lá em cima, mas aí vem a realidade. Eu não tenho coragem. Eu não vou ter coragem nunca! De me despir diante de um homem, de eu ir pra uma praia... Meu Deus do céu! Eu nunca mais fui na minha vida. Aí eu me dediquei só aos filhos. Eu pedia assim: "Deus, me ajuda! Faça com que eu consiga sair desse câncer". Na época, eu tinha acabado de descobrir que eu tava com câncer. Aí eu pensei: "Deus, o pior câncer pra mim é esse homem. Se me ajudar a sair desses dois 'câncer', eu vou viver dignamente; vou procurar ser feliz da melhor forma possível, mas desde que não coloque homem na minha vida". Eu pedi isso pra Deus, eu fiz essa troca. Que ele tirasse de mim o desejo de homem. Tô te contando, daí assim... Ah, eu gostei de você tá?!

F: (risos) Que bom!

V: E assim... Eu pedi a Deus que tirasse isso, esse desejo porque eu sou uma mulher normal! Tirasse esse desejo e em troca, que Ele me ajudasse a cuidar dos meus filhos. Então, ninguém acredita; eu nem conto pra ninguém que eu tô sem homem desde 2002. Eu estou sem um homem desde 2002. Não subi nas paredes; não fiz nada e não me masturbo e não tenho vibrador. Sabe por que? Porque eu acho que Deus me atendeu. Porque hoje o meu filho tá com 27 anos, na época ele tinha 14. Ele tá com 27 anos, formado, ele foi bolsista no [Universidade], olha só! Eu passei... Isso sim... Tem violência pior que eu passei... que eu passei violência até no abrigo para mulheres. A Casa Eliane de Grammont foi a minha salvação. A Casa Eliane de Grammont, se um dia Deus me ajudasse, que eu ganhasse um dinheiro, uma Mega Sena... A minha primeira parcela seria para a Casa Eliane de Grammont. Resgatei dignidade, autoestima, meus filhos, tudo, foi através dessas mulheres daqui. Entendeu? E aí eu fiquei sem homem, graças a Deus. O meu filho, como eu te falei, foi formado no [Universidade], hoje ele trabalha no [Nome da Empresa]. A minha filha é bolsista também na [Universidade], ela faz Publicidade e Propaganda. Eu enfrentei muita coisa... a minha filha com 12 anos chegou aos 80 quilos, com depressão, síndrome do pânico, com a vida que nós tínhamos, boa... E de repente eu ter que fugir com meus filhos com a roupa do corpo e parar num abrigo onde tinha todo tipo de gente. Criança viciada em sexo, tudo. E você sem saber como cuidar da cabecinha dos seus filhos, você tá me entendendo? Então assim... tudo foi por Deus. Então assim, hoje eu tô num dia mau, não sei se é por causa do tempo, muita dor nas pernas, porque atingiu veias. Atingiram veias. Assim, só pra você ter ideia, eu vou te mostrar meu joelho só pra você ver como tá aqui [Abaixa a calça]. Olha a diferença desse joelho pra esse. E essa é uma das cicatrizes. Esse aqui foi queimado. Olha o meu joelho, que inchado! Olha isso aqui. Olha as cicatrizes nas minhas pernas.

F: Isso aqui é o que?

V: Isso foi furado com faca, com chave de fenda. Tenho outras cicatrizes, todas são furadas. Tudo o que você ver que for assim, foi furado. Essa aqui foi furada, ficou exposta; não teve... E detalhe: fiquei sofrendo num quarto trancada apodrecendo isso aqui, porque eu não fui pra médico. Isso aqui... não sei se você consegue ver, olha essa daqui. Você tá vendo isso aqui? Essa aqui, ele espetou a faca e... (respira profundamente). Eu aguentava tudo isso pra ele não ir atrás dos meninos no quarto. E eu sofrendo. Eu chegava a ficar de 10 a 12 dias; isso aqui fedia. Sabe o que é apodrecer? Eu tenho um caroço desse tamanho do lado da minha vagina. Foi de um chute que eu levei... ficou esse caroço do lado. Então de tempo em tempo ele incha e fica dolorido. E aí eu... pra vestir calça é ruim; eu que gostava de vestido, eu que gostava de saia, eu não uso. Porque eu tenho vergonha. Vai me dizer que não dá pra ter vergonha disso aqui? Eu tenho perfurações até na barriga, aqui assim... acho que dá pra ver... é que aqui some mais, é mais fácil cicatrizar. É isso aí. Eu tenho uma na orelha, tenho enxerto aqui na pálpebra, eu tenho as mãos todas cheias de cicatriz. Não tinha como dar ponto, então foi tudo sarando, foi melhorando. Isso aqui foi com cigarro, queimadura; isso aqui também foi queimadura de cigarro. Eu tenho isso aqui todinho... Você entendeu? Nos dedos. Porque ele tentava furar meus olhos e eu pra me livrar colocava as mãos. Eu fui arrastada a mais de 100

metros, de uma igreja até minha casa. A roupa... ainda bem que eu tava com uma camisa jeans pra proteger minhas costas. Então assim... Como eu era sozinha mesmo, entendeu? Então não tinha família e pra mim o único interesse que eu tinha era o de salvar meus filhos. Era só isso. E assim... me deu uma esperança muito grande anos atrás, quando as meninas me falaram: "Vitória, vai avaliar, a gente conseguiu um cirurgião plástico pra você". Nossa, eu não sei o que foi pior. Era melhor que não tivesse ido.

F: É?

V: É porque você criou aquela expectativa. De vez em quando, meus filhos vão pra praia e eu sou madrinha de três adolescentes que se conheceram no abrigo. A gente manteve amizade e hoje elas moram no litoral. E hoje eu sou madrinha delas. Então, de vez em quando a gente vai pra lá e eu "Ai, não posso pegar sol, por causa disso...!". Tudo com vergonha. Eu vou de calça para a praia? Você entendeu? Aí a minha filha fala assim... A minha filha, eu tive muitos problemas com ela porque assim... Ela levou uma surra muito grande dele quando ela tinha seis aninhos, chegou a marcar ela todinha, entendeu? E assim... Aí quando começou essa dificuldade, na época que o menino entrou na faculdade e eu tava no abrigo, sabe o que eu fiz? Eu arrumei uma briga, "Porque eu quero trabalhar, eu não vou viver socada aqui dentro. Eu quero trabalhar!". "Mas como eu vou fazer pra largar meus filhos?" Minha filha com seis anos, dentro do abrigo? Aí eu combinei com meu filho. "Filho, você estuda de dia, vem, toma conta da sua irmã e a mamãe trabalha a noite". Aí fui numa lanchonete, contei minha história pra dona da lanchonete e ela falou: "Eu vou pegar você, eu não tô precisando, mas eu vou pegar você. Vitória, eu preciso saber da sua história". E era um bar GLS, ela contou pras amigas mais chegadas dela, você não tem ideia o que elas me davam de caixinha. Aí eu chegava na parte da tarde, eu ajudava na cozinha e na parte da noite eu trabalhava de garçonete. Eu não sabia segurar uma bandeja, mas ela me treinava, tudo pra me ajudar. Fiquei durante o tempo todo no abrigo. Na outra semana, eu já fui no colégio cacar escola pra minha filha. Porque tem abrigos, não são todos tá? Eu levei gente lá dentro pra gente poder ter mais segurança. Eu fui procurar ajuda na igreja, fui na casa de *cárita*. Eu conheci uma mulher, ela é empresária aqui na Zona Oeste. Eu tava muito mal. Cheguei no abrigo, no dia seguinte, eu falei "Eu tenho que procurar socorro, eu não vou ficar aqui nesse lugar, eu quero sair daqui, não é isso que eu quero para os meus filhos, entendeu? Se Deus já me ajudou a sair de lá, por que eu não vou continuar? Aí um dia, eu tava passando e vi assim um grupo de oração, "eu vou entrar aqui". Entrei e... Nossa! Sabe quando as pessoas falam coisas que... bate com você? Aí eu desabei a chorar. Eu queria, eu precisava daquele lugar. Eu chorava muito, eu não podia chorar perto dos meus filhos. Perto dos meus filhos, eu era uma heroína. Porque eu apanhava para ele não bater nos meninos. Era a chantagem que ele fazia comigo. Então meus ficavam 10, 12 dias sem me ver. Porque eu tava toda machucada, cê entendeu? E aí entrando lá, conheci essa mulher que se chama Josi, aí eu contei tudo pra ela e a gente passou a ter ajuda. Ela arcou com toda a despesa do meu filho na escola, com livro, com tudo. Meu filho foi estudar na Avenida X [local elitizado], que ela pagou pra ele. Ela me disse "Deixa eu ser um anjo da guarda na sua vida? Porque eu nunca vou conhecer uma história dessa". Você entendeu? Durante oito anos, eu apanhando, apanhando... Eu tinha 18 ocorrências nos hospitais. Mas eu escondia por que? A família dele era metade da Federal (Polícia). Sumia todos os Boletins de Ocorrência. Quando eu falava o sobrenome dele, nem faziam. Só que aí, no hospital, eu sempre contava. Eu falava "Me ajuda, pelo amor de Deus, um Boletim de Ocorrência para eu guardar". Aí eu dobrava bem dobradinho, veja bem como eu fazia: eu tirava o solado do sapato e ia escondendo esses boletins. Tanto é que quando a gente fugiu, eu tava com 18. Você entendeu? A última surra que eu levei dele foi... dia 25... A minha filha nasceu, eu cheguei do hospital dia 12 de dezembro de 95, que foi da surra que eu levei e fiquei no hospital pra ganhar ela. Aí nós chegamos no dia 12, quando foi no dia 25, ele

chegou e quebrou a lata de açúcar na minha cabeça, jogou a bebê de cabeça na privada, que ela nasceu prematura. Aí quando o meu filho foi tirar ela da privada, porque ele me deu um chute e estourou toda a minha cesárea, aí meu filho foi lá e pegou a minha filha, só com as perninhas. Ela tinha só 30 cm. Pegou a menina da privada, aí do jeito que meu filho pegou, eu falei pra ele "Corre!". Eu peguei uma faca de serra, aí fui pra cima dele, entendeu? Fui pra cima dele e comecei a ameaçar, porque ele era grandão e eu baixinha, só pra dar tempo do meu filho fugir com a menina. No frio, você imagina, aquele frio, aquela garoa e meu filho correndo com minha filha pendurada, entendeu? E sabe o que é ninguém abrir a porta pra você? A gente passou a noite no mato. Eu e meu filho. Porque a gente não tinha como chamar uma polícia. Não tinha nada. Quando deu quatro da manhã que a gente conseguiu ajuda pra chamar a polícia. E minha filha ficou três dias no hospital, fazendo exames, pra ver se ela tinha ingerido água de fezes. Você entende? É complicado. Eu tô te resumindo... ó cê viu, eu nem te deixei perguntar... Eu já tô te falando porque eu tô bem pra falar, eu... Mas eu não conseguia falar. Mas a única coisa mesmo que acaba comigo, não vou mentir para você. Eu acho que eu já cumpri a minha missão com os meus filhos, que eles já estão formados, já sabem se cuidar. É... eu falei pra eles esses dias... "Ai, a mamãe tá com vontade de sumir", sabe? Entendeu? Porque agora eu sinto falta de alguém. Agora eu tô sentido falta de alguém... pra conversar, sabe? Pra me fazer um carinho, você entendeu? Mas eu não posso! [choro] Entende? Daqui a pouco eu fico alegre de novo. Fica a vontade pra você perguntar o que quiser, tá?

F: Bem, a minha primeira pergunta seria, apesar de você já ter respondido... É a pergunta que eu faço pra todas né? Eu sempre pergunto qual a história das cicatrizes. Mas de alguma maneira, você já respondeu.

V: Não, mas fica a vontade. Eu gosto de colaborar. Eu gosto mesmo. Me desculpa, é porque eu tô assim... Eu tenho sofrido muito, com muitas dores, vai mudando o tempo. Não sei se você prestou atenção na perna direita, atrás é tudo cheio de veia. Eu não tinha uma veia nas minhas pernas, apesar da minha idade, entendeu? Então foi tudo consequência. Você vai no médico, aí explica, vai no outro, mais um detalhe. Você tá vendo isso daqui?

F: Hum.

V: Eu tive... costelas quebradas. Eu tive fratura nas costelas, eu fiquei com problema de muito chute que eu levei. É... na coluna, eu não posso operar. Se eu operar eu fico paraplégica. Na ultrassom, veio como se eu tivesse sofrido um acidente, que foi o impacto da minha cabeça na parede. Então assim... eu sou teimosa, eu sou... como que eu vou te dizer? Eu não choro a toa. Agora mesmo eu falei "*Tenho que passar na farmácia e comprar Dorflex*", que eu tomo de três a quatro Dorflex por dia, por causa da coluna. A coluna, quando vai mudando o tempo, dói as pernas, porque atingiu veias. Essas cicatrizes aqui, cicatrizaram sozinhas! Isso quando ele não jogava salmoura em cima. Você tá entendendo? Então eu não sei mais o que é dor. Mas esse da coluna é muito ruim. Você tá vendo essa parte minha aqui ó?

F: Hum?

V: Meu braço eu já não levanto mais. Pra eu colocar o sutiã atrás, pra fechar eu tenho que pedir ajuda pra minha filha. Pra eu calçar um tênis, eu tenho que pedir ajuda pra ela, consequência da coluna. Eu comecei a fazer fisioterapia do joelho semana passada, quando eu falei pra você que não dava. Porque eu chego em casa todo dia lá pras 10:30, 11 horas da noite. Então quando eu cheguei, tava lá um papelzinho, que a própria agente de saúde leva, que era pra eu começar a fazer a fisioterapia. Amanhã eu tenho ultrassom do joelho e daqui. Toda essa documentação foi feita na época do Boletim de Ocorrência, porque assim, eu tive

uma ajuda muito grande de uma pessoa que hoje está em Roma. A última função dela como assistente social era me ajudar, que ela conhecia toda a minha história desde o início, que a gente era amiga, entendeu? E aí foi arquivado tudo isso aí junto, foi anexado tudo ao processo, ao Boletim de Ocorrência, porque não deu tempo, como a gente fugiu num dia, a gente voltou no dia seguinte para fazer o Boletim de Ocorrência, entendeu? Então foi anexada toda a documentação, já faz um tempo. Então, toda essa documentação tava aqui, entendeu? Então assim... você já pode perguntar tá, eu já tô bem.

F: Vitória, por quanto tempo você passou por toda essa violência?

V: Quanto tempo eu passei? Deixa eu ver... Eu fiquei de 94... Isso começou em 94 e foi até 2002.

F: Noventa e quatro a 2002?

V: Isso!

F: Oito anos?

V: Oito anos. A demora pra sair, como eu vou te dizer? Eu não tinha... como eu não tinha parente, essa minha amiga tava empenhada em procurar lugar para que eu fosse com meus filhos, porque sinceramente, vou falar pra você... Eu praticamente fui abandonada pelas minhas irmãs quando eu tinha oito anos.

F: Hum...

V: É uma história e tanto, se eu for te contar o que vai reverter aí. É... a minha mãe e o meu pai, porque assim... no norte, os homens tinham várias famílias, né? E a minha mãe morreu de câncer. E a gente ficou dois dias com a minha mãe morta lá em cima da cama, achando que ela tava dormindo. E o meu pai na casa da outra família. Quando chegou pra fazer a divisória, eu tinha quatro irmãos mais velhos e casados, três irmãs e um irmão. Menores eram eu, o outro e o outro. Três. Minha mãe faleceu, então fizeram a divisória. Eu não podia estudar porque eu ficava fazendo rodizio, na casa de uma irmã, na casa de outra e na casa da minha madrinha, tomando conta, servindo de doméstica pra eles. Entendeu? Servindo de doméstica pra eles. Então eu ficava no rodizio, no rodizio, cada dia morava num lugar, no mesmo bairro, mas mudava de uma escola para outra. Então, não dava pra eu estudar, eu trabalhava demais pra eles. Então, elas me deram pra uma família que veio aqui pra São Paulo, eu tinha 12 anos. Então, o que aconteceu? Eu era escravizada. Eu, com 13 anos, fui morar sozinha num quarto de pensão e arrumei um emprego. Eu lavava panelas para os vizinhos, eu ariava panela para os vizinhos; pra eu ganhar meu dinheiro eu fazia coisas artesanais, até eu completar 14 anos e arrumar emprego numa firma. E graças a Deus, por onde eu passei assim, todo mundo me respeitava. Porque eu não contava que era sozinha, eu falava que tinha pai e mãe, que eu tinha horário pra chegar em casa e eram muito rigorosos. Então nunca ninguém mexeu comigo. Por Deus do céu! Aqui em São Paulo, eu fiquei 20 dias dormindo na Praça da Sé, eu fiquei, quando eu fugi da família. Eu fiquei 20 dias dormindo na Praça da Sé. Eu catava coisa do lixo pra comer. Mas isso não me fez menos do que ninguém. Tudo que eu fiz, tudo que eu passei... Então eu pensava assim: "Eu não quero isso para os meus filhos, eu não posso ir pra rua com os meus filhos, eu não quero afastar eles da escola. Eu quero meus filhos na escola, Deus vai dar um jeito, Ele vai me ajudar e eu vou conseguir. Eu seguro as pontas, não tem problema", sabe? Eu não vou mentir pra você. Eu já sabia até o dia que eu ia apanhar. Ele olhava pra mim e falava "Tu vai apanhar hoje". Sabe o seu coração disparado? Dor de barriga, aquela coisa? Ó, eu e meus filhos, em plena duas da manhã, a gente invadiu uma favela onde tinha bocada,

sabe? E eu com a minha bebê no colo e o meu filho. Chegando lá, quando nós invadimos, perguntaram o que era e a gente falou. Eles queriam ir lá acabar com ele. Queriam ir. Você tá entendendo? O meu filho falava "Vai lá, vai lá!". E eu dizia "Não, meu filho, não pode, não pode!". Porque a gente não podia pedir ajuda, assim... no outro dia eu apanhava mais. Então assim, eu... sei lá... Eu não queria os meus filhos naquela situação, então quando ele falava "Eu vou bater nas crianças", eu falava "Não, pelo amor de Deus!". Ele já sabia. Então eu preferia... Tentei matar ele, eu planejei tudo, eu com a diretora da escola. Contei pra ela, pedi pra deixar meus filhos lá, por um dia só e que ela me arranjasse uns sacos plásticos, eu já não aguentava mais. Você me entendeu? Eu não aguentava mais, eu não podia pedir ajuda pra ninguém. Eu ia na polícia, eu quase fui presa na delegacia da mulher, que fica lá na Zona Sul. Quando eu cheguei lá, ela disse que eu não tinha sangue, que ela ia me dar uma intimação para eu entregar pra ele, na minha casa. Como é que pode uma coisa dessa?! Eu, com uma intimação, pra entregar pro homem, dentro da minha casa? Você tá me entendendo? Ela disse que eu estava desacatando. Eu disse "Não, porque não é você, eu não tenho como voltar pra casa". Voltar pra casa e apanhar de novo? O meu filho tava com o pescoço... que ele tentou enforcar o menino com a correntinha que ele tinha no pescoço... porque ele me tacou na parede e o menino quando viu pegou a vassoura pra ir em cima dele. Você tá me entendendo? Você sabe o que a minha filha fazia? Com quatro aninhos, ela tentava me cobrir pra ele não me bater. Ele dando soco na minha cara. Ele dando soco no meu rosto. Quantas vezes eu ia trabalhar com os olhos esbugalhados pra fora? E minha filha subia em cima de mim pra me proteger. Aí sabe o que ele fez? Ele pegou a faca, cortou as mãos e começou a tacar nas paredes as mãos e depois escrevia "Vitória, eu te amo", "Vitória, você não vai ser de mais ninguém". Todo mundo viu. Eu, se pudesse, ia beijar os pés do delegado. Da polícia comum. Porque quando eu cheguei lá, quando eu cheguei pra fazer o boletim, ele mandou eu aguardar lá, saiu dois minutos, chegou lá deu um cacete nele e tirou ele pra fora do apartamento. Só que a gente não pôde voltar. No dia que a gente fugiu de casa, nunca mais a gente apareceu.

F: Isso foi em 2002?

V: Em 2002. Foi dia 29 de fevereiro de 2002 que nós fugimos com a ajuda dessa minha amiga que eu te falei, que era da prefeitura. Chegou com a viatura e eu entrei com meus filhos e a gente sumiu, não voltamos mais... Entendeu? Eu tive ajuda primeiro da Marta Suplicy. Eu peguei uma cartolina e contei toda a minha história na cartolina e com outra cartolina eu fiz um envelope enorme. Ela tava fazendo discurso e eu levantei. Aí ela me chamou no palanque e eu dei pra ela. No dia seguinte, ela entrou em contato com elas aqui (da Casa Eliane) pra me ajudar. Ela queria saber mais da minha história. E aí começaram a vir as ajudas. Ela saiu (da prefeitura de São Paulo) e passou para o Serra. E aí o Serra arranjou lugar para nós, que é o apartamento onde estamos até agora.

F: Ah é?

V: É. Eu tinha um e, através dessa minha amiga, eu fiz uma declaração abrindo mão pra ele não pegar o apartamento; abrindo mão que eu tava desistindo do apartamento, abrindo mão. Por que? Porque por trás dessa procuração, eu assinei uma outra dizendo que eles se comprometeriam a me dar outra moradia quando tivesse um lugar seguro, entendeu? Olha, meu filho com 27 anos e minha filha com 19 não abrem a porta; se toca a campainha, os dois saem correndo. Cê tá entendendo? Com 27 anos, ele tá agora; ela com 19. Ela ficou quase uma semana sem ir a faculdade porque ela encontrou com uma mulher, ela disse "É minha tia!". "Ela ficou perguntando de mim, falando que era minha tia". Ela falou: "Mãe, eu fiquei com dor de barriga, eu fiquei passando mal". Cê tá entendendo? E ela desceu do ônibus. Ela não queria ir pra faculdade. Então, eu tô tentando, como ela é bolsita, eu tô tentando dar um

jeito, nem que seja mudar de horário, porque de manhã não tem como ela encontrar com eles, cê tá me entendendo? Porque de manhã, quem vem de lá pra cá vai voltar no horário que ela tá vindo de lá pra cá. Porque tem uma unidade perto de onde a gente mora na [Bairro de São Paulo], mas como a grade já tá toda... Ela com a equipe, grupo de trabalho, entendeu? Aí, pelo menos melhoraria pra ela, entendeu? E ela tá no 4º semestre. Então eu falei com eles. Toda vez que eu preciso de socorro eu converso com eles. Porque eu... Às vezes eu me sinto tão, tão ninguém... Tão ninguém. Porque eu não vou mentir pra você. As meninas todas sabem; eu me sinto culpada por tudo o que aconteceu com meus filhos, cê tá me entendendo? E me sinto mais ainda de estar toda doente e não poder ajudar os meus filhos mais. Cê entende? Meu filho tá... por exemplo, ele no trabalho dele, não é que ele ganha tão bem. Mas ele tem as despesas dele, ele paga inglês pra irmã dele. Onde a gente mora... Meu Deus do céu! A gente não vê a hora de Deus ajudar pra gente sair de lá. Atrás do prédio você não pode ficar com a janela aberta. O cheiro da maconha. Você tá me entendendo? Então eles ficam assim: "Mãe, eu odeio esse lugar". "Ah, vamos nos ajudar, quando você estiver formada, aí nós três...". Vc tá entendendo? Aí, tudo isso te deixa culpada. Em nenhum momento eu deixei de... Como eu vou te dizer? Eu fui trabalhar de faxina; eu fui limpar banheiro. Meu filho e eu fomos limpar banheiros de eventos. Ele saía do estágio da faculdade, ia para o trabalho. Saía do trabalho, à noite, e ia comigo limpar banheiro de eventos. Então assim... Falar que foi corpo mole? Em nenhum momento. Eu tô pior da coluna e do joelho porque eu não posso fazer esse tipo de serviço. Eu não posso varrer uma casa, a minha casa. Por causa da coluna e por causa do joelho. Aí eles brincam comigo: "Não, mamãe tá bem!". Mentira! Quando eu saio, não vejo a hora de tomar um Dorflex pra aliviar, cê tá me entendendo? Então assim, eu tô trabalhando, eu tenho que levantar a cada meia hora por causa da coluna, cê entende? Então assim, eu não deixo me abater. Mas agora... já tem uns dois anos que os meus filhos tão falando pra mim: "Mãe, olha, a gente vai ter a vida da gente, você tem que ter alguém, mãe! Pra você ser feliz! Você é nova, você é bonita!". "Vocês estão querendo se ver livre de mim", eu pensei. "Não mãe, é porque você tem o direito de ser feliz". Mas, de verdade? Eu não tô preparada. E eu... Me dá assim... Não quero me iludir, porque eu vou ter uma decepção maior. Entendeu? Às vezes eu penso... Ah se existisse milagre! Se Deus fizesse um milagre na minha vida... As pessoas me admiram, sabe? "Nossa, sua mãe é bonita!", "Sua mãe é isso, aquilo outro". Mas dentro de mim, meu... Quando fala assim de homem... [áudio prejudicado – 4 seg.] (...)

Sabe, um dia a gente tava lá em casa, o apartamento tem dois dormitórios. Eles colocaram os dois guarda-roupas em um dormitório só, porque eles querem dormir tudo num quarto só! Cê entendeu? Tudo num quarto só. Eles querem dormir comigo. Bateu na porta, pronto! Tocou a campainha... "Tá bom, mamãe já vai". Vou lá pego uma peixeira enorme que eu tenho, sabe?

F: (risos)

V: (risos) Eu pego essa peixeira, essa peixeira é minha companheira. Quando meu filho vinha da faculdade e fazia curso, eu ia pro ponto de ônibus, era uma hora da manhã com aquela peixeira numa sacola, esperando por ele. Eu e minha filha. Sempre foi assim. Um por todos, todos por um, entendeu? Hoje ele tá bem, mas a gente não teve uma vida assim... Ai meu Deus! Assim, de mão beijada. Foi de muita luta, passamos muita fome, pra chegar onde ele chegou, entendeu? E é assim... E hoje a minha maior tristeza é essa.

F: Você tinha falado de um milagre. Qual era o milagre?

V: Milagre... O milagre da minha vida se eu dormisse e acordasse e não tivesse mais essas cicatrizes no meu corpo, entendeu? Você acredita que eu já cheguei a acreditar assim... em passar um remédio, passar outro, se tiver uma propaganda assim... Você entendeu? Eu não vou mentir pra você. Eu tenho minhas vontades, eu tenho minha vaidades também.

F: Pensando então em todas as cicatrizes, qual é a pior?

V: A pior é aqui dentro. Aqui dentro porque assim... Eu não tenho amigas, assim... Porque as pessoas querem saber, as pessoas me olham... "Ai Vitória, você é tão alto-astral!". No meu trabalho eu sou muito elogiada sabe? É difícil um dia que não tem o meu nome lá na tela, de cliente ligando e elogiando o meu trabalho, entendeu? Então, o pessoal fala "Nossa Vitória, você é de bem com a vida! Você não tem problema", "Nossa é tão bom ficar do seu lado!". Tem uma coordenadora lá que ela falava assim "Vi, me dá um abraço!", todo dia quando eu chegava. Eu pensava "Ai meu Deus..."

F: (risos)

V: Não, porque o povo vê, pensa que eu tô puxando o saco, entendeu?

F: Entendi!

V: Eu quero ser reconhecida pelo meu trabalho, não por estar bajulando ninguém, entendeu? É que ela falava "Vi, você tem um astral muito bom; a gente fica perto de você... nossa é tão bom ficar perto de você". E eu "Ai, meu Deus... Que bom, que bom!". Você entende? Mas e assim... E o meu outro lado? O meu outro lado? Aqui eu posso desabafar com você, quando eu venho aqui, eu tenho a liberdade de falar tudo, entendeu? Então, assim, é muito tempo. É difícil o dia que dá pra elas me atenderem; geralmente eu passo com as duas (Psicóloga e Assistente). Mas ao mesmo tempo, eu fico muito sobrecarregada. Eu tinha um psiquiatra lá no posto, que eu passava com ele, mas eu deixei de passar porque a agente de saúde... Eu nunca contei nada pra ninguém onde eu moro, porque eu não posso contar, sabe? A gente vive assim... Meu, a gente perdeu contato com todo mundo. E aí, no prédio, a mãe dela, um dia eu indo pra feira, ela "Ai Vitória, tadinha... Você passou por tanta coisa!". Como é que ela sabe? Aí não fui mais. Aí foi a enfermeira da família na minha casa, aí ela sentou e eu falei um monte pra ela. Eu falei "Vocês sabem o que vocês fizeram? Pra mim é antiético o que vocês fizeram". Você tá entendendo? Porque na época a minha filha tava com triglicérides, colesterol tudo alto, você não tem ideia. A minha filha comia todos os dedos. Ela passou até a comer a ponta dos dedos do pé. Você sabe o que é sangrar tudo e você ver a sua filha ali, parecendo um bicho roendo? E no posto eu não tive ajuda. Eu tive ajuda nas faculdades porque eu corria nas faculdades, eu não podia trabalhar. Eu fazia só bico de faxina pesada e isso que mais acabou com a minha coluna. Eu fazia bico porque eu tinha que levar minha filha para o médico. Cê entendeu? Então é muito difícil... E a pessoa fica contando e espalhando onde você mora? Eu fui lá e falei com o psiquiatra, eu falei um monte pra ele. Eu falei: "Você não me respeitou, você não foi ético, entendeu? Então pra mim não serve". Aí foi na minha casa, eu falei: "Não quero. Eu passo pelo meu convênio; eu trabalho, eu tenho meu convênio, minha filha tá fazendo tratamento". Ela foi... Assim... Ela tinha um problema de cisto no ovário. Então todo mês eu tinha que ir com ela para o hospital, todo mês. Aí levei ela no médico do convênio, ela já tava fazendo o tratamento com anticoncepcional, entendeu? Foi difícil pra ela aceitar que tava fazendo tratamento com anticoncepcional, entendeu? Então assim, são coisas que você... Como é que eu vou te dizer? Assim... Eu fico repugnada com aquilo... Porque com tudo o que eu já passei na minha vida, eu já conheci vários profissionais, sabe? E nenhum chegou a falar pra mim... Como é que eu vou te dizer? Eles me têm assim... Algumas meninas me conheciam e têm como exemplo como eu toquei minha vida. Eu não voltei pra debaixo das asas de um homem. Eu continuei, mesmo com todos os problemas de saúde, eu continuei... E eu acho que eu fiz bem. Mas mesmo assim eu me sinto culpada... Por tudo o que eles passaram. Às vezes tem dia que eu... Ontem, meu filho me pegou chorando. É. Sabe um filme na sua mente? Eu olhando assim... Ô meu Deus, como que eu era e como é que eu estou. Aí começo a lembrar. Se eu falar que isso some... Não some. Naquele momento, na primeira surra que eu levei... Eu não sei dizer pra você o que é amor. Eu só conheço, eu só posso te garantir o amor pelos meus filhos, mas eu não sei... Porque aquilo acabou; acabou pra mim. Eu não conseguia imaginar um homem tocando em mim... Porque, como eu te falei que eu planejava matar ele, tudo aquilo veio na minha cabeça! Ontem, foi um dia que caiu na minha cabeça... Eu trabalhei ontem e aí como tava com pouca ligação e eu tenho banco de horas, tudo... Meu supervisor chegou e falou: "Vi, como é que você tá?" "Ah, eu tô ótima". Ele falou assim: "É que eu vou liberar umas pessoas pra ir embora mais cedo porque não tem ligação mesmo, posso incluir você?" Eu disse "Ai, pode, obrigada!". "Ai Vi, você é 10!". Ele me liberou, aí eu fui pra casa, cheguei mais cedo em casa. E quando eu cheguei, veio uma coisa assim estranha na minha cabeça, não sei se é porque eu ia vir aqui falar hoje. Muito estranha. Veio todo aquele filme. Eu sinto cada dor...

F: Dor?

V: Dor, dor, dor... de cada pancada que eu levava.

F: Você fala física?

V: Física! Eu sinto. Isso dói muito... Por exemplo... Se eu fico muito tempo em pé no ônibus, começa a latejar... [choro]. Assim, como cicatriz quando muda o tempo, entendeu?... Eu não tô tão velha pra estar... sabe?

F: E quando você diz que sentou, parou e pensou "como eu era" e "como eu estou"?

V: Saúde! Eu tinha saúde; eu era uma mulher... Eu praticamente fui criada na roça desde os cinco anos de idade, fazendo todo tipo de serviço. E eu nunca fui de fazer corpo mole, entende? E hoje... E ontem, que eu cheguei, que eu sentei... Sabe o que eu queria ter feito ontem? Como eu fui trabalhar cedo, jogar uma água na minha casa, que eu gosto assim, sabe? Jogar uma água que tava muito calor... Eu queria jogar uma água na minha casa, mas sem precisar da ajuda de ninguém, entendeu? Eu vou pra cozinha fazer comida, eu tenho que estar me sentando, porque eu não aguento... Se eu ficar três horas na cozinha, fazendo comida, arrumando tudo lá... Quando eu termino, tá tudo inchada as minhas pernas, entendeu? Aí eu vou arrumar uma pessoa, aí vira e mexe eu tô desse jeito. Não. "Por que você tá assim?". E eu ter que contar minha vida, a minha história? "Por que essa cicatriz?" Cê entendeu? Ó, até hoje eu penso... Tô sendo honesta contigo. Até hoje eu penso em me vingar dele... Eu penso... Ele constituiu família...

F: Depois?

V: Depois. Ele tem família, tem filhos... Aí ontem, meu filho falou assim: "Mãe, sabe o que eu tava pensando?" – De vez em quando eles têm uns pesadelos horríveis... Comigo e com a irmã. Ele principalmente – "Mãe, eu tenho vontade de ir lá para aqueles lados e sondar algumas coisas". Eu "Não senhor! Tsc, tsc, tsc... Você não... Tira tudo isso da sua cabeça. Se tiver que ir, eu vou". Sabe quando você fica assim... uma preocupação que tem uma coisa muito perto? Entendeu? Posso falar uma coisa pra você?... É... Não sei, você pode me achar fraca, mas eu prefiro falar assim pra você... Eu me senti bem em conversar contigo. É... há três anos atrás, nós fomos num aniversário e o meu filho... começou assim... entrou num pranto igual a quando nós chegamos no abrigo e ele uivava. Sabe o que é uivar? Eu fiquei apavorada, eu fiquei apavorada. E aí a psicóloga falou assim na época: "Deixa, ele tá colocando pra fora tudo o que ele passou, tudo o que ele viu você passar". E há três anos atrás, em dezembro, aconteceu a mesma coisa. Ele entrou num pranto e de repente ele começou a falar pra mim, é... Pra eu perdoar ele... Um ano antes, ele foi no encontro da igreja.

E lá nesse encontro, os filhos escreviam uma carta e mandavam pros pais. E eu recebi essa carta dele. A qual eu não entendia, não entendia, não entendia. Ele me pedia perdão, perdão, perdão, perdão, perdão por não ser o filho que eu esperava. Aí quando chegou em dezembro que ele começou a falar, eu pensei: "Meu Deus, a carta!" Eu guardo até hoje. Eu falei "A carta!". Aí ele começou, "me perdoa, me perdoa mãe! Eu sei que você vai sofrer, eu não queria, eu não queria. Eu lutei, eu tentei, eu tentei, mas"... No momento, ele deu a entender que o pai teve culpa... E aí... o pai bulinava nele e... Como é que eu vou te dizer? [choro] Aí não precisou falar mais nada pra mim... Porque aí eu peguei ele pelo rosto... E coloquei ele aqui em mim e disse que ele não precisava falar mais nada pra mim... O amor que eu tenho por ele é tão grande, que eu jamais... sabe? [choro] Eu jamais abandonaria ele. E que... nada iria acontecer a ele, porque o meu amor iria protege-lo e eu seria o muro que ia defender ele da sociedade, de todo mundo, entendeu? E eu faria qualquer coisa pra salvar ele... da maldade, da violência dos outros ou de quem quer que seja. Mas dentro de mim tava morto, eu tava sem força pra dar pra ele. Eu tentei ser forte, muito forte. E exatamente naquele dia eu tinha que ir trabalhar e fui trabalhar e foi aí que uma outra pessoa do serviço... Eu não tive como esconder. Eu tive que falar com ela e ela me liberou pra ir pra casa. Eu saí do trabalho e eu falei "Eu vou me matar; eu não quero viver. Porque eu não vou saber cuidar, não vou saber lidar com tudo isso". Aí eu me ajoelhei na rua e pedi pra Deus: "Deus, o que mais Você quer de mim? Eu não sei se eu tenho força pra continuar com tudo isso", sabe? E tudo causado por ele. Eu tinha uma ligação com ele, você me entende? "Ai meu Deus, me dá força, o que é que eu vou fazer, meu Deus?". Mas eu tinha que tranquilizar o meu filho também... E a minha filha, ela veio e abraçou eu e ele. E ela disse: "A gente é uma família e amor não vai faltar entre a gente". Sabe? Mas eu tava falando as coisas, tinha alguém soprando aquelas coisas... Porque eu mesma não sabia o que dizer. Eu não sabia como lidar, eu não sabia nada. Eu não sabia se eu perguntava nada, não sabia se eu me calava, eu não sabia como reagir! Corri pra cá. "Me ajuda, pelo amor de Deus, me atende, me atende! Aconteceu isso, isso e isso". E elas me dão até por telefone mesmo, até pra eu me aliviar. "Eu não tô sabendo lidar, eu não sei o que fazer, eu não sei". Passou daquele dia, meu filho não falou mais nada e eu tinha medo de perguntar; eu não sabia se eu entrando estaria me intrometendo na vida dele, cê entende? Passou. Ele nunca disse pra mim "Mãe, eu sou gay". Ele nunca me disse isso. Aí meu filho começou a sair; a sair muito. Arrumou umas amigas também e... um dos meninos, da época de escola, quando a gente foi para o abrigo, tinha um menino também, entendeu? Então, tudo pra mim juntou. Tudo foi culpa dele. Tudo foi por causa dele. Aí veio o arrependimento. "Por que eu não matei ele?". Eu tinha tudo preparado. No dia que eu fui na escola, eu peguei uns sacos plásticos, que eu tinha tudo preparado, que eu não aguentava mais apanhar. Eu fiquei uns três meses feito um zumbi em um quarto com os meus filhos no colchão. Os dois dormindo, um de cada lado e eu com a faca na mão sentada com medo dele entrar no quarto e fazer alguma coisa com os meus filhos. Isso foram três meses! Cê tá entendendo? Eu tinha um bom emprego... Perdi tudo! Sabe? Aí eu falei "Não! eu vou matar ele!" Você sabe o que eu cheguei a fazer? Eu esmaguei vidro e coloquei na comida e não aconteceu nada com ele. Eu fiz isso. E eu vim com a faca e arranjei um negócio de serra elétrica e arrumei tudo. Tô te contando, eu nunca... Gente! Eu arrumei e planejei tudo. Depois dele morto, eu vou esquartejar, vou pôr num saco e cada dia eu levo um pedaço. Aí fui no hospital do [Bairro de SP], onde eu tinha operado. Chegando lá, tinha ido lá pra ver, né? Aí, tava sentada, eu sem um centavo. Um centavo! Eu tava sentada lá e comecei a cochilar, cochilar. Meu Deus, parecia um sono profundo. E eu sentia alguém conversando comigo o tempo todo. Alguém conversando comigo o tempo todo, o tempo todo. Aí quando eu vi, a enfermeira veio me chamar. Esse alguém que falava comigo falava pra eu não fazer, não fazer, que eu ia pra cadeia e meus filhos iriam ficar com a família dele. "Você vai pra cadeia e as crianças vão ficar jogadas na família dele!". Aí foi que eu vim pra casa e desisti.

"Tava tudo pronto; eu estava com tudo pronto!" Eu tinha dado remédio pra ele dormir, na bebida. Ele dormiu quase dois dias. Você entendeu? Esse era o meu plano. Porque eu não aguentava mais, eu não aguentava mais aquela vida. Detalhe: na hora que eu estava fugindo com os meus filhos, os vizinhos "Nossa, mas um homem tão bom!". Eu fiquei como vagabunda; eu fiquei como vagabunda! Entendeu? Porque ele era santo, ele era o bonzão. Ele era um homem gentil, que não podia te ver com uma sacola e já pegava pra você entendeu? Com todo mundo era assim. E também não vou mentir pra você. Até 94, ele era um homem que toda mulher pediu a Deus.

F: E em 94, quando ele começou... Você conheceu ele quando?

V: Não! Em 94, nós já tínhamos 10 anos de convivência.

F: Então assim... Nesse tempo, ele nunca te fez nada?

V: Nada! Nunca! Era o melhor marido do mundo! Era o melhor marido do mundo, entendeu? Eu era a princesa dele. Eu era uma mulher muito admirada, por ele mesmo. Sabe aquele homem que eu estava lavando uma roupa, ele tava fazendo a comida? Eu fazendo uma coisa, ele fazendo outra coisa.

F: Então nessa época toda, é... Você conheceu ele... Quantos anos você tinha?

V: Não! No caso dele... Olha só, 10 anos, de 94...84, né? Não teve nenhum problema. Era uma vida normal, muito boa, sabe? Uma família normal. A família dele era a minha família. Parecia que gostavam mais de mim do que dele? Normal! Normal! Começou em 94. De 94 pra 2002, eu não podia conversar nem com o pai dele, ele tinha ciúme até do pai.

F: Começou com ciúme?

V: Com ciúme. Começou com ciúme. Eu era madrinha de um sobrinho dele e foi o primeiro dia que começou. Eu era madrinha do sobrinho dele e começou assim... Eu sempre gostei muito de cozinhar, eu sempre fui... Como eu vou te dizer? Como eu era sozinha em São Paulo, eu tinha que sobreviver. Então eu aprendi de tudo. Bordar, crochê, tricô, cozinhar, fazer doce. Tudo isso, eu aprendi não de estudar. De ver os outros fazendo. Então o que eu fazia? Eu ia pras comunidades ajudar, eu ensinava e eu aprendia também. Se você quer saber, até no abrigo eles queriam me acabar. Eu no abrigo, eu corri nas lojas, nas fábricas, pra mulherada fazer bordados e ganhar um dinheirinho, tá? Aí queriam morrer... depois eu te falo da máfia... Aí, o que aconteceu... É, com ele... a irmã dele me chamou pra fazer o bolo do aniversário do sobrinho, o qual eu era madrinha. E eu estava na cozinha assim... Sinceramente, vou falar pra você. Eu tinha uma vizinha que ela teve derrame. E ela era evangélica. O marido dela era espírita. E depois do derrame ela ficou mancando. Então, meu ex-marido levava ela pra igreja. E ele começou a ir pra igreja dela. Aí ele ficava me enchendo a paciência pra eu ir. Mas eu era católica, ele também. E a gente sempre ia. O fato dele ajudar... ela tinha duas filhas, essa senhora. E ele começou a ir pra igreja com ela. Nossa, era aquela coisa..."Tô me arrumando porque vou levar D. Maria na igreja"; "Tô me arrumando porque vou levar D. Maria na igreja". Tá bom, tava indo fazer uma coisa boa. Até que aconteceu do dia do bolo, eu estava na cozinha fazendo o glacê. Aí, o irmão dele entrou e a gente tava conversando. Aí sabe quando você emenda e fala assim "Bem...tão bem...". Nossa! Eu te juro, até hoje eu fico assustada de lembrar. Quando eu vi, ele veio com tudo em cima do irmão dele e começou a socar o irmão dele. Que eu chamei o irmão dele de "bem". Que o irmão dele tava em cima de mim; me catô lá e catô o bolo e tacou no chão. E saiu arrastando eu e meu filho pra casa. Chegou em casa, eu apanhei, apanhei, apanhei... Dali pra cá, eu não

senti mais nada por ele. Eu não queria ele como homem comigo. E aí eu apanhava. Eu fui violentada por ele, várias vezes. Nunca fiz sexo com ele... ele me amarrava pra ter sexo comigo, você entendeu? Porque eu perdi o amor, eu não achava que era obrigada a ter relação com ele sem ter amor, já que ele me batia. Daí não parou mais. Foi daí. Aí, chegou dia 30 de novembro. Ele... foi dia 30 de novembro... Ele falou "Vamos pra igreja que vai ter uma festa lá". Eu disse: "Não, eu não vou não. Se um dia meu coração pedir pra ir nessa igreja, eu vou". Aí eu me lembro bem. Naquela época, eu tinha um conjunto de seda, que eu tinha ganhado da mulher do meu patrão. A saia, rabo de peixe, sabe? Aí meu filho disse "Vamos, mãe? Só pra deixar meu pai contente". Então fomos. Essa igreja, os homens sentam do lado direito e as mulheres do lado esquerdo. Não me lembro o nome da igreja. Eu só sei que os homens ficam do lado direito. Aquele dia tinha visita de outros pastores. Daqui a pouco... Sabe quando você sente que tem alguém te olhando? Eu olhei e... "Eu vou te matar!". Eu falei "Ouvi errado". Ai meu Deus, eu tô dentro de uma igreja, será que esse Deus vai me salvar? Olhei de novo. Quando eu olhei, não deu outra. Ele pulou de onde ele tava, não sei te explicar. De onde ele estava, ele pulou em cima de mim. Existe um chaveirinho que fica duas argolinhas e quando ele abre vira uma tesoura. Tu já viu desse aí?

F: Já.

V: Ele com aquele chaveiro aberto pra furar os meus olhos. E meu filho segurando na minha saia. Não teve um homem dessa igreja pra me defender. Quando eu consegui me soltar dele eu subi o morro correndo, o meu filho atrás de mim, gritando e pedindo socorro na rua. O único homem que se aproximou dele, ele pegou pela garganta e jogou longe. E isso, ele me pegou pelos cabelos e foi me arrastando até em casa. E meu filho gritando. Eu ouço até hoje meu filho: "Ajuda minha mãe! Salva minha mãe, socorro!!! Meu pai vai matar minha mãe!". Chegando onde eu moro, onde eu morava, tinha um senhor que ele era grandão também, um "negão". Quando viu aquilo, veio pra cima dele e deu duas "bolachas" na cara dele. Quando ele me soltou, meu filho me arrastando "Vamo mãe, vamo mãe, vamo mãe". E teve um vizinho só que teve coragem de me esconder. Você sabe onde eu me escondi com meu filho? Debaixo de um beliche. Só que a marca do sangue tava por onde eu passava, entendeu? Até que a polícia chegou e era uma polícia feminina. Aí mais um dia nos fomos dormir na porta de uma delegacia. Então de 94 até a gente fugir era assim. Então é isso.

F: O que você acha que mudou em relação a maneira como você se percebe, a sua autoimagem, a sua autoestima?

V: O que mudou? Olha... Assim... Faz bem... pra gente mas... Ultimamente, devido ao que aconteceu há uns 20 dias atrás é... Muita coisa mudou. Eu tava muito mais animada... Algumas coisas mudaram em virtude do que aconteceu há 20 dias atrás. E... hoje aqui eu tô... cheia de revolta, muita revolta ainda. Sabe aquela vontade de você ir a um lugar onde todo mundo pudesse te ouvir, pra você dizer exatamente, realmente, o que é que acontece, entendeu? Como é que a gente fica. Como é que a gente se sente. Como é importante você ter apoio. Você ter um caminho direto, onde você... porque muita gente abafa; eu convivi com muitas mulheres que não eram assim.. umas eram graves, outras não era tão... Outras já estavam acostumadas a fazer... Outras assim... Não justifica... gostava de sair final de semana com as amigas. Aí o marido não aceitava, claro que ninguém aceitaria! Mas outras eram tão sério, tanto quanto. E de todas da minha época, voltaram, se reconciliaram e viveram numa boa. Eu não. Eu tive que cada dia ir mais longe com meus filhos, entendeu? A minha autoestima eu resgatei, era bem pior. Eu não tô muito legal, porque eu tô cheia de dor e... Eu te garanto que eu vou chegar no meu trabalho linda e maravilhosa, entendeu? Mas assim... Não é legal. Você para quando tá sozinha e outra coisa... Como eu te falei, agora eu sinto falta

de alguém. Eu tô sentindo falta de alguém. Meu corpo tá vivo. Mas eu sei que não posso. Entendeu? Uma, porque eu tenho medo e outra... Eu não sei como que eu iria reagir, sabe? Diante de um homem, como seria o sexo entre eu e um homem. Eu não sei te dizer. Não me preparei ainda pra isso. Mas o que me fez pensar nisso, assim é... Às vezes eu tenho um amigo... Meu Deus do céu! Eu tenho um amigo que ele se apaixonou por mim. Ele tem 33 anos; ele se apaixonou por mim. E eu "Não, não, não! Então eu nunca mais quero falar com você! A gente não vai ter mais amizade". A gente conversava sobre tudo entendeu? Tanto que ele me ajudou muito quando meu filho... Não chegou pra mim e falou "Eu sou gay". Agora sim eu tô convivendo com isso, agora ele falou abertamente. Mas agora ele fala pra mim. Meu filho esconde da família, de alguns parentes. Os avós dele são vivos e a gente mantém contato. Porque os avós simplesmente cortaram a relação com ele. Os avós cortaram. Então a gente tem contato. Só que eles são daquele tipo "machões". Então meu filho tá levando uma vida dupla e eu tô sofrendo muito com isso. Eu tenho muito medo da violência com meu filho. "Ai Vinicius, aqui tem umas meninas filhas de fazendeiros que é apaixonada por você", aquela coisa toda. E ele, você olha e você não diz. Você olha pra ele e você não diz, tá? No trabalho ele em que se manter também. Aí, o que aconteceu 20 dias atrás... Quando eu fui jogada pra essa família, quando eu fui jogada pra essa família... É... Eu entrava em contato com a minha família, mas a minha família... Eu mandava dinheiro pra minha família que é de [Nome da cidade]. Eu sou de [Nome da cidade]; eu mandava dinheiro. Depois que eu parei de mandar porque eu ia pagar um quartinho pra morar, as cartas voltavam. Destinatário não encontrado. Não existe mais no lugar. Vamos usar um exemplo assim: uma vila só da família. Aí eu atendi um cliente de [mesma cidade onde nasceu]. Esse cliente "Poxa Vitória, mas você atende tão bem! Como é que eu faço pra ser atendido só por você?" Eu falei "Olha, o senhor pode fazer o seguinte: pode ligar, deixa seu recado que eu retorno a ligação para o senhor, porque eu não posso dar o meu contato pessoal". Aí, muito bem. Ele falou "Então Vitória, quando eu precisar"... [Interrompe a frase e me mostra uma foto do filho e do cachorrinho no celular] Ó, esse é meu filho...

F: São dois filhos? (risos)

V: São dois. Esse é meu neto (risos).

F: Que fofura!

V: Esse aqui é o amor da minha vida. Vinte sete anos. Cara de criança né?

F: É mesmo.

V: Eu vou pegar da menina. Aí... esse cliente deixou o contato dele e eu liguei pra ele pensando que era uma venda. Aí, eu falando com ele "Senhor, eu sou da sua terra", "Mas de onde?". [Interrompe e me mostra mais fotos]. Aqui foi o casal, meu anjo da guarda que me conheceu no abrigo. Esse casal me ajuda até hoje.

F: Ahhh...

V: E aqui é a formatura do meu filho no [Universidade]. E essa é a minha princesa. Essa é a minha princesa. Laura. Ela tem o nome da minha mãe. Então, essa é a minha princesa, o amor da minha vida e... ela é de seis meses, tá? E duas semanas. E aí ele falou: "Vitória, eu preciso falar com você". Eu falei "Mas como?". "Eu preciso falar com você sobre a sua família". E eu no trabalho. "Como minha família?" "Vitória, eu posso ligar na sua casa?". E eu falei "Olha, eu vou falar com o senhor fora daqui da empresa". Quando eu tava vindo com meu

filho, ele passa pra me pegar no trabalho... Que eles mandam eu arrumar um namorado, mas eles não largam do meu pé, tá?

F: (risos)

V: (risos) Aí né, o meu filho foi me buscar no trabalho, no caminho toca o celular. "Quem é?". "Oi mana!". Todos os meus irmãos foram encontrados. Ao todo, tem quase 70 pessoas, netos, sobrinhos delas lá, todo mundo. Só que aí, veio uma revolta muito grande junto. Se eles estão no mesmo local, por que quando eu mandava dinheiro, eles respondiam as cartas? Por que quando eu parei de mandar dinheiro, não tinha ninguém. Todas foram devolvidas. Por que elas me deram pra mulher? Eu sei o porquê. Eu vi e ouvi a reunião que as minhas irmãs mulheres tiveram. Que eu ia crescer bonitona e ia dar trabalho para os maridos delas. Eu ouvi. E por isso elas me deram. Hoje veio essa mensagem. Eu cortei o cabelo e tirei essa foto aqui [me mostra o celular]. Eu cortei esses dias, tava com raiva e falei "Vou cortar meu cabelo". Cortei aqui. Aí elas mandam assim, ficam mandando: "Oi minha tia, minha linda...". Olha aqui, iá tão entrando em contato comigo, mais de 30 pessoas. "Ai tia, que você é a tia mais linda que tem. Ai, a gente quer ir aí te ver". Eu disse "Não. Agora não. Não tô preparada". Você entendeu? Então isso aí veio tudo. Poxa vida, eu precisei tanto deles. Chega até meu coração até dói aqui. Procurei tanto, eu precisei tanto desse amor, que eles estão transbordando agora pra mim. Eu precisei demais... desse amor... e não tive! Aí veio: "Ai, mas e os meus sobrinhos, já são casados, tão namorando?". Eu prefiro viver sem família, mas com os meus filhos, do que viver com pessoas que têm preconceito contra os meus filhos. Porque a minha filha também gosta de menina [Silêncio]. Dela, é mais difícil de aceitar [choro]. Porque ela foi apaixonada por um menino... E eu cheguei a pensar que ela tava me desafiando. Porque ela chegou pra mim e não esconde, e disse: "Se você aceitou o Vinícius"... porque ela chegou a ser muito rebelde comigo... "Se você aceitou o Vinícius, por que não eu?". É diferente. Ela nunca teve nenhuma experiência com menino e nem com menina. Minha filha é virgem, entendeu? Não sei se foi devido a tudo que nós passamos, mas assim... Nós saímos sempre juntos. Ela não é de ter amiguinha, nem nada. Mas... deixa eu ver se tá aqui só pra eu te mostrar uma coisa [coloca um áudio da voz do sobrinho pelo celular]. É que é assim... Eles começaram a paparicar, tudo e aí veio uma revolta muito grande e eu falei assim: "Eu tenho uma pergunta a fazer... você tá falando aí, tá todo mundo me paparicando, mas eu ainda tenho uma revolta muito grande". Aí ele falou "Mas do que, tia?". E aí foi onde eu contei pra ele. "Eu lembro muito bem como é que foi, eu com uma família enorme e vocês me abandonaram. E eu ficava na casa de uma, na casa da outra e pra casa da minha madrinha. Eu lembro de tudo isso, eu lembro de coisa de quando eu tinha 7 anos". Sabe? "Aí tá todo mundo aí me paparicando. O que aconteceu? Eu queria que alguém me explicasse por que... se todos são donos do bairro... por que as cartas eram devolvidas?" Detalhe: esse meu cliente conhece todo mundo ali de infância e eu, quando ele falou: "Ai que Deus abençoe, Vitória, que você encontrou sua família". Ele é pastor. Aí eu fui e contei pra ele o que aconteceu. Eu falei não. Na verdade, eu não pedi pra ele localizar. Eu contei da cidade que eu era e dei meu sobrenome. E ele localizou porque ele conhecia. Mas isso tá fazendo uma confusão enorme na minha cabeça. Quarenta e três anos. Há 43 anos que eu não tenho contato, que eu nem lembro deles. Aí eu passei a adotar minha família são os meus filhos. E mais um detalhe: eles não vão aceitar meus filhos. E eles não têm que aceitar. Porque eles têm a mim, entendeu? Mas tem dois irmãos meus que vivíamos juntos com a mamãe antes de morrer, que eu tenho saudade deles. E quando eu falei com um deles no telefone, eu queria morrer, eu queria ir embora na hora, entendeu? Então é isso. Tudo isso passou na minha vida. Daqui a pouco eu tô bem.

F: E você disse que de 20 dias pra cá ficou mal...

V: Foi por causa disso. A descoberta deles.

F: Faz 20 dias isso?

V: Faz 20 dias. Vinte dias que eu recebi a ligação desse meu cliente, eu feliz da vida pensando que era uma venda, eu falei: "Opa, vou vender!", tá ruim pra vender ultimamente né? Aí foi quando ele falou pra mim "Vitória, eu localizei sua família, achei toda a sua família!". Aí eu pensei: "Gente, mas eu não mandei ele procurar minha família!", porque eu não tô preparada! Tem um monte deles que manda mensagens pra mim, olha aqui [mostra o celular] essa aqui é a minha irmã mais velha. Essa aqui, com ciúme desse marido dela, essa é a minha irmã mais velha. É verdade! Foi essa aí que organizou a reunião pra me mandar embora. E ela é a que mais liga. E se não fosse o meu filho eu tinha falado uma... porque ela falou assim "A gente tá com saudade de você, a gente lembra, eu que te criei!". Me criou onde, que me jogou? Eu tive tudo pra ser uma pessoa que não prestava. Gente, na Sé, eu poderia ter sido uma prostituta, eu poderia ter usado droga, eu poderia ter feito 1001 coisas. Mas eu tinha um objetivo: eu ia mostrar pra eles... "O que você fez, mana, que você continua nova, bonitona?". Eu falei "Deus sempre cuidou de mim!". Tem 20 dias isso, a minha cabeça tá uma confusão. Eu tenho um monte de perguntas. Mas eu queria fazer cara a cara pra eles, mas ao mesmo tempo eu não tenho vontade de ver eles, você tá me entendendo? Tá muito assim na minha cabeça, não era o momento de ter aparecido isso agora. Eu ainda tô querendo digerir. Por exemplo, ontem, a minha filha mandou uma mensagem pra mim. Eu fui trabalhar e ela mandou uma mensagem pra mim, foi meio estranha porque a gente levantou tarde e eu saí pra trabalhar e eles ficaram dormindo. Aí ela mandou uma mensagem pra mim "Mamis, eu te amo. Bom trabalho!". Eu pensei "Ai meu Deus, alguma coisa tem, tá muito carinhosa comigo, alguma coisa aconteceu". Aí de repente ela "Ai, posso ir ao cinema?". Porque a minha preocupação com ela... ela não é como o irmão; ele é discreto, não deixa ninguém saber, sabe? Ele tem uma discrição tremenda, até mesmo com os vizinhos. Já ela não "Tô nem aí". E outra, ela já mentiu pra mim. Saía da faculdade, tava se encontrando com uma menina; foi pra Praça da República, onde ali, pra mim, não é um lugar pra você passear, porque ali dá de tudo. E outra: não mente, eu não gosto que mente pra mim, porque eu não minto pra eles, eles sabem tudo da minha vida, todos os meus passos. Então dela, eu tenho medo, eu fico preocupada. Aí ela me mandou essa mensagem. "Por que você tá me perguntando?"; "Por que eu não perguntaria?". Porque ela mandou assim "Oi mamis, bom dia, tudo bem? Eu te amo, bom trabalho!". Bom, aí eu falei: "Onde você tá?" Ela "Eu tô saindo daqui a pouco", Eu falei "Tá bom!". Aí ela falou pra mim "Por que não perguntaria?". "Porque ultimamente filha, você não me pergunta, você só me comunica". Porque antes ela falava assim "Você tá louca!"; "Você tem que se internar!", "Meu pai tinha razão!" Ela com 12 anos falava isso comigo, eu corria pra cá e falava "Marina me ajuda!" E ela "Vi, você tem que fazer assim, assim, assim...". "Eu vou embora com meu pai, você que não presta!", "Eu odeio você! Eu quero ver você morta!". Aí um dia eu falei: "Chega! Tô cansada! Eu fiz o que eu pude! Eu fiz tudo". Eu abandonei a minha vida, eu anulei a minha vida em troca de cuidar deles. Chega! Fui lá no quarto, peguei as coisas dela, pus numa mochila e disse "Toma". "O que é isso?","Vai embora! Vá embora da minha casa agora, essa é a minha casa, esse é o meu teto. Tu come da minha comida, tu mora debaixo do meu teto, tó, vai embora!","Não, mãe...""Vai embora! Eu não quero mais você aqui". Dentro de mim eu tava morrendo. Mas eu falei "Eu não vou seguir tudo o que o psicólogo fala pra fazer porque eu tô sofrendo, quem me ouve? Quem vai me ajudar? Eu tô um caco". Eu cuidava deles de dia e de noite eu tinha vontade de sair e me matar. Você me entendeu? "Deus, me ajuda pelo amor de Deus!" Corria pra igreja e dizia "Deus, não deixa eu fazer isso", "Pelo amor de Deus não me abandona agora". Mas até quando? Porque a primeira coisa que você perde é a sua fé. Dali, nunca mais. Nunca mais. Aí ela passou a agredir o irmão. Um dia ela levantou pra bater na cara dele. Eu fui lá na cozinha,

peguei o cabo da vassoura e falei: "Senta os dois aqui agora, porque eu vou quebrar a cabeça de vocês. Por que é que a gente tá aqui nesse lugar? Por que nós passamos por tudo isso? Não foi por causa de violência? E por que é que vocês querem violência agora? Peraí que eu vou ali". Peguei a faca e falei: "Toma, um mata o outro na minha frente para eu ver". Porque eu, de verdade, eu não posso ouvir uma mulher gritando, porque eu já fico imaginando que ela tá apanhando. Eu já quero ir lá, entendeu? Também, passou. Hoje em dia, os dois são os melhores amigos. Cê tá me entendendo? Eu não segui como o psicólogo falou pra eu fazer. Porque eu tava cansada. Sabe? Eu não tive isso, carinho de pai e mãe, eu cresci na porrada. Você tá me entendendo? "Não, eu vou usar meu instinto de mãe, chega! Tô cansada! Vai ser do meu jeito agora!" E foi o que eu fiz. Sabe, os dois assim? Aí o que aconteceu? Ela começou com essas mentiras. Aí ontem eu falei "Vinícius, cadê a Laura? A mamãe vai sair mais cedo" "Mãe, você deixou ela ir ao cinema", "Não, eu não deixei filho; ela perguntou se podia e eu perguntei por que". Porque assim... "Laura faz isso". "Ah, eu tenho trabalho da faculdade" "Laura, estende a roupa". "Laura..." Ah eu tenho trabalho da faculdade". Aí ontem, era por volta de meio dia e pouco, o horário que ela saiu de casa para encontrar com uma menina que conheceu pela internet. Ela não é burra, ela não é ignorante. Ela não é uma analfabeta. Todo dia não ouve o que acontece? Precisa disso, uma menina nova, com 19 anos, estar desesperada pra conhecer alguém pela internet? Tem tanto tempo, foca na faculdade, foca no teu curso, foca em outra coisa. Eles pegam no meu pé pra eu me cuidar. Eu fiquei 12 dias com o joelho enfaixado e tendo que fazer as coisas. Sendo que eu tinha que repousar. Aquilo inchando em mim, eu tava no meu trabalho, mas aquilo me comendo, porque eu não vou mentir pra você. Eu nunca bati neles. Eu não ia bater; mas que eu ia fazer ela passar vergonha, ah, eu ia! Não precisa disso, dessas mentiras! Aí o Vinícius falou assim "Mãe eu vou no parque com o Astor [cachorro], daí eu vou pegar você pra gente comer alguma coisa". Eu falei "Tá bom!". Ele foi, me pegou... um calor que tava... Eu falei: "Vinícius, a sua irmã foi onde?""Mãe, ela falou que foi no cinema". Aí eu mandei uma mensagem. A gente tem um grupo, nós três, sabe? "Família". Eu falei "Gatos, a mamãe tá indo pra casa, preparem tudo que o terror tá chegando". Aí ela foi responder lá para as 5 horas. "Tá onde?" Ah, minto... antes eu mandei pra ela: "Filha, você nunca me pediu autorização, você pensa que é dona do seu nariz, mas, me faz um favor? Seja feliz, com responsabilidade, com cautela e não esqueça de tudo o que eu te ensinei e eu quero que você pense se vale a pena o que você tá fazendo". Porque pra quem era apaixonada... Ela se apaixonou por um garoto quando ela tinha 15 anos. Paixão, paixão, paixão de chorar, coisa linda... Conversei com ela. Porque o que eu fiz... Eu fiz amizade com ele. Ele era cobrador de uma perua, participa da Camisa 12 da Gaviões. Então, eu fui e fiz amizade com ele. Ele "Vi, eu gostaria tanto que você fosse minha mãe porque eu te acho muito dez! E eu não namoraria com a sua filha, porque eu não sou garoto pra ela. Ela é menina pra namorar e casar. E eu cada dia tô com uma, tu sabe". "Sei..." Cheguei em casa, conversei com ela. Eu tenho a maior amizade com ele até hoje, porque eu achei que era a melhor forma, né? Aí, um belo dia, eu entro no ônibus que ele trabalhava. Tinha uma menina bem, mas beeemmm daquelas... com short que parecia... Aí, ela com um buchinho. Eu falei: "É teu?" Ele: "Vi, vou ser pai"; Eu "Que maravilha meu amor, que Deus te dê muito juízo e outra coisa que eu vou te pedir, já que você me tem como mãe: vai trabalhar pra cuidar dessa criança... Porque pode ser uma menina e ela pode pagar por coisas que não tem nada a ver, que você faz com as meninas". Aí cheguei em casa e falei "Filha, senta aqui que a mãe quer conversar com você"... "Olha, o Marcelo vai ser pai". Chorou, chorou... Aí "Ah, é que eu tive uma decepção com um menino..." "Quem não teve decepção nessa vida? Isso é motivo? Você já teve uma experiência com homem? Como você vai saber se gosta de homem? Como é que você vai decidir que a sua vida é assim?""Ah, porque você vai ter que aceitar!" "Não, não é questão de aceitar. É uma questão de você me respeitar, porque eu ainda sou sua mãe. Você não falou que é minha amiga? Eu não te conto

tudo da mamãe? Não é você que fica me emperiquitando, me enfeitando, tirando foto da mamãe? Tá errado!" Eu sei que era cinco da tarde. Aí ela falou para o irmão que voltava antes de eu voltar do trabalho. Se eu tivesse saído no meu horário normal, eu tinha chegado em casa as cinco e meia, seis horas em casa. Porque eu moro na Zona [X] e trabalho no centro de SP. É contramão. E com o joelho assim? "Não pensa na mamãe? Não fala que me ama?" Eu cheguei, tava a louça do café. Cê me entende? Quer dizer que na hora de ir pra gandaia, rapidinho? Na hora que eu peço pra fazer alguma coisa, tem trabalho da faculdade? Tudo bem. Eu falei pra ele, "Então vamos comer alguma coisa, eu não vou fazer comida, não vou pra cozinha". Cinco horas eu perguntei "Filha, onde você está?", "Tô no Shopping". Pouco antes ela tinha mandado para o irmão "Tô no parque". Pra mim ela disse que tava no Shopping. Deu oito da noite de ontem, eu falei assim "Vinícius, e a sua irmã?". "Ela acabou de mandar mensagem que tá esperando a chuva passar para poder vir embora". Eu falei "Tá!". Chegou em casa às nove e meia da noite. "Ai, eu tenho que fazer trabalho da faculdade!". "Só que eu quero dormir porque eu vou levantar cedo. Vamos todos dormir, amanhã você termina". Porque hoje ela vai pra faculdade e vai direto para o curso de inglês tá? "Amanhã você termina". "Ah mãe, tudo bem?" "Tudo bem". "Ai, meu dia foi bom". "Que bom pra você, mas só que agora eu não quero saber. Não tô a fim de ouvir agora. Então você tem que me respeitar. Não tô a fim". É isso, a minha vida é isso.

F: Vitória, como a gente tá indo pro final da entrevista, eu vou voltar um pouco na questão da cicatriz...

V: Claro, pode ficar a vontade...

F: Vitória, como é pra você se olhar no espelho? O que você sente?

V: A pior coisa... É verdade. Do meu rosto nem tanto; eu tive o rosto queimado, eu tenho umas manchinhas no rosto...

F: É?

V: É, é que eu uso maquiagem, entendeu? Isso pra mim também é ruim. Porque, por exemplo, eu fico pensando assim... Eu vou dormir e vou acordar de maquiagem? Não! Né? Cê tá me entendendo? Então, assim, quando eu olho no espelho essas minhas cicatrizes, acaba comigo. Acaba. Você entende? Eu tenho um espelho grande no corredor de casa que ela mesma falou "Ah, é pra mamãe tirar foto". Eu comprei, mas eu não uso espelho. Assim... porque eu vou olhar minhas pernas. E se você observou, onde eu não tenho cicatriz, eu não tenho nem veia. Sabe? Perna de gente que batalhou, que labutou bastante, entendeu? Eu seria uma 5.7 saradona, se não fossem essas coisas. E isso me revolta.

F: Então você evita se olhar?

V: Evito. Evito. Eu não gosto.

F: E em relação às roupas?

V: Só calça.

F: Ou seja, você esconde pra ninguém ver?

V: Escondo. Escondo, não me troco perto de ninguém, entendeu? Escondo sim. Escondo porque eu tenho vergonha.

F: E alguém já viu?

V: Não, não viu. Porque como eu te disse eu só tenho contato com os meus filhos. Entendeu? Só com os meus filhos. Só quem viu mesmo foi na perícia, né? E você e outra jornalista que esteve aqui também. Eu não olho eu não gosto de ver. Eu fico imaginando se podia ter uma cirurgia, aí eu fico alimentando esperança e não tem!

F: Isso que eu ia te perguntar... porque existia um programa com cirurgias reparadoras...

V: Teve e eu fui!

F: E o que aconteceu?

V: Ele disse que não tinha mais jeito! Tô te falando, acabou comigo!

F: Mas por que Vitória?

V: Porque ele disse que umas, as maiores, foram muito profundas. E pela minha idade, entendeu? Poderia ficar com cicatrizes piores da cirurgia.

F: E quais seriam as que você queria...

V: Essas grandonas...

F: Das pernas?

V: É. Tu viu as dos joelhos aqui?

F: Escuras?

V: É, então... Poderia ficar assim, como essa daqui.

F: Ahhh... Então pra você foi até pior saber disso?

V: Foi, porque eu tinha esperança. Não vou mentir. Nossa! Foram duas semanas de espera, de muita felicidade. "*Minha filha, mamãe rumo à praia!*" E outra, como eu te falei: eu quero ter alguém! Mas eu não vou ter alguém. Não aparece um homem da minha idade, só aparece bem mais novo, sabe? Minha filha tentou... Olha só! "*Mãe, faz uma tatuagem, fica bonito, todo mundo usa*"... Nossa! Eu não sei te dizer, a minha cabeça... É difícil de você entender porque você não tem. Mas pra mim é muito ruim.

F: Isso é uma coisa, uma solução que você não daria? A tatuagem?

V: Eu acho que... Mas não tem como, amiga! Não teria como. Se eu tivesse dinheiro, tantas outras coisas que eu preciso fazer, entendeu? Não tem. Me desculpa, da cicatriz me machuca muito!

F: Ok... Vitória e quais são as suas perspectivas de futuro, pensando nisso?

V: Como eu te falei... Algum tempinho atrás, eu me animei, eu cheguei a me animar, mesmo, de arranjar alguém. Mas quando eu lembro das cicatrizes... Aí eu afasto qualquer pessoa que se interesse por mim. E aí, eu não quero mais. Olha, eu tenho um plano assim, dos meus filhos... da minha filha se formar, os dois morarem juntos, que aí eles não vão mais precisar de mim mesmo. Trabalharem, entendeu? Inclusive, meu filho acabou de receber uma proposta de emprego muito boa. Foi, passou. Mas aí ele vai perder quase quatro anos... Mas ele falou "Mãe, eu quero crescer!". Então, que Deus ajude ele. Eu sempre falei isso pra ele... Mas eu

tenho intenção de... ir para um canto, sozinha, me isolar. Sozinha. E se eu pudesse, conversando com eles, eu queria ir assim, pra um lugar, me dedicar a comunidade ou até mesmo trabalhar com mulheres que já passaram por isso. Porque eu queria me doar pra isso, para eu não pensar como eu fico, em homem, em ter alguém. Porque eu sinto falta sim. Principalmente quando eu vejo um cara novo, bonito se interessar por mim, me admirar. Você tá me entendendo? Parece mentira! As meninas ficam assim: "Vitória, eu tenho quatro pessoas interessadas em mim... Interessada em mim. Porque eu trabalhei muito com eventos. Porque como não era registrado, eu tinha tempo de ir e de cuidar da minha filha, dos exames dela, que ela tinha que fazer. Tem um que as meninas falam assim: "Não acredito Vitória! Vi, deixa de ser besta, vai viver esse momento! Ele sabe da tua idade". Eu disse "Não, eu não quero, eu não quero". Porque eu não tenho coragem, entendeu? Pra que eu vou viver se eu não posso ser feliz?

F: Vitória, e a coragem sempre esbarra nas cicatrizes?

V: É! É!

F: Porque você pensa no que ele vai pensar de você, é isso?

V: Porque ele vai ver e vai perguntar.

F: Ah, o problema é ele perguntar...

V: O que é aquilo e o que vai acontecer? Eu vou contar... Eu não vou... Porque naquele momento... Porque quando eu olho a minha cicatriz eu lembro de homem... foi um homem que fez isso, cê tá me entendendo? Eu não sei se eu tô sabendo te explicar. Mas é muito ruim, é a pior coisa. Aqui dentro, aqui dentro tem uma cicatriz horrível, que não vai curar. Mas essas aqui... Acabaram com a minha saúde também [voz embargada], influencia na minha saúde! Como eu vou dizer? Eu tô com tanta dor nas pernas! Olha como tá o meu joelho hoje! É da velhice? Não, não é! Cê tá me entendendo?

F: Entendi... A minha questão é: o que você imagina, chegando esse momento... Porque com certeza você imagina coisas...

V: Imagino...

F: Então, essa pessoa te perguntando... "Nossa Vitória, o que é isso?". E você imagina contando?

V: Não!

F: Não?

V: Porque nem em imaginação eu gostaria que sentissem pena de mim, porque se eu fosse contar, poderia sentir uma pena. Ou então dizer "Por que deixou acontecer isso?"

F: Entendi...

V: Tem muita gente hoje, que ainda pergunta "Por que ficou?". Olha, no abrigo, eu ouvi de uma mulher, uma cuidadora... "Tem mulher que merecia mesmo!". Era uma mulher que tava falando. Era uma mulher! Uma dessas cuidadoras era policial. Ela algemou um menino de quatro anos com as mãozinhas pra trás, porque ele teve uma crise que queria ver o pai dele. Cê tá me entendendo? Isso que eu tô te falando, então o que acontece... Ninguém vai ver umas

cicatrizes dessas e ficar sem perguntar. Vai pensar que é uma doença ou alguma coisa. Cê me entendeu?

F: Quer dizer, é uma situação tão delicada, que você evita de qualquer maneira...

V: Eu não sei se dá pra você ver um risquinho...

F: Dá.

V: Isso aqui foi uma facada! Isso aqui cortou aqui em mim. Eu usei tudo o que me ensinavam pra clarear. A minha pele é morena, ficam as cicatrizes... Na minha orelha, não sei se dá pra ver. Isso aqui também. Vê se você olha aí.

F: Tem aqui.

V: A cicatriz. Isso aqui abriu. A minha orelha abriu. Eu escapei. Eu escapei, quando ele veio... Não sei se você sabe como é que é. Aquele negócio assim que é torto... Você já ouviu falar em foice?

F: Sei!

V: Então, é isso!

F: Minha nossa!

V: Eu tô te falando! Eu escapei, eu escapei! Eu escapei de um tiro... ele com o revolver aqui na minha testa. Cê tá me entendendo? Eu tenho um dente torto. Esse dente aqui foi de um murro que ele deu na minha boca. Estourou minha boca, mas o dente ficou.

F: Vitória, como você se sente em contar isso pra mim, que sou uma pessoa desconhecia?

V: Eu não sei te explicar o porquê, mas... na hora que eu cheguei e que eu te cumprimentei, eu senti uma coisa muito boa, não sei te dizer como... Como é que eu vou dizer? Não parecia que você tava só interessada em fazer o seu trabalho, é algo mais, entendeu? Assim... você veio aqui pra isso. Mas parecia que você... Se eu te contasse mais, você ouviria, entendeu? Não sei.

F: Isso que você sentiu seria com qualquer pessoa?

V: Não! Não! Me aliviou. Porque assim, quando eu chego... você me recebeu do mesmo jeito que eu te cumprimentei, entendeu? Então, eu senti... Eu vou ser honesta... Eu senti sim. E, ao te contar, você não me perguntou nada... Eu fui te contando, entendeu? É que nosso tempo é curto. Eu fui te contando. Então assim, eu me senti um pouco aliviada, porque hoje era um dia que eu ia entrar numa igreja e ia chorar pra soltar um pouquinho.

F: E soltou um pouquinho?

V: Soltou.

F: Menos mal (risos).

V: Aliviou... É que isso mexe muito, muito, muito comigo.

F: Vitória, tem alguma coisa que eu perguntei que você acha importante me contar?

V: É que, infelizmente, eu não tenho assim os detalhes do que você queria, se era só sobre a cicatriz. Porque atrás de um problema, tem a geração do problema. Mais ou menos isso, né?

F: Isso!

V: A razão pela qual ele fazia isso, ele sempre falava que eu não seria de nenhum outro homem, porque com tudo aquilo que ele me fazia, nenhum outro homem ia me querer.

F: Entendi...

V: Entendeu? Então eu ia ser marcada para o resto da vida. Porque assim, quando ele me bateu pela primeira vez, eu perdi todo o amor por ele. E eu não me sentia na obrigação de ter sexo com um homem que eu não amava. Ele não me respeitou enquanto me espancava. Então, eu não tinha vontade, eu não era obrigada. Você entende? Então daí pra cá, ele falava... Quando eu te falei que ele cortou as mãos, ele escreveu "Vitória eu te amo". A polícia quando invadiu lá, viu tudo. E ele sempre falava: "Eu vou te matar, você não vai ser de outro homem. Tu não vai pertencer a nenhum outro homem". São 14 anos. Todo mundo fala assim "Mulher, acostumada a ter sexo fica sem sexo por 14 anos?" Quando eu operei, eu pedi para os irmãos dele tomarem conta dos meus filhos. Eu cheguei, ele arrancou o dreno daqui (pescoço). Ficou com uma cicatriz. Ele arrancou o dreno e queria arrancar a minha cirurgia. Eu operei duas vezes. Tive que voltar pra operar. Só que agora, como ele abriu, eu fiquei com um problema que o médico queria corrigir. Quando eu engulo, puxa e não era pra puxar. Entendeu?

F: E você disse que a cesárea abriu também né?

V: Abriu. A minha cesárea abriu e ficou tudo pra fora. A minha cesárea ficou aberta. Porque a cesárea para tirar a menina...Ela subiu para o estômago. Com seis meses e uma semana eu perdi todo o líquido da bolsa. Olha, a surra que ele me deu, saía postas de sangue de dentro de mim. Postas de sangue de dentro de mim. Você entendeu? E o bebê segurando lá dentro? Postas de sangue... Eu fiquei na patologia, vieram do Hospital XX, todo aquele equipamento veio pra fazer autotransfusão em mim, entendeu? Por tudo isso. E outra, só me davam banho na cadeira de rodas, eu não andava. Era da cama pra cadeira de rodas tomar banho pra não correr o risco. No dia em que trouxeram o meu filho pra se despedir de mim... Tô te falando! Todas as mulheres lá chorando e o médico dizendo que não tinha esperança. E eu não podia contar nada porque ele ameaçava matar o filho em casa. Meu filho com ele em casa. Ele ameaçava. Então eu vou te contar qual é a pior cicatriz. Meu filho tá feliz do jeito que ele tá, do jeito que ele é. Mas eu não estou feliz do jeito que eu fiquei. As cicatrizes da minha mente, psicologicamente e as do corpo.